

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

LUCAS LUSTOSA DE BRITO

CIBERQUILOMBO:
AUTOPRESERVAÇÃO, RETERRITORIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE NEGRA NO
TWITTER

Goiânia
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

LUCAS LUSTOSA DE BRITO

3. Título do trabalho

CIBERQUILOMBO: AUTOPRESERVAÇÃO, RETERRITORIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE NEGRA NO TWITTER

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Magno Luiz Medeiros Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 12/01/2024, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Lustosa De Brito, Professor do Magistério Superior-Substituto**, em 12/01/2024, às 12:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4311635** e o código CRC **4455CD82**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

LUCAS LUSTOSA DE BRITO

3. Título do trabalho

CIBERQUILOMBO: AUTOPRESERVAÇÃO, RETERRITORIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE
NEGRA NO TWITTER

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Lustosa De Brito**, **Usuário Externo**, em 20/03/2025, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5251333** e o código CRC **72FF4C05**.

Referência: Processo nº 23070.065597/2023-12

SEI nº 5251333

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

LUCAS LUSTOSA DE BRITO

CIBERQUILOMBO:
AUTOPRESERVAÇÃO, RETERRITORIZAÇÃO E SOCIABILIDADE NEGRA NO
TWITTER

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania

Linha de Pesquisa: Mídia e Cidadania

Orientador: Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva

Goiânia
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Brito, Lucas Lustosa de
Ciberquilombo [manuscrito] : autopreservação, reterritorialização e
sociabilidade negra no Twitter / Lucas Lustosa de Brito. - 2023.
CCXXIX, 229 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, lista de figuras, lista de tabelas.

1. comunidades virtuais. 2. comunicação. 3. Ciberquilombismo. 4.
antirracismo. 5. cidadania. I. Silva, Magno Luiz Medeiros da, orient. II.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº **46/2023**, da sessão de Defesa de Tese de **Lucas Lustosa de Brito**, que confere o título de Doutor em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**.

Aos quinze dias de dezembro de dois mil e vinte e três, a partir das catorze horas, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada “**CIBERQUILOMBO: AUTOPRESERVAÇÃO, RETERRITORIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE NEGRA NO TWITTER**”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Magno Luiz Medeiros da Silva (PPGCOM/FIC/UFG)**, com a participação das demais componentes da Banca Examinadora: Professora Doutora **Ana Rita Vidica Fernandes (PPGCOM/FIC/UFG)**, avaliadora titular interna; Professora Doutora **Luciene de Oliveira Dias (PPGAS/FCS/UFG)**, avaliadora titular interna à UFG; Professora Doutora **Fernanda Ariane Silva Carrera (PPGCOM/UFG)**, avaliadora titular externa; Professora Doutora **Akosua Boatema Boateng (Department of Communication - University of California San Diego/UCSD)**, avaliadora titular externa, com a participação de todos por **videoconferência**. Durante a arguição, as componentes da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido o candidato **APROVADO COM DISTINÇÃO** pelas suas avaliadoras. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Magno Luiz Medeiros da Silva, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata, que é assinada pelas Componentes da Banca Examinadora, aos quinze dias de dezembro de dois mil e vinte e três.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Magno Luiz Medeiros Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 15/12/2023, às 18:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciene De Oliveira Dias, Professora do Magistério Superior**, em 15/12/2023, às 18:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Rita Vidica Fernandes, Professora do Magistério Superior**, em 15/12/2023, às 18:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Akosua Boatema Boateng, Usuário Externo**, em 18/12/2023, às 12:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **FERNANDA ARIANE SILVA CARRERA, Usuário Externo**, em 18/12/2023, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4272855** e o código CRC **5BF3B3CB**.

Referência: Processo nº 23070.065597/2023-12

SEI nº 4272855

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese intitulada "CIBERQUILOMBO: AUTOPRESERVAÇÃO, RETERRITORIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE NEGRA NO TWITTER", de autoria de Lucas Lustosa de Brito, defendida e aprovada em 15/12/2023 pela banca examinadora constituída pelas(os) seguintes professoras(es):

Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva
Orientador – Presidente da Banca
Faculdade de Informação e Comunicação/Universidade Federal de Goiás
PPGCOM/UFG

Prof.^a Dra. Ana Rita Vidica Fernandes
Membro Interna
Faculdade de Informação e Comunicação/Universidade Federal de Goiás
PPGCOM/UFG

Prof.^a Dra. Luciene de Oliveira Dias
Membro Interna
Faculdade de Informação e Comunicação/Universidade Federal de Goiás
PPGPC/UFG

Prof.^a Dra. Fernanda Ariane Silva Carrera
Membro Externa
Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro
PPGCOM/UFG

Prof.^a Dra. Akosua Boatema Boateng
Supervisora - Membro Externa
Departamento de Comunicação / Universidade da Califórnia, San Diego
Graduate Studies in Communication/UCSD

Prof.^a Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer
Membro Suplente - Interno
Faculdade de Informação e Comunicação/Universidade Federal de Goiás
PPGCOM/UFG

Prof.^a Dr. Erinaldo Dias Valério
Membro Suplente - Externo
Departamento de Ciência da Informação/Universidade Federal de Pernambuco
PPGCI/UFPE

AGRADECIMENTOS

Tenho eterna gratidão ao meu pai, João Pereira de Brito, que tanta falta faz. Te sinto em cada palavra desta tese, te sinto em tudo! Agradeço a minha mãe, Antonia de Fatima Lustosa de Sousa Brito, pelo amor e carinho que me constituem um ser humano afetado. Aos meus irmãos Camilla e João Vitor, agradeço a fraternidade expressa na sua forma mais completa.

Sou extremamente grato ao meu marido, João Lúcio Mariano Cruz, que se fez/faz presente sempre, sendo um companheiro sensível, generoso e tolerante. Te amo! Agradeço à querida amiga Juara Castro, amiga de todas as horas. À Zanza Gomes, Dayane Santos, Pricilla Souza, agradeço o companheirismo durante os anos de doutoramento. À Samara Morais, Rodrigo Feresin, Yasmin Carvalho, Brenna Begliomini, Marina Neiva pela grande amizade.

Às professoras, Luciene Dias, Fernanda Carrera, Boatema Boateng e Ana Rita Vidica agradeço a leitura e por todas as considerações e sugestões aqui propostas. Muito Obrigado!

Agradeço ao meu orientador Magno Luiz Medeiros da Silva, pelos anos de orientação e suporte. Ao programa CapesPDSE - Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior, pelo financiamento do período em que estive na Universidade da Califórnia em San Diego. Agradeço à professora Boatema Boateng, que me recebeu de maneira generosa em San Diego, estimulando que eu lançasse novos olhares para esta tese de doutorado.

Gratidão as minhas amizades de San Diego, pelo companheirismo em terras estrangeiras durante os seis meses em que fiz da Califórnia a minha morada. Obrigado Thaiz Rodrigues, Iohan Gonçalves e Thales Carvalho por serem grandes amigos de jornada. Faço um agradecimento especial à Mirna Dié por ser uma amiga-irmã de sanduíche!

*É nas encruzas que se despacham as heranças do colonialismo,
regadas a baforadas de fumaça, nuvens de marafo, farofas e vinténs.
É na encruzilhada de saberes que se praticam os ebós epistêmicos.
Haveremos de nos inspirar em Exu para praticarmos estripulias nos
conhecimentos, na vida e na arte.*

Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino

BRITO, Lucas Lustosa. Ciberquilombo: Autopreservação, reterritorialização e sociabilidade negra no *Twitter*. Goiânia, 2023. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar aspectos do Ciberquilombo observado na plataforma de interação virtualizada X. Com realidades diaspóricas construídas em locais geográficos distintos, Brasil e Estados Unidos compartilham movimentos antirracistas com práticas de sociabilidade, reterritorialidade e autopreservação nas redes sociais digitais. Esta investigação busca compreender convergências e distinções em âmbito discursivo nas práticas do Ciberquilombo nos dois países supracitados. A partir do que Abdias Nascimento postulou como quilombismo, esta pesquisa investiga possibilidades de reconhecer nos espaços virtualizados uma atualização das abordagens práticas do quilombo. Buscamos reconhecer traços do quilombo enquanto processo comunicacional que genuinamente se consolida a partir da troca mediada pela experiência. A observação das práticas virtuais e os reflexos do racismo no ciberespaço estimulam uma revisão dos conceitos de comunidades virtuais. Com base na discussão de quilombo como um processo comunicacional e constituinte de identidade, observa-se o processo de aquilombamento na capacidade de reivindicação de territórios concretos e simbólicos. Ao compreender as redes sociais digitais como um território passível de ocupação, é possível observá-las como espaço do Ciberquilombo através dos discursos de seus usuários? Para chegar nesta resposta, analisamos o *Black Twitter*. Por meio das categorias de sociabilidade, reterritorialização e autopreservação, selecionamos *tweets* que utilizam *hashtags* que se destacam por semelhanças entre Brasil e Estados Unidos. A partir dos *tweets* propomos uma encruzilhada visual, nomeada de diagrama Ciberquilombista, para analisarmos os alargamentos e estreitamentos discursivos observados. Como resultado, encontramos formas de interação da população negra em diáspora como chave epistêmica para proposições de sociabilidade, reterritorialização e autopreservação na atualidade em contextos virtualizados.

Palavras-chave: comunidades virtuais; comunicação; Ciberquilombismo; antirracismo; cidadania.

ABSTRACT

This research seeks to analyze aspects of the Cyberquilombo observed on the virtualized interaction platform X. With diasporic realities constructed in distinct geographical locations, Brazil and the United States share anti-racist movements with practices of sociability, reterritorialization, and self-preservation on digital social networks. This investigation aims to understand convergences and distinctions in discursive practices of Cyberquilombo in the aforementioned countries. Building on what Abdias Nascimento postulated as Quilombismo, this research explores possibilities of recognizing in virtualized spaces an update of practical approaches to quilombo. The goal is to identify traces of quilombo as a communication process genuinely consolidated through mediated exchange by experience. The observation of virtual practices and the reflections of racism in cyberspace stimulate a revision of concepts of virtual communities. Based on the discussion of quilombo as a communication process and identity constituent, the process of *aquilombamento* is observed in the capacity to claim concrete and symbolic territories. By understanding digital social networks as a territory open to occupation, can it be observed as spaces of Cyberquilombo through the discourse of its users? To achieve this answer, we analyze Black Twitter. Through the categories of sociability, reterritorialization, and self-preservation, we select tweets using hashtags that stand out for similarities between Brazil and the United States. Based on the tweets, we propose a visual intersection, named the Cyberquilombist diagram, to analyze the observed expansions and contractions in discourse. As a result, we find forms of interaction among the black population in the diaspora as an epistemic key to propositions of sociability, reterritorialization, and self-preservation in contemporary virtualized contexts.

Keywords: virtual communities; communication; Cyberquilombismo; anti-racism; citizenship.

ALÁNŞE

Iwadi yii n wa lati   itupale awon abala ti Cyberquilombo ti a   akiyesi lori pepe ibaraenisepo ti o ni agbara Iwadii yii n wa lati loye awon akojopo ati awon iyato ninu aaye iforoworo ni awon ise ti Cyberquilombismo ni awon orile-ede meji ti a menuba. Da lori ohun ti Abdias Nascimento fiweran  bi quilombism, iwadii yii   iwadii awon iseese ti idanimo ni awon aaye ti o ni agbara imudojuwon awon isunmo ise si quilombo. Ero naa ni lati   idanimo awon itopa ti quilombo gegebi ilana ibaraenisoro ti o so arare di mimo nitooto nipase pasipaar  alaja nipase iriri. S sayewo awon ise ti foju ati awon afihan ti eleyameya ni aaye ayelujara   iwuri atunyewo awon imoran ti awon agbegbe foju. Da lori iforoworo ti quilombo gegebi ilana ibaraenisoro ati ilana idanimo, ilana ti quilombomento ni a   akiyesi ni agbara lati beere awon agbegbe ti nja ati aami. Nipa agboye awon netiwoko awujo oni-nomba bi agbegbe ti o le gba,   o see   lati   akiyesi won bi aaye Cyberquilombo nipase awon oro ti awon olumulo re? Lati de idahun yii, a   atupale *Black Twitter*. Nipase awon isori ti awujo, isodotun ati ifipamo ara eni, a yan awon tweets ti o lo hashtags ti o duro fun awon ibajora laarin Brazil ati Amerika. Da lori awon tweets, a dabaa ikorita wiwo kan, ti a npe ni aworan atoka Ciberquilomista, lati   itupale awon fifa oro sis  ati awon idinku ti a   akiyesi. Bi abajade, a rii awon ona ibaraenisepo laarin awon olugbe dudu ni ilu okeere bi botini apoju si awon igbero ti awujo, isodotun ati ifipamo ara eni loni ni awon aaye ti o ni agbara.

Awon oro-oro: awon agbegbe foju; ibaraenisoro; Cyberquilombism; egboogi-eleyameya; ilu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Análise de frequência de ‘discurso de ódio’ em artigos de publicações selecionadas (2020).....	91
Figura 2: <i>tweet</i> de Tony Arcieri (2018).....	96
Figura 3: <i>tweet</i> de Tony Arcieri com miniaturas das imagens abertas (2020).....	97
Figura 4: Uso de internet por raça/etnia nos Estados Unidos (2021).....	104
Figura 5: Uso de internet por raça/etnia no Brasil.....	105
Figura 6: <i>Tweet</i> de Viola Davis sobre Marielle Franco (2018).....	110
Figura 7: Post de convocação para o Ato Pelas Vidas Negras em Goiânia (2020).....	115
Figura 8: eixo discursivo.....	120
Figura 9: Filtro avançado de busca do <i>Twitter</i>	123
Figura 10: Divisão simbólica do diagrama Ciberquilombista.....	126
Figura 11: curtidas em <i>tweet</i>	128
Figura 12: diagrama Ciberquilombista.....	130
Figura 13: <i>trending topics</i>	131
Figura 14: busca feita com a <i>hashtag</i> #AfroSegueAfro em todo o ano de 2017.....	132
Figura 15: busca feita com a <i>hashtag</i> #AfroSegueAfro em todo o mês de janeiro de 2018.....	132
Figura 16: busca feita com a <i>hashtag</i> #AfroSegueAfro em todo o mês de fevereiro de 2018.....	133
Figura 17: busca feita com a <i>hashtag</i> #AfroSegueAfro em todo o mês de março de 2018.....	133
Figura 18: registro da primeira postagem que utilizou a <i>hashtag</i> #AfroSegueAfro no <i>Twitter</i> (2018).....	134
Figura 19: disseminação inicial da <i>hashtag</i> #AfroSegueAfro.....	135
Figura 20: ferramenta de busca a partir da localização do aplicativo do <i>Twitter</i>	137
Figura 21: <i>tweet</i> do Usuário 1.1 (2018).....	138
Figura 22: notícia sobre caso de injúria racial (2018).....	140
Figura 23: comentários sobre a postagem do Usuário 1.1 (2018).....	141
Figura 24: <i>Tweet</i> do Usuário 1.2 (2018).....	143
Figura 25: Matéria da Revista Veja sobre os governadores do estado do Rio de Janeiro (2018).....	144
Figura 26: Comentários sobre a postagem do Usuário 1.2 (2018).....	145
Figura 27: <i>tweet</i> do Usuário 2 (2022).....	147

Figura 28: Comentários sobre a postagem do Usuário 2 (2022).....	150
Figura 28: Tweet do Usuário 3 (2022).....	150
Figura 30: DeSantis assina projeto de lei celebrado por republicanos (2022).....	151
Figura 32: comentários sobre a postagem do Usuário 3 (2022).....	152
Figura 33: representatividade do Supremo Tribunal Federal em recorte histórico.....	155
Figura 34: <i>tweet</i> de April Reign (2020).....	156
Figura 35: Tweet do Usuário 4 (2023).....	158
Figura 36: Comentários sobre a postagem do usuário 4 (2023).....	160
Figura 37: Tweet da Usuária 5 (2023).....	160
Figura 38: comentários sobre o <i>tweet</i> do Usuário 5 (2023).....	161
Figura 39: <i>tweet</i> da Usuária 6 (2020).....	162
Figura 40: Comentários sobre a postagem da Usuária 6 (2020).....	165
Figura 41: Tweet do Usuário 7 (2020).....	166
Figura 42: Comentários sobre o <i>tweet</i> do Usuário 7 (2022).....	167
Figura 43: <i>tweet</i> da cantora Rihanna (2021).....	178
Figura 44: "Procurador-Geral de Kentucky sobre o caso Breonna Taylor: 'Eu entendo como um homem negro', mas agir com indignação 'não é justiça' " (2020).....	180
Figura 45: comentários sobre o Tweet de Rihanna (2021).....	180
Figura 46: <i>tweet</i> de Lewis Hamilton (2020).....	181
Figura 47: matérias jornalísticas sobre o ativismo de Lewis Hamilton.....	182
Figura 48: comentários sobre o <i>tweet</i> de Lewis Hamilton (2020).....	183
Figura 49: <i>tweet</i> da Usuária 10 (2020).....	185
Figura 50: Biden assina ordem executiva de reforma da polícia (2023).....	186
Figura 51: comentários sobre o tweet da Usuária 10 (2020).....	187
Figura 52: tweet do Usuário 11 (2020).....	188
Figura 53: Comentários sobre a postagem do Usuário 11 (2020).....	188
Figura 54: Tweet de Babu Santana (2020).....	190
Figura 55: comentários sobre o tweet de Babu Santana (2020).....	191
Figura 56: <i>tweet</i> de Ludmilla (2020).....	193
Figura 57: comentários sobre a postagem de Ludmilla (2020).....	194
Figura 58: <i>tweet</i> feito por Talíria Petrone (2021).....	195
Figura 59: Projeto de Lei "Abordagem Sem Racismo".....	196
Figura 60: <i>tweet</i> de Marielle Franco (2018).....	197
Figura 61: comentários sobre o tweet de Talíria Petrone (2021).....	198

Figura 62: <i>tweet</i> de Thiago Amparo (2021).....	200
Figura 63: comentários sobre o <i>tweet</i> de Thiago Amparo (2021).....	200
Figura 64: diagrama Ciberquilombista com tweets analisados.....	202
Figura 65: diagrama Ciberquilombista com tweets analisados em recorte de território.....	204
Figura 66: diagrama Ciberquilombista com tweets analisados em recorte de gênero.....	206
Figura 67: diagrama Ciberquilombista com tweets analisados em recorte de gênero e território.....	207

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Quilombismo (Exu e Ogum), Abdias Nascimento (1980).....	23
Imagem 2: Meditações nº 1 Apis, o Touro Sagrado, Abdias Nascimento (1973).....	30
Imagem 3: Sem título, Ralyanara Freire (2022).....	38
Imagem 4: Félix José Rodrigues, Dalton Paula (2020).....	40
Imagem 5: Zeferina, Dalton Paula (2018).....	40
Imagem 6: Daniel (de Viana), Dalton Paula (2020).....	41
Imagem 7: Casa do Nando.....	45
Imagem 8: Abdias Nascimento no 2º Congresso de Cultura Negra das Américas, no Panamá (1980).....	47
Imagem 9: Coletânea das produções e ações de Abdias Nascimento.....	49
Imagem 10: fotografia da capa da primeira edição do Jornal Quilombo (1948).....	50
Imagem 11: Luísa Mahin, Dalton Paula (2020).....	54
Imagem 12: Assentamento N.1, Rosana Paulino (2012).....	57
Imagem 13: Sankofa, n.2: resgate (Adinkra Asante), Abdias Nascimento (1992).....	62
Imagem 14: João Cândido, Dalton Paula (2020).....	70
Imagem 15 - Grupo do <i>Facebook</i> - Resistência Contra Racismo.....	76
Imagem 16 - Grupo de <i>Facebook</i> - A Ponte Para Pretxs!.....	76
Imagem 17: Grupo de <i>Facebook</i> - Intelectualidade Afro-Brasileira.....	77
Imagem 18: Plataforma de Streaming Todes Play.....	78
Imagem 19: Plataforma <i>PretaLab</i>	78
Imagem 20: "Poder não concede nada sem uma demanda, nunca concedeu e nunca concederá" Frederick Douglass projetado no Monumento Robert E. Lee em Richmond, Virgínia (2020).....	80
Imagem 21: Frederick Douglass (1979).....	81
Imagem 22: estátua de bronze de Sojourner Truth, <i>University of California, San Diego</i>	83
Imagem 23: "Eu não irei mais aceitar as coisas que eu não posso mudar. Eu irei mudar as coisas que eu não posso aceitar", Angela Davis (1969).....	87
Imagem 24: Cartões Shirley (1950-1960).....	97
Imagem 25: fronteira entre Estados Unidos e México.....	100
Imagem 26: bandeira LGBT e bandeira <i>Black Lives Matter</i> . La Jolla, EUA.....	113
Imagem 27: O quilombismo (Exu e Ogum) (1980).....	118

Imagem 28: exposição Aby Warburg: Atlas de Imagens Mnemosyne no Haus der Kulturen der Welt.....	125
Imagem 29: Cartazes reivindicando a primeira indicação de uma mulher negra na história do STF.....	163
Imagem 30: trecho do filme E O Vento Levou (1940).....	163
Imagem 31: Premiados do Oscar em 2020.....	169
Imagem 32: Protesto na Filadélfia (2020).....	170
Imagem 33: janela do <i>grad housing</i> da UC San Diego com a frase " <i>say her name</i> ".....	171
Imagem 34: Frame do vídeo gravado por Darnella Frazier (2020).....	173
Imagem 35: frame do vídeo gravado durante o assassinato de João Alberto no supermercado Carrefour, em Porto Alegre - RS. (2020).....	174
Imagem 36: Kathlen Romeu em mural feito por Airá Ocrespo.....	176
Imagem 37: fotografia do corpo de Moisés Santos no chão do supermercado Carrefour em Recife, PE (2020).....	192

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD - Análise de Discurso
BLM - Black Lives Matter
Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CTDA - Critical Technocultural Discourse Analysis
FNB - Frente Negra Brasileira
FNL - Frente Nacional pela Libertação
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
KKK - Ku Klux Klan
LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não-binário.
M4BL - The Movement for Black Lives
MAR - Museu de Arte do Rio
MASP - Museu de Arte de São Paulo
MMN - Movimento de Mulheres Negras
MNU - Movimento Negro Unificado
MNUCDR - Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial
MPRJ - Ministério Público do Rio de Janeiro
MUCDR - Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial
MX - México
OUA - Organização pela Unidade Africana
PDSE - Programa de Doutorado-Sanduiche no Exterior
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
STF - Supremo Tribunal Federal
TEN - Teatro Experimental do Negro
TIC - Tecnologia de Informação e Comunicação
TJRJ - Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
UCSD - University of California, San Diego
UK - United Kingdom
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USA - United States of America
USITC - US International Trade Commission

SUMÁRIO

1. EXU MATOU UM PÁSSARO ONTEM COM A PEDRA QUE LANÇOU HOJE	23
2. APIS - O TOURO SAGRADO DA COMUNICAÇÃO QUILOMBISTA	30
2.1 O Quilombismo	46
2.2 O quilombo comunicacional	51
2.2.1 Sociabilidade	53
2.2.2 Reterritorialização	56
2.2.3 Autopreservação	60
3. SANKOFA - MOVIMENTOS NEGROS NA DIÁSPORA AFRICANA	62
3.1 Articulações de resistência negra no Brasil	66
3.2 Articulações de resistência negra nos Estados Unidos	79
4. CIBERQUILOMBO	90
4.1 Ciberterritórios: reivindicações negras do espaço virtualizado	95
4.2 Ciberativismo negro	103
5. PÓS-IMAGEM - METODOLOGIA	111
5.1 A Análise do Discurso (AD)	119
5.2 Análise Crítica Tecnocultural do Discurso	121
5.3 Diagrama Ciberquilombista	124
6 AQUILOMBAMENTO - ANÁLISE	130
6.1 Sociabilidade e o tridente de Exu	130
6.1.1 #AfroSegueAfro	138
6.1.2 #BlackTwitter	146
6.2 Reterritorialização e a encruzilhada de Exu	153
6.2.1 #MinistraNegraJa	157
6.2.2 #OscarsSoWhite	162
6.3 Autopreservação e as ferramentas de Ogum	168
6.3.1 #JusticeForBreonnaTaylor	177
6.3.2 #JusticeForGeorgeFloyd	183
6.3.3 #JustiçaPorBeto	189
6.3.4 #JustiçaPorKathlenRomeu	195
6.4 Aplicando o diagrama Ciberquilombista	201
CONSIDERAÇÕES	209
REFERÊNCIAS	212
ANEXOS	220

1. EXU MATOU UM PÁSSARO ONTEM COM A PEDRA QUE LANÇOU HOJE

Imagem 1: Quilombismo (Exu e Ogum), Abdias Nascimento (1980)



Fonte: Fotografia de autoria própria na Exposição "Abdias Nascimento: um artista panameficano", 2022.

Seguimos o rastro da flecha que, há muito, atravessa o tempo. Rastros que desenham trajetórias de vidas que seguem rotas de fuga do centro econômico-cultural-acadêmico enquanto tentam desorientar pensamentos coloniais sobre o mundo para reorientar suas existências. Neste movimento de redirecionar o olhar, eu busco dentro de mim mesmo pistas sobre minha ancestralidade, as quais me carregam ao encantamento. Nos tornamos sementes daqueles que, apesar de em outro plano, fazem nossa história viva: "O contrário da vida não é a morte, é o desencantamento". (Simas, 2020, p. 11)

Como reflexo deste movimento de olhar para dentro, encontro, de forma mais latente, os rastros de meu pai. João Pereira de Brito, homem negro, maranhense de Buriti Bravo, sereno e de paz, que deixou este plano visível aos 75 anos de idade quando passou a ocupar o território invisível, porém sensível, inclusive, impactando a escrita deste texto. As noções orientadas por meu pai, me guiam para uma política de vida conduzida pelo encantamento.

Ao lado de meu pai pude perceber que olhar para trás é uma forma de enxergar o que se aponta à frente. O rastro da flecha que segue sua trajetória no horizonte, aponta pistas do futuro paradeiro da mesma, ou como o antigo pensamento Iorubá reforça: "Exu matou um pássaro ontem, com a pedra que lançou hoje". Os meus passos antecedem a minha caminhada neste plano.

No ato de recompor a minha trajetória marcada pelas refrações de outras que também me compõem, reconheço a importância de fortalecer os caminhos que me trouxeram até estas páginas. Ser um homem gay, negro de pele clara, nascido na cidade de Goiânia, vindo de uma família interracial originária das regiões Norte e Nordeste, demarca, em partes, a minha experiência até aqui.

"Você se considera negro?" e "você é viado?" fazem parte do que ouço e ouvi grande parte da minha vida. Até certo ponto, essas perguntas fuxiqueiras moldaram a forma como eu olhei para dentro de mim mesmo. Os incômodos que se lançaram a partir destas perguntas, foram resultado e, ao mesmo tempo, produtores da deslegitimação de um "eu" que pudesse ser afirmado e altivo no passado. As terras vermelhas do cerrado goiano carregam em si, para além da alta quantidade de ferro, o testemunho histórico de experiências sociais ácidas, alimentadas pelo ódio às diferenças, e legitimadas por um projeto de morte - concreta e simbólica - a qualquer vida que questione as estruturas coronelistas - portanto, coloniais - de poder.

Vivi isso acontecer inúmeras vezes nas agências de comunicação em que trabalhei. E, curiosamente, não menos vezes na universidade, lugar em que ocupo atualmente enquanto discente e docente. Por meus vinte e nove anos de vida, esse chão vermelho, por vezes, queimou os meus pés. Frequentemente, sou deslocado para a invisibilidade nos corredores da universidade em que estudo e trabalho. Quando abordo esta questão, não estou a falar de alguém em específico nem da postura institucional em relação à minha presença. Estou, de forma mais pragmática, a mostrar como, de uma forma mais geral e inconsciente, determinados corpos são incorpóreos, seus pensamentos lidos como intangíveis e suas ações percebidas como impalpáveis. Em outras palavras, como algumas pessoas são menos humanizadas do que outras.

Reforço que o *locus* de escrita desta tese se situa geograficamente no cerrado. Apesar da acidez social apontada anteriormente, os aprendizados do cerrado são muito mais pulsão de vida e resiliência. É no auge da aridez que as retorcidas árvores do cerrado se desviam das chamas. É pela especialização milenar do grande organismo Cerrado que a vida de cada ser

por aqui é codependente. Não há Araticum sem Raposinha¹. Não há Lobo-guará sem o arbusto da Lobeira (Barbosa; Silva, 2020, p.4). Não há água sem diversidade. Não há vida possível sem pluralidade. E, certamente, não há encantamento ou comunicação sem dialogenicidade.

As flechas que compõem a beleza do encantamento comunicacional, significam também a capacidade de construirmos nossas estratégias de resistência e sobrevivência em um mundo marcado por racismo. Pelo olhar de Abdias Nascimento, as flechas da pintura que abre a seção inicial desta tese, assumem uma densa camada de sentidos. Desenha, sobretudo, a capacidade de reconhecer o quilombismo como uma dinâmica infinitiva e duradoura de resistência negra. Nesta composição estética, Exu e Ogum, orixás irmãos, foram grafados lado a lado com o intuito de celebrar a existência do movimento quilombista pensado por Abdias Nascimento no ano de 1980.

Na cosmogonia Yorubá, Exu é o rei das encruzilhadas, intermediário entre o Aiyê e o Orum, mensageiro entre Orixás e elo dialógico entre os mortais. Exu é a força pulsante da comunicação. Ogum, Orixá irmão de Exu, domina o ferro e se consagra como desbravador das tecnologias de proteção. Ogum é a força incansável pela proteção. Essas forças ancestrais que sustentam a tese de Abdias Nascimento acerca do quilombismo, suscitam as experiências de resistência de pessoas negras escravizadas em territórios afro-atlânticos.

O quilombismo, enquanto categoria científica, abriu caminhos para a sistematização de teorias, práticas e reflexões acerca das resistências resultantes da diáspora negra no Brasil. Apresentou-se como *práxis* indispensável para a compreensão das relações de sociabilidade racial no país. Flechou estruturas racistas de pensamento. É, também hoje, essencial para a formação de pensadoras negras e pensadores negros e para a formulação de estratégias antirracistas em movimentos sociais. Assim, como uma pedra lançada hoje, o quilombismo mata serpentes-pássaro que infestam nosso passado colonial.

Para Abdias Nascimento, os orixás Exu e Ogum, quando juntos, representam o quilombismo. O símbolo de sua junção contém significados que seguem impactando as diferentes perspectivas do pensar quilombista através dos anos. A imagem que abre esta tese (Imagem 1) é um registro feito por mim, na exposição "Abdias Nascimento: um artista panameficano" ao final do mês de maio, no ano de 2022, quando estive no Museu de Arte de

¹ Cf. SILVA, Sandro Dutra; BARBOSA, Altair Sales. Paisagens e fronteiras do Cerrado: ciência, biodiversidade e expansão agrícola nos chapadões centrais do Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, p. 5, 2020.

São Paulo (MASP), com o objetivo de me aproximar não apenas de parte da obra de Abdias Nascimento, mas também dos desdobramentos que ela proporciona.

A exposição é uma curadoria de Amanda Carneiro, curadora assistente, e Tomás Toledo, curador-chefe do MASP. Foi considerada a maior exposição dedicada às artes visuais de Nascimento, contando com sessenta e uma pinturas feitas no período de três décadas, entre os anos de 1968 até 1998. É possível observar na exposição um completo panorama da obra de Abdias, e a curadoria subdividiu a mostra respeitando os sete núcleos formulados pelo artista, sendo eles: Teogonia afro-brasileira, Quilombismo, Deuses vivos, Germinal, Sankofa, Axé da esperança e Axé de sangue.

As primeiras obras de Abdias foram feitas no ano de 1968, no auge da ditadura militar do Brasil. Ou seja, no mesmo ano em que o Ato Institucional n. 5 foi decretado, violando em alto grau a liberdade de expressão e uma série de outros direitos previstos na Constituição. Importante ressaltar que neste mesmo ano, diante da intensificação dos casos de perseguição política e artística, Abdias Nascimento se autoexilou nos Estados Unidos. Esta mudança forçada impactou sua obra ao passar dos anos.

A própria trajetória de Nascimento pode ser lida como representativa da capacidade do quilombismo de se estruturar e reestruturar-se de acordo com novas tecnologias de resistência, sob a proteção de Ogum. A obra visual que Abdias construiu ao longo dos anos fará parte do texto que compõe o corpo desta tese e, através dos meus registros fotográficos desta exposição, proponho estabelecer elos que se avivam nos dias de hoje por meio do encantamento.

Tendo a insígnia que simboliza o quilombismo como ponto de partida para esta tese, a representação de Exu e Ogum se firma também como importante estrutura científica, visual e de encantamento para a compreensão do que chamarei aqui de Ciberquilombo. Um dos produtos desta tese, o diagrama Ciberquilombista, que ajuda a compreender o Ciberquilombo, será apresentado no capítulo 5.

Ao pensar nas noções do quilombismo postuladas por Nascimento (1980, 2019), esta investigação propõe aplicá-las teoricamente em movimentos visibilizados por redes sociais digitais, para observar práticas de ativismo digital antirracista. Buscamos, a partir das noções do quilombismo, compreender as relações raciais virtualizadas, o que abre a possibilidade de um olhar específico para a discussão no campo científico.

O Ciberquilombo aqui proposto, observado em redes sociais virtualizadas, é resultado de práticas de autopreservação em ambientes de sociabilidade digitalizada. Mesmo quando reconhecemos o quilombismo postulado em Nascimento (1980) como fruto de configurações

sociais resultantes da diáspora africana especificamente no Brasil, é possível observar processos de aquilombamento em outros países em que o processo diaspórico da população africana ocorreu. Nesta pesquisa temos, como um de seus objetivos específicos, observar o Ciberquilombo nas realidades brasileiras e estadunidenses. Os dois diferentes *locus* se justificam por serem os países do continente americano que mais possuem usuários na plataforma *Twitter*², e, portanto, desempenham um grande impacto sobre as interações na plataforma em nível global, além de compartilharem realidades afro-diaspóricas. O nome *Twitter* será mantido nesta tese, embora o nome da plataforma tenha mudado para *X*, após a compra da *Big Tech* pelo empresário Elon Musk em outubro de 2022.

A Comunicação, enquanto campo científico, se situa no caos criativo (Sodré, 2012), sendo constituída por disputas epistemológicas, que se debruçam, essencialmente, sobre as relações entre os meios de comunicação e as mediações. Para esta pesquisa, os processos comunicativos se orientam pela *práxis* (Freire, 1987), ou seja, o pensar-agir sobre fenômenos sociais em suas interfaces. Compreendemos que o processo comunicacional deve ser orientado para a prática do bem-viver, ao reconhecer na *práxis* da comunicação dialógica alternativa possível para inviabilizar as assimetrias sociais e as políticas institucionalizadas de morte (Dias, 2020, p. 90). Nesta perspectiva comunicacional, analisar processos sociais dinâmicos, como as relações raciais brasileiras e estadunidenses, no que se relacionam com meios e mediações, é um caminho investigativo capaz de oferecer elementos sobre narrativas desiguais através das mídias, possibilitando tanto o reconhecimento de assimetrias de poder simbólico, quanto oportunizando espaços de construção cultural.

Por isto, a perspectiva adotada neste estudo entende o processo comunicacional como indissociável das relações entre os indivíduos. Vinculada à linha de pesquisa em Comunicação e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, esta pesquisa propõe-se uma discussão que foque nas práticas de sociabilidade, reterritorialização e autopreservação da população negra brasileira e estadunidense como práticas de aquilombamento. Assim, entendemos o quilombo também como um fenômeno comunicacional que orienta o aquilombamento a partir das convergências de identidade da população negra em comunidades virtualizadas.

² Cf. dados disponíveis em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/04/25/brasil-tem-a-quarta-maior-base-de-usuarios-do-twitter-no-mundo.ghtml>. Acesso em: 08 de ago. 2022

Com base na discussão de quilombo como um processo comunicacional e de constituição de identidade, observa-se o processo de aquilombamento em sua capacidade de ocupação de territórios concretos e simbólicos. Ao compreender as redes sociais digitais como um território passível de ocupação e de enunciação discursiva, é possível observá-las como espaço de aquilombamento?

Orientada por uma bibliografia acadêmica consolidada³, que reconhece o quilombismo no Brasil enquanto possibilidade prática de autopreservação, reterritorialização e sociabilidade da população negra (Nascimento, 2019), esta pesquisa tem como objetivo geral analisar discursos na rede de sociabilidade digital *Twitter* para alcançar práticas de autopreservação, reterritorialização e sociabilidade da população negra.

Após este primeiro capítulo de apresentação, denominado “Exu Matou um Pássaro Ontem com a Pedra que Lançou Hoje” chegamos ao segundo capítulo, intitulado “Apis - O Touro Sagrado da Comunicação Quilombista”, no qual apresentamos nosso ancoramento teórico em Abdias Nascimento com sua orgânica tese do Quilombismo. Conceituamos quilombo e quilombismo para chegar no quilombo comunicacional. Explicamos como as categorias da sociabilidade, reterritorialização e autopreservação podem ser aplicadas ao campo da comunicação.

Ao passo que no capítulo 3, que recebe o nome de “Sankofa - Movimentos Negros na Diápora Africana”, trabalhamos com maior ênfase nas definições de resitência para pensar o movimento social antirracista como articulador de cidadania. Em seguida, discorremos sobre as experiências de movimentos negros no Brasil e nos Estados Unidos.

No capítulo 4 trazemos nossa proposta de Ciberquilombo a partir da ideia de um quilombo no Ciberterritório, constituído por sociabilidade, reterritorialização e autopreservação. Expomos que os canais comunicativos na interface virtualizada proporcionam uma outra dinâmica aos fluxos de informação. Além disso, discorremos sobre o ciberativismo como mobilização de pessoas negras que enxergam nas redes sociais virtualizadas possibilidades de manifestação.

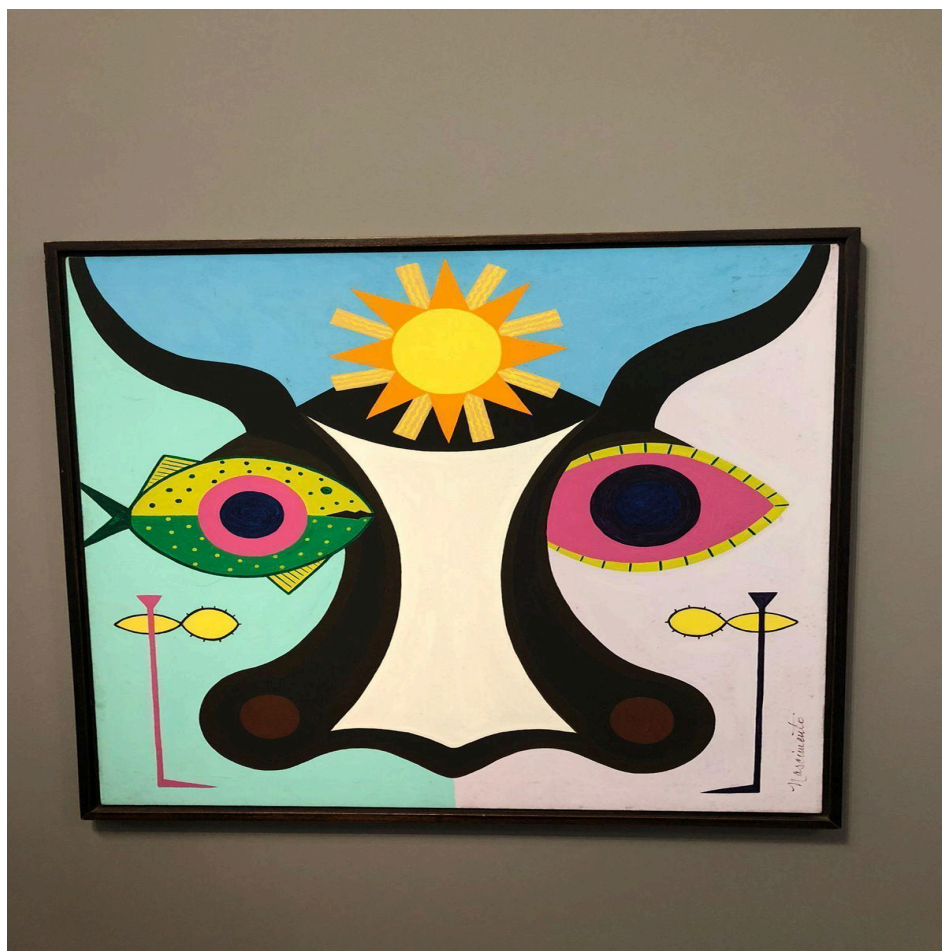
Para fortalecer o conceito de Ciberquilombo fomos atrás, no quinto capítulo, de especificar a estratégia pluri-metodológica capaz de responder à nossa questão-problema. Com esse intuito, anunciamos a Análise do Discurso e Análise Crítica Tecnocultural do Discurso como métodos para a análise de nossa amostra. Com esta combinação, elaboramos um diagrama Ciberquilombista para facilitar a visualização de suas aplicações. Estas últimas

³ O pensamento social acerca das relações de autopreservação e resistência partem do olhar lançado por Abdias Nascimento (1980) em sua tese sobre o Quilombismo.

encontram-se realizadas no sexto e último capítulo. Para o momento, antes de chegar no ponto analítico, selecionamos algumas obras produzidas por Abdias Nascimento e suas relações como símbolos de comunicação.

2. APIS - O TOURO SAGRADO DA COMUNICAÇÃO QUILOMBISTA

Imagem 2: Meditações nº 1 Apis, o Touro Sagrado, Abdias Nascimento (1973)



Fonte: Fotografia de autoria própria na Exposição Abdias Nascimento: um artista panameficano, 2022.

Para nos guiar e abrir os caminhos deste capítulo, escolho a representação artística de Abdias Nascimento do touro sagrado Apis, divindade da mitologia egípcia. Ao acessar presencialmente esta pintura na exposição "Abdias Nascimento: um artista panameficano" no Museu de Arte de São Paulo, em maio de 2022, pude me conectar com a elaboração artística de Nascimento. Dentre as múltiplas linguagens expressas nas obras de Nascimento enquanto dramaturgo, ator e poeta, as artes plásticas surgiram enquanto uma interface densa, composta por obras que potencializam a capacidade comunicativa presente na epistemologia do quilombismo.

Para além das simbologias de fertilidade, força, maternidade, Apis é uma divindade também reconhecida por apresentar uma capacidade comunicacional única: ser intermediária da comunicação entre humanos e deuses. Por esta razão, a ancestralidade é a força motriz que nos guia neste capítulo. Ela nos aponta o sublime potencial da comunicação concedido à Apis

e também nos ajuda a trilhar caminhos possíveis para enxergar o quilombo enquanto capacidade comunicativa em sua essência.

Ao reconhecer nas práticas pan-africanas o potencial efetivamente comunicacional - sobretudo na capacidade quilombista de unificação e coesão social e cultural - este trabalho se orienta para uma comunicação negra e afrodiaspórica. M. K Asante (2018) nos estimula a lograr perspectivas comunicativas que se distanciam de uma noção narcisista, tal qual observada nas estruturas que inspiraram os estudos em comunicação no século XX. Ao propor uma teoria comunicativa inspirada em Apis, de Nascimento, buscamos diálogo também com outra divindade, Ma'at, nos apresentada por Asante (2018, p. 11). Ao falar de Ma'at, deusa egípcia da ética, verdade e da justiça, a autora demonstra que estamos em uma encruzilhada comunicacional caracterizada pela dominação civilizatória. A comunicação, segundo Asante, precisa se comprometer com o senso de justiça. Sem justiça não há possibilidade de credibilidade do comunicador.

Estamos imersos em uma realidade comunicativa ocidental eurocêntrica autoindulgente (Asante, 2018, p.12), que se baseia historicamente nas dinâmicas sociológicas observadas nos centros de projeção econômica e cultural hegemônicos, o que nos distancia de uma prática comunicativa que enxerga, nos valores civilizatórios afrocentrados, a justiça, a ética e o cooperativismo. "Postular teorias negras não é lançar ideias determinadas biologicamente sobre comunicação, mas sim fundamentar as suposições e teorizações na substância filosófica das narrativas históricas e intelectuais africanas" (Asante, p 13, 2018, tradução nossa)⁴.

O processo comunicativo reconhecido pelas escolas teóricas que, até os dias atuais, configuram com força o campo de estudos em comunicação, enxergam a comunicação a partir de lentes coloniais. Até os recentes esforços científicos em pensar as epistemologias da comunicação, em grande parte, se orientam para uma reflexão que não acessa valores civilizatórios e narrativas históricas não-ocidentais e/ou contra-hegemônicas.

Para pensar na força da comunicação quilombista, começamos com o herói fundador do quilombo Barra de Aroeira, localizado no Estado brasileiro do Tocantins, o qual nos foi apresentado pela pesquisa da Professora Luciene Dias (2022). Félix José Rodrigues, honoravelmente lembrado como "Félix, o herói da Barra", vitorioso combatente da guerra do Paraguai e liderança histórica do território quilombola de Barra de Aroeira, nos ensina que a

⁴ "To posit Black theories is not to launch biological determined ideas about communication but to base the assumptions and theorizing in the philosophical substance of African historical and intellectual narratives." (ASANTE, p 13, 2018)

força da comunicação quilombista se estrutura na sociabilidade, na reterritorialização e na autopreservação.

Esta estrutura se prova através de elementos de uma secular luta pelo reconhecimento das doze léguas em quadra (equivalente a setenta e nove mil e duzentos hectares) de terra que a comunidade secularmente reivindica (Dias, 2022, p. 24). As evidências da concessão do território para Félix, pelo imperador Dom Pedro II, em 1870, seguem vivas e resistem por tradição oral entre as pessoas quilombolas de Barra de Aroeira. Gerações avançam e a verdade é o principal elo comunicativo que unifica a memória reivindicativa da comunidade de Barra de Aroeira, elo este que remonta a verve comunicativa elaborada a partir da deusa egípcia Ma'at (Asante, 2018).

Para nos aproximar mais da noção de quilombo, precisamos escavar historicamente o processo de diáspora negra no Brasil, que teve início no contexto do Brasil colônia. Este período configurou a estrutura racial das relações sociais brasileiras, iniciado por processos que levaram à escravização de milhões de pessoas africanas, e à exploração continuada da mão de obra de seus descendentes, em todos os âmbitos sociais. José Murilo de Carvalho (2016, p. 26) ressalta que "a escravidão penetrava em todas as classes, em todos os lugares, em todos os desvãos da sociedade: a sociedade colonial era escravista de alto a baixo".

Em um contexto de impedimento de acesso a direitos básicos para a sobrevivência e de violências sofridas, ainda em meados de 1590, africanos escravizados organizavam o rompimento das correntes da escravidão e empreendiam uma nova trajetória de fuga organizada nas matas, do que hoje temos como os estados de Alagoas e Pernambuco. Inicialmente era possível identificar pequenos grupos que rumavam para o mesmo destino e, com o passar do tempo, uma comunidade se formava com dezenas de milhares de africanos ex-escravizados: Palmares.

O quilombo dos Palmares, ou mesmo, República de Palmares, emerge no contexto histórico como pioneiro e maior quilombo ao qual se tem registro no Brasil. A prática do aquilombamento não se resume a Palmares, se multiplica no território brasileiro e expressa territorialmente espaços de resistência negra, autogestão comunitária, autopreservação e coesão social que resiste até os dias atuais (Nascimento, 2019, p. 46).

Os impactos do genocídio secular que atravessa gerações de pessoas negras, reverbera também em forma de resistência e unidade. A busca pelo apagamento identitário da população escravizada, por exemplo, foi um esforço institucionalizado no Brasil colonial, para negar as suas práticas religiosas, suas linguagens e sua nacionalidade pré-colonial. As violências coloniais foram agentes de mutações culturais na ancestralidade milenar de nações

que se pulverizaram no território pan-americano. Entretanto, os territórios quilombolas se perfizeram como núcleos de preservação cultural e identidade africana, estimulando que práticas e saberes ancestrais fossem produzidos em territórios, agora, pan-africanos.

A resistência negra encontra nas tecnologias ancestrais de sobrevivência formas de manter a unidade da população africana em diáspora. O pan-africanismo se destaca neste processo como uma articulação potente de resistência da população negra em diáspora, e emerge no "Novo Mundo" (Kodjo; Chanaiwa, 2010, p. 897) em prol da luta da população negra contra a dominação e exploração branca. A compreensão de uma luta pela dignidade da população em diáspora, pela integração e pela libertação dos Estados africanos que demandavam independência, são características que também marcaram o movimento pan-africanista.

O seu surgimento se dá no contexto diaspórico das colônias britânicas dos Estados Unidos e das Antilhas Britânicas, tomando força a partir do primeiro congresso pan-africanista que ocorreu em Londres em 1900, idealizado por Henry S. Williams, advogado de Trinidad (Munanga, 2016, p. 111). Além deste, o ativista e escritor estadunidense W. E. DuBois, o líder político jamaicano Marcus Garvey e o líder ativista trinitário Georges Padmore, se destacaram por fortalecer o movimento pan-africanista no período pós-primeira Guerra Mundial. Este período foi de extrema importância para o movimento, pois a amplificação do movimento estimulou a colaboração de múltiplas lideranças negras em diversos países que sofreram com o impacto do subjugo e exploração negra nos séculos anteriores.

A partir dos anos de 1935, o movimento pan-africano se fortaleceu também a partir da luta por emancipação dos países africanos da exploração colonial. O sistema colonial também se fez responsável pela emigração africana no século XX, sobretudo entre os anos de 1935 e 1960. É possível reconhecer uma diminuição da emigração para países da América do Sul, Caribe e Índia nesse período, surgindo então uma crescente na imigração para países europeus e Estados Unidos da América ocasionada pela uma busca de qualificação universitária.

O presidente ganense, Kwame Nkrumah, que conquistou a independência do Gana em 1957, é um grande mobilizador do movimento de integração continental da África no pan-africanismo. Este movimento buscou conquistar um desenvolvimento econômico através da criação da Organização pela Unidade Africana (OUA), para tentar assegurar políticas unificadas de melhoria econômica regional.

Nos países da América Central e do Sul o movimento pan-africanista enfrentou uma realidade de assimilação cultural hispânica e portuguesa, em que os projetos políticos nacionais determinavam o apagamento cultural e, no caso do Brasil, pensavam em políticas de branqueamento da população. Por outro lado, o pan-africanismo se fortalece em grande parte dos países das Américas, sobretudo no Brasil, propondo um horizonte global sobre a consciência africana (Harris, 2010, p. 866). O Centro de Estudos Afro-Orientais em Salvador, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes, o Movimento Negro Unificado, o Teatro Experimental do Negro e o Instituto de Pesquisas Afro-Brasileiras fundados e dirigidos por Abdias Nascimento caracterizam parte da organização pan-africanista brasileira durante o século XX.

A diáspora africana resultou no desenvolvimento de estratégias e rotas de autopreservação, estimulando a unidade da população pan-africana dispersa pelo mundo. A rede comunicativa global observada no movimento pan-africanista é resultado de uma capacidade comunicativa eficiente. Essa capacidade comunicativa comunitária encontra as suas raízes na dura luta pela sobrevivência no período colonial nas Américas.

Em diferentes países das Américas em que a diáspora africana se fez presente, a formação de comunidades de pessoas negras que resistiam ao sistema colonial, deslocando-se para territórios rurais, se tornou uma realidade. Quilombos/Mocambos (Brasil), Garifunas (Honduras e Belize), Maroons (EUA e Jamaica), Creole (Nicarágua), Bony (Guiana Francesa), Djuka (Suriname), Palenques e Raizales (Cuba e Colômbia), Cumbes (Venezuela), Saramakas (Suriname e Guiana Francesa), Cimarrones (América do Sul, México e Caribe), são os nomes dados a algumas das principais organizações de resistência negra nas américas do período escravista (Soares, 2020). Essas organizações surgem em diferentes regiões, com diferentes formações, mas com propósitos muito semelhantes de resistir e sobreviver à violência colonial que teve sua origem no processo diaspórico negro para o continente americano.

Tendo em vista que o modelo escravista colonial desterritorializou cerca de 10 a 15 milhões de pessoas negras de África para as Américas entre os séculos XV e XVI e que o Brasil recebeu 40% desse total de pessoas negras vindas do continente africano (Gomes, 2012, p. 9), a formação dessas comunidades no Brasil se destaca historicamente. Milhares de comunidades quilombolas se firmaram em território brasileiro.

A definição de quilombo descrita em 1740 pelo Conselho Ultramarino em carta ao rei de Portugal o define como “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles”

(Schimitt; Turatti; Carvalho, 2002, p. 2). Essa conceituação foi utilizada até meados do século XX e sugere que os quilombos se constituíram de maneira efêmera e sem vínculo ao território em que eram encontrados.

Pensar o quilombo desta forma foi uma tentativa institucionalizada de apagamento da sua complexidade comunitária e importância histórica. No entanto, essa noção colonial de quilombo foi atualizada na Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988. A nova constituição nacional, chamada de cidadã, colocou fim ao período de ditadura militar (1964-1985), e trouxe em seu artigo 68, no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, a tratativa sobre a posse definitiva de terras para pessoas quilombolas e impossibilidade de desapropriação territorial. Mais à frente, em 2003, a revisão do conceito de comunidade quilombola se firmou no decreto 4887/03, o que possibilitou que as comunidades reivindicassem direitos referentes à preservação de seus territórios e identidade étnica.

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (Brasil, 2003)

A compreensão de uma unidade coletiva vinculada a um território possibilita a expressão de uma identidade étnica quilombola e também de territorialidade como aponta Schimitt; Turatti; Carvalho “[...] parentesco e território, juntos, constituem identidade, na medida em que os indivíduos estão estruturalmente localizados a partir de sua pertença a grupos familiares que se relacionam a lugares dentro de um território maior” (Schimitt; Turatti; Carvalho, 2002, p. 4).

Dadas estas definições históricas acerca do quilombo e das comunidades quilombolas no Brasil, se faz necessário compreender o quilombo enquanto possibilidade epistêmica para pensar coesão social e comunitária. A teorização do quilombo como uma linha de pensamento surge nas produções de autores brasileiros na segunda metade do século XX, antes mesmo da revisão constitucional de 1988. Intelectuais negros como Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Edson Carneiro e Beatriz do Nascimento construíram um arcabouço teórico consistente sobre o quilombo no âmbito das ciências humanas. Ao refletir sobre a produção acadêmica e a trajetória pouco visibilizada de Beatriz do Nascimento, Ratts (2006) ressalta a “demora” da academia em reconhecer o quilombo como um caminho teórico-metodológico possível.

A violência colonial não apenas promoveu tentativas de apagamento histórico de trajetórias, ritualidades, religiosidades, ancestralidades, linguagens e culturas de nações africanas em diáspora nos séculos de Brasil escravista, como abreviou a memória quilombola da história da nação. Félix José Rodrigues, Zeferina, Daniel Araújo⁵ trilharam caminhos de resistência histórica e liderança à frente de diferentes quilombos no Brasil. Entretanto, suas trajetórias não fazem parte do imaginário social e coletivo brasileiro ao acionarmos a identidade quilombola. Igualmente a própria historiografia nacional abrevia e apaga a complexidade quilombola.

Essa complexidade histórica abandonada, quando não generalizada em narrativas totalizantes sobre as populações quilombolas, é ignorada. O não reconhecimento destes e outros importantes nomes na luta quilombola, demonstra o nível de afastamento das múltiplas narrativas que nos constituem e que, portanto, deveriam ser essenciais para pensar as nossas práticas nos dias atuais.

Luciene Dias (2022), antropóloga e pesquisadora do quilombo Barra de Aroeira nos apresenta Félix José Rodrigues. Anteriormente nesta tese introduzimos brevemente a narrativa histórica do herói da Barra. O líder se destaca por ter sido um combatente vitorioso na Guerra do Paraguai. Sua história na guerra e no pós-guerra, transmitida oralmente entre as pessoas quilombolas da Barra, atualmente gera a reivindicação da concessão de posse do atual território quilombola de Barra de Aroeira - como as terras escolhidas para serem destinadas à Félix pelo imperador Dom Pedro II. A arenosa região se localiza no atual Estado do Tocantins. Entretanto, a documentação que determinou o território como propriedade de Félix, se perdeu em um incêndio no início do século XX.

Segundo Dias (2022, p. 25) atualmente o território reúne 174 famílias, e pela lógica coletiva estabelecida no território "todo mundo é Rodrigues", ou seja, todos têm um vínculo forte com o sobrenome de Félix. A reivindicação do território é algo importante para o quilombo, a garantia de reterritorialização em terras coloniais é a única possibilidade de sobrevivência da cultura, costumes e práticas de uma comunidade quilombola. Entretanto, a efetivação da outorga do título do território de Barra de Aroeira aconteceu parcialmente no

⁵ "Líder de uma revolta quilombola no Maranhão oitocentista, Daniel Antônio Araújo tinha cerca de trinta anos quando fugiu da fazenda de Virgílio de Araújo e instalou-se no mocambo São Benedito do Céu, localizado na cidade de Viana. Em 1867, organizou a invasão à fazenda Santa Bárbara e depois à Vila Nova de Anadia. Em uma carta entregue às autoridades policiais, os rebeldes diziam defender "a liberdade dos escravizados [...] e não fazer mal a ninguém", mas justificando o uso de armas. A revolta teve imediata repressão: 31 escravizados e dois negros livres foram condenados pelo 'crime de insurreição'. Daniel foi sentenciado à prisão perpétua." Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/EnciclopediaNegra/posters/Enciclopedia_Negra_Daniel.pdf. Acesso: 12 de nov. 2021.

ano de 2021⁶, com uma determinação de aproximadamente 1,09% (Dias, 2022, p.24) do território demarcado inicialmente por Félix.

Sabe-se que o território se estende por uma área muito maior do que a delimitada atualmente. Entretanto, com o tempo a institucionalidade que se demonstra constantemente preocupada com o sujeito hegemônico, apenas dificultou a validação do território.

“Nós tinha o documento das terra até lá pros ano de 30, mas teve um incêndio na casa onde ele tava guardado”, sustenta Nilo sobre a documentação que garantia a posse. “A farda que prova que ele lutou na Guerra pra ganhar essas terra tá aqui até hoje”, comprova Salviana que até veste a “farda” para mostrar. **“Os pé de buritis tá tudo aí pra quem quiser ver”, certifica Cândida apontando o horizonte.** Já Andreza não tem dúvidas sobre o direito legal e afirma: “Agora que nós é quilombo, esse título da terra tem que sair”. (Dias, 2022, p. 49, grifo nosso)

As moradoras quilombolas do território de Barra de Aroeira ressaltam no trecho acima, que mesmo com a violenta capacidade de apagamento histórico que as instituições brasileiras exercem sobre as narrativas quilombolas, os pés de buritis plantados por Félix há séculos se perfazem como uma estratégia comunicativa quilombista. A imagem 3 é uma ilustração feita pela artista visual Ralyanara Freire⁷, no ano de 2022, a base de aquarela e nanquim em papel 100%. A figura ilustra a capa do livro de Luciene Dias intitulado Aquilombamento⁸, publicado no ano de 2023, e o livro é resultado da pesquisa desenvolvida pela antropóloga no território do quilombo Barra de Aroeira.

Todo o território de Barra de Aroeira é delimitado pelas palmeiras de buriti que foram plantadas por Félix José Rodrigues, demarcando uma cartografia natural reconhecida pela comunidade da Barra (Dias, 2022, p. 78). A obra ilustra o que Cândida afirma acima, ao enxergar nos pés de buritis plantados por Félix há séculos no território que lhe foi cedido por Dom Pedro II. Félix José Rodrigues compreendendo a capacidade de resiliência da palmeira de buriti em permanecer de pé por muito tempo, desenvolve a sua própria maneira de delimitar o território da Barra. Possivelmente, o herói da Barra imaginou, naquele momento, que a estrutura que sustentava a coroa portuguesa não seria suficiente para comprovar futuramente o território cedido. A partir dessa possibilidade, desenvolveu uma estratégia para

⁶ Dados disponíveis em: <https://cpisp.org.br/barra-do-aroeria/>. Acesso: 5 de set. 2023.

⁷ Ralyanara Freire estuda Artes Visuais e é doutora em Antropologia Social pela Universidade de Campinas. Desenvolve pesquisas nas áreas de Teoria Antropológica, Experimentações Etnográficas, Processos Criativos, Cultura e Política, Cultura Material, Expressões de Gênero, Lesbianidades, Antirracismo, Violências e Estado e Pensar-Saber-Fazer. Estuda artes visuais a partir de fotografias, bordados e cerâmicas.

⁸ Aquilombamento. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Aquilombamento.pdf>. Acesso em: 26 de set. 2023.

hackear a estrutura fundiária e o tempo, que estariam (e ainda se encontram) em desfavor da população negra.

Imagem 3: Sem título, Ralyanara Freire (2022)



Fonte: E-book "Aquilombamento" de Luciene Dias, 2023.

Félix José Rodrigues segue sendo lembrado pela sua comunidade como herói da Barra, e sua importância histórica se materializa através de registros e pesquisas que procuram visibilizar as narrativas que sofreram com o apagamento histórico colonial. A imagem 4, é uma representação visual artística de Félix José Rodrigues, desenvolvida pelo artista Dalton Paula.

Imagem 4: Félix José Rodrigues, Dalton Paula (2020)



Fonte: Site do artista Dalton Paula, 2022.⁹

Na tentativa de reconstruir representações visuais que contribuem para a preservação de memória sobre lideranças negras, o artista visual Dalton Paula¹⁰ apresenta em sua obra uma sessão de retratos. Com sensibilidade para a ressignificação narrativa das visualidades de fotografias de pessoas negras, Paula traz cor e diferentes texturas que conferem uma maior densidade para representações visuais das pessoas negras.

⁹ Félix José Rodrigues. Disponível em: <https://daltonpaula.com/portfolio/retratos/>. Acesso em: 22 de jun. 2022

¹⁰ "Dalton Paula nasceu em 1982 em Brasília/DF; e mora e trabalha em Goiânia/GO, é bacharel em Artes Visuais e discute o corpo silenciado no meio urbano. Em 2021 participou da exposição 'Enciclopédia Negra', na Pinacoteca de São Paulo; em 2020 fez sua primeira exposição individual 'Dalton Paula: um sequestrador de Almas', em Nova York, na Alexander and Bonin Gallery." Disponível em: <https://daltonpaula.com/curriculo/>. Acesso em: 18 de jul. 2022.

A pintura acima que representa Félix é de uma sequência de trabalhos intitulada "Retratos" e serão recorrentes recursos visuais nesta pesquisa. A busca de Paula por referenciar lideranças negras de resistência em movimentos de luta antirracista no período colonial escravista do Brasil, estimula a releitura discursiva das poucas e nem sempre bem representadas memórias da história negra. As representações propostas pelo artista têm o potencial de sugerir uma reconfiguração histórica e uma nova configuração de referência de memória ao acionar o quilombo.

Transportados agora para as imediações da cidade de Salvador, no estado da Bahia, encontramos uma das revoltas quilombolas mais famosas que se deram em interface com a população escravizada no âmbito urbano, a revolta do quilombo do Urubu em 1826. O quilombo do Urubu se localizava bem próximo à cidade de Salvador e era liderado pela rainha Zeferina. Poucos documentos registram com detalhes a importância da rainha que, empunhando arco e flecha (REIS, 1995, p. 33), fez frente de resistência ao ataque ao quilombo do Urubu. A representação desta heroína quilombola também se materializa pela pintura de Dalton Paula em sua série "Retratos", sendo possível compor em nosso arquivo imagético uma complexidade visual que acompanha a narrativa de Zeferina.

Imagem 5: Zeferina, Dalton Paula (2018)



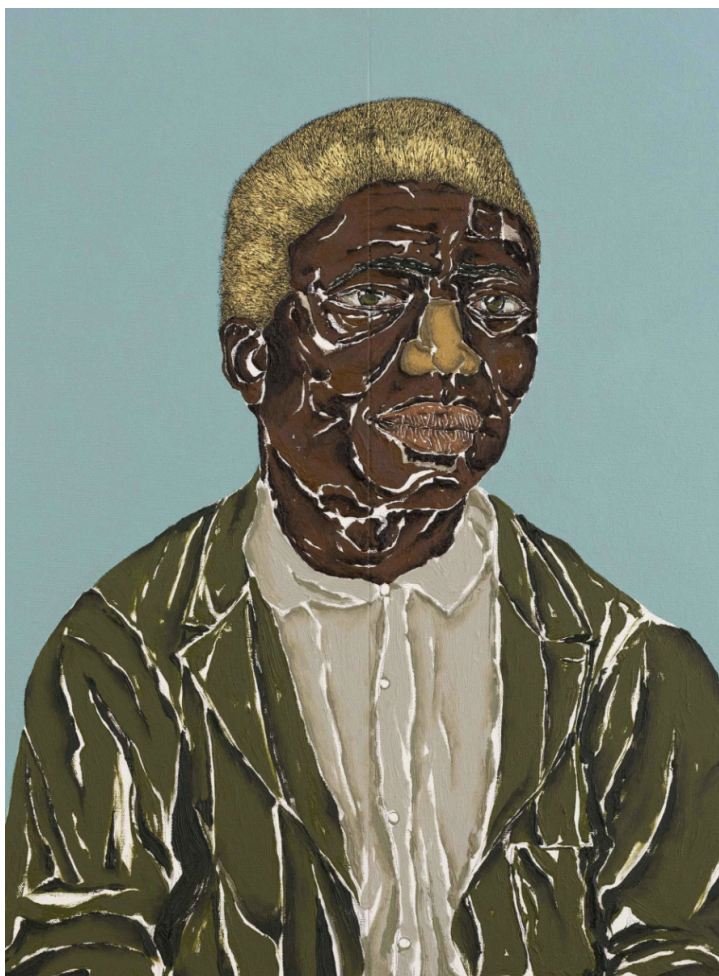
Fonte: Site do artista Dalton Paula, 2022.¹¹

¹¹ Zeferina. Disponível em: <https://daltonpaula.com/portfolio/retratos/>. Acesso em: 22 de jun. 2022.

Zeferina era mulher negra, candomblecista, de origem angolana, e as práticas religiosas do quilombo do Urubu também refletiam os costumes exercidos pela religião de matriz africana. Dentre os motivos que motivaram o ataque ao quilombo do Urubu pelas tropas militares de Salvador, a intolerância religiosa também instigou o massacre ao quilombo, que deixou de existir após a ofensiva policial.

Movendo-nos agora para o estado do Maranhão, na região de Viana, acessamos a narrativa de mais um herói quilombola, líder da revolução do mocambo de São Benedito, Daniel Antônio Araújo. Segundo a enciclopédia negra (Dos Santos Gomes; Lauriano; Schwarcz, 2022), Daniel se articulou com outras lideranças quilombolas para uma insurreição coletiva, com a ajuda de outros quilombos da região de Viana. Segundo os autores, a insurgência se destaca pela habilidade dos articuladores em se comunicar com os cativos em senzalas, e pensar em uma revolta que também tivesse como objetivo libertá-los.

Imagem 6: Daniel (de Viana), Dalton Paula (2020)



Fonte: Site do artista Dalton Paula, 2022.¹²

¹² Daniel (de Viana). Disponível em: <https://daltonpaula.com/portfolio/retratos/>. Acesso em: 22 de jun. 2022.

A grande novidade da insurreição de Viana foi uma carta dos revoltosos. Entregue em 10 de julho, em tom de declaração, comunicava: “Nos achamos em campo a tratar da liberdade dos escravizados”. Afirmavam que tal “liberdade” era “por muito” aguardada (“que esperamos por ela”) e completavam: “O nosso desejo é por todos e não fazer mal a ninguém”. Os escravizados reivindicavam sua alforria, ameaçando invadir mais vilas e povoados de Viana; “Não teremos remédio senão lançarmos mão nas armas”, diziam eles. Notificavam, ainda, que tinham “mil armas de fogo”, além de contarem com o apoio dos índios da região (“contarmos com todos os arcos dos gentios”), na “nossa defesa e da liberdade”. (Dos Santos Gomes; Lauriano; Schwarcz, 2022, p.148)

A revolta foi interceptada e violentamente repreendida, resultando na prisão de muitos revoltosos, sentenciados pelo crime de insurreição. Daniel Antônio Araújo recebeu sentença máxima de prisão perpétua.

Ao acessar as narrativas silenciadas pelo histórico colonial racista, é possível nos aproximar da potência comunicativa de pessoas de grande importância para a coesão dos quilombos Brasil afora. Os quilombos - também conhecidos como mocambos - surgiram como formas de resistência e autopreservação da população negra escravizada ao sistema colonial, mas é possível identificar processos de aquilombamento em territórios urbanos e também em ciberterritórios. Propomos aqui compreender o quilombo enquanto um processo essencialmente comunicativo e observável também em contextos virtualizados - tese que defendemos.

Dentre os delineamentos teóricos de relevância sobre o quilombo, Abdias Nascimento propõe pensá-lo enquanto categoria científica histórico-social, conduzindo ao que o autor postula de *quilombismo*. O quilombismo é uma proposta de libertação e emancipação negra na atualidade, que observa na *práxis* do quilombo ao longo dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX estratégias para “manter e ampliar a cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio e de afirmação de sua verdade” (Nascimento, 2019, p. 290).

O quilombismo proposto por Abdias Nascimento é fruto desta unidade de resistência, enxergada em Palmares, e que se funda como alternativa epistêmica não apenas em sua capacidade comunitária e de sociabilidade, mas como construção de um calço identitário criado e gerido por pessoas negras a partir do copertencimento. Mbembe (2019, p. 11), ao falar de uma noção decolonial da identidade, reforça que o pensamento social europeu insiste em reconhecer a identidade a partir do “surgimento do ser e da sua manifestação em seu ser primeiro ou, ainda, em seu próprio espelho” e não em “termos de pertencimento mútuo”, o que reforça a possibilidade de construção identitária a partir do quilombo. O quilombo

materializa no território quilombola, a conformação cultural que confere uma nova configuração da população negra ex-escravizada na diáspora.

Mesmo com toda a violência à qual eram sujeitos, os africanos trouxeram e preservaram elementos de sua cultura. Num processo de hibridação, formaram novos códigos culturais gerados pelas interações, que foram somadas à materialidade do mundo colonial e às tentativas de imposição do catolicismo de matriz europeia. (Marcelo; Cardias, 2016, p. 312)

As práticas do quilombismo extrapolam o território e reverberam nos movimentos de luta da população negra no Brasil em contextos contemporâneos. O quilombo se consagra na resistência do povo negro em unidade. Importante reconhecer que essa unidade não encontra respaldo na língua em um primeiro momento, uma vez que africanos da diáspora se comunicavam pelas línguas originárias das nações africanas às quais pertenciam. Nascimento (2019, p. 101) ainda diz que a destruição das línguas africanas obliterou a história e a memória, impedindo o principal meio de transmissão de saberes ancestrais.

A constante luta da população negra no Brasil nos leva a questionar a negação das práticas de cidadania neste território de diáspora africana. Um dos fatores que mais reverberou em uma prática precária da cidadania brasileira segundo Carvalho (2001, p. 25) foi a escravidão. Para que exista a cidadania em uma conjuntura social de Estado, o princípio da igualdade entre os cidadãos deve existir orientando o exercício dos direitos e deveres dentro da nação. A estrutura colonial exploratória que encontramos no Brasil oitocentista reflete na maneira difusa das práticas cidadãs que enxergamos nos dias de hoje "A escravidão ou a grande propriedade não constituíam ambiente favorável à formação de futuros cidadãos" (Carvalho, 2001, p. 27).

A construção de uma suposta cidadania para a população negra no período abolicionista apresentou outros elementos notáveis. Nesse contexto, as percepções de uma nova posição social das pessoas negras na sociedade foram deturpadas. No momento da promulgação da Lei Áurea, quando as perspectivas para a população negra eram extremamente desfavoráveis, era imperativo que o estatuto de cidadania fosse conferido a esse "novo indivíduo social" de uma maneira ou de outra. Amauri Mendes Pereira descreve essa situação de maneira exemplar.

[...] o escravo era (gerava) valor; com a nova legislação, ou se tornava cidadão, ou... Ter-se-ia que dar um jeito. Foi, então, "transformado" em negro (estigma recheado de negatividade, capaz de minar a assunção plena

da sua cidadania), representando o exato oposto do futuro desejado pelas elites. (Pereira, 1999, p. 06).

Esse estigma social atuou/atua de maneira tão nociva para a manutenção da noção de que a população negra não possui os mesmos direitos que a população branca no Brasil, que séculos após a abolição os reflexos de uma sociedade hierarquizada pela cor são constantemente observados. Entretanto, as estratégias de sobrevivência e resistência encontradas nos quilombos, nos orientam para a busca da cidadania através do reconhecimento do nosso corpo situado neste contexto social historicamente hostil, para nos tornar propiciadores de uma revolução individual (Manzini-Covre, 1991, p.73).

Importante reconhecer que esta "revolução individual" não nega a coletividade e seu potencial na construção da cidadania, ela aponta para o reconhecimento do sujeito-cidadão em perceber aspectos do seu desejo, para assim construir a manifestação de sua cidadania. Para que o auto-agenciamento cidadão ocorra, como sugerido por Manzini-Covre (1991), é necessário que haja uma educação para a cidadania, ou seja, que haja o reconhecimento dos fatores que estruturam de fato a existência da cidadania para os sujeitos. Uma vez que criada a consciência individual acerca da prática cidadã, a estruturação de plataformas coletivas de luta em prol desses direitos se materializa de fato. "É preciso criar espaços para reivindicar os direitos, mas é preciso também estender o conhecimento a todos, para que saibam da possibilidade de reivindicar." (Manzini-Covre, 1991, p. 73-74).

O dispositivo quilombo é criado e recriado em diversas configurações históricas, sociais e geográficas, com o objetivo de manter a unidade e a autopreservação negra. Para além da lógica rural, presente nas discussões históricas sobre o quilombo, em alguns casos o processo de aquilombamento se estende para os centros urbanos, formando comunidades que buscam por educação, saúde e trabalho nessas regiões. No estado de Goiás, é possível encontrar em algumas regiões urbanizadas, territórios de aquilombamento.

Em Goiás as comunidades quilombolas localizam-se predominantemente em áreas rurais e raramente em áreas urbanas, caso de Jardim Cascata (Aparecida de Goiânia), Tomás Cardoso (Goianésia), Nossa Senhora Aparecida (Cromínia), Antonio Borges (Barro Alto) e Vó Rita (Trindade). (Ratts; Furtado, 2010, p. 237-238).

Beatriz Nascimento (1985, p. 41) ressalta que o quilombo, essencialmente, se estrutura como uma representação histórica do negro em resistir e se organizar no espaço, portanto, a lógica de demarcação do território do quilombo é diversa dentro da dinâmica de

autopreservação e resistência negra. Em contextos mais atuais, é possível observar a dinâmica urbana que impulsiona o surgimento múltiplos centros culturais (Batista, 2019, p.411), como o espaço cultural Aparelha Luzia¹³, em São Paulo, e o quilombo cultural Orum Aiyê, em Goiânia.

No início do ano de 2023, fiz o registro fotográfico da imagem 7 no espaço Casa do Nando, que se localiza no centro do Rio de Janeiro, e é um exemplo de ocupação e resistência cultural negra. Ao acessar o espaço por uma pequena porta fui guiado ao topo de uma longa escadaria de um antigo casarão do centro do Rio de Janeiro. O espaço abrigava uma grande roda de samba rodeada por centenas de pessoas, todas elas guardavam os sambas na ponta da língua formando um coro potente que entoava as músicas em sequência.

Imagem 7: Casa do Nando



Fonte: Acervo do autor, 2023.

As paredes revelam o caminho trilhado antes mesmo da minha chegada ao chamado Quilombo Cultural Casa do Nando. Digo isso, por ter sido guiado a este espaço por sugestão

¹³ Aparelha Luzia, o quilombo urbano de São Paulo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/aparelha-luzia-o-quilombo-urbano-de-sao-paulo/>. Acesso: 22 de set. 2023

de um camarada sambista negro de Goiânia, membro do MNU, que desenha em sua memória uma cartografia afetiva orientada para o samba negro no Brasil. O processo de quilombamento é guiado pela sociabilidade e, portanto, afetividade negra.

O quilombo é um dispositivo de sobrevivência e resistência e o quilombismo se estende ao longo dos anos como uma tecnologia também reivindicativa de cidadania. Devemos enxergar a prática comunicativa do quilombo como uma tecnologia afrodiaspórica de educação para a cidadania.

2.1 O Quilombismo

Inspirado no pensamento de Manzini-Covre (1991) que versa sobre a cidadania em construção, proponho que pensemos a corrente de estudos do quilombismo gestada por Abdias Nascimento no final da década de 1970, como uma possibilidade de revolução individual e coletiva para a população negra brasileira. Para além do racismo que atua de maneira perene na sociedade, as pessoas negras no Brasil sofrem com os impactos da negação da memória de sua história e, em alguns casos, com a negação da própria história de severa exploração escravocrata do período colonial. O quilombismo emerge como uma alternativa de acesso à histórica presença negra de resistência, tendo como objetivo reestruturar as dinâmicas de sobrevivência às práticas de racismos, sobretudo o racismo institucionalizado.

A coletânea de documentos que estruturam o pensamento quilombista de Nascimento é fruto da reflexão pan-africanista que impactou a sobrevivência diaspórica negra no século XX. Em um contexto de reflexão histórica da trajetória negra no Brasil na segunda metade do século XX, o quilombismo se destaca por ser uma corrente teórica elaborada por um homem negro que estruturou ao longo de décadas de militância uma *práxis* ancestral de autopreservação negra.

Abdias Nascimento elabora os conceitos do quilombismo durante os treze anos de seu exílio (de 1968 a 1981), em que esteve sua maior parte nos Estados Unidos da América e também Nigéria. Neste período, Abdias fortalece o seu pensamento junto ao pan-africanismo e isso potencializa a elaboração conceitual acerca do quilombismo, concepção que enxerga nas dinâmicas sociais da população negra brasileira, possibilidades de impacto e influência para a população negra-africana na diáspora.

Considerarei o alcance da real contribuição de um livro como este ao conhecimento recíproco na trajetória histórica dos afro-brasileiros e de seus irmãos do mundo africano. Nessa espécie de balanço, pesou a clamorosa ausência de informação sobre o negro brasileiro, tanto aqui nos Estados Unidos como, sem excessão, entre africanos de idioma inglês. É verdade que alguns estudiosos norte-americanos, quase todos brancos, têm publicado trabalhos que focalizam o negro no Brasil; o mesmo pode ser dito em uns quantos brasileiros, literatos ou cientistas sociais, também brancos. (Nascimento, 2020, p. 33)

No ano de 1980, Nascimento participou do II Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado no Panamá (Imagem 8), e neste momento apresenta as principais configurações do quilombismo. Na ocasião, o intelectual negro aponta os delineamentos que estruturam a lógica do quilombismo, que se constitui em paralelo à estrutura epistêmica de Molefi K. Asante (1980) sobre a afrocentricidade.

Imagem 8: Abdias Nascimento no 2º Congresso de Cultura Negra das Américas, no Panamá (1980)



Fonte: acervo Ipeafro, 2023.

O pensamento de Nascimento se estrutura de maneira fundamental na corrente do pan-africanismo, o que determina que pensemos no quilombismo como uma prática que pensa a experiência negra-africana no Brasil como um caminho para a liberdade e dignidade humana das pessoas negras-africanas em diáspora em qualquer parte do mundo (Nascimento, 2020, p. 33). Para tanto, é necessário reconfigurar o modo de pensar as estruturas sociais que tanto prejudicaram a população negra brasileira. Nascimento (2020, p. 286), então, propõe que enfrentemos a *intelligentsia* colonial e eurocêntrica que utiliza de uma pretensa teorização científica para reafirmar a inferioridade social e biológica da população negra-africana.

A construção do saber a partir da ótica eurocêntrica, nos revela que as presunções científicas, as quais são tidas como verdades históricas, são estabelecidas a partir de um viés que busca constituir a manutenção de privilégio da narrativa do opressor. Nunca existiu uma relação cordial e humanizada entre casa grande e senzala! No Brasil existe sim uma linha de cor que diferencia negros e brancos! A violência policial é uma forma de continuidade do genocídio negro e um artefato da necropolítica!

A negação de pretensas afirmações científicas que orientam a *práxis* social hegemônica é uma forma de reordenar o caminho histórico que há muito foi sedimentado pela branquitude na manutenção de seus privilégios. O autor complementa dizendo que "Uma ciência histórica que não serve à história do povo de que trata, está negando-se a si mesma" (Nascimento, 2020, p. 287).

O quilombismo procura reorientar os caminhos sinalizados para a população negra brasileira ao questionar a estrutura social vigente. Não há possibilidade de vislumbrar liberdade plena com adaptações à matriz capitalista e classista, por exemplo. Pensar em uma estrutura científica que reconfigure as noções históricas e práticas da população negra em diáspora a partir da matriz do quilombo se consolida como uma proposta sobre a "*intelligentsia*" quilombista.

Esse modo de pensar a partir do quilombo refuta a matriz estruturante econômico-sócio-psico-cultural da sociedade, porque enxerga para além da *intelligentsia* brasileira. O círculo intelectual latino-americano elaborou/elabora sobre questões de raça e etnia a partir de um recorte luso-hispânico, que se distancia e muito das faces reais do racismo no Brasil. Nascimento (2020, p. 171) aponta Cassiano Ricardo, Darcy Ribeiro, Nina Rodrigues e Gilberto Freyre como elaboradores de uma equivocada teorização sobre raça no Brasil.

Nunca se viu tanto desperdício verbal para justificar a opressão racista-genocida, pois aí está muito claro: os quistos minoritários hispano-portugueses nas Américas, ainda hoje manipulando o poder, temem e não admitem as aspirações autonomistas das nações índia e negro-africanas. (Nascimento, 2020, p. 177)

Compreendendo a forma de reconstituição social através do quilombo, alternativas possíveis para garantir a sobrevivência com dignidade da população negra-africana em diáspora devem ser empreendidas. Durante sua trajetória em vida, Abdias Nascimento utilizou das artes plásticas, da dramaturgia com o Teatro Experimental do Negro, da sua expressiva prática acadêmica e da política como plataformas da sua prática-reflexiva quilombista.

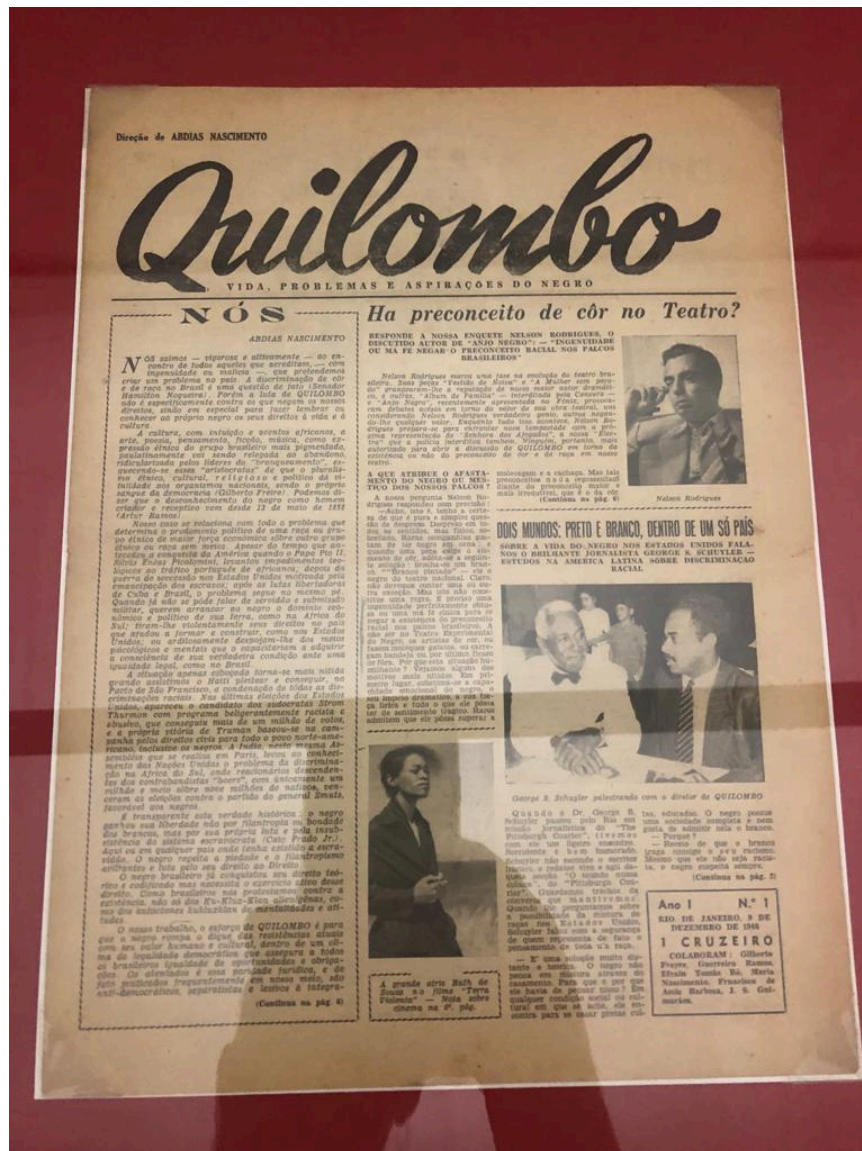
As imagens 9 e 10 que seguem, foram registradas por mim na exposição "Abdias Nascimento: um artista panamefricano", em 2022, no MASP. Através delas é possível acessar o acervo da memória de Abdias ao longo dos anos. As produções literárias, encartes de peças do Teatro Experimental Negro, folhetos de congressos e fotografias, possibilitam visualizar uma trajetória orientada para a prática e reflexão quilombista afrocentrada. O conceito do quilombismo materializado em uma *práxis* de resistência acompanhou as elaborações vividas por Abdias até o dia de seu encantamento, de sua passagem para o encanto, em 2011.

Imagem 9: Coletânea das produções e ações de Abdias Nascimento



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022.

Imagem 10: fotografia da capa da primeira edição do Jornal Quilombo (1948)



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022.

Trago atenção para a imagem 10, uma fotografia da capa da primeira edição do jornal Quilombo, publicada no ano de 1948. Podemos visualizar no topo esquerdo da capa, que este jornal é dirigido por Abdias Nascimento e ao acessar a publicação no acervo digital do portal Ipeafro¹⁴, é possível reconhecer aspectos sobre cidadania em construção ressaltados em Manzini-Covre (1991).

A interface comunicativa que se materializa neste periódico assume um importante papel ao trazer à superfície temas sobre literatura, teatro e religiosidade negra. A publicação das práticas afrocentradas neste periódico revela a capacidade em fomentar a unidade negra,

¹⁴ Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/>. Acesso em: 15 set. de 2023.

estabelecendo uma *práxis* comunicacional quilombista. Neste sentido o quilombismo se estabelece como uma tecnologia afrocentrada de sobrevivência negra em que os valores enxergados na experiência negra quilombola devem subverter a estrutura colonial racista que ainda nos persegue na diáspora.

2.2 O quilombo comunicacional

Observar o quilombismo/quilombo a partir de um viés comunicacional estimula o tensionamento com epistemologias comunicacionais que encontram na linguagem estruturada um caminho isolado para a comunicação. Apesar de, com o passar do tempo, a linguagem oficialmente instituída para toda a população brasileira ser o português, traços de comunicabilidade ancestral são identificáveis, oriundos do aquilombamento.

A consonância de uma identidade comunicacional que converge, a partir do encontro de pessoas negras ao aquilombar-se, é capaz de estabelecer fortes elos extralinguísticos, como Ciro Marcondes Filho afirma, que “há tantas coisas que se sente e as palavras são tão pobres, estão aquém, infinitamente da tradução de todo esse mundo interior. As imagens só passam um rastro, uma imagem apagadiça do que sentimos e pensamos” (2004, p. 95). O eixo quilombo/identidade/comunicação aqui observado, propõe pensar a capacidade comunicacional do quilombo a partir da identidade negra, observando a resistência como uma categoria importante que sustenta essa relação.

Para reforçar o viés epistemológico comunicacional abordado neste trabalho é importante evocar as distinções propostas no campo. Quando enxergamos as múltiplas possibilidades para propor um caminho teórico para a comunicação, reconhecemos que o campo comunicacional não se concentra apenas a partir da noção de interfaces, “[...] mas um campo em que a interface é constitutiva. Em outras palavras, a comunicação seria um campo de interfaces que abrigaria especificamente o estudo das interfaces” (Signates, 2015, p. 146).

Isso não quer dizer que, epistemologicamente, a comunicação tenha que se constituir independente dos fenômenos observados em outros campos, mas sim em reconhecer que é preciso se ater ao processo comunicacional que existe na esteira dos estudos da sociologia, antropologia, filosofia, psicologia e linguística. Dentro do campo da comunicação podemos enxergar diferentes abordagens epistemológicas que estimulam pensar o objeto de pesquisa como genuinamente comunicacional.

Na busca por definição de uma teoria geral, Niklas Luhmann (1997) apresenta sua teoria sistêmica e propõe uma abordagem comunicacional fruto de uma formação

essencialmente interdisciplinar, que busca em diferentes fontes alternativas de construção metodológica uma proposta teórica universal. A proposição de uma sociedade baseada em sistemas complexos fechados autopoieticos, que trocam informações entre si para sobreviverem, encontra respaldo em percepções e observações que extrapolam as ciências humanas e se entremeiam na física e na biologia.

Alguns teóricos buscam desvelar diferentes abordagens epistemológicas, contribuindo para a sedimentação do campo comunicacional. A partir destas é possível avançar no reconhecimento das pesquisas que constroem, de fato, um objeto especificamente comunicacional. Ciro Marcondes Filho (2004, p. 88), partindo de teses que questionam as possibilidades comunicacionais, refuta o pensamento construído por Luhmann e questiona a rara evidência comunicacional por meio das trocas sistêmicas. “Mas Luhmann encara os ‘sistemas’, homens e mundo como mônadas isoladas. Nesse caso, o conceito de carne de Merleau-Ponty é mais feliz: o mundo entra em nós e nós no mundo. É o oposto de Luhmann.”.

Ao pensar as noções comunicacionais evocadas em Marcondes Filho (2004), reconhecer o quilombo como fruto de um processo comunicacional se torna possível, tendo em vista que ele aponta os processos comunicacionais como uma interação possível, fruto de trocas e experiências que se potencializam a partir de um universo compartilhado.

Orientado pelos olhares destas e destes autores, proponho pensar o aspecto comunicacional desta pesquisa a partir da noção de que “Comunicação é efetivamente interação, pela qual surge algo de verdadeiramente novo; nós não somos meros observadores de outros sistemas fechados” (Marcondes Filho, 2004, p. 88). A efetividade de um processo essencialmente comunicacional se dá a partir da troca mediada pela experiência.

A partir disso, propomos pensar o quilombo como resultado de um processo comunicativo em que as pessoas envolvidas articulam as capacidades de sociabilidade e coesão coletiva. O processo de reterritorialização quilombola é resultante desse processo comunicativo e enxerga na materialidade do território, o único espaço possível para que as práticas culturais se efetivem. A autopreservação se firma como reflexo desse processo comunicativo potente, capaz de constituir unidade e força que possibilitou a presença significativa do povo preto nos territórios amefricanos, construindo cidadania.

2.2.1 Sociabilidade

Complexas estruturas comunicativas compuseram o surgimento e a manutenção dos quilombos durante décadas de existência. Essas conexões estabelecidas geraram uma sociabilidade alternativa de resistência e autopreservação comunitária. Observar o quilombo como uma rede de sociabilidade ainda em períodos coloniais implica em compreender os elos comunicativos que construíram potentes conexões entre pessoas negras aquilombadas.

As estratégias para o agrupamento de pessoas negras estabeleceram uma unidade coletiva, comunitária e autossuficiente. Mesmo não havendo muitos registros sobre a formulação dos quilombos, era uma realidade o retorno de pessoas negras aquilombadas para vilas de onde haviam fugido para dar coordenadas às pessoas negras ainda em situação de cativo.

Em tempos de um enfraquecimento econômico local, as vilas escravistas não conseguiam estabelecer uma vigilância efetiva entre as pessoas escravizadas (Carneiro, 2019, p. 39). Então, em alguns níveis, era possível que pessoas negras retornassem para comerciar artigos manufaturados e também para estabelecer coordenadas de fuga para que pessoas escravizadas ainda em cativo conseguissem “tomar o caminho da floresta”. Esta rede estabelecida pela necessidade de se preservar e apresentar alternativa à desumana forma de exploração escravista se expandiu, possibilitando a conformação de quilombos com milhares de pessoas.

Luísa Mahin, mulher negra africana escravizada de ascendência nagô, era conhecida liderança nos levantes que aconteceram na Bahia no século XIX. Caso o levante dos Malês¹⁵ não tivesse sido sufocado, Luísa seria reconhecida como Rainha da Bahia. Luísa emerge como importante ícone de relevância histórica para o levante, mas também pela sua brilhante capacidade estratégica comunicacional, orientada pela pulsão de resistência quilombista. Quituteira, Luísa carregava em seus tabuleiros mensagens e coordenadas escritas em árabe¹⁶ sobre os próximos passos a serem articulados pelas frentes de luta.

¹⁵ Aprofundaremos sobre o levante dos Malês no capítulo que segue.

¹⁶ "Malê deriva da expressão *imalê*, que em iorubá designa negros muçulmanos, que sabiam ler, escrever e falar o árabe, língua desconhecida no Brasil – embora não seja possível precisar o número dos participantes que dominavam tal conhecimento quando a revolta eclodiu. A escrita em árabe, no entendimento da historiadora Luciana da Cruz Brito, ocupa “lugar central na interpretação do levante”. Naquela época, a religião muçulmana, em um país extremamente católico, expandia-se entre os africanos que viviam na Bahia, e seus devotos deveriam ler o Alcorão." Disponível em: <http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/artigos/11808-revolta-dos-mal%C3%AAs>. Acesso em: 8 de ago. 2022.

A trajetória de resistência de Luísa exemplifica e afirma o potencial comunicativo que é estruturante para a existência do quilombo e para a articulação de guerrilhas de resistência negra. A partir das práticas de Luísa que disseminaram as coordenadas às suas companheiras e aos seus companheiros insurgentes, a capacidade de sociabilidade negra em prol da resistência é notória. O potencial do quilombo como uma prática comunicativa é a chave conceitual que nos guiará para a construção desta tese.

A imagem 11 é uma representação de Luísa Mahin, desenvolvida pelo artista Dalton Paula, em sua série de obras Retratos. A representação visual de Luísa Mahin recebe em tela tinta óleo e folhas de ouro 22 quilates, que são gentilmente afixadas no cabelo de Mahin na pintura. Para além de uma representação sagrada da cabeça, que recebe uma atenção central nas práticas e tradições negras, é possível perceber o lugar de importância histórica que Paula institui ao retratar os personagens desta série.

Imagem 11: Luísa Mahin, Dalton Paula (2020)



Fonte: Site do artista Dalton Paula, 2022.¹⁷

¹⁷ Disponível em: <https://daltonpaula.com/portfolio/retratos/>. Acesso em: 24 de jun. 2022.

Assim como observado em tempos de formação de quilombos, a construção de pontes comunicativas para a autopreservação negra é um aspecto que se desloca no espaço-tempo colonial e se materializa em contextos contemporâneos - tendo em vista os contextos hostis e racistas que a população negra em diáspora continua a enfrentar. A unidade e autopreservação estimulada pela sociabilidade negra vista na origem dos quilombos se reestrutura em genuínos coletivos de resistência física e cultural afro-brasileira - uma das formas da herança da resistência se perpetuar.

Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os "ilegais" formam uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática da libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino de quilombismo. (Nascimento, 2019, p. 265)

Neste trabalho levamos em consideração o potencial de sociabilidade estimulado por aspectos culturais, sociais e históricos de populações negras dispersas na diáspora. Há a necessidade de reforçar que este elo é estabelecido de uma maneira mais complexa entre pessoas negras na diáspora, evitando qualquer tipo de essencialismo biológico ou genético que seja incitado como possibilidade de conexão que acompanhe a marca da diferenciação (Hall, 2003, p. 345).

A possibilidade de sociabilidade entre pessoas negras na diáspora não é fruto de uma relação observada no *circuito comunicativo* do espaço, na ordem institucional do Estado-Nação moderno, que estimulou populações dispersas a “sincronizar elementos de suas vidas culturais” (Gilroy, 2001, p. 20). A noção de espaço para populações diaspóricas é distinta, como apresenta Gilroy. Estimula algo para além de uma sincronia mediada pelas semelhanças culturais, estimula uma troca efetiva que não é de mão única. Esta noção de troca, ou diálogo, é base estruturante para o processo comunicativo em sua essência.

Encontrar na identidade negra aspectos contraculturais que estabeleçam uma unidade não homogeneizante entre pessoas negras é a estratégia possível para resistir a uma sociedade estruturalmente racista. Desta forma, pensar no quilombo enquanto uma episteme comunicativa que estabelece vínculos identitários e possibilidades de resistência é um dos objetivos por nós perscrutados.

Ao observar o contexto das redes de sociabilidade virtualizada, com suas possibilidades de interação em espaço digital, não nos parece possível reconhecer essas redes como um espaço democrático para as diferenças (Lévy, 2007). “É algo que não parece possível, pois ‘raça’ é importante no ciberespaço, precisamente porque não podemos evitar de levar conosco nosso conhecimento, experiências de vida e valores pessoais quando nos conectamos” (Kolko et al., 2000, p. 5).

A compreensão do Ciberterritório como um espaço que reproduz as lógicas estruturalmente racializadas e racistas pode ser identificada quando observamos o “racismo à brasileira”. Esta expressão se refere ao pensamento que propõe ser o Brasil um país onde exista democracia racial e se relaciona com a percepção do ciberespaço como um território democrático (Trindade, 2020, p. 33). Uma vez que compreendemos o espaço virtualizado como um território, e que historicamente territórios são espólios de disputas de poder e narrativas, não podemos lê-lo como ambiente neutro ou para todos. Sabemos que os detentores dos territórios na perspectiva colonial são da hegemonia branca e patriarcal. Entretanto, as lógicas de resistência que transversalizaram os territórios coloniais e estabeleceram quilombos através da sociabilidade (Nascimento, 2019) propuseram para a população negra em diáspora a ação de reivindicar, ocupar e reterritorializar os espaços - inclusive os virtualizados.

2.2.2 Reterritorialização

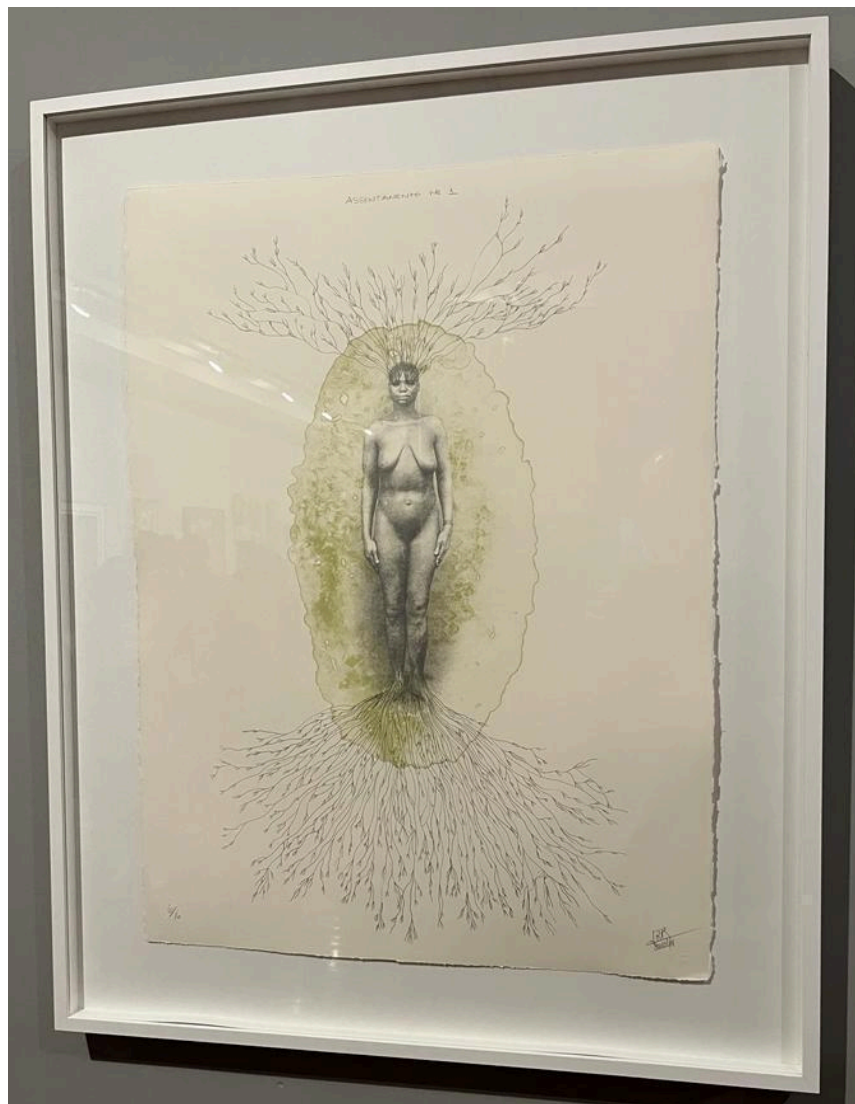
A reterritorialização é um aspecto importante ao pensar o quilombo e também para compreender a lógica constitutiva do quilombo comunicacional. Conceitualmente estabelecido pelo pensamento quilombista em Nascimento (2019), essa necessidade prática parte da demanda dos povos em diáspora em reivindicar o próprio espaço, ocupando novos territórios para expressão de suas identidades étnicas. Para discutirmos sobre reterritorialização, precisamos primeiro compreender o processo de desterritorialização. Por isso é importante remontar ao período escravista e colonial do Brasil.

A desterritorialização foi aspecto marcante no processo diaspórico negro para a população escravizada naquele período. Pessoas negras de diferentes etnias foram retiradas de forma forçada de seus territórios em África, onde as práticas culturais que demarcavam suas identidades eram materializadas.

Na obra artística intitulada "Assentamento N.1" (imagem 12), a artista plástica Rosana Paulino expressa o processo de refixação e restabelecimento de residência da

população negra escravizada neste novo território. A fotografia foi tirada por mim, na exposição "Um defeito de cor" no Museu de Arte do Rio (MAR), em janeiro de 2023. Na obra é possível observar uma mulher negra nua, uma mancha verde produzida através da litografia e ramificações que se manifestam a partir dos pés e também dos olhos desta mulher.

Imagem 12: Assentamento N.1, Rosana Paulino (2012)



Fonte: acervo pessoal do autor, 2023.

Esta representação proposta por Rosana Paulino traz ao centro uma mulher negra escravizada no Rio de Janeiro. A fotografia utilizada por Paulino foi encomendada em meados do século XIX, por Luiz Agassiz (Machado; Huber, 2010, p. 86), um cientista supremacista branco. A reconfiguração da narrativa acerca da mulher negra - que pelo olhar de Agassiz despoja da fotografada qualquer aspecto cultural e identitário - propõe que

observemos a complexidade de uma mulher negra que se assenta em um novo território, se fixando e alterando o território com sua presença e cultura.

Extraíndo e nutrindo este novo solo com sua capacidade subversiva da colonialidade, a protagonista expressa o real aspecto do processo de reterritorialização. É possível observar a teia de ramificações que se expande, fixando cada vez mais as raízes e galhos que brotam desta mulher. Essa sólida ramificação revela também uma profunda capacidade de fixação cultural negra durante os séculos de repressão colonial.

Em um contexto de exploração da mão de obra escravizada em amplo território colonial brasileiro, as práticas de resistência negra característica dos quilombos enxergavam na apropriação territorial um caminho possível para a liberdade. Era impossível coexistir nos mesmos territórios de Brasil com a população brasileira branca colonial sem a sobredeterminação escravocrata dos corpos negros. Em um contexto de país com amplo território ainda inexplorado, a única possibilidade enxergada para a emancipação negra no período colonial era se aquilombar em localidades não conhecidas pela coroa portuguesa.

A necessidade de reterritorialização pressupõe o reconhecimento da importância da reivindicação de territórios para as comunidades quilombolas desde o período escravista/colonial até os dias atuais no Brasil. Os vínculos entre território e autodeterminação de identidade tem um grande impacto para a construção da identidade étnica para a população quilombola no Brasil. Durante os vários séculos de exploração da mão de obra escravizada o surgimento e estabelecimento dos quilombos em áreas rurais se tornou uma realidade em todo o território da nação. Entretanto, o reconhecimento dessas comunidades que propunham uma possibilidade alternativa de sociabilidade, ritualidade e tradições, só se tornou concreta a partir do artigo 68, da recente Constituição Federal do Brasil, estabelecida em 1988.

No Brasil, a luta pela reivindicação da identidade quilombola é uma realidade ainda atual, onde *comunidades tradicionais* resistem cotidianamente ao interesse dos grandes proprietários de terra, que visam a produção de monocultura. A lógica da terra como propriedade privada é um reflexo da compreensão capitalista de território, onde os produtores rurais pressionam a desapropriação das comunidades, bem como a violação de áreas de mata preservadas, onde valorizam a lógica da “terra de negócio” em detrimento da “terra de trabalho” como explicita Martins (1991, p. 43). Essa lógica reforça a prática da infinitiva necessidade hegemônica em desterritorializar, o que implica em uma violência que, de maneira recorrente, tem o objetivo de invalidar a existência quilombola em território brasileiro.

Schmitt; Turatti; Carvalho (2002) exemplificam essa relação contemporânea de reivindicação territorial por comunidades quilombolas do Vale do Ribeira que sofreram tentativa de expropriação, e foram impactadas estruturalmente pelo interesse dos grandes produtores rurais.

Por exemplo, no caso de bairros rurais negros do Vale do Ribeira, a necessidade de lutar contra fazendeiros e grileiros e contra a construção de barragens ao longo do rio Ribeira de Iguape, que inundariam diversas comunidades, deixando algumas totalmente submersas, levou muitos desses bairros à construção da identidade de negros e quilombolas, em decorrência do artigo 68. A identidade quilombola, até então um corpo estranho para estas comunidades rurais negras, passa a significar uma complexa arma nesta batalha desigual pela sobrevivência material e simbólica. (Schmitt; Turatti; Carvalho, 2002, p. 4)

Mesmo com a determinação territorial lavrada constitucionalmente, incessantemente as tentativas de desvincular comunidades quilombolas de seus territórios acontecem. Ocorrem, sobretudo, pela manutenção de um *modus* coronelista de gestão do espaço rural. Ao observar esta batalha histórica para reconstruir a partir da terra a possibilidade de ocupação de espaços físicos e simbólicos, enxergamos que a lógica de reterritorialização empreendida pelo quilombismo se faz possível em outros terrenos onde a sociabilidade negra pode e deve existir. A reivindicação de espaços de expressão cultural se estrutura como uma possibilidade comunicativa, e isso se atualiza ao pensarmos em diferentes plataformas midiáticas.

Especificamente em territórios digitais, as conexões entre usuários remontam uma sociabilidade de modo virtualizado. A percepção dessas interações, em um primeiro momento, era tida como livre de qualquer prática desigual estimulada pelas noções de diferença. Entretanto, também em contextos virtualizados principalmente com as redes sociais digitais, as práticas de sociabilidade irão ser transversalizadas pelas subjetividades e diferenças. Isso implica que desigualdades também serão observadas em espaços virtualizados.

As assimetrias serão mediadas pelo olhar hegemônico dos fundadores e idealizadores destas redes - imbricados desde a lógica de produção algorítmica das plataformas. As práticas desiguais se estendem nas interações de usuários de maneira desvelada. Em reação à estrutura e práticas racistas no espaço virtualizado, pessoas negras se organizam e se autoprotegem. É neste último ponto que a comunicação quilombista em rede se materializa como uma frente de resistência digital. Desta forma a reterritorialidade também é possível de ser observada em espaços de interação e comunicação virtualizada. Propomos, então, compreender o

ciberespaço como um território onde as disputas simbólicas privilegiam narrativas hegemônicas e promovem violências às contra-narrativas que performam dissidência ao padrão hegemônico.

Sendo assim, é possível prosseguir pensando em tais condicionantes históricas, porém, buscando compreender as mutações dos sentidos da comunidade negra se aquilombar, de construir novos territórios de sentido. Não necessariamente em um lugar físico, correspondente a um território, mas na perspectiva de valer-se das expressões horizontalizadas e atomizadas das redes digitais, não como fragmentação e como desterritorialização, mas como reconexão identitária e vinculação, segundo uma lógica de sentido e de partilha em comum. (Dos Santos; Da Silva, 2019, p. 77)

O ciberespaço é território privilegiado para a branquitude quando observamos sua origem no Vale do Silício, Califórnia (EUA), e em práticas possibilitadas a partir do acesso à internet e aos bens tecnológicos no Brasil. A lógica de construção do ambiente virtual, bem como as possibilidades de sociabilidade que são propostas neste ambiente, em certo nível estimulam que as relações se estabeleçam em outra dimensão, que não a física. Entretanto, ao pensar no número de usuários que circulam em redes de sociabilidade virtualizada é importante reconhecer que a reprodução de construções sociais racializantes que existem fora das redes irão existir também em âmbito virtual.

2.2.3 Autopreservação

A proteção entre quilombolas é algo que está presente desde a concepção e estruturação do quilombo se estendendo nas práticas cotidianas de manutenção da existência alternativa do coletivo. O instinto de autopreservação negra é reflexo de um processo quilombista de perpetuação negra e reflete nos movimentos de resistência negra que sucederam aos quilombos.

A capacidade de sobrevivência quilombola à estrutura colonial escravista é reflexo da autopreservação negra que só se torna possível através do processo essencialmente comunicativo inerente aos agentes comunicativos do quilombo. A viabilidade de uma continuidade de existência possível é reflexo da unidade comunitária vista na estrutura do quilombo.

Todo historiador é um conversador e um sonhador em busca deste continuum, digamos mesmo ser esta a nossa meta enquanto estudiosos do processo do homem no planeta. (...) A continuidade seria a vida do homem -

e dos homens – continuando aparentemente sem clivagens, embora achatada pelos vários processos e formas de dominação, subordinação, dominância e subserviência. Processo que aconteceu, ao longo desses anos, com aqueles que, em nossas abstrações, se englobam na categoria de negros. (Nascimento, 2018, p. 254)

O instinto de autopreservação dentro do quilombo proporcionou a perpetuação de um *continuum* histórico, mesmo sob eventuais ataques destas estruturas pelos sistemas de vigilância colonial. A capacidade de manutenção e sobrevivência proporcionada pela autopreservação negra é algo que estimula o nosso olhar acerca do poder comunicativo do quilombo. Reafirmamos os elos estabelecidos no quilombo comunicacional pela urgência em existir expressa pelos sujeitos comunicacionais, reconhecendo que "Comunicação demanda vida, sendo que nossa agência no mundo atesta ainda o seu caráter profundamente mobilizador" (Dias, 2020, p. 90).

O principal elo comunicativo - para além das experiências compartilhadas, convergências das subjetividades discursivas e identificação - era a urgência em sobreviver ao sistema escravista que objetificava a existência - ou a não existência - de corpos negros. O estímulo pela autopreservação é um elo que extrapola as sólidas estruturas do quilombo, atravessando a história negra em território colonial, sendo a marca presente neste *continuum*.

Avançando principalmente em movimentos de resistência e autopreservação negra do Brasil no século XX, a unidade estimulada pela autopreservação originária do processo de quilombamento é algo que permanece. Observamos estas marcas de autopreservação nos movimentos sociais do início do século XX e também nos movimentos que reconhecemos como contemporâneos e de base acadêmica.

Partindo da autopreservação negra que se estrutura através de elos comunicativos, propomos reconhecer em ambientes virtualizados as práticas enxergadas no quilombo. A partir das práticas do *Black Twitter*, observar os movimentos de autopreservação negra nos ajudará a reconhecer a comunicação quilombista em rede.

3. SANKOFA - MOVIMENTOS NEGROS NA DIÁSPORA AFRICANA

Imagem 13: Sankofa, n.2: resgate (Adinkra Asante), Abdias Nascimento (1992)



Fonte: Fotografia de autoria própria na Exposição Abdias Nascimento: um artista panameficano, 2022.

A imagem que abre esta seção do trabalho é uma pintura de Abdias Nascimento intitulada Sankofa, n. 2 (Adinkra Asante). A simbologia do pássaro que retorna a sua cabeça para a calda faz parte do conjunto de ideogramas reconhecidos como adinkras da cultura Akan, presente nos territórios que hoje chamamos de Gana e Costa do Marfim.

A autora ganense do livro *"The Copyright Thing Doesn't Work Here"*, Boatema Boateng (2011, p. 126) sinaliza que, o símbolo Adinkra Sankofa significa retornar ao passado para colher o que ficou esquecido. A perspectiva apontada por Boateng (2011), dialoga de forma certa com a discussão proposta aqui, neste capítulo. A existência do elã ancestral possibilitou a reconstrução de uma unidade de resistência aos regimes escravistas e, em contextos recentes e contemporâneos, estimula a articulação de movimentos de autopreservação negra.

Os movimentos de resistência negra se fazem em contextos geográficos diferentes na diáspora africana, entretanto a necessidade de enxergar um *continuum* histórico por meio da autopreservação (Nascimento, 2019, p. 254) é um eixo comum entre os diferentes

movimentos negros que se espalham, principalmente, pelos territórios das Américas. Esta reação de autopreservação surge a partir da necessidade de sobrevivência física, mas, sobretudo, como uma pulsão de perpetuação da existência e memória ancestral de África.

É preciso reconhecer que esta pulsão de resistência e autopreservação existe a partir de uma lógica de apagamento histórico colonial impulsionado pela estrutura escravista vigente e, por conseguinte, pela construção de um sujeito racialmente marcado. Nesta tese buscamos avançar na discussão sobre a experiência racializada negra no Brasil e nos Estados Unidos, com o objetivo de compreender os contextos de surgimento dos movimentos de resistência negra em ambos os países. Para isso, se faz necessário escavar historicamente os diferentes níveis de reconhecimento do sujeito racializado.

Achille Mbembe (2019, p. 27), ao apontar e reconhecer a diferenciação que leva as desigualdades pautadas pela raça explícita que a representação racial construída é primária, imperfeita, inadequada e que apresenta, quando observada em profundidade, "um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbação do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, catástrofes". É impossível pensar na divisão racial sugerida em perspectiva antropológica ou genética a dissociando da existência do racismo que lhe é inerente.

A construção social da raça passa, também, pela formulação de cadeias de manutenção de poder. Desta forma, é possível observar a ávida necessidade de postular mitos de superioridade racial (Mbembe, 2019, p. 29) que justifiquem a permanência da conjuntura colonial. Said (2007, p. 91) ao falar do oriente como invenção do ocidente aponta como arbitrária a construção universalizante do que se entende como "nosso" e "deles" que se funda na separação colonial de demarcação territorial. Stuart Hall (1996a) aponta a dicotomização *West/Rest* enquanto uma possibilidade de diferenciação que irá distanciar o sujeito "ocidental", tido como polido e civilizado, do sujeito "oriental", tido como sem significância e assujeitado, suscetível à colonização.

Neste sentido, Costa (2006), com o intuito de localizar a diferenciação que distancia o oriente do ocidente, reforça que "o oriente do orientalismo, ainda que remeta vagamente, um lugar geográfico, expressa mais propriamente uma fronteira cultural entre um nós e um eles, numa relação que produz e reproduz o outro como inferior" (Costa, 2006, p. 86). Na busca por apresentar uma ideia global de raça, Denise Ferreira da Silva (2007) reconhece a divisão racial enquanto uma "Fabricação Científica" que existe apenas para uma divisão colonial estando distante assim de reconfigurar a historicização ou mesmo de universalização das populações racializadas.

Embora produtivo, esse gesto inclusivo encheu a política de reconhecimento com inúmeros sujeitos históricos desfilando e gritando suas diferenças culturais. Mostrou também que ter uma “voz”, ser ouvido como um “eu” subalterno e transparente não dissipa os efeitos da racialidade. (Da Silva, 2007, p. 345, tradução nossa)

Há um intenso e incessante esforço, que tem sua origem na estrutura colonial, para a subcategorização da raça enquanto fator de diferenciação, e, em resposta, é possível observar as reações coletivas de resistência negra que se desenvolveram ao longo do tempo. Nesta tese, o recorte analítico se limita aos processos de resistência negra observados no Brasil e Estados Unidos. Enxergo nestes dois países uma possibilidade construção conceitual pan-africana, tal como na elaboração conceitual do quilombismo de Abdias Nascimento. O elo analítico estabelecido por Nascimento entre países amefricanos, sobretudo entre Brasil e Estados Unidos, viabiliza uma construção teórica que considera a diáspora africana. Também considero os dois países por serem os países do continente americano com o maior número de usuários na plataforma *Twitter*.

Apesar das semelhanças que justificam o eixo analítico desta pesquisa entre os dois países, é importante também ressaltar que Brasil e Estados Unidos possuem processos de racialização distintos e também possuem mobilizações de resistência negra que se articulam em diferentes contextos históricos e sociais. Ainda que estas diferenças possibilitaram experiências diferentes na formulação dos movimentos sociais é possível observar algumas semelhanças também em contextos atualizados de ativismo virtualizado.

Práticas discursivas surgem para amplificar o reconhecimento social acerca de diferentes percepções construídas. Uma delas é a noção de subjugamento de pessoas negras como cidadãs de segunda ordem. Em contexto de Brasil as práticas discursivas que carregam o racismo de maneiras sorrateira e persistente encontram respaldo no mito da democracia racial, que se entremeia na percepção coletiva quatro décadas após a abolição da escravidão no Brasil.

O Mito da Democracia Racial, que sugere o entendimento do Brasil como uma pátria sem linha de cor ou diferenciação racial, se funda e toma forma discursiva a partir das obras literárias *Casa Grande e Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936) de Gilberto Freyre. A possibilidade da existência de uma nação, que a partir de então era tida como um *paraíso racial*, abria espaço para que as práticas de racismo se tornassem perenes e escamoteadas.

Lélia Gonzalez, intelectual negra, militante do Movimento Negro Unificado e do Movimento de Mulheres Negras, ao dar início a um de seus célebres textos "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira" aponta de maneira ilustrativa e irônica como a prática discursiva do racismo à brasileira é reproduzida e disseminada:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... **Nem parece preto.** (Gonzalez, 1984, p. 226, grifo do autor)

Na sociedade estadunidense, a subdeterminação das pessoas negras também tem suas raízes no período escravista, no qual uma parcela da população negra africana traficada para o continente americano foi enviada para ser escravizada nas plantações. O processo de subalternização da população negra estadunidense no período pós-escravidão, abolida em 1 de janeiro de 1863, estabeleceu longos anos de racismo e genocídio da população negra até os dias atuais.

Oracy Nogueira (2006, p. 292), reconhecendo as diferenças encontradas em distintos locais da diáspora africana para as Américas, reconhece que, principalmente durante o século XX, foi possível observar diversas formas de atuação do racismo entre Brasil e Estados Unidos. O autor distingue preconceito *de marca* para o racismo que atua no Brasil, que toma aspectos fenotípicos para a diferenciação, e preconceito *de origem* para o racismo que incide sobre pessoas que são descendentes de algum grupo étnico, mais comum nos Estados Unidos. Sueli Carneiro (2011) também aponta distinção entre os racismos que incidem entre EUA e Brasil, reforçando a noção exposta por Oracy Nogueira, e ainda argumenta que a diferenciação se dá pela parcela da população miscigenada e também nos complexos processos de tomada de consciência racial.

Nos Estados Unidos, onde, ao contrário do que se pensa, a escravidão também produziu uma significativa população miscigenada, definiu-se que 1/8 de sangue negro fazia do indivíduo um negro, a despeito da clareza de sua cor de pele. Aqui também definimos que 1/8 de sangue branco deveria ser um passaporte para a branquidão. (Carneiro, 2011, p. 64)

O impacto da construção social da cor (especificamente da negra) reverberou em múltiplas expressões da inferiorização da população negra em diáspora em escala globalizada. As estratégias de resistência e autopreservação em diferentes territórios, com

históricos variados de colonização, estabelecem múltiplas perspectivas acerca do racismo que incidem sobre corpos negros plurais.

Os tópicos que seguem neste capítulo têm o objetivo principal de explicitar aspectos históricos e sociais nos quais o racismo atuou, tendo Brasil e Estados Unidos, respectivamente, como focos de reflexão. Compreender as articulações negras para sobrevivência e autopreservação contribuirá para o entendimento de práticas atualizadas de resistência negra em rede.

3.1 Articulações de resistência negra no Brasil

Os movimentos de resistência negra no Brasil têm longa trajetória histórica considerando os movimentos institucionalizados, que se formaram no final do século XIX e durante o século XX, e também as mobilizações negras do período colonial que se fundaram e se articularam com o objetivo de resistência à exploração escravocrata. As articulações de resistência negra marcaram o histórico de lutas do povo preto e ainda tensionam as estruturas que estão entremeadas por racismo.

Na tentativa de acessar as múltiplas possíveis articulações negras para autopreservação, o exercício de olhar para trás para acessá-las ainda é um processo de "escavação" e eventuais descobertas. A historiografia oficial não se apresenta como fonte suficiente para pensar histórias apagadas, e propositalmente relegadas ao esquecimento, da população negra no Brasil colonial. Entretanto, a existência de uma "crônica da constante e multifacetada resistência dos africanos" (Nascimento, 1997, p. 39) é parte da história que se faz viva e latente, como aponta Abdias Nascimento em seu pronunciamento ao Senado Federal em 1997.

Fugas, suicídios, conformação de quilombos, revoltas organizadas (Campos, 2003, p. 57). Todas estas foram formas de resistência que se deram durante os séculos de exploração da mão de obra negra escravizada no Brasil.

A respeito das revoltas negras organizadas que aconteceram em diferentes territórios do Brasil, vale ressaltar, segundo Moura (1981, p. 88) entre as fugas para a mata que resultaram nos quilombos, o levante dos Malês que aconteceu entre os anos de 1807 e 1835 na Bahia, e também a revolta insurgente de Manuel Balaio, conhecida como Balaiada, que aconteceu no Maranhão entre 1838 e 1841. É necessário, neste sentido, compreender as relações entre movimentos de formação e manutenção dos quilombos em direta confluência

como o desencadeamento das revoltas acima citadas, a força política saía dos quilombos e formulava as guerrilhas (Moura, 1981, p. 89).

Os quilombos estavam fortemente presentes nos territórios de Mato Grosso, Minas Gerais, Maranhão, Goiás, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia (Moura, 1981) e onde quer que o trabalho de mão de obra escravizada estivesse. Em destaque para os maiores quilombos que se tem registro na história do Brasil é preciso citar o de Manuel Congo, localizado no território da cidade de Vassouras, no Rio de Janeiro, e também Palmares, na Serra da Barriga em Alagoas (Campos, 2003, p. 62). Importante também destacar lideranças femininas que guiavam quilombos, como Tereza de Benguela, ou Tereza do Quariterê, que liderou o Quilombo de Quariterê, na Bahia; Felipa Maria Aranha, liderança do Quilombo de Alcobaça, no Pará; Zeferina, liderança no Quilombo do Urubu, na Bahia.

Muitas dessas lideranças protagonizaram rebeliões negras urbanas. Trazendo ao foco a Revolta dos Malês que aconteceu em Salvador e Recôncavo Baiano em 1935, houve uma grande articulação entre as populações negras que viviam em configurações urbanizadas ou mesmo em territórios de quilombos. Malês eram as pessoas africanas escravizadas muçulmanas que marcaram religiosa e politicamente o território brasileiro, e a revolta ficou caracterizada pela alta capacidade de organização. Reis (1986, p. 65) aponta que durante o período, em Salvador, nos subúrbios era possível observar muitas vezes ensaios de rebeliões frutos da construção de uma vida comunitária africana desenvolvida e do enfraquecimento da repressão escravista na vida urbanizada.

As mobilizações articularam alianças entre pessoas negras escravizadas de diferentes etnias - a exemplo haussás, jejes, nagôs em rebelião datada em 1809 - o que indicava uma pluralidade étnica e cultural, o que não impedia a alta capacidade de articulação. Entretanto, dia 25 de janeiro do ano de 1935, após vinte e quatro horas de embate entre malês e a repressão policial, a Revolta dos Malês tem seu fim, com a derrota dos insurgentes. Após a brutal derrota, inicia-se um governo de grande repressão na Bahia. Na sequência, duzentas e oitenta e uma (281) pessoas escravizadas e libertas são detidas e a política de vigilância militar se intensifica com o objetivo de minar as possíveis subsequentes revoltas negras (Moura, 1981, p. 159).

Após o levante dos Malês, muitas pessoas negras que participaram da ação de insubmissão foram forçadas a deixar o Brasil, para supostamente “retornar” ao seus locais de “origem” em África. Alcione Meira Amos e Ebenezer Ayesu (2005, p. 36) explicam que há

registros¹⁸ do “retorno” de 3.000 a 8.000 afro-brasileiros para a costa da África Ocidental no fim do século XIX para territórios que hoje são chamados de Benin, Togo, Nigéria e Gana. Mônica Lima e Souza (2008, p. 18) amplia¹⁹ que “Os *agudás* do Benim, os *tábom* de Gana ou simplesmente os *brasileiros* - incluindo ainda os do Togo e da Nigéria - são resultados visíveis da formação dessas comunidades” de afro-brasileiros em África. Em Acra, capital do Gana, os descendentes destes afro-brasileiros desterritorializados ficaram conhecidos como os “Tabom”, em referência à resposta comum, em português, da expressão “Tá bom”, ante às perguntas feitas em outras línguas.

Outra insurgência ocorreu no extremo oeste da região do Nordeste brasileiro, especificamente no estado do Maranhão, Piauí e parte do Ceará, em que pessoas negras escravizadas, em conjunto com a comunidade camponesa formularam a Balaiada, também conhecida como Guerra dos Bem-te-vis. A Balaiada foi uma revolta camponesa liderada por Manuel Balaio e Preto Cosme, que encontra suas origens nos quilombos e na luta de pessoas negras escravizadas.

Incluimos a luta dos escravos do Preto Cosme neste capítulo por motivos óbvios: se aparentemente ela se assemelha a uma insurreição pela tomada de poder, e em determinados momentos afigura-se com tonalidades nitidamente voltadas para este fim, foi, no entanto, no seio de um quilombo que fermentou inicialmente, pelo menos no aspecto que nos interessa mais diretamente. (Moura, 1981, p. 89)

O contexto da revolta se caracterizou pela intensa exploração da mão de obra escravizada em função alta produção de algodão no estado, o que desencadeou uma drenagem econômica da produção que se convertia para a metrópole - Portugal - sem escoamento econômico para a população local e camponesa (Moura, 1981, p. 114). A presença negra era marcante no estado, sendo considerada 66,6% de pessoas escravizadas sobre a população livre. A articulação quilombola também atuou para as revoltas de resistência deste período, a destaque para o quilombo de Turiaçu, um dos maiores quilombos da região, que se localizava entre o Estado do Pará e Maranhão, e resistiu durante quarenta anos aos constantes ataques policiais (Moura, 1981, p. 115).

¹⁸ Cf. Sou brasileiro: história dos Tabom, afro-brasileiros em Acra, Gana. Alcione Meira Amos e Ebenezer Ayesu, Afro-Ásia, 33, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21100/13690>. Acesso em: 24 de ago. 2023.

¹⁹ Cf. Entre margens: o retorno à África de libertos no Brasil 1830-1870. Tese. Universidade Federal Fluminense, 2008. Mônica Lima e Souza, 2008. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_SOUZA_Monica_Lima_e-S.pdf. Acesso em: 24 de ago. 2023.

Preto Cosme, líder quilombola, se consagrou como o principal condutor da articulação negra neste contexto de revoltas, liderando cerca de três mil pessoas negras aquilombadas que instituem frentes de luta pelos territórios na vila da manga. Após anos de repressão por Duque de Caxias, em 1941, Cosme foi derrotado juntamente com dois mil e quatrocentos (2.400) quilombolas que foram capturados na mesma ocasião. Cosme foi levado para São Luís e enforcado.

A Bahia bem como os estados do Maranhão, Piauí e Ceará concentraram um grande potencial de resistência negra no período colonial escravista do Brasil, tornando-se grandes referências e espelhos para movimentos que se constituem séculos à frente. Avançando nos registros de movimentos de resistência negra no Brasil, no início do século XX surgem as primeiras instituições de resistência negra pós-abolição da escravidão. Neste período, a população negra vive um período de pretensa apreensão cidadã possibilitada pela Lei Áurea. Entretanto, a precariedade desta cidadania²⁰ escancarou-se pelo incômodo do Estado com a existência de uma grande população negra no Brasil.

A população mista do Brasil deverá ter, pois, no intervalo de um século, um aspecto bem diferente do atual. As correntes de imigração europeia, aumentando a cada dia mais o elemento branco desta população, acabarão, depois de certo tempo, por sufocar os elementos nos quais poderia persistir ainda alguns traços do negro. (Lacerda, 1911, p. 7)

Essa prática racista se institucionaliza como política de estado, encabeçada pelo pensamento determinista de Jean Batista Lacerda (1911). O discurso de Lacerda, enunciado há mais de um século, reflete de maneira estrutural na construção da prática racista construída no Brasil, que projeta o desejo institucionalizado de conter a população negra. Projeto este que se institucionalizou em múltiplas frentes. Ainda no início do século XX, têm se registro de uma importante revolta que marcou a história negra no Brasil: a Revolta da Chibata. Esta rebelião tem grande importância pois é fruto de resistência à Marinha de Guerra do Brasil, uma das instituições onde o comportamento escravista estava mais vivo e ativo no período pós-abolição (Moura, 1992, p. 66).

A grande maioria dos marinheiros era negra neste período e uma das formas mais corriqueiras de punição instituída entre oficiais brancos era o açoitamento, que acontecia de maneira "exemplar" diante dos outros marujos. O levante contra a Marinha ocorreu no Rio de Janeiro, liderado pelo marujo João Cândido que, após o espancamento exaustivo de mais um

²⁰ Cf. Berenice Bento. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 165-182, 2014.

companheiro, articulou a tomada dos navios da Marinha como mensagem ao Estado para a extinção do uso da chibata como prática disciplinar.

Após reuniões políticas, emite-se a resposta que extingue as punições e abusos violentos os quais remetiam aos tempos pré-abolicionistas e, aparentemente, após cinco dias de revolta os marinheiros saem vitoriosos (Moura, 1992, p. 68). Entretanto, a anistia que parecia salvaguardar os marinheiros revoltosos das violências sofridas era uma farsa. Para nos referenciar visualmente acerca do personagem histórico João Cândido, utilizo como recurso visual a imagem 14, que é uma representação artística do marujo proposta pelo artista contemporâneo Dalton Paula.

Imagem 14: João Cândido, Dalton Paula (2020)



Fonte: Site do artista Dalton Paula, 2022.²¹

²¹ João Cândido. Disponível em: <https://daltonpaula.com/portfolio/retratos/>. Acesso em: 22 de jun. 2022.

Os marinheiros, sob a liderança de João Cândido, foram acusados de conspiracionistas e enviados para a Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, como punição. A ilha foi atrozmente bombardeada, formando uma chacina. Alguns marinheiros foram despachados nas selvas amazônicas como forma de punição, enquanto João Cândido foi encaminhado para uma masmorra na Ilha das Cobras após o período de bombardeio. Anos à frente, após um período internado em hospício por ter sido considerado louco na Ilha das Cobras, o marinheiro se torna mercador de peixes. João Cândido morreu no Entreposto de Peixes do Rio de Janeiro pouco tempo depois (Moura, 1992, p. 69).

Quatro anos após o final da Revolta da Chibata em 1911, ainda em um contexto de manutenção de um pensamento anti-abolicionista e escravagista pelas instituições e por parte da população brasileira, tem-se registro do surgimento da imprensa negra paulistana e também da Frente Negra Brasileira. A imprensa negra paulistana surge como um estratégico canal de resistência negra no Brasil, articulando comunicação e resistência negra. Ela apresentou aspectos relevantes para a compreensão da lógica do quilombo comunicacional apresentado nesta tese. A imprensa negra paulistana teve grande relevância para a construção de uma autoestima negra e adensamento de uma comunidade mais coesa em prol da vida negra.

Periódicos como *O Menelike*, fundado em 1915; *O Kosmos*, fundado em 1923; e o *Clarim da Alvorada*, fundado em 1924 por José Correia Leite e Jayme Aguiar (membros fundadores da Frente Negra Brasileira anos depois) perdurou até o ano de 1950. Sodré (2007, p. 21) ao apontar que o processo essencialmente comunicacional pressupõe o compartilhamento não de uma “agremiação de sujeitos”, mas sim de “vinculação”, e de “pura abertura na linguagem”, nos leva a compreender a necessidade enunciativa negra observada nos periódicos da imprensa negra paulistana. Essa capacidade comunicativa expressa acima também é observada quando se evidenciam historicamente os processos de adesão e articulação negra que levou ao surgimento da Frente Negra Brasileira (FNB) e outros movimentos de resistência negra mais à frente.

Reflexo das articulações políticas que resultaram da imprensa negra paulistana, a FNB se funda no ano de 1931 com demandas contra a discriminação racial no Brasil, inserção política e contra a segregação racial nos espaços de circulação pública da época. De maneira organizada, o movimento articulou em vários lugares do país, e tinha José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos como fundadores, reunindo também nomes como Abdias Nascimento e Sebastião Rodrigues Alves como integrantes.

A FNB buscava articular forças políticas negras para a época. Em um contexto de crise econômica mundial, reflexo da Grande Depressão da década de 20 do século XX, que se estendeu durante a década seguinte, acredita-se que o impacto para a população negra foi avassalador, uma vez que era a camada social com os menores indicadores sociais (Ferreira, 2005, p. 50). As demandas sociais e políticas das pessoas negras eram evidentes e eram plurais. Apesar de ter um grande impacto social e histórico, a existência da FNB é alvo de questionamentos, principalmente pelas alianças estabelecidas pelos seus membros fundadores.

Um maior ou menor comprometimento deu-se conforme o envolvimento político-social, a conjuntura e a formação ideológica. Arlindo Veiga dos Santos teve participação orgânica na Ação Imperial Patrianovista Brasileira, organização conservadora de extrema-direita da qual ele foi dirigente geral durante muitos anos, concomitantemente ao cargo de presidente geral da Frente Negra Brasileira. Ou seja, a partir da articulação desses dois vínculos o intelectual-militante traçou sua trajetória. (Ferreira, 2005, p. 57)

Neste contexto, algumas críticas sobre a Frente Negra Brasileira se reconhecer como uma frente anticomunista e declarar apoio ao governo de Getúlio Vargas (Costa, 2006) surgem, bem como as críticas acerca da imprensa brasileira comunicar apenas para uma classe média negra e não sua totalidade. Em 1937, com o início da ditadura de Getúlio Vargas, a FNB tem seu fim.

Apesar das críticas - que são pertinentes - estas mobilizações de resistência negra do início do século XX marcam a histórica luta dos povos negros no Brasil. Avançando algumas décadas e reconhecendo, em um Brasil impregnado pelo mito da democracia racial, a necessidade de reivindicação cidadã para a população negra, há o surgimento do que é considerado como movimento negro contemporâneo. Na década de 70 do século XX há o surgimento de articulações negras nas universidades, entre docentes, discentes e técnicos administrativos, que marca o que Ratts (2009) denomina de movimento negro de base acadêmica. O surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU) e também o Movimento de Mulheres Negras (MMN) caracteriza essa mobilização expressa por Ratts.

A universidade, mesmo que um espaço de circulação de elites sociais brancas, serviu como uma plataforma de convergência comunicacional para as pessoas negras que iniciavam naquele momento, mobilizações negras organizadas. Reforço aqui a necessidade de reconhecimento das universidades como um espaço (ou plataforma), onde o quilombo comunicacional pode se constituir também através da sociabilidade e reterritorialidade. Desta

forma, a universidade enquanto um espaço majoritariamente de reprodução de saberes e práticas coloniais não é a base do surgimento dos movimentos negros contemporâneos, mas é também um *locus* de articulação acadêmica negra.

Sueli Carneiro (2022), articuladora e ativista do movimento negro e Movimento de Mulheres Negras, fundadora do portal Geledés e importante intelectual negra brasileira, em entrevista concedida a Mano Brown em seu *podcast* Mano a Mano²², se reconhece como intelectual não acadêmica e sim como intelectual orgânica. Esta afirmação de Carneiro demonstra que, mesmo elaborando teoricamente sobre racialidade no âmbito da universidade, ela não se considera filiada à lógica de produção científica acadêmica.

A lógica produtiva da intelectualidade acadêmica orienta para a projeção da alta cultura. Entretanto, na medida em que o desenvolvimento histórico possibilita a construção social-política de um ser não-hegemônico neste espaço de produção de alta cultura, o surgimento de um novo organismo a partir da universidade se efetiva (Gramsci, 1991, p. 177). Mesmo estando imersa na estrutura capitalista e hegemônica institucionalizada e materializada na universidade, Sueli se reconhece no conceito gramsciano de "intelectualidade orgânica".

Eu fui formada como ativista e como intelectual. Ao contrário do que diz a lenda, não foi a universidade que me formou como a pensadora que eu sou, como a intelectual orgânica que eu sou. Eu não sou produto da universidade, eu sou produto do movimento social, eu sou uma intelectual orgânica do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras. Quem fez minha cabeça foi Abdias do Nascimento, eu aprendi a pensar preto, como uma pessoa preta, lendo Abdias do Nascimento. Eu aprendi a pensar como uma mulher negra lendo Lélia Gonzalez, lendo e vendo! (Podcast Mano a Mano, 2022)

Sueli Carneiro explicita na entrevista acima que sua intelectualidade é orgânica ao movimento social. Este movimento se destaca na década de 1970, período de efervescência dos movimentos de luta pelos direitos das pessoas negras no Brasil. É um momento em que se funda a noção reconhecida de "movimento negro" no Brasil para atribuição genérica das diferentes entidades negras que se mobilizaram naquele momento (Pereira, 2010, p. 64).

O processo de luta e resistência negra coesa, enxergada nos movimentos negros da década de 70, se fortalecem a partir de uma longa trajetória marcada por mobilizações dos movimentos negros do contexto pós-abolição, portanto no período de Brasil República.

²² Mano a Mano recebe Sueli Carneiro. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrmog0RkUnCPr>. Acesso em: 09 de ago. 2022.

Petrônio Domingues (2007, p. 102) revela que a raça será sempre o aspecto que estimula uma convergência dos ideais de mobilização negra, e claro a mitigação do preconceito racial será a bandeira de maior valor. O autor ainda estimula que pensemos os movimentos negros em três momentos históricos. Reconhecendo a primeira fase, que se inicia em 1889 e termina no ano de 1937 (Domingues, 2007, p.102), foi marcada pelo surgimento dos clubes negros, da Imprensa Negra Brasileira e também da Frente Negra Brasileira na virada da década de 20 para a década de 30 do século XX.

A segunda fase do movimento negro, que compreende o período de 1945 até 1964, se estruturou ao fim do Estado Novo, marcando o fim da era ditatorial de Vargas que repreendia quaisquer expressões políticas (Domingues, 2007, p. 107). Este contexto político possibilitou o surgimento de novas organizações de movimentos negros, como o surgimento do Teatro Experimental do Negro (TEN), idealizado por Abdias Nascimento. O fim do segundo momento se dá em virtude do início da ditadura militar e pelo exílio de Abdias Nascimento para os Estados Unidos (Domingues, 2007, p. 110). O terceiro momento histórico, que se estende do ano de 1978 até 2000, é marcado pelo surgimento do MNU. Apesar das mobilizações negras organizadas serem reconhecidas ainda no período de Frente Negra Brasileira, é com o surgimento do Movimento Negro Unificado, no ano de 1978, que as articulações negras ganham musculatura e um engajamento popular.

O surgimento do Movimento Negro Unificado (MNU) tem sua origem no dia 07 de julho, em São Paulo, em uma manifestação que reivindicava duas pautas raciais: a vida de Robson Silveira da Luz²³, um operário negro torturado e morto nos porões de uma delegacia da capital; e a proibição da entrada de quatro atletas negros do Clube de Regatas Tietê. Neste contexto, a entidade assumia o nome de Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR). Mais à frente introduziu a palavra "negro" na sigla, renomeando o movimento para Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR).

O MNU se destaca como uma entidade de resistência e valorização da cultura negra neste período. Inicialmente o movimento pouco sabia sobre a existência de movimentos de resistência negra que existiram na primeira metade do século XX, o que muda com o aumento do alcance do movimento durante a década de 70 e as relações estabelecidas com membros da vanguarda da militância negra como Lélia Gonzalez e Abdias Nascimento. No

²³ Robson Silveira da Luz era um operário negro de 21 anos de idade, foi torturado e morto em 04 de maio de 1978, a reflexo da ditadura militar. Após 44 anos, no dia 31 de abril deste ano (2022), o caso de Robson foi desarquivado com o intuito de compreender a violência policial contra pessoas negras no período da ditadura militar e seus impactos na violência policial contra pessoas negras vistas ainda nos dias atuais. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-embematico-caso-do-jovem-robson-morto-pela-ditadura-esta-aberto-ao-publico-o-que-isso-significa-em-tempos-de-genocidio-da-populacao-negra/>> Acesso: 14 de jun. 2022

bojo do surgimento e formulação dessa identidade do movimento negro contemporâneo, marcada principalmente pela existência do MNU, outros grupos e entidades sedimentaram sua existência.

Algumas entidades se formaram logo no início da década de 1970, como o Grupo Palmares, no Rio Grande do Sul em 1971; o Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan) e o grupo de teatro Evolução, em São Paulo em 1972; o bloco afro Ilê Aiyê em 1974 e o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro em 1976, ambos em Salvador; a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba) em 1974 e o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) em 1975, no Rio de Janeiro; o Grupo de Trabalho André Rebouças, em Niterói, e o Centro de Estudos Brasil-África (Ceba), em São Gonçalo (RJ), em 1975, entre outras. Um exemplo dessas redes de relação que se expandiam nos anos 1970 é o fato de que em 1975, a criação do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), no Teatro Opinião, no Rio de Janeiro, contou com a participação de alguns atores que conheciam a trajetória do Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944. (Pereira, 2010, p. 165)

Os movimentos negros de base no Brasil tiveram grande responsabilidade no que toca à construção de direitos civis adquiridos para a população negra nesta nação. O reconhecimento da trajetória marcada por exploração, subjugo, subalternidade e inferiorização institucionalizada e instrumentalizada pelo Estado, estimulou e ainda estimula diversas das demandas por reparação histórica para a comunidade negra brasileira. O trabalho destes movimentos negros ainda é de extrema importância para a existência negra e pela busca de dignidade e cidadania para esta população que, segundo dados do IBGE, esboça no cenário nacional aproximadamente 54% da parcela total da população.

Em contextos ainda mais contemporâneos, influenciados pelas lógicas de sociabilidade virtualizada, a resistência negra também é observada nas diferentes plataformas digitalizadas. Assim como em territórios coloniais *offline*, o espaço virtualizado também é território que reflete um complexo pacote de segregações históricas, que Canclini (2015, p. 190) reconhece como *techno-apartheid*. Essa complexa cadeia de segregações históricas reflete, desde o baixo índice de acessibilidade da população negra à internet²⁴ no Brasil, até as dinâmicas sociais virtualizadas que são racializadas em rede.

É possível observar em redes de sociabilidade digital espaços virtuais de aquilombamento, onde usuários se unem em prol da autopreservação, diálogo e

²⁴ Dados apresentados pelo IBGE na série histórica da pesquisa sobre acesso à internet, à televisão e à posse de telefone móvel para uso pessoal em 2014 apontou que no Brasil 61% da população que acessa internet no Brasil é branca, o que aponta que a desigualdade racial também se reflete na acessibilidade virtual. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/negros-estao-mais-empoderados-na-internet-mas-acesso-ainda-e-desigual/>. Acesso em: 02 de jul, 2022.

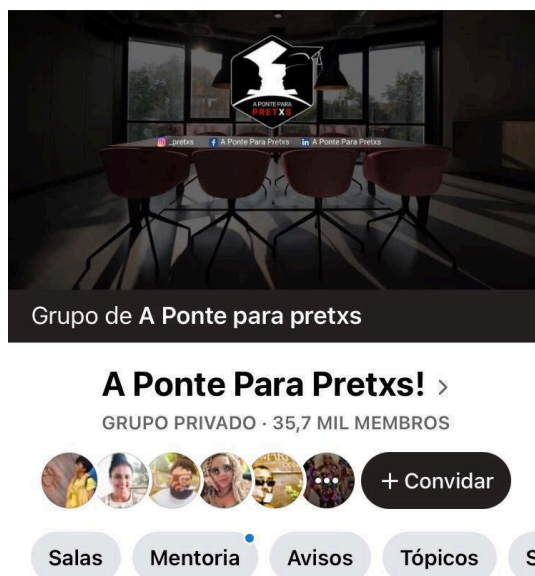
compartilhamento de saberes. Essas trincheiras de resistência negra surgem face à ocupação do espaço digital pela população preta, e funcionam como uma espécie de vigilância autônoma antirracista nas redes. As imagens 15, 16 e 17, são *prints* de páginas iniciais de grupos de *Facebook* que emergem na rede com objetivos diversos, mas convergem categoricamente como locais de resistência negra virtualizada.

Imagem 15: Grupo do *Facebook* - Resistência Contra Racismo



Fonte: site *Facebook*, 2020.²⁵

Imagem 16: Grupo de *Facebook* - A Ponte Para Pretxs!



Fonte: grupo de *Facebook*, 2020.²⁶

²⁵ Grupo de Facebook Resistência Contra o Racismo. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2048729671821114>. Acesso em: 09 de ago. 2022.

²⁶ Grupo de Facebook A Ponte Para Pretxs! Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/3724530880984537>. Acesso em: 09 de ago. 2022.

Imagem 17: Grupo de *Facebook* - Intelectualidade Afro-Brasileira



Intelectualidade Afro-brasileira >

GRUPO PRIVADO · 24,7 MIL MEMBROS



Salas

Avisos

Tópicos

Sala de vídeo

Fonte: grupo de *Facebook*, 2020.²⁷

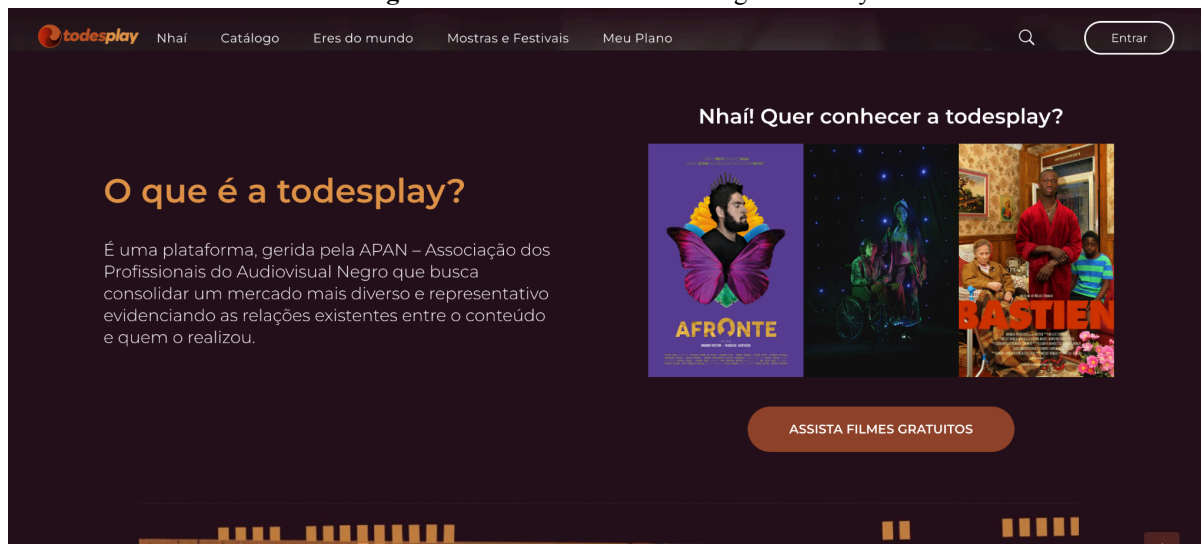
Os três grupos apresentam regras de uso que restringem o ingresso de usuários não-negros e definem os objetivos de existência de cada um deles: o grupo Resistência Contra o Racismo existe com o objetivo de denunciar práticas racistas que ocorrem em âmbito nacional e propor ações de articulação interna para a mobilização de atos e manifestações; o grupo Ponte Para Pretxs é uma rede destinada a divulgação e valorização dos feitos das pessoas negras que integram o grupo, possibilitando que os usuários estabeleçam uma relação de colaboração interna; o grupo Intelectualidade Afro-brasileira emerge com o intuito de compartilhamento teórico-epistemológico a partir das produções acadêmicas de seus integrantes.

Em contextos virtualizados também é possível observar múltiplos núcleos de resistência negra e valorização da cultura, religiosidades, estéticas de matrizes africanas em ambientes digitalizados. A ocupação do espaço virtualizado por núcleos de valorização da existência negra é um aspecto que deve ser observado como capacidade estratégica de resistência. As imagens 18 e 19 representam essa multiplicidade de plataformas de fomento

²⁷ Grupo de *Facebook* Intelectualidade Afro-Brasileira. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/208696602586022>. Acesso em: 09 de ago. 2022.

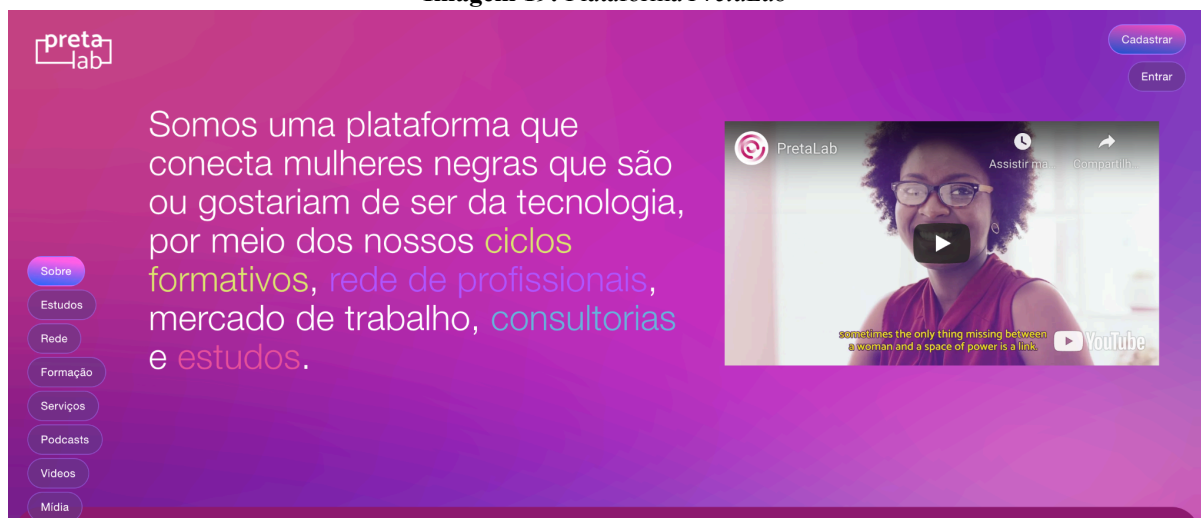
da cultura negra, estimulando a interação e a estruturação de uma unidade enxergada por Nascimento ao propor o quilombismo.

Imagem 18: Plataforma de Streaming Todes Play



Fonte: plataforma Todes Play, 2022.²⁸

Imagem 19: Plataforma PretaLab



Fonte: plataforma PretaLab, 2022.²⁹

As plataformas *Todes Play* e *PretaLab*, acima citadas, são exemplos de como a ocupação dos espaços virtualizados pela população negra pode resultar em estratégias de fortalecimento da população negra. Colocando os exemplos acima em perspectiva é possível observar que questões de gênero e sexualidade também estão interseccionadas à premissa de promoção de visibilidade e interação de pessoas negras de ambas as plataformas.

²⁸ Plataforma Todes Play. Disponível em: <https://todesplay.com.br/>. Acesso em: 12 de jul. 2022

²⁹ Plataforma Preta Lab. Disponível em: https://www.pretalab.com/?53db2eda_page=1. Acesso em: 12 de jul. 2022

Quando observamos a capacidade virtualizada de sociabilidade contemporânea visualizamos os ciber-territórios como locais possíveis para estabelecer estratégias de resistência negra. Em diferentes níveis, essa capacidade virtualizada de resistência se estrutura e é possível reconhecer braços virtualizados de articulações de movimentos negros de base. O reconhecimento das plataformas como territórios passíveis de reterritorialização negra possibilita a atualização das estratégias de autopreservação.

3.2 Articulações de resistência negra nos Estados Unidos

Para abordar a história de resistência negra nos Estados Unidos, iniciamos o subtópico com a imagem 20, onde vemos Frederick Douglass, importante ícone abolicionista do século XIX nos Estados Unidos, projetado em uma estátua do General Robert E. Lee, em Richmond, Virgínia. Esta estátua de bronze e mármore, de aproximadamente 20 metros de altura, existiu durante muito tempo no centro de Richmond, no estado da Virgínia, e foi concebida para homenagear aqueles que lutaram pela confederação dos estados do Sul, durante a Guerra Civil estadunidense.

Imagem 20: "Poder não concede nada sem uma demanda, nunca concedeu e nunca concederá" Frederick Douglass projetado no Monumento Robert E. Lee em Richmond, Virgínia (2020)



Fonte: Tasos Katopodis/Getty Images, 2022.

Utilizamos essa imagem pois ela remonta o início do processo de resistência negra nos Estados Unidos da América - representada pelo pensamento de Douglass - em confluência com os movimentos de resistência negra contemporâneos - representado na imagem pelo movimento *Black Lives Matter* (BLM) projetado no topo do monumento. A estátua foi retirada do centro de Richmond no dia 18 de junho de 2021³⁰ e por decisão coletiva foi entregue ao museu da história negra da cidade.

Essa imagem representa o quão complexo o processo por apreensão de direitos, cidadania e dignidade negra nos Estados Unidos foi e continua sendo. Esse processo foi marcado por violência e deturpação de direitos civis garantidos pela 14ª emenda constitucional de 6 de julho de 1868, que garantia cidadania e direitos iguais para ex-escravizados após a Guerra Civil estadunidense.

Quando trazemos a Guerra Civil estadunidense como um dos primeiros atos progressistas estadunidenses e que mobilizou a luta por direitos da população negra é preciso navegar historicamente por esse período que se localiza cronologicamente logo no início da segunda metade do século XIX. A Guerra Civil estadunidense ganhou palco a partir de 1861, durante o governo do então presidente Abraham Lincoln. Para muitos, a justificativa da guerra se dava apenas por divergências ao progressismo econômico, onde o norte/nordeste se apresentava industrializado e o sul permanecia agrícola (Remond, 1989, p. 55). Entretanto, a verdadeira face dos embates observados na Guerra Civil era criada a partir de divergências ideológicas, econômicas, culturais e principalmente raciais entre sul e norte.

A crise entre abolicionistas e supremacistas brancos era a principal pauta observada neste contexto. O então presidente Abraham Lincoln tendia ao abolicionismo, entretanto apresentava uma postura simpática ao diálogo com supremacistas brancos com o objetivo de manter a união dos estados. W. E. B. Du Bois, intelectual negro e fundador do pensamento pan-africanista, após algumas décadas do fim Guerra Civil estadunidense, especificamente no ano de 1903 ao publicar o livro *As almas do povo negro*, reconhece os impactos racistas da chamada diferenciação por *linha de cor*. Du Bois ainda reafirma que as causas centrais da Guerra Civil estadunidense se justificaram pela urgente pauta pela abolição da escravidão da população negra na nação.

O problema do século XX é o problema da linha de cor - a relação entre as raças de homens mais claros e mais escuros na Ásia e na África, nas

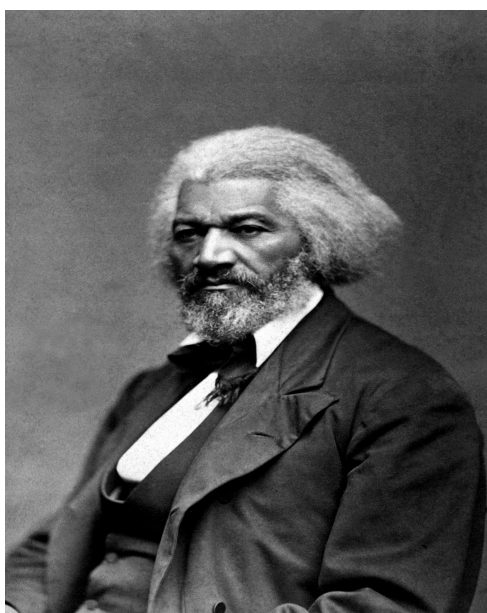
³⁰ Richmond's Robert E. Lee statue will move to the city's Black History Museum. Disponível em: <https://www.npr.org/2021/12/30/1069081021/richmonds-robert-e-lee-statue-will-move-to-the-citys-black-history-museum>. Acesso em: 05 de jul. 2022

Américas e nas ilhas do mar. Foi uma fase desse problema que causou a Guerra Civil nos Estados Unidos; e, embora muitos dos que marcharam pelo Sul e pelo Norte em 1861 tenham se prendido a questões técnicas em relação a união e à autonomia local como palavra de ordem, ainda assim todos sabiam, como nós sabemos, que a questão da escravidão do negro foi a real causa do confronto. (Du Bois, 2021, p. 35)

Ainda no contexto de resistência negra do século XIX, um importante ícone que mobilizou o pensamento abolicionista estadunidense foi Frederick Douglass. Nascido no condado de Talbot em 1818, em data indefinida pois não possuía documentos próprios, Douglass possuía uma experiência complexa e de transição do modo escravista de Estado, tendo sido nas primeiras décadas de sua vida um homem escravizado. Como conta em sua autobiografia, nas primeiras fazendas onde sua mão de obra escravizada fora explorada, Douglass desenvolve as habilidades de ler e escrever com a ajuda da esposa de seu então proprietário, Sophie, e descobre o poder da escrita e da leitura como capacidade emancipadora (Douglass, 2012, p. 15).

Os anos seguintes da sua vida foram marcados por fugas e tentativas de emancipação, e durante a sua trajetória pelos territórios estadunidenses, conseguiu mobilizar aliados para a luta abolicionista nos Estados Unidos. Douglass viveu a Guerra Civil estadunidense e contribuiu para que a abolição da escravidão acontecesse, em 1863, pelas mãos do então presidente Abraham Lincoln. A imagem 21 é uma fotografia que ilustra Frederick Douglass, e foi registrada no ano de 1979.

Imagem 21: Frederick Douglass (1979)



Fonte: domínio público, 2022.

Frederick Douglass contestava veementemente homens brancos abolicionistas que se diziam aliados e não utilizavam o poder que detinham nas mãos para dar o fim ao modo escravista de exploração estadunidense. O pensamento suscitado pela frase contida em uma carta enviada a um companheiro abolicionista: "Poder não concede nada sem uma demanda, nunca concedeu e nunca concederá" (Douglass, 1848) surge para questionar a capacidade de atuação daqueles que se diziam aliados à causa abolicionista. O pensamento que Douglass constrói nos remete ao pensamento atribuído pela filósofa estadunidense Angela Davis mais de um século depois, "não adianta não ser racista, é preciso ser antirracista". Ambos militantes e intelectuais de grande valia para o movimento negro estadunidense, e que reconhecem o potencial dos aliados para a luta antirracista.

Em um período de resistência e luta constante em busca da abolição da escravidão negra nos Estados Unidos da América, alguns outros ícones abolicionistas se destacaram. Mesmo em períodos de intenso ataque e imposição de um regime escravista, pessoas negras se mobilizaram contra a opressão escravista que agia sob seus corpos. Corpos estes marcados por raça e também por gênero. Ainda no período que compreendia a batalha abolicionista do século XIX é possível reconhecer os múltiplos esforços para que a abolição da escravidão estadunidense se sedimentasse. Esses esforços eram plurais e as vozes ecoavam uma polifonia de demandas. Grandes nomes, como os de Harriet Tubman e Sojourner Truth, marcaram categoricamente este período.

Tubman foi uma mulher negra que elaborava missões de resgate e resistência negra no período escravista. Resistiu a inúmeros ataques, batalhou no campo da Guerra Civil estadunidense e se consagrou como importante articuladora do sufrágio feminino. Ficou conhecida na história por liderar fugas de pessoas negras cativas, utilizando como principal caminho a rota da *Underground Railroad* (Whitehead, 2014a). Em mais de 13 viagens, considerando idas e voltas, Tubman resgatou aproximadamente 70 pessoas negras cativas.

A imagem 22 é uma fotografia de minha autoria que reproduz em sua visualidade um monumento de bronze em homenagem à abolicionista e sufragista negra Sojourner Truth. Esta estátua de bronze está presente em um dos pátios da Universidade da Califórnia em San Diego, na região do campus conhecida como *Marshall College*³¹. O meu acesso presencial a esta obra se justifica pelo fato de, no ano de 2021, ter sido contemplado com uma bolsa de doutorado sanduíche, pelo programa Capes-PDSE. Este programa de mobilidade estudantil

³¹ Esta região recebe o nome de *Marshall College* para homenagear o primeiro juiz negro da Suprema Corte estadunidense, Thurgood Marshall. Marshall se consagra historicamente por articular juridicamente o fim das leis Jim Crow nos Estados Unidos, leis estas que garantiam que a segregação racial permanecesse.

me levou até a Universidade da Califórnia, na cidade de San Diego, onde fui co-orientado pela professora Dra. Boatema Boateng, do departamento de pós-graduação em comunicação da universidade.

Imagem 22: estátua de bronze de Sojourner Truth, *University of California, San Diego*



Fonte: acervo pessoal do autor, 2021.

A obra se localizava entre *Sequoyah Hall* - edifício no qual os escritórios de pós-graduandos em comunicação se localizavam - e o Departamento de Comunicação da Instituição. Cruzando ao menos duas vezes ao dia com a obra, para mim esta demarcação visual se tornou uma diária lembrança de resistência e luta negra no território estadunidense. A sensação era de que Truth se transportou no espaço e no tempo e, séculos à frente, se materializou sendo fonte de inspiração para mim e outras pessoas que ali transitavam.

Truth era uma mulher negra e analfabeta, de potente habilidade oratória e crítica contundente à estrutura social escravista. Foi um ícone contestador da hegemonia masculina, trazendo perspectivas de raça e classe para o debate da primeira metade do século XIX. Conhecida pela grande capacidade discursiva, Truth se destaca pelas suas múltiplas falas, especialmente pelo discurso feito por ela na Convenção pelos Direitos da Mulher em 1851 (Simões, 2022, p. 52), intitulado "*Ain't I a Woman*", que em português significa "Não sou uma mulher?".

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? (Truth, 2014)³²

O trecho acima remonta a capacidade discursiva de Truth e revela as desigualdades que transversalizavam seu corpo de mulher negra, no período pré-abolição da escravidão negra nos Estados Unidos. A capacidade discursiva e mobilizadora de Douglass, Tubman e Truth demarca aspectos de resistência negra, como a capacidade de sociabilidade e mobilização de seus pares com o objetivo de ocupar e reterritorializar espaços que o privilégio branco erguia fronteiras de segregação racial. O resultado dessas mobilizações de resistência negra viabilizou a autopreservação de comunidades negras em território estadunidense. A capacidade de mobilização dos pares pressupõe uma capacidade discursiva potente, observada em períodos passados, e que se reflete na contemporaneidade.

Avançando historicamente, especificamente para o início da primeira metade do século XX, é possível reconhecer alguns trunfos duramente conquistados após a abolição da escravidão negra estadunidense em 18 de dezembro de 1865. Entretanto, é também possível observar que no início do século XX há o ressurgimento do movimento de insatisfação dos supremacistas brancos que, de maneira violenta e hostil, se mostravam insatisfeitos com as conquistas negras. O renascimento da Ku Klux Klan³³ a partir de 1915, pelas mãos de um homem originário do estado do Alabama, marca uma nova atuação marcada por racismo, violência, supremacismo branco e intolerância. O autor Rory McVeigh (2009, p. 19) aponta essa reconfiguração da Ku Klux Klan como uma mobilização que teve uma intensa aderência

³² E não sou uma mulher? – Sojourner Truth Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 08 de jul,2022.

³³ Cf. Rory McVeigh, *The rise of the Ku Klux Klan: Right-wing movements and national politics*. U of Minnesota Press, 2009.

e práticas entre os anos de 1915 e 1924. Este período significou o recomeço de um período de grande vulnerabilidade da integridade física e política da população negra estadunidense em todos os recortes de gênero, classe e etários.

Neste período, fizeram parte da Ku Klux Klan políticos, policiais, diretores de cinema entre outras pessoas de grande expressão e influência no panorama estadunidense. Reconhecendo o potencial do cinema neste período, o diretor de cinema D. W. Griffith, que é reconhecido como pai do cinema para alguns, inaugura um novo período do cinema mundial com sua obra *O Nascimento de uma Nação*. Esta obra se torna um marco do cinema mundial por apresentar de maneira inédita um olhar para a montagem, edição, cortes e movimentos de câmera nunca antes vistos na história do cinema. Entretanto, o conteúdo do filme refletia o olhar supremacista de D. W. Griffith, e serviu de impulso e propaganda para a nova era de atuação da KKK.

O interesse popular em um renascimento da Klan recebeu um impulso ainda mais forte pelo lançamento, em 1915, do filme inovador de D. W. Griffith, *The Birth of a Nation*. Nenhum lançamento de filme anterior poderia se comparar ao épico de Griffith em termos de sofisticação tecnológica ou em termos de sucesso de bilheteria. Foi o enredo controverso, no entanto, que estimulou o crescimento inicial do Klan. O filme foi adaptado do romance *The Clansman*, de Thomas Dixon. (McVeigh, 2009, p. 20)

Nesse contexto de forte opressão à existência negra na primeira metade do século XX, o surgimento de arquétipos subalternizantes para a população negra são reforçados por narrativas literárias e cinematográficas. Esses arquétipos racistas irão impactar fortemente a concepção da formação racial estadunidense (Omi & Winant, 2015). As narrativas construídas para subjugar a população negra surgem para contestar as capacidades da população negra em extrapolar narrativas estabelecidas ainda no período da escravidão estadunidense. Narrativas como *Uncle Tom's Cabin*³⁴ inauguram uma era de demarcação de estereótipos raciais para a população negra estadunidense.

Jim Crow [...] Ele usava farrapos e trapos e um chapéu surrado. Ele passava o tempo dormindo, pescando, caçando gambás ou arrastando os pés mais devagar do que melação em janeiro, exceto quando roubava galinhas ou dançava no dique. Claro, esses personagens menestréis não esgotaram os estereótipos. Igualmente comum era a imagem do negro como servo e empregada doméstica. Havia o velho tio Tom ou tio Remus, tia Jemima ou

³⁴ *Uncle Tom's Cabin* conhecido no Brasil como “A Cabana do Pai Tomás” é um clássico romance literário da escritora estadunidense Harriett Beecher Stowe e retrata o período escravista nos Estados Unidos. Disponível em: [Uncle Tom's Cabin – Harriett Beecher Stowe Center](#). Acesso em: 9 de jul. 2022.

Mandy, a empregada, o pregador Brown e o diácono Jones, Rastus e Sambo e a *Ol' Mommy*. Todos esses estereótipos faziam parte da cultura popular da América na virada do século XX. Eles eram tão familiares que poucas pessoas tinham noção de que eles degradavam os negros americanos. (Lemons 1977, p. 102, tradução nossa)³⁵

O personagem Jim Crow, que se tornou arquétipo racista no século XX, foi inspiração para uma série de leis segregacionistas que impediam o acesso da população negra à cidadania plena em território estadunidense. "Jim Crow foi institucionalizado como uma política racial de Estado, restringindo severamente a ameaça competitiva do trabalho negro para os brancos (e também segurando os salários brancos)" (Omi & Winant, 2015, p. 57).

Essa série de leis permaneceu vigente desde o ano de 1877 até 1964, quase um século de regulamentação racista que impedia o acesso à dignidade negra nos Estados Unidos. A década de 60 do século XX foi demarcada por uma onda de movimentos negros que nutriam um senso coletivo de unidade identitária, orgulho racial e busca por referências ancestrais em diferentes níveis (Omi & Winant, 2015, p. 87). Estes movimentos foram reconhecidos - e se identificavam - como *Black Power*. Neste contexto de forte demarcação de resistência negra estadunidense, assim como acontecia Brasil no mesmo momento, movimentos estudantis negros se articulavam para uma proposição mais assertiva de resistência negra.

O surgimento do partido dos Panteras Negras marcou um período de questionamento da estrutura de classes, racializada e, por algumas pessoas militantes do movimento, também de gênero. O movimento dos Panteras Negras centralizou articulações, principalmente nos anos 60 e 70 do século XX, de autodeterminação negra, prezando pela luta de direitos para a população negra estadunidense, se guiando por orientação política própria, que visava valorizar e preservar a cultura coletiva negra. A filósofa e militante do partido dos Panteras Negras, Angela Davis, é uma representante do movimento que acontecia neste período, enquanto ainda propunha uma consciência negra dentro dos movimentos estudantis.

Davis, para além da intensa militância junto ao movimento dos Panteras Negras, se tornou uma importante cientista social, produzindo obras de grande valor para o movimento feminista negro. A pesquisadora tem a Universidade da Califórnia, San Diego, como *alma mater*, por ter realizado seu mestrado na universidade em 1968. O legado de Davis é

³⁵ "Jim Crow [...] He wore tatters and rags and a battered hat. He spent his time sleepin', fishin', huntin' 'possums, or shufflin' along slower than molasses in January, except when stealing chickens or dancing on the levee. Of course, these minstrel characters did not exhaust the stereo- types. Equally common was the image of the Negro as servant and maid. There was Old Uncle Tom or Uncle Remus, Aunt Jemima or Mandy the maid, Preacher Brown and Deacon Jones, Rastus and Sambo, and the ol' mammy. All these stereotypes were part of the popular culture of America at the turn of the twentieth century. They were so familiar that few people had any notion that they degraded black Americans" (Lemons, 1977, p.102).

facilmente observado no campus da UCSD, sendo reconhecida fundadora do *Black Student Union*, que atua até hoje em favor dos estudantes negros. A Imagem 23 é uma fotografia registrada por meu marido, João Lúcio Mariano Cruz, que morou comigo por dois meses e meio no campus da UCSD, durante meu período de doutorado sanduíche. Esta faixa nos chamou a atenção por fazer menção ao pensamento de Davis.

Imagem 23: "Eu não irei mais aceitar as coisas que eu não posso mudar. Eu irei mudar as coisas que eu não posso aceitar", Angela Davis (1969)



Fonte: fotógrafo João Lúcio Mariano Cruz, 2022.

A frase "Eu não irei mais aceitar as coisas que eu não posso mudar. Eu irei mudar as coisas que eu não posso aceitar" (Davis, 1969) aponta caminhos que recorrem ao pensamento

de Davis, uma mulher negra estadunidense de luta e resistência. Davis é uma ativista de resistência negra que atua ativamente promovendo o reconhecimento da cidadania negra nos Estados Unidos até os dias atuais. Atualmente nos Estados Unidos, a militância negra se articula de maneira incansável, contando com o pensamento e presença ativa de Davis. Os reflexos da trajetória de resistência negra se fazem necessários em um contexto de crescente violência policial contra corpos negros e é necessário bradar a plenos pulmões que *vidas negras importam* no século XXI. Assim como no Brasil, a frase que encabeça o movimento *Black Lives Matter* é fortemente questionada pelo pensamento conservador estadunidense. Isso se reflete na minha experiência pessoal ao chegar nos EUA.

Na primeira casa em que me hospedei ao chegar em território estadunidense, convivi com Mariana, uma senhora branca de 75 anos de idade, que morava apenas na companhia de seus dois *poodles* brancos, Romeo e Juliette. Em tempos de pandemia de Covid-19, Mariana se declarava do movimento antivacina estadunidense e ao saber sobre minha pesquisa junto a UCSD, emitiu a seguinte opinião: "não acredito que só as vidas negras importam, é preciso compreender que todas as vidas importam".

Apesar da postura *cordial* em me receber, e de me parecer óbvia a justificativa do título do movimento *#BlackLivesMatter*, pude observar a necessidade constante em reafirmar que o genocídio da população negra se estende através do tempo, viabilizado por necropolíticas³⁶ que buscam no racismo estrutural meios de ainda existir. Este relato marca uma das primeiras perspectivas discursivas observadas por mim acerca do *#BLM*³⁷ e *#M4BL*³⁸ em San Diego, Califórnia.

Assumindo os impactos da virtualidade e intensificação das interações em ambiente digital, o ciberespaço se torna um *locus* de militância negra e disseminação de informações dos movimentos negros para a população estadunidense. O surgimento do movimento *Black Lives Matter* nos EUA, marca o início de uma nova estratégia de resistência negra e denúncia ao genocídio negro praticado, em sua maioria, institucionalmente. O movimento iniciou-se de fato em 2014, após a morte de Michael Brown, em Ferguson, no estado estadunidense do Missouri. A mobilização marca o início de uma onda de protestos que extrapolam o *online* e ocupam o espaço das ruas tendo como premissa os recorrentes assassinatos de pessoas negras desarmadas por policiais.

³⁶ Cf. Achille Mbembe. *Necropolítica*. n-1 edições, 2021.

³⁷ Sigla para *Black Lives Matter*, em tradução para o português: Vidas Negras Importam.

³⁸ Sigla para *The Movement for Black Lives*, em tradução para o português: Movimento para/pelas Vidas Negras.

Protestos espontâneos e organizados persistiram enquanto os assassinatos de homens, mulheres e crianças negros desarmados pela polícia continuavam. Em 9 de agosto de 2014, em Ferguson, Missouri, o policial Darrell Wilson assassinou Michael Brown, de 18 anos, e deixou seu corpo na rua por quatro horas. [...] Prevendo que Darrell Wilson não seria indiciado, os ativistas convocaram simpatizantes para se juntarem a eles em Ferguson. Atendendo ao seu apelo, durante o final do verão e outono, ativistas de todo o país gravitaram em torno de Ferguson. **Alguns jovens ativistas implantaram as redes sociais para organizar caravanas de ônibus para Ferguson sob a bandeira de “Black Lives Matter”, uma ação que levaria à fundação de uma organização com o mesmo nome.** (Mullings, 2020, p. 257, tradução nossa e grifo nosso)³⁹

Com um constante e intenso registro de mortes de pessoas negras por policiais nos Estados Unidos, o movimento *Black Lives Matter* se inicia nas redes pelo ativismo virtual de Patrisse Cullors. Leith Mullings (2020, p. 252) ainda reforça que não é possível apontar um único caso que justifique o surgimento do movimento *Black Lives Matter* nos Estados Unidos, suas raízes serão encontradas no que o historiador denominou de "Os Três Cavaleiros do Apocalipse: Escravidão, Supremacia Branca e Capitalismo" (Horne, 2018, p. 2).

Os reflexos de um modo de produção que privilegia a supremacia branca estadunidense até os dias de hoje, que é o capitalismo, em conjunção com os impactos incalculáveis que o modo escravista resultou para a humanidade, são os motivos pelos quais pessoas precisam resistir à estrutura institucional para garantir a sua vida.

³⁹ "Spontaneous and organized protests persisted as police murders of unarmed black men, women and children continued. On August 9, 2014, in Ferguson, Missouri, police officer Darrell Wilson murdered eighteen-year old Michael Brown and left his body in the street for four hours. [...] Anticipating that Darrell Wilson would not be indicted, the activists called for supporters to join them in Ferguson. Heeding their call, throughout late summer and autumn activists from around the country gravitated to Ferguson. Some young activists deployed social media to organize caravans of buses to Ferguson under the banner of “Black Lives Matter,” an action that would lead to the founding of an organization of the same name." (Mullings, 2020, p. 257)

4. CIBERQUILOMBO

O espaço virtualizado é um terreno jovem e de complexas teias de interação. As dinâmicas de sociabilidade em território virtualizado ainda é um assunto que exige uma densa reflexão, uma vez que as potencialidades de interação são impulsionadas dia após dia com tecnologias e novas redes sociais digitais. Manuel Castells (2002, p. 414) apontou as possibilidades de interação na era digital como um marco que propôs uma mudança fundamental na cadeia comunicativa e, por conseguinte, em aspectos culturais.

As novas possibilidades e canais comunicativos propostos nesta nova interface virtualizada proporcionaram uma outra dinâmica aos fluxos de comunicação. A compreensão de uma sociedade em rede, com uma teia complexa que se constrói também a partir da identidade, nos leva a concluir que a interação virtualizada é influenciada pelas relações e construções sociais que se firmaram fora do ciberespaço.

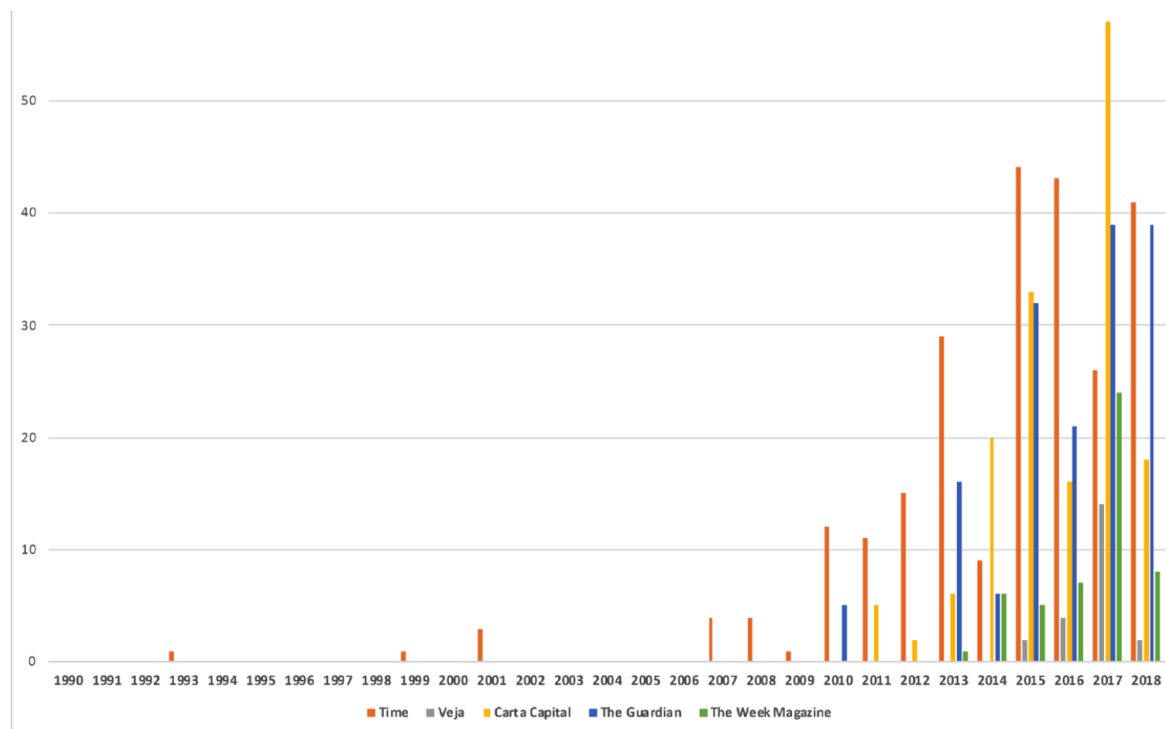
A dinâmica de interação entre usuários de redes sociais virtuais tem se tornado cada vez mais cotidiana para uma parcela da população que tem acesso à internet e smartphones. Delimitamos tal dinâmica nessa parcela, pois milhões de brasileiros não possuem acesso aos equipamentos digitais, seja computadores, *smartphones* ou à própria internet. Para quem tem o privilégio de acessar, as redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Tik Tok* mobilizam bilhões de usuários, e propõem em cada interface uma possibilidade de interação específica.

Nesta grande e complexa gama de possibilidades de interação, raça, gênero, sexualidade, classe, entre outros marcadores da diferença, surgem como ativadores de discurso de ódio no ambiente virtual. Em um estudo (Figura 1) sobre a frequência do termo “discurso de ódio” em publicações de cinco revistas de alta circulação no Brasil, Estados Unidos e UK (*Revista Veja*; *Carta Capital*; *The Guardian*; *Time Magazine* e *The Week Magazine*), Trindade (2020) identifica que a partir de uma nova dinâmica de interação virtualizada o discurso de ódio se torna pauta muito mais recorrente no recorte 2012-2018.

Este estudo demonstra, pelo viés de relevância do termo discurso de ódio, o espaço hostil que as redes podem se tornar para pessoas que divergem do padrão hegemônico estabelecido por meio de construções sociais. Quando observamos a dinâmica social em rede, especificamente tomando a negritude como recorte de identidade, é possível pensar a negritude como possibilidade também de identidade informacional (Brock, 2020, p. 21). Na

atribuição de uma identidade de grupo, a diferenciação pela raça é aspecto que emerge para desqualificar os corpos que não são privilegiados pela branquitude.

Figura 1: análise de frequência de ‘discurso de ódio’ em artigos de publicações selecionadas (2020)



Fonte: Trindade, 2022.

A ocupação de territórios virtualizados a partir da tecnologia da informação negra (Brock, 2020, p. 17) desconfigura o território estabelecido pela tecnocultura ocidental, branca, masculina e de classe média. Ao pensar o *Black Twitter* como uma possibilidade de ocupação e reconfiguração do território dominado pela tecnocultura hegemônica, Brock propõe uma reflexão sobre grupos negros estadunidenses que, em rede, propuseram o aumento de comunidades negras *online*. Essa relação entre ocupação de territórios simbólicos e a construção de uma nova proposta de tecnocultura negra virtualizada nos coloca em posição de delimitar nosso entendimento de raça.

É possível observar que as plataformas de mídias sociais, principalmente *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *Twitter*, vêm ocupando um importante espaço na vida de pessoas de todo o mundo, e novos contextos de sociabilidade a partir dessas redes sociais digitais são propostos e incorporados no cotidiano. Os números que apontam a quantidade de usuários

ativos nestas plataformas estão em franco aumento há alguns anos⁴⁰, e é possível falar em impactos econômicos e sociais que colocam a “era das redes” como um marco temporal importante na linha do tempo da humanidade.

No campo dos estudos em comunicação, múltiplos olhares são lançados acerca dos impactos da sociabilidade em rede. Pierre Lévy se consagra como pioneiro nos estudos sobre cultura cibernética e sociabilidade no que ele entende por “sociedade em rede”. Entretanto, desde a construção teórica que o autor desenvolve acerca da *Cibercultura*⁴¹, o campo de estudos se modifica em uma dinâmica veloz e imprevisível.

Ao delimitar um programa da cibercultura que orientasse o crescimento inicial do ciberespaço, Lévy (2014, p. 129) atribui três eixos principais de disseminação: interconexão, criação de comunidades virtuais e inteligência coletiva. Em vários níveis o autor consegue apresentar percepções valorosas e que contribuam para a compreensão dos fenômenos e postulações teóricas, entretanto, ao pensar sobre as comunidades virtuais Lévy propõe uma interação ideal entre os usuários, o que ele chama de “netiqueta”, pela qual “os ataques pessoais ou argumentações pejorativas para qualquer categoria de pessoas (nacionalidade, sexo, idade, profissão etc) em geral não são permitidas” (Lévy, 2014, p. 130).

A dinâmica social virtual que se desenvolveu com o advento das mídias sociais, e a apropriação em larga escala da *web* não impediram que o racismo, enquanto prática social estrutural e estruturante, se desenvolvesse nas diferentes plataformas. A crença de que o território *web* é um espaço democrático e *colour-blind*⁴² é um mito desvelado há alguns anos, e que vêm à superfície de maneira semelhante ao ambiente não-virtual.

A semelhança entre o pensamento empreendido por Lévy e o pensamento instituído em Gilberto Freyre (1933), com a publicação de *Casa Grande e Senzala* e com *Sobrados e Mucambos*, em 1936, sugere a existência de um paraíso racial no Brasil. O mito da democracia racial atribuiu ao território brasileiro uma pretensa prática não racista, como se no país todos recebessem o mesmo tratamento, uma vez que a miscigenação democratizaria a existência dos cidadãos tornando também *colour-blind*. Pensamentos semelhantes, e sequencialmente desqualificados cientificamente.

⁴⁰ "Dados recentes revelam que um impressionante volume de usuários ativos mensais que variam de 328 milhões no caso do *Twitter*, e superam os dois bilhões no caso do *Facebook*" (Trindade, 2020, p. 29)

⁴¹ Cf. Pierre Lévy. *Cibercultura*. São Paulo. Editora 34, 2000.

⁴² *Colorblind Racism*, significa em tradução livre “racismo velado”.

O pensamento acerca da democracia racial foi invalidado há várias décadas, ganhando *status* de mito pelo sociólogo Florestan Fernandes⁴³ e de farsa pelo expoente pesquisador Abdias Nascimento⁴⁴. O pensamento de que as diferenças seriam irrelevantes, suscitado em Levy, foi considerado um “mito perverso” pela autora Jessie Daniels (2009, p. 17) ao teorizar sobre supremacia branca *online*.

Tendo como base a realidade mais recente da *web*, não se torna difícil encontrar práticas racistas no ciberespaço. As interações nas redes possibilitaram por muito tempo a impunidade de usuários que encabeçavam práticas racistas. Mesmo com a instituição do marco civil da internet, ou Lei nº 12.965/2014, que regula o uso da internet no Brasil, partindo dos princípios previstos na Constituição que preveem atuação do Estado em situações de práticas criminosas, as práticas de racismo continuam presentes.

O ambiente virtual confere a muitos usuários a sensação de anonimato e impunidade, o que estimula a perpetuação do discurso de ódio dentro das plataformas sociais digitais. A situação se agrava quando as práticas racistas, que raramente são imputáveis nos ambientes *offline* devido às múltiplas facetas perniciosas do racismo, se estendem para o ambiente *online*. A prática do racismo nas redes acontece deliberadamente e, em algumas ocasiões, os discursos racistas encontram respaldo em grupos discriminatórios.

As tecnologias digitais podem facilmente incentivar conteúdos racistas que frequentemente aparecem de forma sutil, ou o que Lisa Nakamura (2010, p. 337) chama de micro-agressões, e atrai usuários interessados a se juntarem em grupos discriminatórios. Inclusive, os benfeitores dos sites que promovem conteúdo racista encorajam o acesso de usuários e conseqüentemente a legitimação do racismo. (Roshani, 2020, p. 274, tradução nossa)

Na prática, o caminho para testemunhar racismo acontecendo de maneira deliberada é simples: abra um perfil de algum portal de notícias no *Instagram* ou *Facebook*; procure

⁴³ Para Maria Arminda Arruda (1996, p. 198) “Florestan trabalha com a noção de mito no sentido diverso da tradição antropológica, ou seja, enquanto universo de representações exclusivas. De outro lado, a discussão do mito da democracia racial permite-lhe ultrapassar certas visões dominantes”(1996, p. 198).

⁴⁴ O dicionário biográfico brasileiro pós 1930 aponta que “Abdias esteve à frente do Teatro Experimental do Negro até 1968, quando, em decorrência do endurecimento do regime militar implantado no país em abril de 1964 e da inclusão do seu nome em vários inquéritos policiais militares, exilou-se nos Estados Unidos, onde trabalhou como professor universitário. Co-fundador do Movimento Negro Unificado em 1978, em maio de 1980, foi, juntamente com Leonel Brizola – de quem se tornara amigo no exílio – um dos fundadores do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Escolhido vice-presidente do partido em 1981, nesse mesmo ano fundou o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 1982, retornou definitivamente ao Brasil.” Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/abdias-do-nascimento>. Acesso em: 26 de set. 2023.

alguma postagem que incite alguma discussão sobre racismo, ou mesmo traga na manchete alguma personalidade negra; vá aos comentários da postagem e pronto, a chance de encontrar múltiplos comentários de cunho racista é garantida.

A pauta sobre o discurso de ódio nas redes é tema recorrente de debates, fóruns e pesquisas científicas em curso e revela, cada vez mais, a responsabilidade das empresas que gerenciam estas redes sociais em estabelecer termos de uso e regulações éticas mais eficazes no combate às práticas discriminatórias. Entretanto, os avanços neste sentido são mínimos, e são fruto de tensionamento de mobilizações sociais antirracistas. A resposta para a falta de interesse em construir um ambiente virtual menos desigual e antirracista se encontra no fato das próprias empresas atuarem de maneira racista e se esquivando das responsabilidades sociais que carregam.

Tarcízio Silva (2019) desenvolve estudos sobre racismo algorítmico. Ou seja, ele observa as práticas discriminatórias que surgem em algoritmos e sistemas de inteligência artificial ocasionados por vieses incorporados na sua lógica de produção e desenvolvimento. O autor reúne em seu estudo, relatos de cientistas, ativistas e teóricos da comunicação que apontam que a lógica de construção das tecnologias digitais de comunicação do vale do silício são racializadas, partindo de uma perspectiva da supremacia branca estadunidense (Silva, 2019, p. 129).

As redes sociais digitais se materializam no campo virtual como mais um espaço onde as diferenças reverberam em práticas discriminatórias, se tornando, assim, mais um novo espaço para ocupações de ativismo digital e denúncia constante para a população negra. Desta forma, é necessário recorrer às noções instituídas em Nascimento (1998) para compreender a categorização teórica de quilombismo e sua prática inerente à perpetuação da existência negra, e, por conseguinte, observar os fenômenos contemporâneos de resistência.

Reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida fundado em sua experiência histórica, na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeadas pelo colonialismo e o racismo. Enfim, reconstruir no presente uma sociedade dirigida ao futuro, mas levando em conta o que ainda for útil e positivo no acervo do passado. (Nascimento, 1998, p. 226)

A partir das potencialidades vislumbradas pelo pensamento quilombista de Abdias Nascimento e sua contextualização em ambiência virtualizada, este capítulo se subdivide em dois tópicos principais. A primeira seção propõe compreender o ciberespaço - que aqui chamaremos de Ciberterritórios - e as implicações racializadas das relações que nele se

configuram. A segunda seção reconhece os aspectos de ativismo negro em tempos virtualizados como uma característica importante para a existência do Ciberquilombo.

4.1 Ciberterritórios: reivindicações negras do espaço virtualizado

A lógica de divisão do espaço é algo que historicamente remete ao estabelecimento de fronteiras e a noção de territorialidade enxergada na concepção moderna de Estado-Nação. Este formato de divisão separa e cria fronteiras entre diferentes nações reorganizando o espaço, o que se reflete no âmbito da construção simbólica e se materializa na constituição do território. Essas percepções são suficientes para atribuir ao território aspectos isomórficos de linguagem, etnias, culturas, entre outros aspectos determinantes como aponta Appadurai (1997, p. 33).

Essas divisões surgem a partir do reconhecimento da necessidade de organização do espaço. Entretanto, séculos após as divisões do espaço e estabelecimento da soberania territorial, múltiplas e complexas relações entre o Estado soberano e quem dele é nativo se formam estabelecendo vínculos identitários que não enxergam como possíveis a coexistência das diferenças no espaço. Arjun Appadurai (1997) aponta que as estruturas territorialistas que contribuem para intensificação de assimetrias e desigualdades devem dar espaço para uma geografia pós-nacional.

Em ambientes virtualizados e imersos nesta noção moderna de delimitação territorial do Estado Nação, as práticas de assimetria de poder em função das diferenças também são observadas. Apesar de existir uma estrutura mais fluida neste território que é virtualizado, e mesmo com a pretensão de que o ciberespaço se consagra como um espaço sem limitações fronteiriças características do Estado Nação, existem segregações no espaço virtualizado. Segregações essas de ordem linguística, étnico-racial, de classe entre outras possíveis.

Josiowicz (2021, p. 301) ao apresentar um estudo acerca da polifonia interdiscursiva em tecnoculturas digitais, traz que a interface discursiva da rede social *Twitter* privilegia o olhar anglófono em detrimento de qualquer outro. O ponto de inflexão apresentado pela autora, propõe que observemos nas múltiplas redes de sociabilidade virtualizada as suas capacidades - ou falta de capacidades - de disseminação de informações em nível global.

Outro exemplo que escancarou a lógica algorítmica racista que o *Twitter* utilizava, foi o experimento realizado pelo cientista Tony Arcieri. Por meio de um *tweet* (Figura 2) emitido em seu perfil, e socializado em rede, a plataforma demonstrou um comportamento

algorítmico sistemático, em que deliberadamente privilegia o recorte do rosto branco em detrimento do rosto negro em miniaturas de *tweets* com imagens.

Figura 2: *tweet* de Tony Arcieri (2018)



Fonte: site *Twitter*, 2022.⁴⁵

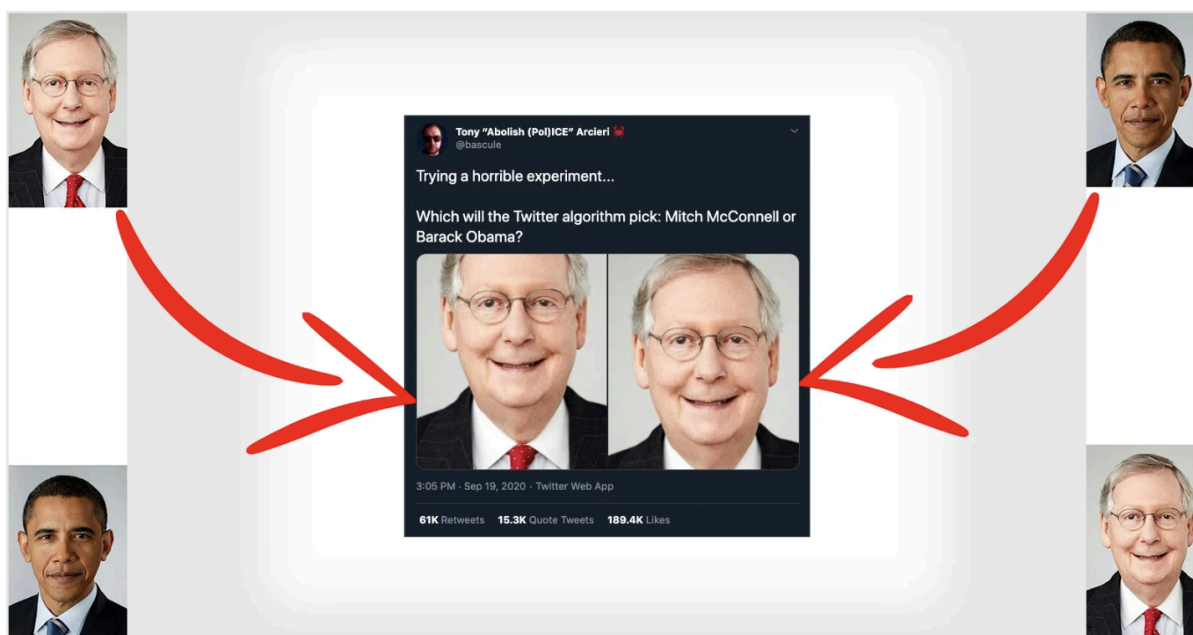
O experimento de Arcieri se baseava na utilização da ferramenta de postagem de imagens em *tweet*, na qual, caso o usuário opte por fazer o *upload* de uma imagem que extrapole o perímetro de exibição para o *feed* da plataforma, o algoritmo do *Twitter* auto-determinará qual será o recorte a ser exibido. Para comprovar que o experimento realizado por ele se efetivou em diferentes posições ocupadas por uma pessoa negra e uma pessoa branca no perímetro da imagem, o autor postou duas imagens longilíneas em que Mitch McConnell⁴⁶, para representar a pessoa branca, e Barack Obama⁴⁷, para representar a pessoa negra.

⁴⁵ Disponível em: <https://twitter.com/bascule/status/1307440596668182528>. Acesso em: 9 de ago. 2022.

⁴⁶ Mitch McConnell é um político estadunidense branco e atualmente ocupa uma cadeira do senado pelo estado do Kentucky.

⁴⁷ Barack Obama é um político estadunidense negro, ex-presidente dos Estados Unidos da América.

Figura 3: *tweet* de Tony Arcieri com miniaturas das imagens abertas (2020)



Fonte: portal Peta Pixel, 2022.⁴⁸

O resultado do experimento apontou que o algoritmo do *Twitter* irá trazer para evidência o rosto branco em detrimento do rosto negro. Após as denúncias de racismo algorítmico, a plataforma do *Twitter* reajustou esta funcionalidade algorítmica e se retratou publicamente. Em contextos recentes e intensos de interação pela *web*, aspectos acerca da racialização dos sujeitos em ambientes *online* são similares aos observados em ambientes *offline*. Isso porque racismo algorítmico encontra respaldo no racismo analógico. Afirmo isso tendo como referência o estudo de Lorna Roth (2016) sobre os cartões Shirley, da Kodak.

Roth aponta para uma reflexão sobre a calibração de cores na impressão das fotografias das máquinas Kodak que, segundo a autora, após uma conversa com um negociante de máquinas industriais, revelou o padrão da pele branca como o padrão normal de impressão fotográfica. Independentemente da capacidade do fotógrafo em balancear as cores, ajustando a velocidade do obturador, abertura do diafragma, ISO ou mesmo do processo de revelação da foto, na fase de emulsão fotográfica o resultado fotográfico sempre desfavorecia o rosto não branco.

A marca Kodak, não oferecia instruções para a revelação das fotografias levando em conta as diferentes tonalidades de pele. A única orientação para o reconhecimento de uma revelação de qualidade tinha como base os cartões Shirley, que acompanhavam os manuais de

⁴⁸ Twitter's Photo Cropping Algorithm Draws Heat for Possible Racial Bias. Disponível em: <https://petapixel.com/2020/09/21/twitter-photo-algorithm-draws-heat-for-possible-racial-bias/>. Acesso em: 10 de jul. 2022.

instruções dos equipamentos Kodak. Shirley Page (Silva, 2020, p.149) era o nome da primeira modelo a aparecer nos cartões. Apesar de muitas outras modelos assumirem o lugar de Shirley ao longo dos anos, a pele branca se mantinha como padrão "normal", a palavra normal acompanhava a fotografia, como podemos observar na imagem 24.

Imagem 24: Cartões Shirley (1950-1960)



Fonte: revista Zum, 2016.

Nos Estados Unidos, pesquisas recentes acerca das tecnologias algorítmicas de reconhecimento facial, apontam para um semelhante "erro" industrial ou algorítmico, como observado nos cartões shirley, de empresas como Amazon e a HireVue. Essas empresas, segundo os autores, "estão vendendo seus serviços para departamentos de polícia ou usando a tecnologia para auxiliar na tomada de decisões de contratação, respectivamente" (Raji *et al.*, 2020, p. 145, tradução nossa). O estudo conclui, a partir de uma auditoria realizada, que há uma disparidade ética entre o que a empresa prega em seus valores organizacionais em relação à diversidade, para as lógicas de coleta de dados de pessoas subalternizadas.

No Brasil, a pesquisadora e hacker-antirracista Nina Da Hora, bem como Tarcízio Silva, desenvolvem pesquisas que apontam que, no Brasil, é possível observar tecnologias de

reconhecimento facial que atuam a partir de um olhar racista. Reconhecendo como mais uma estratégia institucionalizada de necropolítica racial, Silva (2020, p. 110) traz o caso de um garoto negro que foi abordado no metrô em Salvador, pois foi confundido pelas câmeras com um traficante que ganhou notoriedade midiática. O autor ainda reforça que os "falsos positivos" apontam para pontos questionáveis do reconhecimento facial e "sua relação com a infraestrutura de transporte público e o direito à cidade e a normalização da decisão computacional como fuga da individualização da responsabilidade humana" (Silva, 2020, p. 111).

Daniels ainda aponta que a era da informação se torna tão racializada quanto a era industrial anterior, tendo em perspectiva os avanços sociais, políticos, econômicos e raciais das revoluções industriais em contextos ocidentais.

No entanto, a suposta invisibilidade online e a “dissociação da identidade de qualquer relação analógica com o corpo visível” se baseia em parte na suposição de que a Internet é um meio exclusivamente baseado em texto no qual a identidade racial não é visível. Embora isso possa ter sido verdade em um determinado momento ou possa ser verdade hoje em certos contextos online, não descreve adequadamente a maior parte da vida online agora. A Internet de hoje está repleta de vídeo digital, tecnologias fotográficas (como webcams), sites de compartilhamento de fotos (como Flickr.com) e sites de compartilhamento de vídeo (como YouTube.com) (Daniels, 2009, p. 18, tradução nossa)⁴⁹

Há a necessidade de reconfiguração do entendimento das relações virtualizadas que são mediadas em ambiente virtual, por imagens, vídeos entre outros artifícios visuais e audiovisuais, que servirão de suporte para a diferenciação e conseqüente segregação em território virtualizado, que é supremacista branco. Identificar os movimentos que segregam e constroem fronteiras virtualizadas, que irão distanciar sujeitos marcados pelas suas diferenças, é um processo delicado e demanda reflexão crítica. Mas para construir uma reflexão comparativa entre espaço/territórios virtualizados e não-virtualizados, é preciso reconhecer que as práticas observadas em ambos os territórios estão interligadas, "o mundo *online* reproduz a identidade racial construída *offline*" (Daniels, 2009, p. 18, tradução nossa)

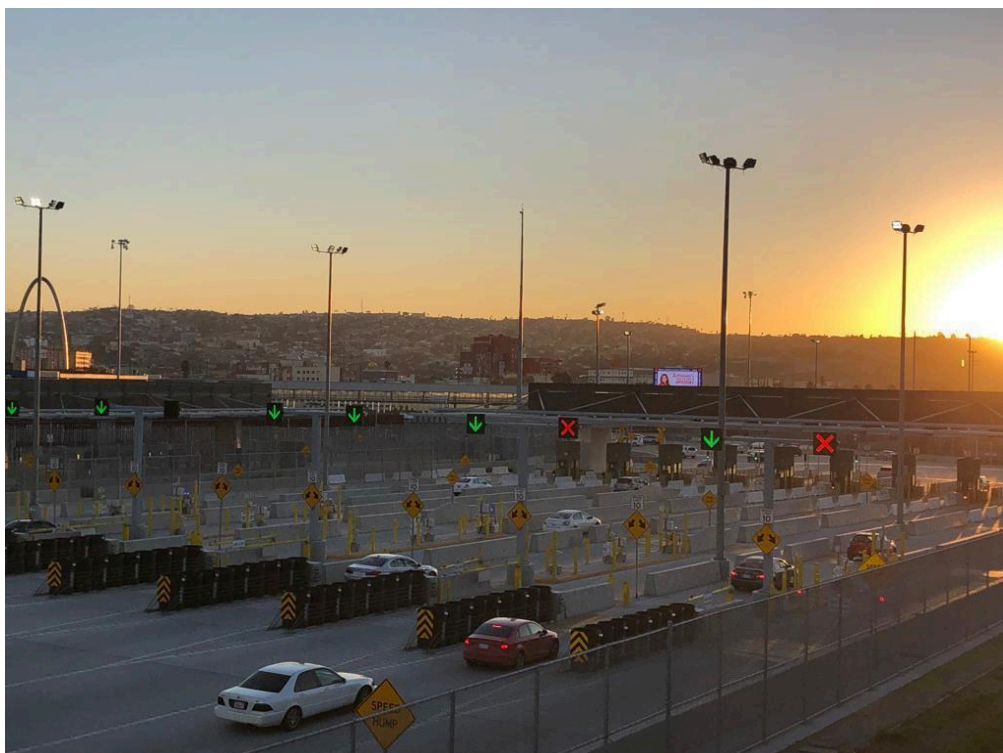
Nos ambientes não-virtualizados existe uma tendência de que, paradoxalmente, os movimentos humanos no espaço irão confrontar a lógica de determinação territorial do

⁴⁹ "Yet the supposed invisibility online and the “decoupling identity from any analogical relation to the visible body” rests in part on an assumption that 18 Chapter Two the Internet is an exclusively text-based medium in which racial identity is not visible.13 While that may have been true at one point in time or may be true today in certain online contexts, it does not adequately describe the majority of life online now. Today’s Internet is full of digital video, photographic technologies (such as webcams¹⁴), photo-sharing sites (like Flickr.com), and video-sharing sites (like YouTube.com)" (Daniels, 2009, p. 18).

Estado Nação, apresentando uma ameaça à estrutura moderna (Appadurai, 1997, p. 35). Essa estrutura será "ameaçada" pela capacidade do ser humano em produzir fluxos culturais, físicos entre outras possibilidades. Observamos como um grande exemplo dessa necessidade de movimentos humanos no espaço a questão da imigração latino-americana para o território estadunidense. Em contrapartida a este movimento humano, existe um grande esforço e resistência do Estado Nação que determina a construção de muros nas fronteiras sul do país e estimula as políticas de deportação para essas populações. Embora não toda a população, pois a classe média latino-americana, especialmente branca, continua sendo bem-vinda para trânsito, como turistas, nos Estados Unidos.

A fotografia 25 é um registro feito por mim da fronteira entre Estados Unidos e México, especificamente entre a cidade de San Diego/EUA e Tijuana/MX. Antes do extenso muro que corta o Estado da Califórnia/EUA com a Baixa Califórnia/MX adentrar o oceano pacífico, é possível observar o controle de fluxo de pessoas na fronteira terrestre. Ao fundo enxergamos a cidade de Tijuana em um pôr-do-sol. Do lado oposto do muro, em território estadunidense, localizam-se imensos shoppings *outlets* procurados por turistas de classe média mexicanos.

Imagem 25: fronteira entre Estados Unidos e México



Fonte: acervo do autor, 2022.

No *ciberespaço* essas lógicas se moldam de maneira semelhante. Apesar de as plataformas de sociabilidade virtualizada, por exemplo, expressarem em sua construção aspectos de uma identidade hegemônica e supremacista branca, reflexo de quem constrói e delimita o algoritmo, os fluxos entre os usuários reconfiguram este espaço. Para compreender melhor a relação entre usuários e plataformas, utilizaremos da perspectiva instituída em Milton Santos (2006, p.38) ao pensar a natureza do espaço, em que o autor revisita a própria teoria apontando que o território é constituído pela noção de fixos e fluxos.

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (Santos, 2006, p. 38).

Pensemos nos espaços virtualizados, reconhecendo as redes de sociabilidade virtualizada enquanto fixos estabelecidos virtualmente. As estruturas construídas por essas redes possibilitam que os usuários transitem em diferentes espaços, a partir da sua necessidade de interação. Essas estruturas estão de certa forma fixadas em um lugar do ciberespaço e os usuários podem decidir se utilizam ou não essas estruturas.

Por outro lado, proponho pensar nos diferentes usuários enquanto fluxos diante dessas plataformas de interação virtualizadas. Estes usuários irão modificar essas estruturas uma vez que se instalem nos fixos - que são essas redes de sociabilidade - modificando os significados e valores pré-estabelecidos pela capacidade constitutiva dos fixos. Independentemente das expectativas pré-concebidas na geografia do espaço virtualizado, que não reconhece as diferenças e que sugere que o território virtual, assim como o Estado Nação, não será plural e global, o uso dessas redes por pessoas com marcadores que as diferenciam dos hegemônicos acontecerá.

Neste sentido, é importante nos alinhar ao pensamento proposto por Appadurai (1997), que aponta para uma geografia pós-nacional que transgride as restrições estabelecidas pelo Estado Nação, para, assim, pensarmos uma ocupação do espaço virtualizado por pessoas negras.

O uso de tecnologia da informação negra destaca o capital técnico e cultural negro enquanto desorganiza as normas brancas, masculinas e de classe média da tecnocultura ocidental. As práticas digitais negras desafiam essas normas por meio do deslocamento, da performatividade, do pathos e do uso explícito dos lugares-comuns da cultura negra. Essas práticas são otimizadas

para a eficiência comunicativa em suas respectivas mídias, a partir de um prazer na expressão linguística criativa e práticas discursivas históricas e experiências de evasão da vigilância racial branca à vista de todos. (Brock, 2020, p. 17, tradução nossa)⁵⁰

Assumindo uma outra ótica que dialoga com o pensamento proposto acima, Sérgio Amadeu Silveira (2023, p. 15) aponta que um novo movimento colonial se apresenta e ele é datado. Esta face colonialista abandona o colonialismo histórico em que os europeus utilizavam métodos para acumulação primitiva de capital.

Existe um enriquecimento estadunidense, a partir da ideologia californiana neoliberal que originou as *big techs*, que atua na exploração de países tecno-economicamente desfavorecidos, contribuindo para a manutenção imperialista, configurando o chamado colonialismo digital.

A US International Trade Commission (USITC), em 2012, foi acionada pelo Senado norte-americano para documentar e quantificar o impacto econômico da restrição ao fluxo transnacional de dados que começava a ser reivindicado por pesquisadores, ativistas e governos de diversos países. Como resultado, a USITC estimou que, em 2011, o comércio e os serviços digitais que incluem o fluxo de dados aumentaram o PIB dos Estados Unidos entre 517 bilhões e 715 bilhões de dólares e geraram aproximadamente 2,4 milhões de empregos. (Silveira in Faustino; Lippold, 2023, p. 16)

Compreendendo a estrutura do colonialismo digital apontada em Silveira (2023), Faustino e Lippold (2023) propõem que pensemos em hackear a estrutura digital que se mantém em andamento. A encruzilhada entre tecnologia capitalista/racista e resistência anticolonial propõe, segundo os autores, uma saída de hack-ativismo inspirada no exemplo sintetizado por Frantz Fanon ao observar a apropriação anticolonial tecnológica na Argélia (Faustino; Lippold, 2023, p. 186). O psiquiatra martinicano aponta como a apropriação da estrutura tecnológica colonizadora pode funcionar como uma estratégia efetiva de luta e resistência anticolonial, se referindo à apropriação do rádio - inserido pelos franceses na Argélia para dissolução da cultura muçulmana - pela população como um meio de comunicação insurgente.

⁵⁰ "Black information technology use highlights Black technical and cultural capital while disrupting the white, male, middle-class norms of Western technoculture. Black digital practices challenges these norms through displacement, performativity, pathos, and the explicit use of Black cultural commonplaces. These practices are optimized for communicative efficiency on their respective media, drawing from a pleasure in creative linguistic expression and historical discursive practices and experiences of evading white racial surveillance in plain sight." (Brock, 2020, p. 17)

Diante do massacre colonial que ocorreu em 1945, em que os franceses assassinaram quarenta e cinco mil argelinos (Queiroz, 2013, p. 115), os argelinos revolucionários subverteram a lógica produtivista do rádio, se apropriando da tecnologia.

O instrumento técnico, o aparelho de rádio, perde quase magicamente - ainda que tenhamos visto a progressão harmônica e dialética das novas necessidades nacionais - seu caráter de objeto do inimigo. O rádio receptor deixa de formar parte do arsenal de opressão cultural do ocupante. Ao converter-se o rádio num meio singular de resistência à frente das pressões psicológicas e militares cada vez maiores do ocupante, a sociedade argelina, por um movimento autônomo interno, decide assumir a nova técnica e incorporar-se assim aos novos sistemas de comunicação postos ao dia pela revolução. (Fanon, 1976, p. 63-64).

A Frente Nacional pela Libertação (FNL) utilizou da radiodifusão para disseminar A Voz Argelina Combatente, em árabe, francês e cabila (Faustino; Lippold, 2023, p. 187). A partir disso, é possível reconhecer Frantz Fanon como um pensador que compreende e examina a dialética entre o dominado e o liberto, pensando a utilização da tecnologia como uma estratégia para a descolonização. Importante destacar que o autor não está propondo que a recepção e ocupação das ferramentas tecnológicas aconteça de maneira passiva, ele estimula que pensemos em uma apropriação anticolonial antropofágica (Faustino; Lippold, 2023, p. 188). Essa proposta de canibalização anticolonial desenha de maneira paralela para a ciberreterritorialização negra do ciberespaço.

A população negra se apropria do espaço tecnológicos/virtualizados como quando reivindicou e ocupou territórios para o estabelecimento de quilombos há séculos. E nesses espaços de supremacia branca a população negra estabelece redes e conexões para continuarem neste espaço, por mais que existam lógicas perversas de segregação que transversalizam classe e, por conseguinte, raça, as redes de sociabilidade de comunidades negras resistem no ciberespaço.

4.2 Ciberativismo negro

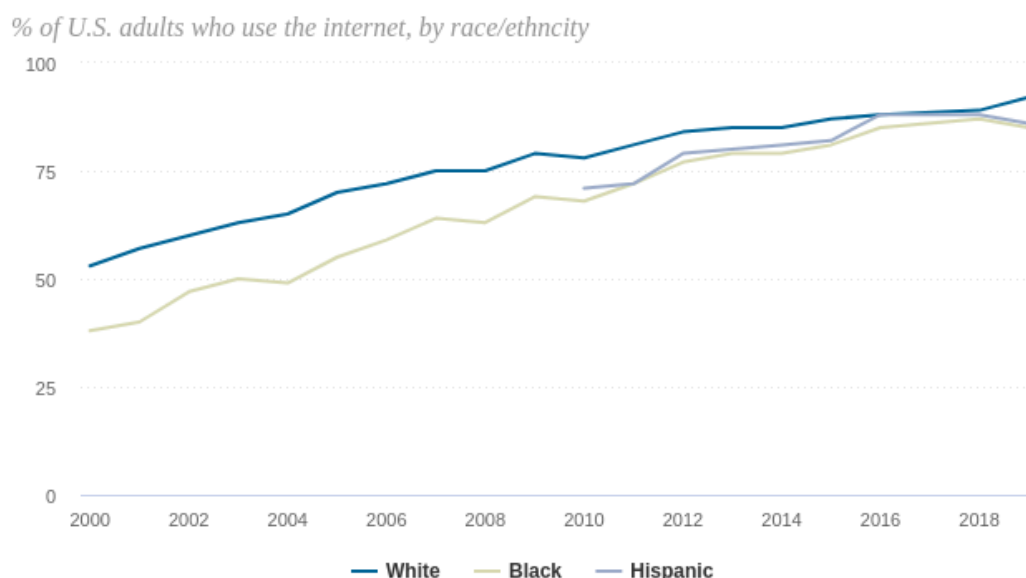
Ao pensar o espaço virtualizado como possibilidade de ocupação e reivindicação, a mobilização de pessoas negras que enxergam nas redes possibilidades de manifestação se intensifica. Apesar do Brasil assumir a marca de quarto país com maior quantidade de usuários de internet segundo *Internet Live Stats* (2016), é possível identificar desigualdades

de acesso à internet de qualidade. Essas condições limitam a interação e participação da população negra brasileira em Ciberterritórios coloniais.

A comparação entre Estados Unidos e Brasil proposta neste trabalho, ao analisar a capacidade de acesso da população à internet, encontra divergências proporcionadas pela disparidade observada na capacidade econômica entre os países. A realidade dos impactos de consumo e de acesso a bens relacionados à tecnologia da informação para pessoas negras em ambos os países é bastante diferente.

Figura 4: Uso de internet por raça/etnia nos Estados Unidos (2021)

Internet use by race/ethnicity



Source: Surveys conducted 2000-2019. Data for each year based on a pooled analysis of all surveys conducted during that year. Data for Hispanics includes only surveys that included Spanish-language interviews.

Fonte: Pew Research Center (2022) ⁵¹

Segundo pesquisa realizada pelo *Pew Research Center* sobre a evolução do acesso à internet por pessoas no ano de 2021, observando o recorte de raça, 91% da população negra estadunidense tem acesso ou usa a internet. O Estudo ainda aponta que 93% da população branca têm acesso ou usa internet no mesmo recorte temporal, o que as diferencia em dois pontos percentuais em relação à acessibilidade para pessoas negras. Esses dados apontam

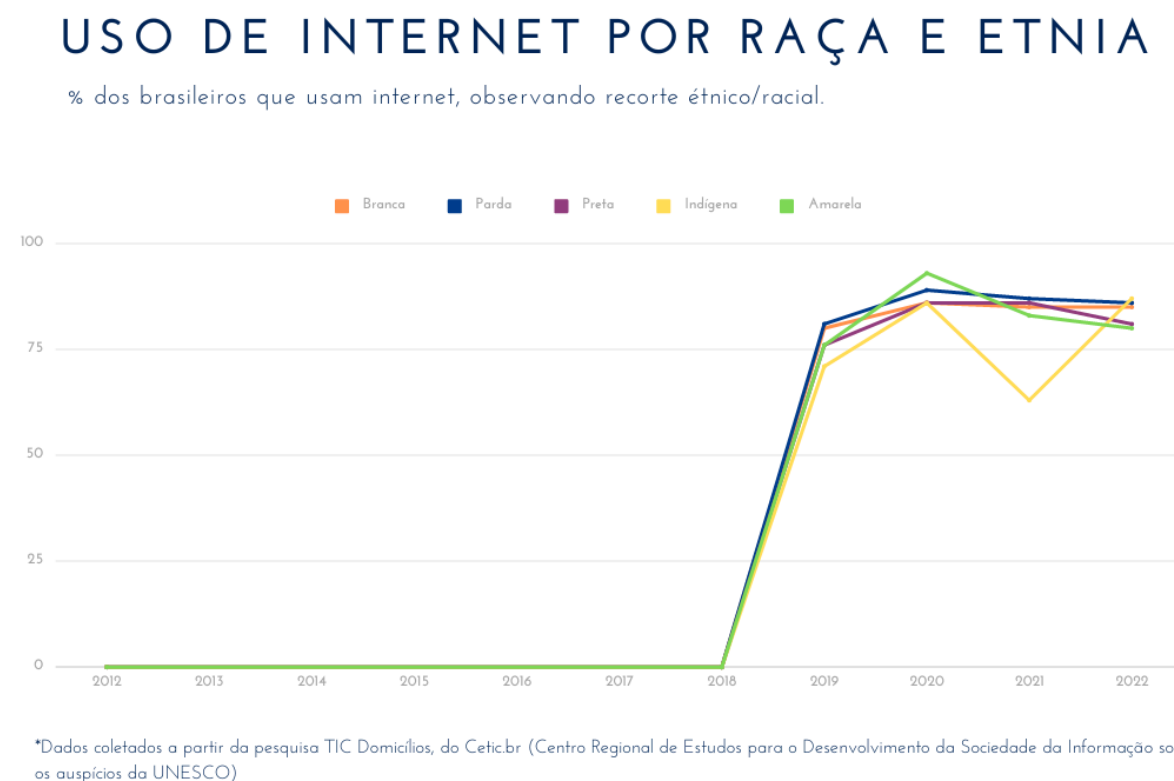
⁵¹ Internet/Broadband Fact Sheet. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/fact-sheet/internet-broadband/?menuItem=3109350c-8dba-4b7f-ad52-a3e976ab8c8f>. Acesso em 20 de jun. 2022.

para uma superação, que avança de acordo com o tempo, da desigualdade digital de acesso tendo por base a questão racial nos Estados Unidos.

No Brasil, os dados apontam um *déficit* muito grande em relação ao acesso para a população geral, em que aproximadamente 33 milhões de pessoas⁵² não têm acesso à internet. Apesar da omissão de dados, tendo o recorte de raça em perspectiva, pela última PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) realizada pelo IBGE, e reconhecendo que as desigualdades que recortam classe também serão transversalizadas por raça, é possível inferir que a falta de acessibilidade de pessoas negras é maior do que a de pessoas brancas.

A Figura 5 aponta para um gráfico que desenvolvi a partir dos dados disponibilizados na pesquisa TIC Domicílios, entre os anos de 2012 e 2022, para fazer o levantamento de dados sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil por recorte étnico-racial.

Figura 5: uso de internet por raça/etnia no Brasil



Fonte: elaboração própria, 2023.

⁵² Mais de 33 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz pesquisa. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 15 de jul, 2022.

A pesquisa realizada pelo instituto CETIC.br⁵³ (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) que atua sob os auspícios da UNESCO, apesar de ser realizada desde o ano de 2012, apresenta dados com recorte étnico-racial apenas a partir do ano de 2019. É possível observar que em 2022, aproximadamente 81% de pessoas pretas e 86% de pessoas pardas no Brasil acessaram a internet, isso revela uma média de 83,5% de pessoas negras no Brasil acessando a internet no ano de 2022. Por outro lado, os dados da pesquisa apontam para um percentual de 85% de pessoas brancas que acessaram a internet no mesmo período.

Partindo dessa comparação entre os dois países, se torna possível observar que há uma maior presença, pluralidade e expressividade de pessoas negras em rede nos EUA do que no Brasil. Para tanto, é possível reconhecer que a quantidade de pessoas negras de diferentes classes, gêneros, sexualidades, religiões e idades reivindicando e se mobilizando no espaço virtualizado será mais intenso também nos EUA do que no Brasil.

Em diferentes países em que a diáspora negra se fez presente, pessoas negras em ambiente virtualizado acabam por estruturar uma identidade informacional negra, e ela será "uma configuração duplamente consciente da identidade discursiva negra e da prática digital." (Brock, 2020, p. 21). Essa *Ciberreterritorialização* negra implica que aspectos discursivos da identidade negra também serão marcados por aspectos de sociabilidade e autopreservação em rede, tornando esse território um espaço legítimo de reivindicações e demandas.

O reconhecimento da diferença entre as dinâmicas de interação em redes sociais digitais e redes sociais *offline* é necessário, uma vez que as interações e manifestações em ambiente virtualizado deixam rastros (Recuero, 2012). Essas relações que irão constar e servir de registro no ambiente virtualizado podem reverberar e ecoar no Ciberterritório, se cristalizando em movimentos sociais. Alguns dos movimentos sociais observados em rede assumem formas de *hashtags*, utilizam de artefatos imagéticos ou audiovisuais para disseminar seus ideais.

Entretanto, as mobilizações virtualizadas dividem análises e reflexões no campo dos estudos sobre virtualização e interações sociais em ambiente digital. Essas discussões apresentam olhares que questionam os limites enxergados em mobilizações virtualizadas, e levantam pontos que consideram o engajamento virtualizado como algo que deturpa efetiva a prática cidadã (Morozov, 2009). A lógica de deturpação de uma efetiva prática cidadã se

⁵³ Os dados da pesquisa que constituem o gráfico se encontram no Anexo B, C, D e E.

justifica pela fluida e imediata sensação de contribuição e engajamento político ao demonstrar através de um *like*, por exemplo, apoio virtual por uma causa. Esta forma de ativismo é reconhecida como *Slacktivism*, ou *Clicktivism* que denotam uma maneira "preguiçosa" de ativismo.

Ao observar o movimento *#MeToo*, que mobilizou mulheres *online* a romperem o silêncio acerca dos próprios casos de violência e assédio sexual, Rosemary Clarck-Parsons (2019) alerta para a possibilidade de cooptação mercantil de causas que se destacam em ambiente virtualizado através de *hashtags*. Morozov (2018) aponta que a ascensão dos dados está intimamente ligada com a morte da política, reconhecendo que o cerne de produção dessas plataformas que se localizam no Vale do Silício, parte de premissas exploratórias, neoliberais e hipercapitalistas.

Por outro lado, a capacidade de visibilização de diferentes casos de violência que acometem corpos não-hegemônicos se destaca nos espaços de sociabilidade virtualizada, casos esses muitas vezes ignorados pelas mídias tidas como tradicionais. Importante reconhecer que a estrutura constitutiva dessas plataformas assume uma origem indiscutivelmente hegemônica, entretanto é possível identificar que essas plataformas possibilitam a existência de múltiplos espaços discursivos. Dey (2019) aponta a construção do espaço discursivo nas redes de sociabilidade virtualizada como alternativa efetiva para denúncias de assédio sexual, que ocorreram na Universidade de Javdapur no ano de 2014. A autora aponta o uso das redes como uma possibilidade da quebra de um silêncio que é estrutural, sobretudo na comunidade indiana.

O movimento é notável pelo uso efetivo de plataformas digitais para aumentar a conscientização, mobilizar massas, compartilhar opiniões e criar um espaço discursivo. Indiscutivelmente, as mídias sociais podem ter desempenhado um papel significativo na pressão do Estado e da universidade para atender às demandas dos alunos, devido à capacidade da mídia digital de criar uma contranarrativa e angariar apoio público. (DEY, 2019, p. 49)

Em realidades específicas de ciberativismo negro, a aproximação do uso das *hashtags* vêm sendo algo bastante presente para denotar indignação especificamente acerca do abuso e uso de violência institucional contra corpos negros. A ocupação das plataformas virtualizadas como novos espaços para o desenvolvimento de táticas de resistência negra deve ser um processo reconhecido como legítimo. Os movimentos negros se materializam em vozes negras que se denotam cada vez mais plurais em rede, expondo diferentes demandas e

reivindicações que atravessam as especificidades dos corpos, que se materializam através da discursividade em rede.

Em diferentes níveis, a disseminação de informações referentes a novas possibilidades reivindicativas que recortam diferentes corpos emerge em rede e agrega pessoas que se identificam com os discursos reivindicativos. Nos Estados Unidos, é possível observar em rede o fenômeno caracterizado como *Black Twitter*; um movimento que aponta uma expressiva quantidade de pessoas negras na plataforma *Twitter*; quantidade esta desproporcional ao número de pessoas negras em território estadunidense. O *Black Twitter* também se caracteriza pela grande quantidade de pessoas negras seguindo e engajando conteúdo de pessoas negras, e funciona como uma rede de resistência para pessoas negras se autopreservarem e disseminarem suas percepções.

Brock (2020, p. 106) aponta que para uma análise efetiva acerca do *Black Twitter* é redutor centralizar uma análise de mobilização via *hashtags*, pois a busca por *hashtags* nivela a riqueza da complexidade interativa e discursiva entre os usuários. O autor ainda aponta que para compreender a competência conversacional da rede *Twitter* é preciso avaliar a rede de seguidores e seguidos de um usuário específico.

Esta percepção de Brock (2020) nos aponta um caminho determinante para a compreensão de um ciberativista com potencial discursivo para promover o ciberquilombo em relação ao *Black Twitter* nos Estados Unidos (e possivelmente no Brasil). Para uma compreensão qualitativa e real, é necessário estabelecer um *corpus* que seja pautado a partir de sua rede de seguidores. Acerca da ocupação do Ciberterritório do *Twitter* pelo Movimento Pelas Vidas Negras (M4BL) dos EUA, que se consagrou como primeiro movimento de massa negro a incorporar a nova tecnologia da comunicação como aspecto central tanto da disseminação de informações quanto para construção da comunidade, Mullings afirma:

Não se pode subestimar o papel das redes sociais na divulgação de imagens da brutalidade policial, no anúncio e na organização de protestos e mobilizações, na análise de acontecimentos e na cobrança de responsabilização. Uma função relacionada e igualmente importante é a construção da comunidade. O sociólogo Marc Lamont Hill (2018 p. 287) descreve com entusiasmo o *Black Twitter* como um contra-público, uma comunidade em rede digital na qual os membros resistem ao poder hegemônico, contestam narrativas majoritárias, se envolvem em diálogos críticos ou negociam identidades de oposição. (MULLINGS, 2020, p. 266, tradução nossa)⁵⁴

⁵⁴ "The role of social media in circulating images of police brutality, announcing and organizing protests and mobilizations, analyzing events and demanding accountability cannot be underestimated. A related and equally important function is community building. Sociologist Marc Lamont Hill enthusiastically describes Black

As afirmações de Mullins nos orientam para a importância da ocupação das redes sociais pela população negra como um valioso espaço de mobilização. Esse espaço reivindicativo pode instrumentalizar a população negra para a reivindicação das práticas cidadãs, que lhes são destituídas cotidianamente. O *Black Twitter* significa este espaço de empoderamento negro, ou como Marc Lamont-Hill (2018, p. 278) determina como uma comunidade de contra-público.

No Brasil, em diferentes níveis dos Estados Unidos, é possível encontrar articulações negras como a do *Black Twitter* estadunidense. O netativismo negro se faz presente em diferentes redes de sociabilidade virtualizada. Pudemos observar uma grande mobilização virtualizada em relação à morte da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, no ano de 2018. Marielle Franco foi uma mulher negra e lésbica, vereadora da cidade do Rio de Janeiro, e foi brutalmente assassinada na cidade do Rio de Janeiro em 14 de março de 2018. Anderson Gomes, que conduzia o carro em que a vereadora estava, também foi assassinado. O crime deixou rastros de sua intencionalidade, entretanto, até a publicação desta pesquisa, a justiça ainda não foi feita em relação a quem mandou matar Marielle.

Figura 6: *tweet* de Viola Davis sobre Marielle Franco (2018)



Fonte: site *Twitter*, 2022.⁵⁵

Twitter as a counter public... a digitally networked community in which members resist hegemonic power, contest majoritarian narratives, engage in critical dialogues or negotiate oppositional identities” (MULLINGS, 2020, p. 266)

⁵⁵ Disponível em:

https://twitter.com/violadavis/status/976113594596118528?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E976113594596118528%7Ctwgr%5E208fee825f12362c31993095bb1da911a5c9665d%7Ctwco

A figura 6 é um *tweet* feito pela premiada atriz estadunidense Viola Davis, no dia 20 de março de 2018, quatro dias após o assassinato de Marielle Franco. A atriz tweeta "Acabei de ler sobre essa mulher corajosa #MarielleFranco, que lutou pelos direitos dos pobres nas favelas. Estou apoiando e lutando com você, Brasil! Viva Marielle e Anderson" (tradução nossa).

A partir de uma grande mobilização dentro e fora das redes, campanhas que levantavam as *hashtags* #MarielleFranco, #MarielleVive, #MariellePresente e #QuemMandouMatarMarielleFranco assumiram grande reverberação em rede e tomaram o mundo em busca de justiça para o caso da vereadora. As manifestações ecoaram dentro e fora das redes, carregando as *hashtags* como as principais palavras de ordem.

Artistas de todo o mundo demonstraram a sua indignação através das redes, a exemplo da atriz estadunidense Viola Davis no *tweet* acima. A grande repercussão do caso de Marielle Franco ecoou e ainda ecoa nas redes de sociabilidade virtualizada. As reivindicações sobre a morte de Marielle tensionam as investigações sobre o caso, que se arrasta desde o dia do assassinato.

A figura 6 indica um momento de *alargamento* da hashtag brasileira, que impactou o discurso para além das fronteiras virtuais que separam o círculo do *Twitter* estadunidense/europeu para o círculo do sul global. Ao observar este alargamento, uma nova hipótese acerca do Ciberquilombo emerge: apesar de enxergar a possibilidade de uma rede virtualizada pan-africana de autopreservação, o lugar geográfico de acontecimento e emissão impacta, em maior ou menor escala, a prática quilombista em rede.

Tendo a compreensão do impacto da estrutura moderna no ciberterritório, nos orientamos para uma compreensão mais crítica dos movimentos de alargamento e estreitamento do quilombo comunicacional em rede. Entretanto, direcionado pelo exemplo acima, em que Viola Davis tweeta sobre a morte de Marielle Franco, será possível reconhecer algumas fissuras dessa complexa estrutura idealizada pela branquitude estadunidense que é o ciberespaço?

Pensar nas possibilidades de ocupação dos espaços virtualizados como possibilidade reivindicativa do espaço estimula que reconheçamos as redes de sociabilidade virtualizada como possíveis canais de mobilização. O ciberativismo negro se desenvolve nas múltiplas plataformas de interação digital, esta movimentação indica que a Ciberreterritorialização seja uma ativa e efetiva ação reivindicativa do espaço.

[n%5Es1 &ref_url=https%3A%2F%2Fclaudia.abril.com.br%2Fnoticias%2Fartistas-internacionais-se-posicionam-sobre-marielle-franco%2E](https://3a%2F%2Fclaudia.abril.com.br%2Fnoticias%2Fartistas-internacionais-se-posicionam-sobre-marielle-franco%2E). Acesso em: 05 de ago. 2022.

5. PÓS-IMAGEM - METODOLOGIA

However the image enters
 its force remains within
 my eyes [...]

His broken body is the afterimage of my 21st year
 when I walked through a northern summer
 my eyes averted
 from each corner's photographs
 newspapers protest posters magazines
 Police Story, Confidential, True
 the avid insistence of detail
 pretending insight or information
 the length of gash across the dead boy's loins
 his grieving mother's lamentation
 the severed lips, how many burns
 his gouged out eyes
 sewed shut upon the screaming covers
 louder than life
 all over

Ao passo que a imagem entra
 Sua força se mantém
 em meus olhos [...]

Seu corpo quebrado é a pós-imagem do meu 21º
 ano
 quando eu andava pelo verão do norte
 meus olhos desviavam
 das fotografias em cada esquina
 jornais, cartazes de protesto, revistas,
 História policial, Confidencial, Verdadeira
 a ávida insistência do detalhe
 fingindo compreensão ou informação
 o comprimento do corte nos lombos do menino
 morto
 lamentação de sua mãe de luto
 os lábios cortados, quantas queimaduras
 seus olhos arrancados
 costurados bem na superfície que gritavam
 mais alto que a vida
 por toda parte
 (Tradução nossa)
 Audre Lorde, *Afterimages*, 1997.

A epígrafe que abre a sessão de discussão metodológica é uma lembrança do poema de Audre Lorde, *Afterimages*, que em tradução para língua portuguesa compreende-se como *Pós-imagem*. Audre Lorde é uma escritora negra lésbica estadunidense. Mulherista, feminista negra, ativista dos direitos de mulheres lésbicas, e, portanto, agente dos direitos humanos, o pensamento de Lorde se comunica através do tempo, pelas palavras em poesia, efetivamente com pessoas que compartilham a mesma base histórica. Em seus textos, a autora estabelece potentes elos comunicativos através de sua singular capacidade discursiva. Capacidade essa transversalizada por aspectos de suas experiências e subjetividades (Brito, 2020, p. 57) que promovem, ainda que postumamente, uma aproximação e identificação com seu público leitor.

Neste poema⁵⁶ Lorde relata por meio de sua irretocável linguagem poética e capacidade discursiva, o impacto da *pós-imagem* de cristalizar memórias em sua existência acerca da violência racial. Lorde estava com vinte e um anos de idade. As imagens que arquivou na retina podem parecer ter o mesmo referencial daquelas reproduzidas pelas mídias

⁵⁶ Cf. Clenora Hudson-Weems. *Womanist afrikana*. Filadélfia: *Afrocentricity International*, 2016.

tradicionais em 1955 após o assassinato brutal de Emmett Till, um garoto negro de 15 anos de idade, após supostamente assoviar para uma garota branca em Money, Mississippi. O assassinato de Emmet Till aconteceu ainda durante o regime de leis segregacionais Jim Crow nos Estados Unidos, um período marcado por intensa prática de violência racial no país.

Entretanto, inferimos que as imagens que ecoam na memória de Lorde possuem um outro vínculo comunicacional. Não são apenas retratos de Emmet desfigurado em seu caixão, são imagens de sua mãe inconsolável em franco desespero ao lado de seu corpo, com o contraponto da imagem de uma mulher branca que sofre pela perda de seus bens materiais em uma enchente após uma cheia no rio Pearl, em Jackson, Mississippi. O relato textual-imagético de Lorde visibiliza, a partir do ponto de vista de uma mulher negra e estadunidense, o impacto discursivo da narrativa de violência racial legitimada pelo Estado e por parcelas da sociedade civil - e como isso afeta a sua subjetividade e reformula a sua experiência individual a partir do fato coletivo.

Os caminhos que guiaram a enunciação discursiva de Audre Lorde ao compor textualmente *Afterimages*, orientam para trilhas imagéticas que se cruzarão futuramente. Mais de seis décadas à frente no tempo, em um contexto de construção discursiva impactada pela tecnocultura⁵⁷, a violência racial persiste e o requinte da manutenção das suas práticas encontra respaldo nas múltiplas maneiras de exercício de racismo⁵⁸. Assim como Lorde, as manifestações de pessoas negras impactadas diretamente pela violência racial emergem na atualidade. Entretanto, o eco das elaborações discursivas destas pessoas em ambiente virtualizado assume outra lógica reverberativa.

A exemplo da publicação de *Afterimages* no ano de 1997. A publicação se dá em uma coleção de poemas da autora cinco anos após a sua morte, em 1992. A capacidade discursiva elaborada a partir da experiência e subjetividade de Lorde em *Afterimages*, seria um potente elo comunicativo entre pessoas negras - especificamente mulheres negras - compreendendo a lógica do quilombo comunicacional. Entretanto, a narrativa exposta pelas mídias tradicionais ocupou espaço e - esta sim - ecoou.

Pensar a experiência e a formação do sujeito como processos é reformular a questão de “agência”. O “eu” e o “nós” que agem não desaparecem, mas o que desaparece é a noção de que essas categorias são entidades unificadas, fixas e já existentes, e não modalidades de múltipla localidade,

⁵⁷ Cf. Lúcia Santaella. A tecnocultura atual e suas tendências futuras. *Signo y pensamiento*, v. 31, n. 60, p. 30-43, 2012.

⁵⁸ Cf. Silvio Almeida. *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

continuamente marcadas por práticas culturais e políticas cotidianas. (Brah, 2006, p. 361)

O Ciberquilombo assume, portanto, um potencial de reconfiguração deste "nós", que se une através das capacidades de enunciação discursiva mediadas pela experiência. Esta nova configuração se dá pelo reposicionamento do discurso, viabilizado pela apropriação dos Ciberterritórios por pessoas negras, e também pela capacidade de propagação e difusão exponencial que as plataformas de sociabilidade virtualizada proporcionam, incluindo movimentos sociais.

Imagem 26: bandeira LGBT e bandeira *Black Lives Matter*. La Jolla, EUA



Fonte: acervo pessoal do autor, 2022.

A imagem 26 é um registro feito por mim, no ano de 2022, de um dos prédios de moradia estudantil da Universidade da Califórnia em San Diego. Na sacada, é possível observar duas bandeiras: uma bandeira do movimento LGBTQIAPN+ e outra bandeira com a frase *Black Lives Matter*. Bandeiras são imagens que carregam, essencialmente, sentidos. São imagens da afirmação de valores. São históricas formas da comunicação de pensamentos. Em minha retina, essas duas bandeiras dialogam com o poema de Lorde. Não apenas por simbolizar processos de cristalização de memórias, mas pela sensibilização e organização coletiva de lutas por direitos.

O surgimento e popularização do movimento *Black Lives Matter* nos Estados Unidos, iniciado por três mulheres negras - Patrisse Cullors, Patrizia Garza e Opal Tometi - nos remete à lógica de enunciação discursiva de indignação⁵⁹ e protesto, observada em Lorde. A mobilização virtualizada se inicia pela indignação acerca da decisão judicial de absolvição de George Zimmerman, acusado de ter assassinado a tiros o jovem negro Trayvon Martin, de 17 anos, em Sanford, estado estadunidense da Flórida. A mobilização, em um primeiro momento, é marcadamente de pessoas negras que encontram em comum a revolta de ser um constante alvo da violência institucionalizada.

Um jovem teólogo que se tornou um membro fundador do capítulo BLM no sudoeste: “Eu fui profundamente afetado pela decisão de Trayvon Martin ... o dia como sendo 9 de agosto ... a consciência pessoal entrou em ação por eventos ... **Eu continuei esperando pelos 'verdadeiros ativistas', então percebi que era eu. Comecei a ler tweets, Facebook e conversar com as pessoas na rua ...** conheci outros ativistas” (Mullings, 2020, p. 258, grifo nosso e tradução nossa)⁶⁰

O relato acima, registrado por Mullings, aponta para uma prática que nos estimula a defender a tese aqui apresentada. A partir da necessidade de **autopreservação** negra que é constantemente ameaçada pelos casos de violência racial nos Estados Unidos, pessoas negras ocupam os espaços, em um movimento de reterritorialização/ocupação, das redes de sociabilidade virtualizada. Estas pessoas iniciam, através da autopreservação outrora enxergada na composição do quilombo, a mobilização em larga escala viabilizada pela capacidade reverberativa das redes.

⁵⁹ Em busca de ressignificar a etimologia da palavra indignação, propomos olhar para seu sentido não pela perda de dignidade, mas sim pela revolta contra quem quer usurpar nossa dignidade.

⁶⁰ "A young theologian who became a founding member of BLM chapter in the Southwest: "I was deeply affected by the Trayvon Martin decision... the day as being august 9... personal consciousness sprang into action by events... I kept waiting for the 'real activists,' then i realized it was me. I began reading tweets, Facebook and talking to people in the street... I met other activists" (Mullings, 2020, p. 258)

No Brasil, as atividades de autopreservação negra propiciadas pelas redes após o surgimento do *Black Twitter* nos Estados Unidos, também se perfizeram. Em novembro de 2020, a partir da necessidade de acionamento da sociedade civil para um protesto, desenvolvi a composição da peça gráfica que segue ilustrada pela figura 7. A imagem abaixo se trata de uma postagem, do Movimento Negro Unificado de Goiás convocando a sociedade civil para um ato em prol das vidas negras. O ato tomou as ruas de Goiânia no dia 23 de novembro de 2020, quatro dias após o assassinato de João Alberto de Freitas no estacionamento do supermercado Carrefour na cidade de Porto Alegre.

Figura 7: Post de convocação para o Ato Pelas Vidas Negras em Goiânia (2020)



Fonte: site *Instagram*, 2022.

Observar a capacidade discursiva reivindicativa como um aspecto de mobilização e resistência se torna possível ao reconhecermos o impacto enunciativo e seus traços marcados

por experiência e subjetividade. Neste sentido, observar a capacidade de autopreservação em rede se torna um aspecto fundamental para o reconhecimento do Ciberquilombo.

Entretanto, para reconhecermos as potencialidades múltiplas do quilombo em contextos virtualizados, a autopreservação negra não se configura como único aspecto para o entendimento do ciberterritório como um espaço quilombista. Pensando no poder do discurso para a construção do Ciberquilombo, esta pesquisa se propõe a observar a lógica discursiva do *Black Twitter* no Brasil e nos Estados Unidos como uma configuração ciberquilombista no *Twitter*, a partir das categorias da autopreservação, reterritorialização e sociabilidade.

Utilizaremos nesta tese discursos enunciados na plataforma *Twitter* por pessoas negras no *Black Twitter*. As práticas de sociabilidade, reterritorialização e autopreservação apresentadas no primeiro capítulo, observadas na organização do quilombo para a garantia de sua unidade, foram as grandes categorias escolhidas para nossa base metodológica. Elas fundamentam a seleção de nossa amostra de pesquisa.

Tais categorias foram utilizadas na seleção de *hashtags*⁶¹ do *Black Twitter*. A partir da observação de temas de relevância no *Twitter* para o círculo do *Black Twitter* elencamos algumas *hashtags* que mobilizaram a opinião pública sobre casos que aconteceram no Brasil e também nos Estados Unidos. A partir delas, faremos uma filtragem inicial de *tweets* de maior relevância de acordo com as interações. Importante destacar que uma análise da rede de seguidores e seguidos do usuário (Brock, 2020, p. 106) será feita antes da escolha do *tweet*, com o intuito de validação do usuário enquanto membro do *Black Twitter*.

Para a análise da categoria de autopreservação, selecionamos *tweets* vinculados às seguintes *hashtags*: #JusticeForGeorgeFloyd⁶², #JusticaPorBeto⁶³, #JusticeForBreonnaTaylor⁶⁴ e #JusticaPorKathlenRomeu⁶⁵. Quatro casos de violência racial

⁶¹ Hashtag é um recurso de agrupamento de assuntos ou discussões em redes sociais. As hashtags são antecedidas pelo símbolo da cerquilha (#). Atuam como indexadoras de conteúdo. Na língua inglesa o termo hashtag é constituído pela aglutinação de Hash (cerquilha) + Tag (marcação).

⁶² A *hashtag* #JusticeForGeorgeFloyd se refere ao caso de assassinato brutal de George Floyd, um homem negro, que ocorreu em Minneapolis, por Derek Chauvin, um policial branco, no dia 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/05/31/us/george-floyd-investigation.html>. Acesso em: 4 de out, 2023.

⁶³ A *hashtag* #JusticaPorJoãoBeto se refere ao caso do violento assassinato de João Alberto de Freitas, um homem negro, no estacionamento do supermercado Carrefour em, Porto Alegre.. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 4 de out, 2023.

⁶⁴ A *hashtag* #JusticeForBreonnaTaylor se trata de uma manifestação virtual acerca do caso de brutal assassinato de Breonna Taylor, no Kentucky, por policiais armados, dentro de sua casa. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/04/us/breonna-taylor-black-lives-matter-women.html>. Acesso em: 4 de out, 2023.

⁶⁵ A *hashtag* #JusticaPorKathlenRomeu se refere ao caso de assassinato da jovem grávida KathlenRomeu, por agentes da polícia militar, no Rio de Janeiro, em uma operação na comunidade Lins de Vasconcelos. Disponível em:

que, assim como em Jackson no ano de 1955, resultaram no assassinato de pessoas negras. Os quatro casos, apesar de serem também relatados pela mídia tradicional, se tornaram notórios e reverberaram por meio das mídias sociais virtualizadas. Escolho os quatro casos para representar a categoria de autopreservação para que seja possível observar diferenças analíticas sobre o recorte de localidade - Brasil e Estados Unidos - e também sobre o recorte de gênero. A autopreservação aqui tem o sentido de denúncia contra o genocídio das populações negras.

Para a análise da categoria de reterritorialização, selecionamos as seguintes *hashtags*: #OscarsSoWhite e #MinistraNegraJa. A escolha das duas *hashtags* se justifica pelas reivindicações acerca da ocupação negra em lugares de poder usualmente enxergados como exclusivos ou predominantes da branquitude. A reterritorialização aqui tem o sentido de ocupação de territórios de poder simbólico cujo acesso às pessoas negras é historicamente controlado, quando não impedido.

Por fim, para análise no âmbito da categoria de sociabilidade, selecionamos as seguintes *hashtags* para uma filtragem inicial dos *tweets*: #AfroSegueAfro e #BlackTwitter. Tais *hashtags* foram escolhidas pelo potencial estímulo a um fortalecimento e manutenção do *Black Twitter* enquanto território ciberquilombista. É na sociabilidade, característica principal das redes sociais - e da comunicação em geral - que há possibilidades de organização, reunião e agenciamento.

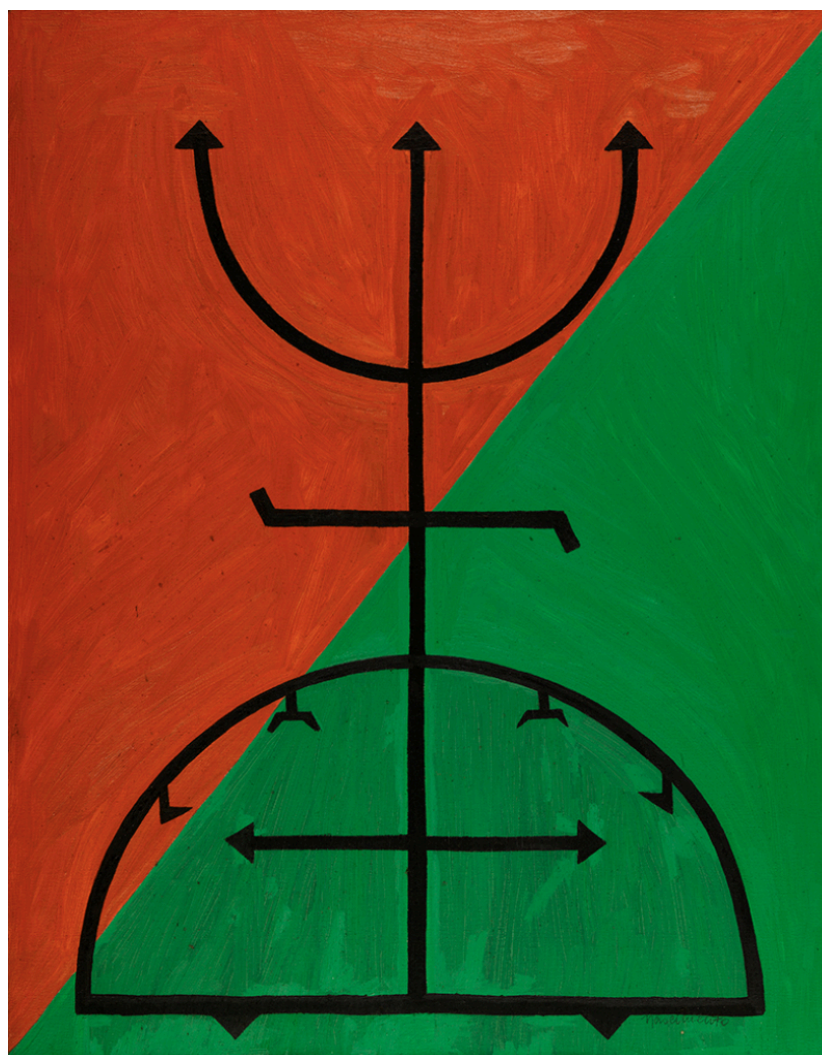
Através da Análise do Discurso (Orlandi, 2009), tomada como instrumento metodológico, reconheceremos o potencial intra e interdiscursivo das narrativas enunciadas no *Black Twitter*, levando em consideração os aspectos de sociabilidade, reterritorialização e autopreservação presentes nos discursos. É a Análise do Discurso que será responsável por visualizar pensamentos político-ideológicos cristalizados no discurso.

Por meio de uma estratégia de análise pluri-metodológica, buscamos convergir procedimentos investigativos na compreensão de distintos aspectos de reconhecimento do Ciberquilombo. Por isso, objetivamos também considerar a estrutura enunciativa da plataforma em que os discursos se materializam. Foi assim que também dialogamos com a Análise Crítica Tecnocultural do Discurso. A partir do olhar de Brock (2020) acerca da necessidade de compreender a dinâmica discursiva das interfaces enunciativas, propomos aqui estabelecer uma análise que leve em consideração os aspectos enunciativos capazes de

mobilizar - em um primeiro momento - pessoas negras em rede, mas que também seja capaz de compreender a interface que estimula a disseminação tecnocultural.

Ao final das análises propomos a elaboração de um diagrama visual, que se constitui a partir da diferenciação dos tweets em sua capacidade comunicativa (sociabilidade), em sua capacidade de ocupação (reterritorialização), em sua capacidade de resistência (autopreservação). Esse diagrama visual se justifica a partir da estrutura visual que simboliza o quilombismo (imagem 27), em que Abdias Nascimento elabora estética e semanticamente a lógica quilombista trazendo ao topo o tridente de Exu, que simboliza a capacidade comunicacional do quilombismo, e na parte inferior o arco e flecha de Ogum, que simboliza o potencial de resistência e autopreservação, respectivamente.

Imagem 27: O quilombismo (Exu e Ogum) (1980)



Fonte: enciclopédia Itaú Cultural, 2023.

A elaboração do diagrama aflora como uma proposta de visualização e projeção imagética de todos os *tweets* em conjunto, o que facilitará uma elaboração crítica a partir da composição das imagens dos *tweets* agrupadas. Os *tweets* podem conter imagens textuais, fotográficas e/ou audiovisuais. Partimos da lógica de reconhecimento da elaboração interpretativa das imagens e sua capacidade de ser um território da memória, um imenso "jardim de arquivos declaradamente vivos" (Samain, 2012, p. 22).

Reconhecendo os olhares de Samain (2012) para a capacidade das imagens dialogarem entre si, propomos enriquecer o caráter desta análise discursiva e tecnocultural a partir de uma projeção visual/montagem que nos oriente a pensar pelo olhar (Bruno, 2019, p. 202), enxergando os alargamentos e estreitamentos existentes no *Black Twitter*.

5.1 A Análise do Discurso (AD)

O reconhecimento das múltiplas capacidades de impacto que o discurso pode exercer sobre diferentes sujeitos é importante para delimitar as implicações em um contexto social, que é diverso e plural. O objeto simbólico que o discurso representa possui uma carga de sentidos que ultrapassa as estruturas gramaticais e da língua propriamente dita. A possibilidade de compreensão se faz complexa, apontando em aspecto contextual, histórico, cultural suas reais capacidades. Desse modo, a Análise de Discurso, segundo Orlandi (2009, p. 20):

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (Orlandi, 2009, p. 20)

Esta capacidade de compreensão do discurso enquanto uma enunciação imersa em ideologia e historicidade, e que é emitida de maneira intrínseca e inconsciente pelo sujeito, possibilita reconhecermos o discurso enquanto artefato simbólico. A constituição discursiva carregará, mesmo que de maneira inconsciente para o sujeito, aspectos contextuais, históricos, ideológicos e identitários.

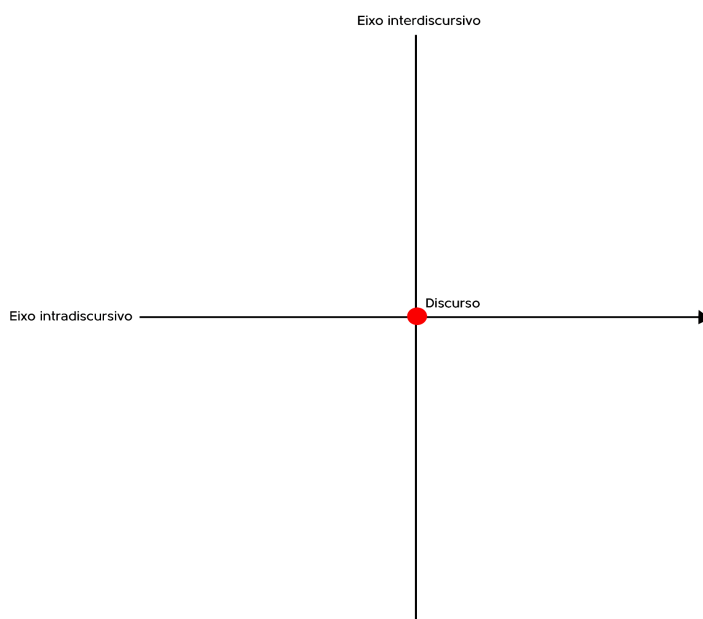
A análise observada em Orlandi (2009) determina a linguagem - e não a língua - como uma importante condição para produzir discurso. O principal propósito é analisar o circuito que a linguagem realiza, emanando do sujeito e sua potente capacidade de construir sentido através do discurso. As construções discursivas e suas capacidades de entrada no

simbólico são irremediáveis e permanentes (Orlandi, 2009, p. 09) e isso irá implicar diretamente na elaboração dos sentidos e nos compromete com o político.

Avançando no reconhecimento da ideologia na formação do discurso, segundo Orlandi (2009, p. 33) a análise discursiva precisa acontecer em âmbitos interdiscursivos e intradiscursivos. O interdiscurso se constrói a partir do que já está posto, ou seja, a partir das construções históricas ou provenientes da memória do sujeito, é reconhecida como a parte constituinte do discurso (Orlandi, 2009, p. 33-34). A capacidade intradiscursiva é estabelecida a partir das consequências e rastros que o discurso emanou a partir da sua enunciação, a partir do contexto atual "aquilo que estamos dizendo no momento dado, nas condições dadas" (Orlandi, 2009, p. 33).

Orlandi, a partir da reflexão de Courtine (1984), propõe enxergar o discurso a partir de uma visualidade, em que o interdiscurso e o intradiscurso se entrecruzam formando um eixo. O interdiscurso se estrutura como um eixo vertical, estruturado por aquilo que já foi dito a respeito e até, de certa forma, esquecido "em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível" (Orlandi, 2009, p.33). Por outro lado, o interdiscurso se dispõe no sentido horizontal, na produção de sentidos daquele discurso no exato momento da enunciação, em condições dadas. Na figura 8, busco explorar essa visualidade para que possamos vislumbrar as dimensões discursivas que serão utilizadas como variáveis analíticas desta tese.

Figura 8: eixo discursivo



Fonte: elaboração própria, 2023.

Nesta encruzilhada discursiva, eu proponho que observemos que o eixo intradiscursivo é representado por uma seta, indicando que a elaboração do discurso em âmbito intradiscursivo assume diferentes perspectivas em diferentes momentos históricos que sua enunciação acontece. Entretanto, o eixo interdiscursivo encontra no "já dito" a sua capacidade interpretativa, estando condicionado ao que já foi enunciado.

5.2 Análise Crítica Tecnocultural do Discurso

Aproximando-se de outros pensamentos acerca do discurso que buscam respostas nas capacidades de elaborações discursivas em contextos de grande fluxo comunicacional em rede, chegamos à Análise Crítica Tecnocultural do Discurso. Segundo André Brock Jr (2020) a *Critical Technocultural Discourse Analysis* (CTDA) é um método que articula pensar em três principais eixos paralelos: análise de materiais da tecnologia da informação e design virtual; investigação sobre a produção de sentidos e significados através da tecnologia da informação e também as articulações entre usuários dessas tecnologias nas plataformas (Brock, 2020, p. 69).

Esta proposta analítica tem sua origem a partir da observação de grupos sub-representados e suas dinâmicas de uso das tecnologias de informação e comunicação. Ela se torna potente ao reconhecer que estes grupos se articulam em rede produzindo fenômenos como o *Black Twitter*, a exemplo prático da análise experimentada pelo próprio autor do método. A lógica de um determinismo tecnológico que condiciona um fosso de exclusão social e tecnológica destes grupos subdeterminados é uma percepção que deve ser desconstruída, segundo Brock (2020, p. 74), e a produção de sentidos das plataformas virtualizadas não deve ser condicionada por um olhar de "normalização" pautado na branquitude.

No capítulo 3 desta tese, sobre o *Quilombo Virtual*, anunciamos previamente a necessidade de reterritorialização do Ciberterritório enquanto um reflexo teórico observado a partir dos estudos sobre o quilombismo. Este reconhecimento da reivindicação da estrutura virtualizada, que busca reflexo em Nascimento (2019), aponta para uma etapa importante da CTDA, uma vez que a necessidade da busca por enunciação discursiva em ciberterritórios caracteriza um aspecto de impacto efetivo para a construção de uma tecnocultura crítica.

A metodologia aqui adotada - que levará em consideração aspectos inter e intradiscursivos - antes mesmo de pensar em uma enunciação discursiva de um grupo

específico, deve abranger uma compreensão *lato* crítica da estrutura, ou seja, da interface em que a construção do discurso é efetivada.

No primeiro momento da análise pensaremos em um método que se inicia na análise discursiva em Orlandi (2009), relevando perspectivas acerca do interdiscurso e intradiscurso, em cruzamento com o olhar para o discurso em rede proposto por Brock (2020), acerca das considerações sobre a estrutura e interface das plataformas de sociabilidade virtualizada onde os discursos são enunciados.

Partindo dos pontos de vista sobre intradiscurso e interdiscurso, propomos aqui observar as capacidades discursivas das enunciações de pessoas negras no *Black Twitter* em âmbitos de sociabilidade, reterritorialização e autopreservação. Para a execução desta análise a partir da categoria de autopreservação, utilizamos os dois *tweets* com mais curtidas encontrados através de cada uma das *hashtags* #JustiçaPorBeto, #JusticeForGeorgeFloyd, #JustiçaPorKatlhen e #JusticeForBreonnaTaylor localizados em até um ano após os assassinatos. Para a realização da análise em âmbito de reterritorialização, observamos *tweets* encontrados a partir das *hashtags* #OscarsSoWhite e #MinistraNegraJa, na semana após a premiação do Oscar em 2023 e na sequência da manifestação ocorrida em Nova Deli durante a reunião de cúpula do G20 respectivamente. A manifestação reivindica, para o presidente Lula, a urgência da nomeação de uma ministra negra no Supremo Tribunal Federal (STF).

Por fim, para a execução da análise em nível de sociabilidade, verificamos *tweets* encontrados através das *hashtags* #BlackTwitter e #AfroSegueAfro. Faremos a seleção de *tweets* com grande número de interação. Todas estas seleções foram feitas através da busca avançada do *Twitter*.

A Figura 9 ilustra a ferramenta de busca avançada do *Twitter*, a qual faremos uso para coleta de dados. Na ferramenta podemos delimitar, a partir dos filtros, *tweets* que usam palavras específicas, frases, *hashtags*, em diferentes línguas, escritos por perfis delimitados e com níveis de interação pré-definidos.

A escolha por *tweets* neste período é feita, pois a partir destes *tweets* logo após o acontecido poderemos observar possíveis traços da origem da mobilização. A identidade dos perfis será preservada, mesmo havendo uma checagem preliminar do perfil e de sua rede de seguidores. Avaliaremos para a coleta e futura análise, *tweets* que evoquem aspectos de sociabilidade, reterritorialidade e autopreservação através de um método de coleta não-probabilístico por julgamento.

A amostragem por julgamento é uma forma de amostragem por conveniência em que os elementos da população são selecionados com base no julgamento do pesquisador. Este exercendo seu julgamento ou aplicando sua experiência, escolhe os elementos a serem incluídos na amostra, pois os considera representativos da população de interesse. (Malhotra, 2006, p. 327).

Figura 9: Filtro avançado de busca do *Twitter*

The image shows the 'Advanced search' interface on Twitter. It is divided into several sections:

- Words:** Contains five input fields for filtering by words:
 - 'All of these words' (Example: what's happening - contains both "what's" and "happening")
 - 'This exact phrase' (Example: happy hour - contains the exact phrase "happy hour")
 - 'Any of these words' (Example: cats dogs - contains either "cats" or "dogs" (or both))
 - 'None of these words' (Example: cats dogs - does not contain "cats" and does not contain "dogs")
 - 'These hashtags' (Example: #JusticeForGeorgeFloyd #BlackLivesMatter - contains the hashtag #ThrowbackThursday)
 - 'Language' (Dropdown menu set to 'Any language')
- Accounts:** Contains three input fields:
 - 'From these accounts' (Example: @Twitter - sent from @Twitter)
 - 'To these accounts' (Example: @Twitter - sent in reply to @Twitter)
 - 'Mentioning these accounts' (Example: @SFBART @Caltrain - mentions @SFBART or mentions @Caltrain)
- Filters:** A sidebar on the right with toggle switches and checkboxes:
 - Replies:** Toggled on. Includes 'Include replies and original Tweets' (checked) and 'Only show replies' (unchecked).
 - Links:** Toggled on. Includes 'Include Tweets with links' (checked) and 'Only show Tweets with links' (unchecked).
 - Engagement:** Three input fields for 'Minimum replies', 'Minimum Likes', and 'Minimum Retweets', each with an example (e.g., 'Example: 280 - Tweets with at least 280 replies').
 - Dates:** 'From' and 'To' date pickers. Both are set to 'Month: May', 'Day: 25' (for 'From') and 'Day: 31' (for 'To'), and 'Year: 2020'.

Fonte: site *Twitter*, 2022.

As diferenças e convergências discursivas encontradas em comparação com discursos enunciados por estadunidenses sobre o caso de George Floyd, e por brasileiros sobre o caso de João Alberto de Freitas serão analisadas. Esperamos assim alcançar respostas possíveis sobre a capacidade de mobilização discursiva enquanto alternativa de construção de quilombo virtual em rede para pessoas negras em contextos diaspóricos.

5.3 Diagrama Ciberquilombista

Dada a Análise do Discursiva de cada um dos *tweets* selecionados, adentramos em uma dimensão de análise guiada pelo olhar. As visualidades apresentadas até este ponto desta tese assumem um importante papel na elaboração imaginativa, desde a introdução até este ponto em que nos encontramos, seja por meio das obras de arte ou pelos registros fotográficos feitos por mim e aqui inseridos. Elas apelam pelo direito a olhar (Mirzoeff, 2016, p. 746) sugerindo a reconfiguração das visualidades, o reflorestamento do imaginário e uma quebra da autoritária projeção visual do hegemônico.

A proposta de construção do que nomeamos aqui por diagrama Ciberquilombista, tem o objetivo de reconhecer o potencial das imagens - neste caso, imagens eletrônicas que são prints de *tweets* - em se destacarem também como formas que pensam (Samain, 2012, p. 32). Etienne Samain (2012, p. 21) nos convoca a reconhecer as imagens como elementos pertencentes à ordem das coisas vivas, que pensam e interagem, diferentemente das bolas de sinucas que, de maneira letárgica, aguardam singularmente um estímulo ao movimento.

Independente de nós - autores ou espectadores - toda imagem, ao combinar nela um conjunto de dados sígnicos (traços, cores, movimentos, vazios, relevos, e outras tantas pontuações sensíveis e sensoriais), ou ao associar-se com outra(s) imagem(ns), seria “uma forma que pensa”. (Samain, 2012, p. 23)

E é importante ressaltar que as imagens se valem do tempo plural para se constituírem, estabelecendo diálogo com outras imagens que podem estar em interface imediata com as mesmas e/ou com imagens que se desenham no repertório imaginário de cada pessoa. Hans Belting (2006, p. 66) reafirma o pensamento acima nos orientando para o reconhecimento da antropologia da imagem, ao sugerir que a resposta para o questionamento sobre "O que é uma imagem?" está contida no próprio fato de tentarmos compreendê-las a partir das nossas práticas. As nossas ações enquanto corpos físicos, que geram as nossas próprias imagens e assim podemos contrapô-las às imagens do mundo visível.

A partir da prática cotidiana e da elaboração do repertório imagético, as imagens se formam propondo assim uma forma inteligível para a compreensão humana, propondo sentidos coletivos ou individuais partindo das interações entre as imagens “assim como não há forma sem formação, não há imagem sem imaginação” (Didi-Huberman, 2012, p. 208).

Como enxergado no trabalho de Aby Warburg na elaboração do Atlas Mnemosyne, a construção de complexas cadeias simbólicas se estimula na nossa memória através de um

repertório imagético. A montagem proposta em Warburg valorizou a nossa capacidade de pensar por imagens (Didi-Huberman, 2013, p. 383) ao construir as 63 telas com imagens que buscavam exprimir aspectos da linguagem privada, em seu desejo de expressão autobiográfica. A imagem 28 ilustra alguns dos quadros elaborados por Warburg durante a sua vida.

Imagem 28: exposição Aby Warburg: Atlas de Imagens Mnemosyne no Haus der Kulturen der Welt



Fonte: imagens retiradas do tour virtual ao Arquivo do Instituto Warburg, 2023.

A elaboração da montagem do atlas, sem aparentes vínculos de coerência ou semelhança entre as imagens, estimula a construção de um fluxo de sentidos elaborados pela tensão de uma imagem lateralizada ou subsequente a outra(s) (Didi-Huberman, 2013, p. 299). A construção do atlas materializa, nesta aparente descontinuidade arbitrária, a função memorativa das imagens, que se constituem em uma ordem não linear e sistematizada em nossa memória. As imagens "sobrevêm e retornam" em um fluxo descontínuo, para ativarem na memória a construção de sentidos sobre as coisas.

Compreendendo a capacidade das imagens em dialogarem entre si e promoverem pensamentos, Etienne Samain propõe que pensemos nessas associações imagéticas como uma composição frasal, em que as palavras quando encadeadas são capazes de mobilizar ideias

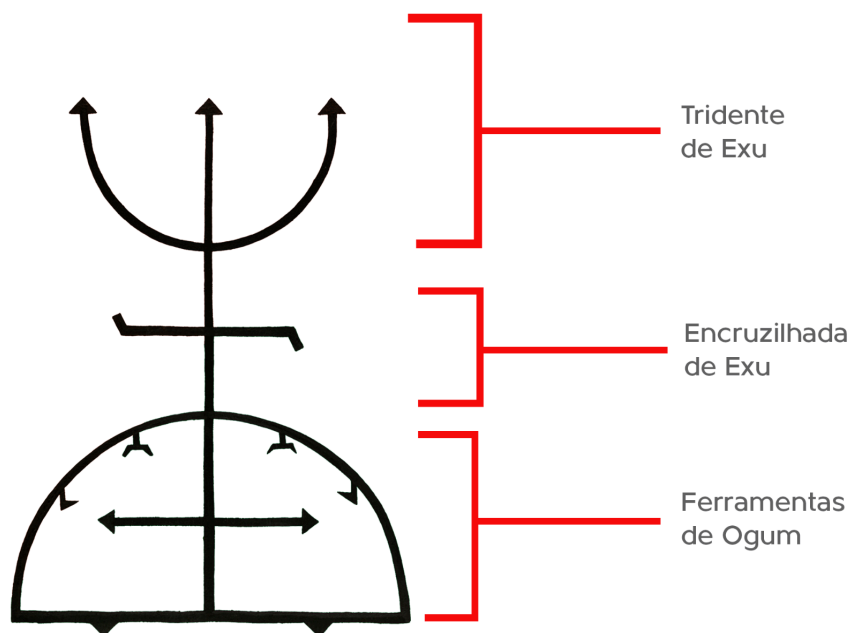
(Samain, 2012, p. 23). Essas interlocuções imagéticas, entendidas como "imagens cruzadas" pelo autor, promove um caminho metodológico possível para a análise de múltiplas imagens.

Encontrando respaldo no ensejo metodológico de Samain e impactado pelo olhar de Nascimento, estímulo que pensemos a obra "Quilombismo (Exu e Ogum)", de Abdias do Nascimento, como a espinha dorsal do diagrama Ciberquilombista. Pedimos licença aos orixás, em especial Exu, para vislumbrarmos na encruzilhada, um caminho possível de conexão comunicativa. É na encruzilhada que se movimenta o pensamento ciberquilombista.

É nas encruzadas que se despacham as heranças do colonialismo, regadas a baforadas de fumaça, nuvens de marafô, farofas e vinténs. **É na encruzilhada de saberes que se praticam os ebós epistêmicos.** Haveremos de nos inspirar em Exu para praticarmos estripulias nos conhecimentos, na vida e na arte. (Simas, Rufino, 2018, p. 23, grifo do autor)

A Figura 10 remonta a estrutura da pintura elaborada por Nascimento em 1980, em que observamos nos extremos superior e inferior a representação dos Orixás irmãos, Exu e Ogum. Dividimos inicialmente três aspectos visuais de importância acerca dos ícones que simbolizam os orixás: o tridente de Exu, a encruzilhada de Exu e as ferramentas de Ogum. Chamo atenção para essas três dimensões visuais na imagem com o objetivo de localizar espacialmente no diagrama as posições dos diferentes *tweets* das categorias de Sociabilidade, Reterritorialização e Autopreservação, respectivamente.

Figura 10: Divisão simbólica do diagrama Ciberquilombista



Fonte: Elaboração própria com base na obra Quilombismo (Exu e Ogum), de Abdias Nascimento, 2023.

A representação de Exu ao topo da imagem, pelo símbolo do tridente de Exu, expressa capacidade comunicativa do orixá. Estabelecendo uma relação com a dinâmica de sociabilidade enxergada no quilombo, em que a pulsão comunicativa produz a coesão quilombista, os *tweets* da categoria de sociabilidade serão dispostos na parte superior do diagrama.

Ao centro da imagem a encruzilhada de Exu se destaca como um ponto importante para a compreensão do processo de reterritorialização, a partir da compreensão da espacialidade da encruzilhada como um território de reivindicação enunciativa. Portanto, ao centro da imagem posicionaremos os *tweets* da categoria de reterritorialização. Na extremidade inferior da imagem observamos as ferramentas de Ogum, que simbolizam através de seus escudos e armas de proteção a capacidade de autopreservação do Orixá. Por conseguinte, os *tweets* da categoria de autopreservação estarão visualmente localizados na parte inferior do diagrama.

Chamaremos o nosso diagrama Ciberquilombista de uma encruzilhada visual, que será uma *transformação* das "imagens cruzadas" elaboradas por Samain. Sodré (2017, p. 35), ao estimular a prática de uma comunicação transcultural para a prática do Pensar Nagô, busca metodologicamente estabelecer correspondências entre teorizações filosóficas clássicas e a construção da episteme Nagô.

Nossa visada metodológica é, antes, induzir à prática de uma comunicação transcultural, que entendemos como uma dialogia semiótica, não um diálogo “entre” formações que se pretendam verdadeiras e estanques, mas a lógica do trans ou do vaivém “através” dos limiares do sentido, não uma filosofia de portas e sim de pontes ou de transição para correspondências analógicas, que não são necessariamente conciliatórias ou harmônicas, mas que abrem caminho para novos termos das disputas de sentido. (Sodré, 2017, p. 35)

As imagens dispostas nesta encruzilhada visual têm o objetivo de estimular uma reflexão crítica sobre as múltiplas facetas do discurso Ciberquilombista. Ainda sobre a estruturação deste dispositivo analítico proponho enxergar ainda, através do diagrama Ciberquilombista, a capacidade de alargamento e estreitamento discursivo dos *tweets* representados visualmente.

Proponho que as imagens dispostas neste dispositivo aumentem ou diminuam de tamanho, de acordo com a quantidade de curtidas do *tweet*. Na Figura 10 temos em destaque o ícone que representa numericamente a quantidade de curtidas de um *tweet*.

Figura 11: curtidas em *tweet*

Fonte: elaboração própria, 2023.

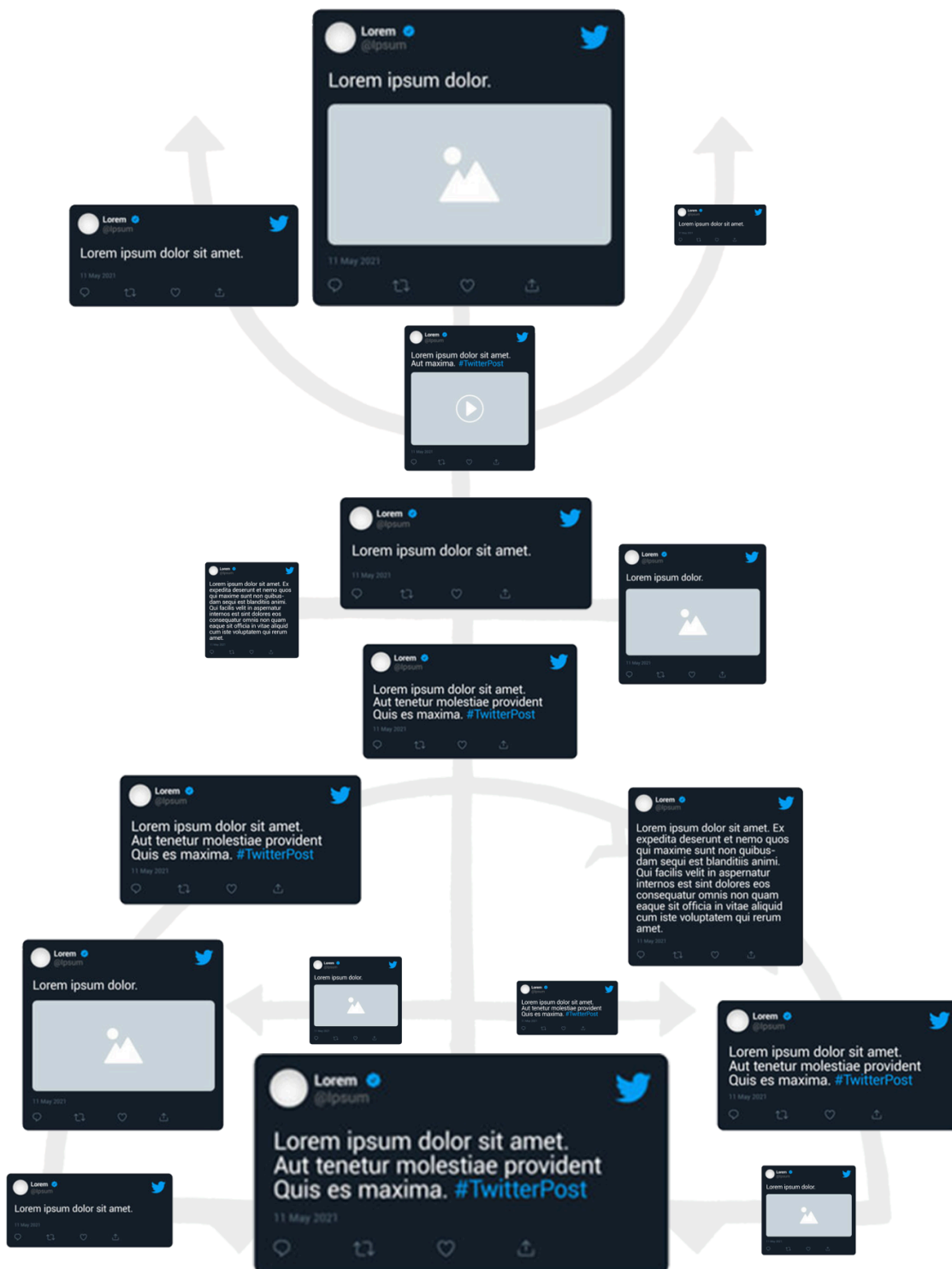
Compreendendo este dispositivo como uma interface imersa na tecnocultura, a representação visual dos *tweets* aumentados pelo alto número de curtidas indicará um alargamento do discurso dentro do círculo do *Black Twitter*. Por outro lado, se a imagem de um *tweet* se apresentar de maneira diminuta, isso significa que o *tweet* performou uma menor capacidade de aquilombar.

Esse alargamento representa a capacidade de aderência e relevância da pauta debatida no *Black Twitter*, e nos ajudará a traçar perspectivas visuais acerca das diferenças, ainda que reconhecendo o marcador racial presente em todas as discussões dos *tweets* apresentados. A Figura 12 representa hipoteticamente como o diagrama Ciberquilombista se apresenta visualmente, a partir dos alargamentos e estreitamentos.

A análise da encruzilhada visual possibilitará aprofundar e complexificar as análises elaboradas por meio da análise do discurso. Análise do Discurso em interface com a Análise Crítica Tecnocultural do Discurso possibilitaram-me gerar o diagrama Ciberquilombista, que aqui assume a capacidade de responder a questão problema elencada nesta tese, que investiga a capacidade do Ciberterritório enquanto um espaço passível de enunciação discursiva para pessoas negras, configurando assim um quilombo comunicacional em rede.

Figura 12: diagrama Ciberquilombista.

Diagrama Ciberquilombista



Fonte: elaboração própria, 2023.

6 AQUILOMBAMENTO - ANÁLISE

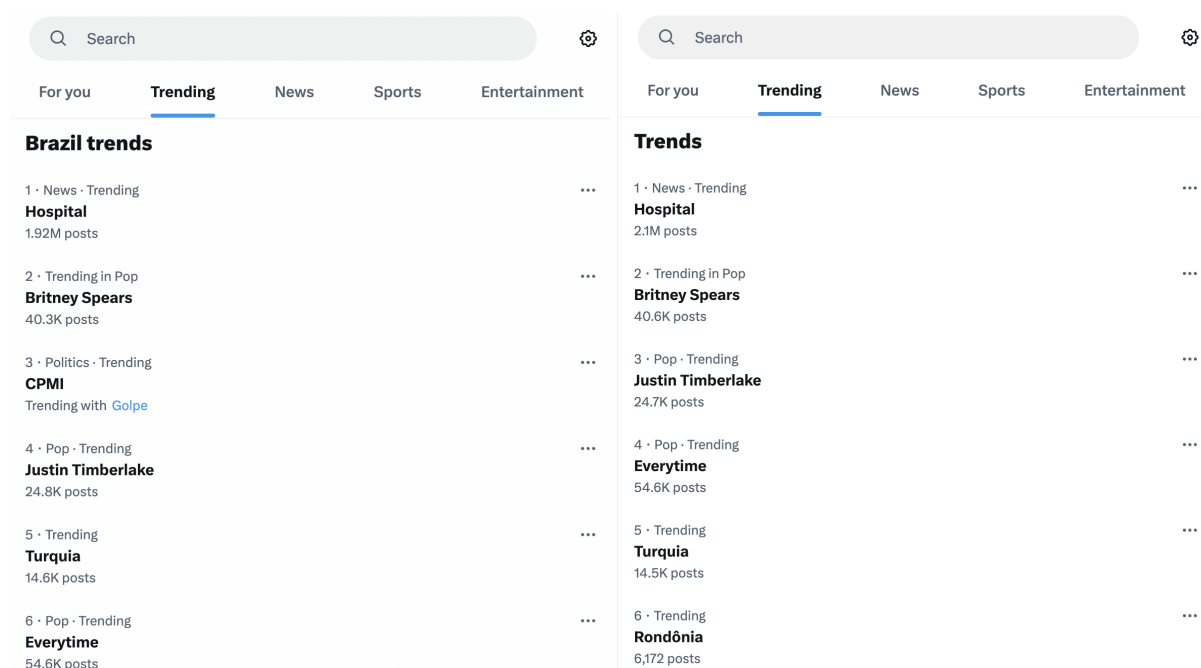
Para este momento da pesquisa, aplicamos a combinação da Análise do Discurso (Orlandi, 2009) e da Análise Crítica Tecnocultural do Discurso (Brock, 2020) como métodos para investigar nossa amostra. A partir deste cruzamento metodológico, elaboramos um diagrama Ciberquilombista para facilitar a visualização de suas aplicações. A intenção foi extrair também pensamentos das imagens (Samain, 2012; Mirzoeff, 2016; Didi-Huberman, 2012), neste caso, imagens eletrônicas de *prints* de *tweets* para elaborar uma visualidade da encruzilhada imagética-discursiva de cada *hashtag* como território de reivindicação enunciativa.

Essas interlocuções imagéticas-discursivas assentam no nosso caminho metodológico as categorias de Sociabilidade, Reterritorialização e Autopreservação representadas no tridente de Exu, na encruzilhada de Exu e nas ferramentas de Ogum. Assim, nosso cruzamento metodológico aplica, por fim, a visualidade da obra "Quilombismo (Exu e Ogum)", de Abdias do Nascimento, tomada como a espinha dorsal. Este foi o caminho possível que encontramos para a análise de múltiplas imagens e discursos relacionados ao quilombamento.

6.1 Sociabilidade e o tridente de Exu

A partir do reconhecimento da sociabilidade como um aspecto importante para a efetivação do Ciberquilombo, a interação é um aspecto de fortalecimento do elo comunicativo entre os usuários do *Black Twitter*. Para isso, mapeamos duas discussões que se tornaram *trending topics* no *Twitter* Brasil e no *Twitter* Estados Unidos. Antes de adentrar nas discussões que servirão como nosso corpus analítico, é necessário compreender o impacto de um *trending topic* dentro da dinâmica interativa do *Twitter*.

Os *trending topics* do *Twitter* são os assuntos mais falados do momento, podendo observá-los em nível global e também em nível local. Essas discussões suscitam, a partir uma análise de frequência de termos nos *tweets*, o que está sendo pautado como relevante perante a opinião pública. Os *trending topics* apresentam uma dinamicidade constante, o que faz movimentar em tempo real, as discussões durante 24h por dia nos 7 dias da semana. A Figura 13 ilustra a disposição dos *trending topics* na plataforma, sendo eles selecionados a partir da localização do usuário no Brasil ou em âmbito global. Ao lado esquerdo, observamos o que há de tendência na plataforma no recorte Brasil e ao lado direito em nível global.

Figura 13: *trending topics*

Fonte: site *Twitter*, 2023.

No terreno do *Black Twitter* algumas discussões são levantadas e, frequentemente, elas se tornam tendência e mobilizam a comunidade a se manifestar sobre tal pauta. Na categoria da sociabilidade do *Black Twitter* algumas discussões se tornam notórias em âmbito Brasil e também em âmbito Estados Unidos. Para a análise na categoria sociabilidade selecionamos as *hashtags* #AfroSegueAfro e #BlackTwitter por compreender o alto nível de interação proposta por essas *hashtags* que se tornaram *trending topics* em diferentes momentos na plataforma.

O movimento #AfroSegueAfro se inicia no ano de 2018 e, de acordo com a busca avançada do *Twitter*, demonstra uma intensa atividade entre os anos de 2018 e 2019. Por meio da busca avançada do *Twitter*, utilizando os filtros temporais para analisar a atividade da *hashtag*, é possível observar que não há nenhuma publicação com a *hashtag* #AfroSegueAfro durante o ano de 2017. A figura 14 demonstra a busca avançada feita entre os dias primeiro de janeiro de 2017 e o dia primeiro de janeiro de 2018 com a *hashtag* #AfroSegueAfro. Entretanto, não há nenhum *tweet* que tenha utilizado a *tag* no recorte apontado.

Figura 14: busca feita com a *hashtag* #AfroSegueAfro em todo o ano de 2017



Fonte: site *Twitter*, 2023.

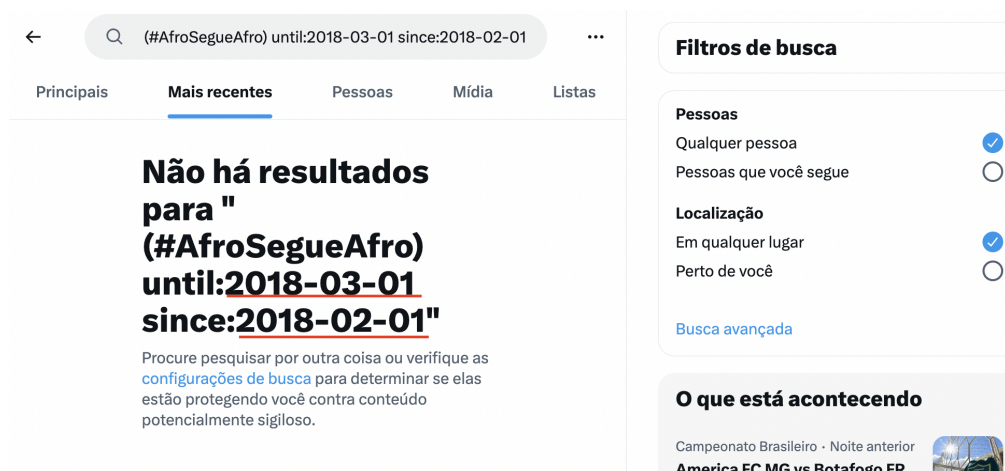
Nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2018, através da ferramenta de busca avançada do *Twitter*, não é possível encontrar nenhuma postagem com a *hashtag* #AfroSegueAfro. As figuras 15, 16 e 17 ilustram a busca feita, e, similarmente ao ano de 2017, não apontam para nenhum resultado nas buscas feitas nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2018, respectivamente.

Figura 15: busca feita com a *hashtag* #AfroSegueAfro em todo o mês de janeiro de 2018



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Figura 16: busca feita com a *hashtag* #AfroSegueAfro em todo o mês de fevereiro de 2018



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Figura 17: busca feita com a *hashtag* #AfroSegueAfro em todo o mês de março de 2018



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Entretanto, quando a busca avançada é feita no recorte do mês de abril de 2018, é possível observar uma série de *tweets* que utilizam a *hashtag*. Ao descer a barra de rolagem, com o objetivo de encontrar a primeira postagem que se tem registro utilizando a *hashtag*, é possível visualizar a primeira postagem do *Twitter* que inaugura a *hashtag* na rede. Ela data do dia 26 de abril de 2018. A figura 18 ilustra as postagens que dão início ao movimento dentro da plataforma do *Twitter*. Este primeiro registro da *hashtag* é valioso pois, a partir da discussão observada no *tweet*, é possível observar o processo de inauguração de um novo movimento de sociabilidade de pessoas negras.

Figura 18: registro da primeira postagem que utilizou a *hashtag* #AfroSegueAfro no *Twitter* (2018)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

A *hashtag* surge com objetivo de estimular, na comunidade negra, uma possibilidade de interação em rede que se assemelhasse com o *Black Twitter* estadunidense. A partir do *tweet* acima é possível observar uma série de postagens da mesma usuária, que chamaremos de usuária azul, fazendo uma espécie de chamado para outras pessoas negras usarem a *hashtag* e iniciarem o movimento de sociabilidade (figura 19). A ideia apontada no primeiro *tweet* que utiliza a *hashtag*, é pautar debates sobre questões raciais entre pessoas negras no *Twitter*, com o objetivo de trilhar um caminho possível para a superação do racismo. A partir disso, vislumbramos a possibilidade de prática Ciberquilombista através da sociabilidade.

Figura 19: disseminação inicial da hashtag #AfroSegueAfro



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Observando a movimentação da *hashtag*, sua disseminação a partir do ano de 2018, propomos analisar discursivamente os dois *tweets*, com maior número de curtidas, que utilizam-na, no recorte que se estende entre abril de 2018 e abril de 2019.

Seguindo a proposta de análise da categoria de sociabilidade enxergada no Ciberquilombo, para visualizarmos a dinâmica em território estadunidense, trazemos para a análise a *hashtag* #BlackTwitter. Esta tem uma grande ressonância no mundo, sobretudo em território estadunidense, e representa o movimento do *Black Twitter* na rede.

O movimento do *Black Twitter* surge no círculo de interação virtualizada estadunidense e se manifesta a partir de uma substancial presença negra na plataforma de interação virtualizada (Florini, 2014, p. 225). O movimento se caracteriza pela grande interação e mobilização negra e, seus usuários, se conectam a partir de pautas sensíveis para a comunidade negra.

Discussões sobre o *Black Twitter* emergem aqui como potenciais instrumentos de Ciberaquilombamento, através da categoria de sociabilidade negra em rede, sobretudo quando as pautas sobre questões de justiça racial ou assuntos relevantes para a expressão cultural negra. A partir do *Black Twitter*, é possível identificar uma performatividade racial entre usuários de uma plataforma. Florini (2014, p. 225) traz o fenômeno do *Black Twitter* como uma heurística, refutando a prática da estereotipia racial branca dos usuários da plataforma. Entretanto, essa forte representação negra em rede não deve atribuir um sentido monolítico à presença negra no *Black Twitter*, pois há uma densa e complexa pluralidade que demarca esses usuários na plataforma.

O que existe são milhões de usuários negros no *Twitter* que fazem networking, se conectam e interagem com outros que têm preocupações, experiências, gostos e práticas culturais semelhantes. Pessoas negras não são um monólito. No entanto, como argumenta Herman Gray (2005, 143), "a negritude como um sinal cultural ainda carrega significado político e histórico significativo". Em um contexto de mídia social, onde a raça poderia ser ocultada se o usuário assim desejasse, o ato de performar a raça constitui um importante modo de resistência à marginalização e ao apagamento (Nakamura, 2008). (Florini, 2014, p. 225, tradução nossa).

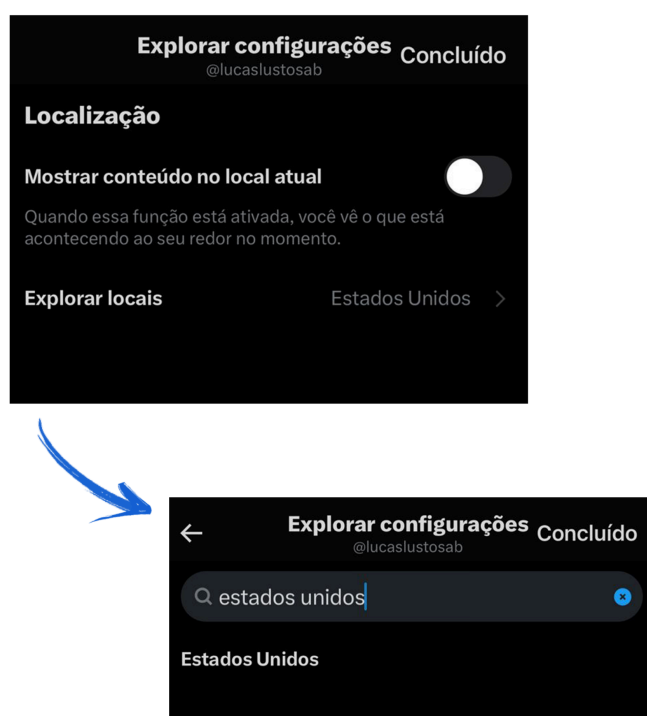
A performatividade racial que, segundo Florini (2014), demarca a prática discursiva dos usuários do *Black Twitter* é por ela atribuída como *signifyin'*. A dinâmica proposta para identificação de tweets através de uma análise pautada em *signifyin'* sugere vislumbrar as plurais experiências e vivências essencialmente negras como um recurso de codificação e decodificação do círculo de discussões do *Black Twitter*.

No Brasil, a prática do *Black Twitter* se mostra como um exercício de força, ainda que não tão representativa como é possível observar nos Estados Unidos, mas que se desenvolve e possibilita coesão e sociabilidade. Carrera e Carvalho (2023) ao proporem uma renegociação de sentidos com as práticas observadas em comunidades negras fora das redes, apresentam a noção de *ginga* como uma possibilidade analógica da percepção de *signifyin'*. A *ginga*, como um estímulo do corpo, manifestado através da musicalidade em uma roda de

capoeira, assume múltiplas funções, sejam elas de resistir, brincar e desviar, se corporificando como uma relação dialética com o oponente (Tavares, 2018).

Desta forma, a partir de experiências essencialmente brasileiras, encontra-se uma via metodológica paralela à prática discursiva do *Black Twitter* estadunidense. A ginga se estrutura como um aspecto de identificação e materialização do *Black Twitter* brasileiro. Para coletarmos *tweets* que contenham a *hashtag* #BlackTwitter, utilizaremos a ferramenta de localização presente na ferramenta de busca do aplicativo do *Twitter* para *smartphones*, geolocalizando os *tweets* emitidos em território estadunidense. A figura 20 demonstra a ferramenta de busca e delimitação geolocalizada pelo aplicativo do *Twitter*.

Figura 20: ferramenta de busca a partir da localização do aplicativo do *Twitter*



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Selecionamos dois *tweets* no período entre janeiro de 2022 até janeiro de 2023, a partir da aba de "maior relevância" contida na ferramenta de busca, que apresentem aspectos discursivos que expressem a prática de *signifyin'*. A partir dos materiais coletados, elaboramos uma análise discursiva levando em consideração os aspectos de sociabilidade proporcionados pela *hashtag*.

6.1.1 #AfroSegueAfro

Realizando a busca, seguindo as delimitações pré-definidas para a *hashtag* #AfroSegueAfro, encontramos o *tweet* representado pela figura 21, postado no dia 27 de julho de 2018. O *tweet* alcançou o maior número de curtidas no recorte temporal delimitado, recebendo um total de três mil curtidas, mil *retweets*, nove comentários e foi salvo 5 vezes.

Figura 21: *tweet* do Usuário 1.1 (2018)



Fonte: site Twitter, 2023.

O usuário, nomeado aqui de Usuário 1.1, apresenta a seguinte elaboração textual: "Racista BRANCA paga R\$1000 e sai pela porta da frente da delegacia; PRETO carregando Pinho Sol está cumprindo pena e com tuberculose que adquiriu na cadeia. Portanto, sai daqui agora se vc (sic) acha que racismo é coisa da cabeça dos negros !!! #AfroSegueAfro". Em níveis analíticos interdiscursivos, a partir da comparação realizada entre os dois casos citados pelo usuário, é possível inferir que o autor do *tweet* vislumbra uma diferença de tratamento jurídico/penal entre pessoas brancas e pessoas negras.

O privilégio encarnado pela branquitude, segundo o usuário, opera institucionalmente no gozo de penalidades mais brandas perante a justiça por pessoas brancas. Segundo Sodré (2023) a elaboração da institucionalidade brasileira nos remete ao processo de estruturação da "Empresa Brasil", um negócio muito lucrativo que se distancia de qualquer noção de Estado ou de Nação e muito menos de Estado-Nação. Essa empresa bastante lucrativa, propriedade

das oligarquias brasileiras, nos submete a uma estrutura institucionalmente orientada para o bem-estar dos grupos hegemônicos - no sentido gramsciano da expressão (Sodré, 2023, p. 228).

A partir da comparação entre as diferenças de tratamento que o judiciário brasileiro realiza com corpos de diferentes recortes raciais, é possível entender a prática do racismo institucional, observada na obra de Sodré (2023), como mais um instrumento de manutenção da opressão sobre pessoas negras. A partir disso, compreendendo a possibilidade de interação afrocentrada elaborada pela *hashtag* na plataforma do *Twitter*, o Usuário 1.1 sugere que o Ciberaquilombamento aconteça através da sociabilidade na rede.

Observando o discurso em perspectiva intradiscursiva é possível identificar que a fala do Usuário 1.1 se refere a dois casos específicos que aconteceram e estimularam uma revolta. Com o objetivo de identificar os casos citados pelo Usuário 1.1 realizamos uma busca no site *Google*, no ano de 2018, para identificar e elaborar uma análise contextual.

Utilizamos as palavras "mulher", "injúria racial" e "fiança" na ferramenta de busca do site *Google* e localizamos várias notícias sobre casos de injúria racial e liberação por fiança. Encontramos uma notícia que relata um caso de injúria racial ocorrido exatamente um dia antes da postagem do Usuário 1 e que, no corpo da notícia, é possível identificar que a autora do crime pagou o valor de mil reais e conseguiu a fiança do caso. Na figura 22 podemos observar a notícia em que sublinhamos em vermelho a data e o valor da fiança. Essas informações aproximativas nos levam a compreender que o Usuário 1.1 está utilizando este específico caso como exemplo.

Sobre o caso, é possível reconhecer que há uma banalização jurídica institucionalizada do crime de injúria racial, sobretudo por compreender que a prática de injúria racial é, sobretudo, praticada por pessoas brancas. Esta banalização se dá pelo fato de compreender que o recorte racial no Brasil é intrínseco ao recorte de classe, em que pessoas negras estão 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos, segundo o informativo de "Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil"⁶⁶ do IBGE. Desta forma, os crimes de injúria racial praticados por brancos, em sua maioria, são penalizados sob arbitramento de fiança - e um valor baixo de fiança.

⁶⁶

Disponível

em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>. Acesso em: 07 de nov. 2023.

Figura 22: notícia sobre caso de injúria racial (2018)



"Quando a afastaram de mim, ela simplesmente tirou os sapatos que calçava e jogou eles em mim, enquanto disse: 'se você gosta tanto de defender, tinha que começar se defendendo nascendo branca'. Depois disso, eu sentei e chorei", conta a estudante.

A idosa pagou fiança de R\$ 1 mil e foi liberada da delegacia.

"Não me explicaram o motivo de terem colocado como injúria racial e não racismo. Apenas fui informada que eu tinha que dar o direito da acusada de pagar a fiança. Sobre isso, eu com certeza vou recorrer", afirma.

Fonte: site G1, 2023.

Por outro lado, o Usuário 1.1 cita o caso de Rafael Braga, um jovem catador negro, preso durante os protestos de 2013⁶⁷ aos 25 anos de idade, por carregar duas garrafas de produtos de limpeza com "capacidade incendiária" segundo os policiais que realizaram a prisão de Rafael. Rafael ficou preso durante cinco meses, até ser julgado, em primeira instância, a uma pena de cinco anos de prisão.

No ano de 2015, Rafael conseguiu autorização para o regime aberto. Entretanto, no ano de 2016 o jovem é novamente preso por porte ilegal de drogas, acusação esta refutada pela defesa de Rafael, que afirmou que o flagrante do porte foi forjado. Sob esta acusação, Rafael foi sentenciado a onze anos de reclusão em 2016 e, no ano de 2017, o jovem acabou contraindo tuberculose em cárcere. O Superior Tribunal de Justiça no Rio de Janeiro, sob julgo do ministro Rogério Schietti Cruz, compreendeu que Rafael conseguiria fazer o tratamento ainda sob o regime de reclusão⁶⁸.

⁶⁷ Disponível em:

<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/06/04/manifestacoes-de-junho-de-2013-passada-uma-decada-pessoas-que-participaram-dos-atos-relembra-os-protestos.ghtml>. Acesso em: 07 de nov. 2023.

⁶⁸ Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2018/06/20/simbolo-da-seletividade-penal-caso-rafael-braga-completa-cinco-anos/>. Acesso em: 07 de nov. 2023.

Este caso se tornou um exemplo de seletividade penal. A instituição do judiciário brasileiro, recortada por gênero, raça e classe, produz cotidianamente outras decisões semelhantes. Em sua maioria, juízes brancos e ricos decidem o destino da maior parcela da população brasileira, formada por pessoas negras, e interpretam o instrumento jurídico a partir de uma visão que, por não se atentar aos processos históricos da formação de nossa história racial, acabam incorporando uma tendência a agir pela manutenção do privilégio branco, do patriarcado e da heteronormatividade.

Ao acessar a perspectiva da tecnocultura, reconhecendo as articulações entre usuários dessas tecnologias nas plataformas (Brock, 2020, p. 69) como um dos principais eixos analíticos de discurso em rede, analisamos as interações da postagem. O *tweet* recebeu três mil curtidas, foi retweetado por mil vezes, sendo comentado por 9 vezes.

A escolha do *post* por ser a publicação com maior número de curtidas nos leva para um aspecto de interação valioso para a CTDA. Para além do alto número de curtidas, a figura 23 revela as interações através dos comentários da postagem.

Figura 23: comentários sobre a postagem do Usuário 1.1 (2018)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Dos comentários do *tweet*, elegemos os dois comentários mais curtidos para compreender o nível discursivo de interação que a postagem propõe. Para isso, nomeamos os usuários comentadores de Usuários 1.1.1 e 1.1.2.

O comentário mais curtido, do Usuário 1.1.1, emite o seguinte comentário: "Rico ou pobre, preto é preto. O ódio nos atinge da mesma forma". A proposição do Usuário 1.1.1 afirma que o recorte de classe não impacta na prática do racismo, o que nos aponta para uma compreensão interseccional desses marcadores sociais da diferença. Desta forma, é possível

reconhecer que a leitura social histórica de uma suposta inferioridade racial de pessoas negras no Brasil é aspecto validado pelas instituições que, em tese, deveriam visar garantir os nossos direitos e o exercício de nossa cidadania.

O Usuário 1.1.2 comenta "Foda! O delegado tem que tipificar como RACISMO. É inafiançável! O problema é que a queixa racial é tipificada como injúria. Foda!!!". Este comentário atinge o segundo maior número de curtidas e apresenta questionamento sobre a tipificação dos crimes de "Injúria Racial" e de "Racismo" no Brasil.

No ano de 2018, momento em que o comentário foi emitido, o crime de Injúria Racial previa penalidades mais brandas a quem o cometia do que aquelas tipificadas no crime de Racismo. Com a Lei 14.532/2023, publicada em janeiro de 2023, a pena de ambos os crimes foi equiparada e tornada mais severa, promovendo reclusão de dois a cinco anos, sendo inafiançável e imprescritível⁶⁹. Isso demonstra que, a partir de uma demanda coletiva e pressão no poder legislativo em relação ao poder judiciário, apontamentos como o do Usuário 1.1.2 foram contemplados.

Seguindo a análise e observando o segundo *tweet* com mais curtidas, a partir da busca pela *hashtag* #AfroSegueAfro durante o ano de 2018, encontramos o segundo *tweet* a ser analisado. Essa postagem é de autoria do Usuário 1.2, o nomearemos assim pois se trata do mesmo usuário do *tweet* anterior, entretanto a data e o conteúdo da postagem são distintos, assumindo uma outra camada analítica. A figura 24 ilustra o *tweet* do Usuário 1.2, que foi publicado no dia 30 de novembro de 2018.

O usuário elabora a seguinte postagem " 'Todos os governadores eleitos desde 1998, no Rio, foram presos' Benedita da Silva foi governadora do Rio de Janeiro, não esqueçamos. E não está presa ! Respeita As Pretas (emoji de um punho negro) #AfroSegueAfro". Em perspectivas analíticas interdiscursivas, é possível reconhecer que a elaboração do enunciado sugere que há um histórico de corrupção pelo qual a grande maioria dos governadores do estado do Rio de Janeiro compartilham.

Formada em Serviço Social, Benedita da Silva é uma mulher negra que atua na política desde o ano de 1983, em que se tornou vereadora na cidade do Rio de Janeiro. A partir de então se tornou deputada federal, foi a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira no senado nacional, sendo um ícone histórico de reivindicação por direitos e visibilidade

⁶⁹

Disponível

em:

<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/injuria-racial-racismo>. Acesso em: 07 de nov. 2023.

negra no Brasil. Benedita é filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT) desde o ano de sua fundação, atuando de forma perene na política e no partido desde então.⁷⁰

Figura 24: *Tweet* do Usuário 1.2 (2018)



Fonte: site Twitter, 2023

Eleita vice-governadora do estado do Rio de Janeiro em 2002, Benedita da Silva atuou neste cargo até abril de 2002, quando o então governador Anthony Garotinho deixou o cargo para disputar a presidência da república. Benedita assumiu o cargo, e permaneceu de abril de 2002 até 31 de dezembro de 2002.

É notável reconhecer que Benedita da Silva, uma mulher negra, é a única governadora do Rio de Janeiro, desde o ano de 1998, que não foi presa por envolvimento em esquemas de corrupção. Sobretudo, quando trazemos à luz o fato de, no ano de 2018, o assassinato de Marielle Franco, uma vereadora negra e lésbica da cidade do Rio de Janeiro, acontece de maneira violenta. Marielle Franco foi eternamente silenciada por se revoltar contra a corrupção e à atuação das milícias que, marcadamente, assola a cidade do Rio de Janeiro, o

⁷⁰ Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/aos-80-anos-e-prestes-a-completar-40-anos-na-politica-benedita-e-reeleita-deputada-federal/>. Acesso em 07 de nov. 2023.

que nos leva a refletir sobre o fato de Benedita da Silva ser invisibilizada historicamente ao ter ocupado o cargo de maior relevância no estado e cumprido seu mandato com ética e dignidade.

Ao observar o intradiscurso na postagem, conseguimos compreender o porquê das aspas que o Usuário 1.2 levanta ao início de sua postagem. No dia 29 de novembro, um dia antes da postagem do usuário acontecer, a Revista Veja, publicou a matéria ilustrada pela figura 25.

Figura 25: Matéria da Revista Veja sobre os governadores do estado do Rio de Janeiro (2018)

The image shows a screenshot of a news article from the website 'veja.com.br'. The header includes the 'veja' logo and navigation links: VEJA MERCADO, RADAR, RADAR ECONÔMICO, POLÍTICA, SAÚDE, MUNDO, CULTURA, ESPORTE, and AGENDA VERDE. The main headline is 'Todos os governadores eleitos desde 1998, no Rio, foram presos'. Below the headline is a sub-headline: 'Antes do atual governador, primeiro a ser detido durante o mandato, foram presos Sérgio Cabral e o casal Anthony e Rosinha Garotinho'. The author is listed as 'Por Da Redação' and the article is dated 'Atualizado em 3 set 2019, 09h36 - Publicado em 29 nov 2018, 16h24'. The main image shows three men in a conversation. On the right, there is a small advertisement for BTG with the text 'CONTINUA APÓS PUBLICIDADE', 'A sua trajetória me inspira a explorar o BTG', and 'Dê um BTG'.

Fonte: site da Revista Veja, 2023.

A Revista Veja é um periódico brasileiro, produto da Editora Abril, fundada em 1968 que aborda temáticas sobre a política brasileira. Apesar de editorialmente se definir a partir de uma pretensa noção de uma neutralidade jornalística, a Revista Veja, como outras revistas sobre política no Brasil, se coloca positivamente enviesada aos discursos dos governos liberais ou neoliberais no Brasil. Para além de uma invisibilidade de gênero e raça, operada sobre Benedita da Silva, a revista a invisibiliza politicamente por ser importante membro do Partido dos Trabalhadores, que é um partido que se orienta por uma vertente política com viés social.

Portanto, ao analisar contextualmente a postagem do Usuário 1.2 conseguimos identificar um incômodo em relação à omissão informacional perpetrada pela matéria da

Revista Veja, e também uma busca do Usuário por visibilizar a única mulher preta governadora do Rio de Janeiro e que nunca foi presa durante a sua longa trajetória política.

Na tentativa de adentrar as interações e elaborações discursivas proporcionadas pela tecnocultura, é possível observar que este *tweet* recebe 973 curtidas, foi retweetado por 283 e recebeu 17 comentários. Do total dos comentários feitos por outros usuários, selecionamos dois dos mais curtidos para compreender o nível de interação entre os discursos da postagem e dos comentadores. Os usuários comentadores recebem a identificação de Usuário 1.2.1 e Usuário 1.2.2. Na figura 26 é possível observar que o comentário do usuário 1.2.1 é respondido pelo Usuário 1.2.

Figura 26: Comentários sobre a postagem do Usuário 1.2 (2018)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O usuário 1.2.1 é um usuário que, se mostra em desacordo com a postagem do usuário 1.2, apontando traços de que possivelmente este usuário não faz parte do *Black Twitter*, pois ele questiona a afirmação da postagem ao dizer "Ela era vice-governadora e assumiu o RJ nos últimos meses quando Garotinho foi candidato a presidente.". O questionamento do Usuário 1.2.1 traz elementos de uma tentativa de deslegitimação do cargo de governo ocupado por

Benedita, reforçando ainda mais a perspectiva de que Benedita não deveria ser visibilizada por este cargo.

O usuário 1.2, em contrapartida rebate o comentário dizendo "Existe eleição para o cargo de vice-governador?", e então o Usuário 1.2.1 replica o comentário, dizendo "Michel Temer foi eleito presidente?". O usuário 1.2 comenta por fim "não se faça de desentendido" e o Usuário 1.2.1 treplica ao dizer "Ok. As pessoas que votaram no garotinho também escolheram a Benedita, logo quem votou na Dilma também escolheu o Temer, correto? Ou são dois pesos e duas medidas?".

Esse diálogo apresentado pela *thread* do comentário do Usuário 1.2.1 revela um questionamento da legitimidade do cargo ocupado por Benedita, relativizando o caso a partir da presidência de Michel Temer, vice-presidente da presidenta Dilma Rousseff, impeachmada sob um golpe político articulado com o "centrão e com tudo", como revela áudio vazado de Michel Temer. A comparação demonstra um viés político do usuário 1.2.1 que não leva em consideração o golpe político sofrido por Dilma Rousseff no ano de 2016, e confirmado pelo ministro do STF Luís Roberto Barroso no ano de 2022⁷¹.

O segundo comentário mais curtido na postagem do Usuário 1.2, foi o comentário do Usuário 1.2.2 ilustrado na figura 25, em que ele escreve "Odiada por ser preta. Os brancos não podem falar, mas eu falo por eles.". O comentário revela que há resistência em reconhecer a importância de Benedita da Silva para a política brasileira, e que o motivo principal dessa resistência é o racismo. Ao utilizar a terceira pessoa do plural "eles", o usuário 1.2.2 revela o Ciberterritório gerado pelo comentário como um espaço ocupado por pessoas negras em que "nós" somos negros, e "eles" são brancos. Essa afirmação reivindicativa é um aspecto valioso para a afirmação desta tese, reconhecendo a importância da sociabilidade no processo de Ciberaquilombamento.

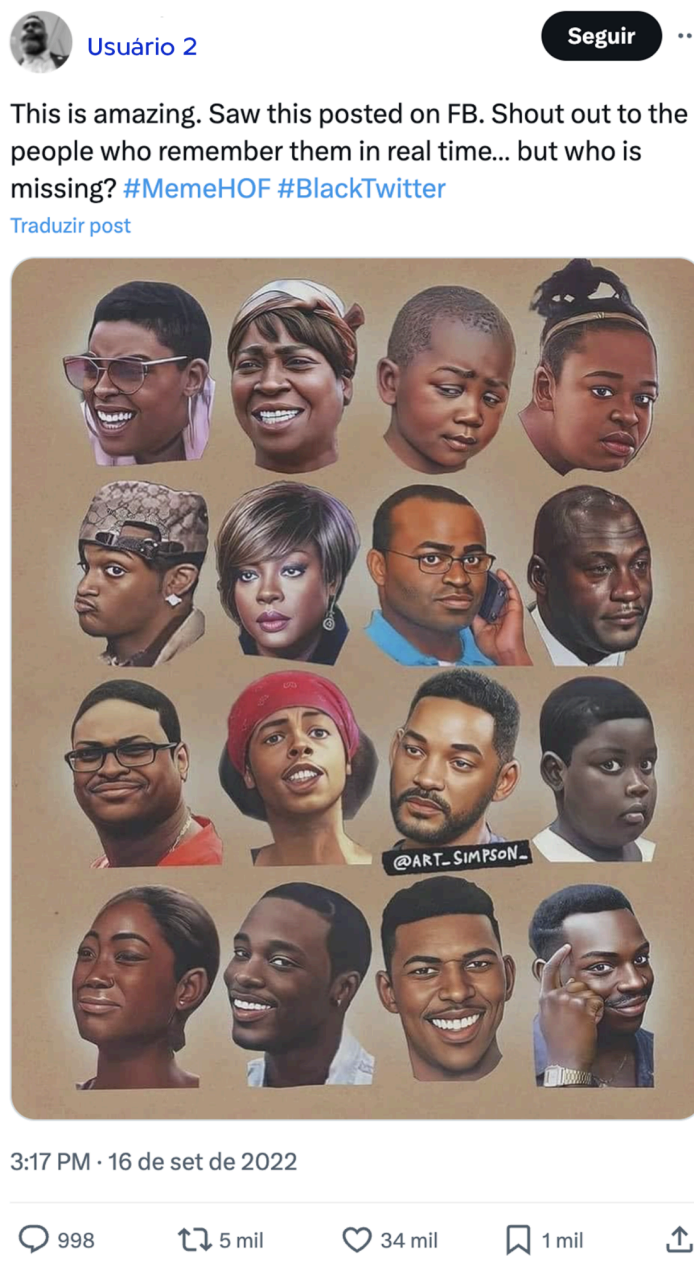
6.1.2 #BlackTwitter

Para realizar as buscas seguindo as predefinições estabelecidas para a *hashtag* #BlackTwitter encontramos uma realidade de engajamento mais intensa ao observar as publicações emitidas em território estadunidense. Encontramos a postagem representada pela figura 27 em que identificamos o usuário por Usuário 2, ela foi postada no dia 16 de setembro

⁷¹ Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/depois-de-seis-anos-ministro-do-stf-admite-dilma-foi-vitima-de-um-golpe-de-estad-116e>. Acesso em: 07 de nov. 2023.

de 2022. Esse *tweet* foi a postagem com maior engajamento no ano de 2022 e recebeu 34 mil curtidas, sendo retweetado 5 mil vezes, recebendo 998 comentários.

Figura 27: tweet do Usuário 2 (2022)



Fonte: Site *Twitter*, 2023.

O *tweet* do Usuário 2 apresenta textualmente, em língua inglesa, a seguinte frase traduzida para o português "Isso é incrível. Vi isso postado no FB. Dê um alô agora para as pessoas que lembram eles... Mas quem está faltando? #MemeHOF #BlackTwitter". Para além dos aspectos textuais escritos na postagem, o Usuário 2 utiliza de uma imagem como suporte de sentido para a postagem.

Ao analisar a postagem em âmbito de interdiscurso é possível inferir que há um repertório compartilhado entre o grande número de usuários que interagem com a postagem do Usuário 2, sobretudo reconhecendo a capacidade de construção de vínculo de identidade a partir do meme. O nível de engajamento se justifica por reconhecer que a memória coletiva na plataforma do *Twitter* é potencialmente memética (Conceição, 2018, p. 154), observando a especificidade de cada usuário baseando-se na comicidade e também na comparação.

É possível reconhecer na imagem uma compilação de memes populares entre os usuários do *Black Twitter*. Cada um dos memes apresentados são protagonizados por pessoas negras e têm a capacidade de exprimir sentimentos e expressões diversas, o que estimula uma construção de vínculo social com diversidade de identidades presente no *Black Twitter*.

Ao visualizar a capacidade intradiscursiva apontada no *Tweet* é possível identificar na construção textual escrita uma estrutura que estimula a interação, aspecto valioso para a sociabilidade negra em rede. A frase "Dê um alô agora para as pessoas que lembram eles..." estimula que os usuários, seguidores do Usuário 2 ou atraídos pela *hashtag* *#BlackTwitter*, encaminhe a postagem ou mesmo marque alguém que identifique semelhança com algum dos memes apresentados. Neste movimento de encaminhamento da postagem, uma corrente de usuários acaba por se formar, em que um "usuário x" encaminhe a postagem para um "usuário y" que encaminha a postagem para um "usuário z", assim encadeando o movimento de viralização da postagem.

Outro aspecto textual escrito que pressupõe interação é a frase "mas quem está faltando?", pois estimula que os usuários que interagem com a postagem do Usuário 2 comentem memes que não aparecem na imagem do *post*.

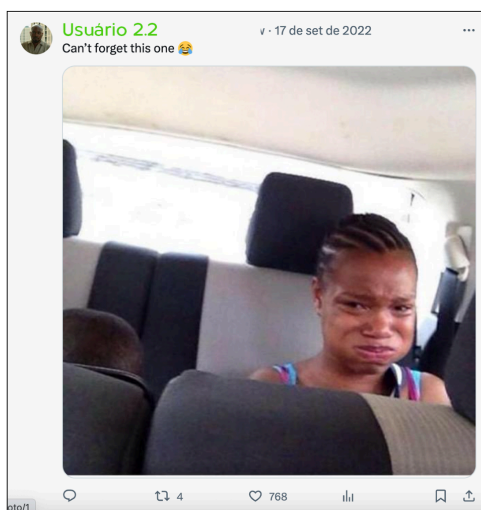
Compreendendo a interação, aspecto discursivo importante para a análise da tecnocultura elaborada no *Twitter*, apresentamos dois dos comentários mais curtidos na postagem para compreender qualitativamente o nível de interação atingido pela postagem do Usuário 2. A figura 27 mostra a interação dos usuários com a postagem.

Nomeamos os dois usuários da figura 28 de Usuário 2.1 e Usuário 2.2, tendo em vista que o comentário do Usuário 2.1 atingiu mil curtidas, foi retweetado 12 vezes e recebeu 4 outros comentários. Já o comentário do Usuário 2.2 recebeu 768 curtidas e foi retweetado 4 vezes. Observando todos os comentários do *tweet* é possível verificar que, em sua grande maioria, foram utilizados com o objetivo de apresentar memes que não compõem a imagem do *tweet* do usuário 2.

O comentário do Usuário 2.1 apresenta textualmente escrita a seguinte frase em inglês, que traduzi para a língua portuguesa "Vou precisar adicionar esse mano aqui também"

e na sequência mostra o *gif* do personagem Wee-Bay, interpretado por Hassan Johnson, na série "The Wire". A série "The Wire" ou "A Escuta" em português é uma série policial, em que um jornalista acompanha o cotidiano de um detetive que acusa criminosos através de grampos e gravações. O contexto da imagem se dá pelo fato de Wee-Bay descobrir que, durante o desenrolar de um crime, havia uma mulher no banco de trás de um carro no local e a saída para não deixar vestígios na cena do crime é executá-la. Entretanto, ao encontrar com o seu "chefe" Wee-Bay é surpreendido pelo fato de que a mulher em que atirou é uma policial e que, para além desse fato, ela sobreviveu à tentativa de execução. A sua cara de surpresa então se torna um meme popular na rede.

Figura 28: Comentários sobre a postagem do Usuário 2 (2022)



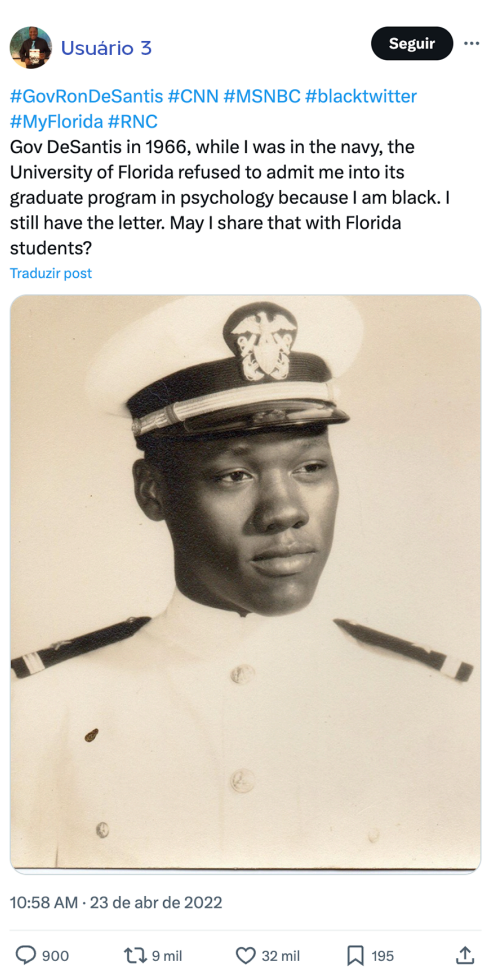
Fonte: site *Twitter*, 2023.

O Usuário 2.2 apresenta em texto escrito a seguinte frase que traduzo como "Não consigo esquecer essa daqui (emoji chorando de rir)" e, na sequência, a imagem de uma

garota sentada no banco de trás de um carro se esforçando intensamente para segurar o choro. Os dois comentários apresentam um teor de humor bastante característico dos memes, e o protagonismo dos memes em ambos é representado por pessoas negras.

Ainda no processo de escavação dos *tweets* da *hashtag* *#BlackTwitter* encontramos uma segunda postagem representada pela figura 29 em que identificamos o Usuário 3, postada em 23 de abril de 2022.

Figura 29: Tweet do Usuário 3 (2022)



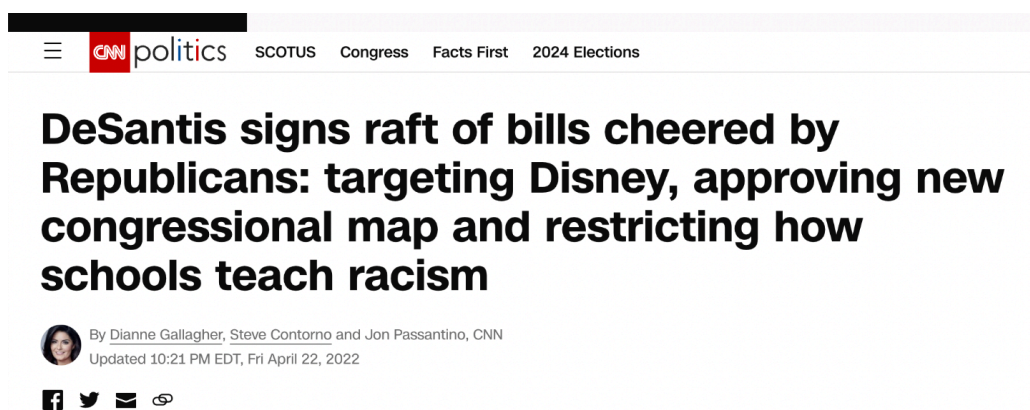
Fonte: site *Twitter*, 2023.

Este *tweet* foi a segunda postagem mais curtida no ano de 2022 nos Estados Unidos. Utilizando a *hashtag* *#BlackTwitter*, ele recebeu 32 mil curtidas, foi retweetado 9 mil vezes e comentado 900 vezes. Textualmente, o *tweet* traz em tradução para o português a seguinte frase "#GovRonDeSantis #CNN #MSNBC #blacktwitter #MyFlorida #RNC Governador DeSantis, em 1966, enquanto eu estava na Marinha, a Universidade da Flórida recusou-se a

admitir-me no seu programa de pós-graduação em psicologia porque sou negro. Ainda tenho a carta. Posso compartilhar isso com os estudantes da Flórida?"

Ao observar a postagem do Usuário 3 em nível interdiscursivo, é possível reconhecer que se refere ao projeto de lei assinado pelo Governador republicano do Estado da Flórida, Ron DeSantis, em 22 de abril de 2022, que restringe as discussões sobre raça, racismo e gênero nas escolas do Estado (Figura 31). O governador do Estado já havia proposto o projeto "W.O.K.E (Stop the Wrongs to Our Kids and Employees)", semelhante ao pensamento conservador brasileiro do "Escola sem partido"⁷², que tinha o objetivo de banir as discussões sobre Teoria Racial Crítica nas escolas do Estado.

Figura 30: DeSantis assina projeto de lei celebrado por republicanos (2022)



Fonte: portal CNN, 2023.

O Estado da Flórida está sob o governo do partido republicano desde 1999 e vem sendo conhecido por ser um estado ultraconservador⁷³. Sob o governo de Ron DeSantis, o Estado aprovou uma série de leis que restringem direitos e liberdades de seus cidadãos. Desta forma, o Usuário 3 demonstra a urgência em se discutir temáticas sobre raça e racismo a partir da própria experiência de racismo institucionalizado, em 1966, e compartilhada na rede no ano de 2022.

Ao observar os aspectos intradiscursivos da postagem, é importante ressaltar que o Usuário 3 convoca um debate com o governador, obtendo atenção de alguns veículos de notícia e também sendo fortalecido pela comunidade do *Black Twitter*. Isso acontece ao

⁷² Disponível em:

https://www.geledes.org.br/nada-mais-ideologico-do-que-uma-escola-sem-partido/?amp=1&gclid=Cj0KCCQiAo7KqBhDhARIsAKhZ4uhLvU64cWFJ0-QyvcC8vrK8t29Psi4J4Zw0WHpi9oFaDL6w_dLPp4IoaAgNKEALw_wcB. Acesso em: 09 de nov. 2023.

⁷³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c10rpy55g0eo>. Acesso em: 09 de nov. 2023.

observarmos o uso das *hashtags* [#GovRonDeSantis](#) [#CNN](#) [#MSNBC](#) [#blacktwitter](#) [#MyFlorida](#) [#RNC](#).

Na tentativa de compreender esse encadeamento de informações, observamos as interações dos comentários como aspecto discursivo valioso para a CTDA. Buscamos, então, dois dos comentários mais curtidos na postagem apresentados aqui pela figura 32.

Figura 32: comentários sobre a postagem do Usuário 3 (2022)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Fazendo uma leitura flutuante sobre todos os comentários da postagem, é possível identificar que o *tweet* fura a bolha do *Black Twitter*. Isso provavelmente ocorre pelo fato do Usuário 3 lançar mão de *hashtags* como [#RonGovDeSantis](#) e [#RNC](#), que acaba por convocar entusiastas do governo de Ron DeSantis e também simpatizantes do partido republicano estadunidense, ou Republican National Committee (RNC).

O comentário mais curtido foi o da Usuária 3.1, que expressa: "A falta de compreensão desta *thread* é surpreendente. Pessoas veneram a bandeira dos confederados, mas dizem para pessoas negras esquecerem a história. É alucinante". A autora do comentário demonstra indignação pela grande gama de comentários que, no mínimo, contradizem e refutam a postagem do Usuário 3. A Usuária 3.1 questiona os comentários de pessoas que invalidam a história apontada pelo Usuário 3, demonstrando que há uma contradição em invisibilizar algumas narrativas históricas em detrimento de outras.

Já o comentário da Usuária 3.2, o segundo mais curtido da postagem do Usuário 3, versa que: "Eu estava fazendo pós-graduação na UF em 1966, quando a universidade estava começando a se integrar, um episódio longo e exaustivo. Fui um dos que ajudaram na

transição e lembro-me da resistência racista. A questão é que estamos a regressar à intolerância e à injustiça sob este governador horrível e autoritário."

Pelo comentário, é possível que a Usuária 3.2 seja uma dessas pessoas que vem de fora da bolha do *Black Twitter* e provavelmente uma pessoa branca, através de inferência observada a partir da própria fala. Quando o Usuário 3.2 aponta que fez pós-graduação na universidade na mesma época ajudando a transição da integração racial, compreendemos que o autor do comentário era um estudante branco em 1966. Entretanto, em uma tentativa de validar o *tweet* do Usuário 3 diante de comentários a favor e contrários, o Usuário 3.2 reafirma o que foi dito, pois também compartilhou historicamente o fato apresentado. O autor ainda afirma que o projeto político defendido pelo governador é um retrocesso ao que, há anos, está sendo construído para diminuir desigualdades e assimetrias.

6.2 Reterritorialização e a encruzilhada de Exu

A ocupação, por pessoas negras, de espaços reservados/privilegiados à branquitude é uma demanda latente em movimentos negros, e um aspecto valioso para o quilombismo. As expressões sobre a reivindicação desses territórios ocorre de várias formas em contextos virtualizados, buscando força nas dinâmicas de reterritorialização quilombola. Para a análise em nível de reterritorialização, as *hashtags* do *Black Twitter* escolhidas serão #MinistraNegraJa para o Brasil e #OscarsSoWhite para os Estados Unidos, pelas suas capacidades de reivindicação de ocupação do Ciberterritório do *Twitter*.

Imagem 29: Cartazes reivindicando a primeira indicação de uma mulher negra na história do STF



Fonte: Leonardo Ramos/Fotoarena/Folhapress, 2023.

O Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro abriga onze cadeiras ocupadas por onze juristas, que são pessoas indicadas pelo presidente da República após aprovação no Senado Federal, e possuem um mandato vitalício até suas aposentadorias compulsórias aos 75 anos de idade. No ano de 2023, como resultado da aposentadoria da ministra do Supremo, Rosa Weber, uma vaga surge no STF.

O presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, eleito por uma ampla frente progressista do Brasil após o anterior pleito do ultraconservador Jair Bolsonaro, assume a responsabilidade de apontar uma ministra ou um ministro ao cargo. Isso significa a possibilidade de encaminhar uma mudança estrutural - e institucional - no Brasil, reconhecendo o lugar de poder da cadeira e que, em termos de raça e gênero, pode ser mais representativa da realidade da sociedade civil brasileira.

A sub-representatividade racial, de gênero e de classe são aspectos marcantes em todas as instâncias de poder do judiciário, sobretudo no STF, instituição responsável por proteger os princípios constitucionais. A partir dessa conjuntura, inicia-se a campanha "Queremos uma Ministra negra no STF"⁷⁴ assinada por: Instituto de Defesa da População Negra e a Coalizão Negra por Direitos, Geledés, DeFEMde, Girl Up Brasil, Lamparina, Instituto da Advocacia Negra Brasileira, Instituto de Referência Negra Peregum, Instituto Marielle Franco, Juristas Negras, Movimento da Advocacia Trabalhista Independente, Movimento Negro Evangélico, Mulheres Negras Decidem, Nossas, OAB tá On, Observatório da Branquitude, Perifa Connection e Utopia Negra Amapaense.

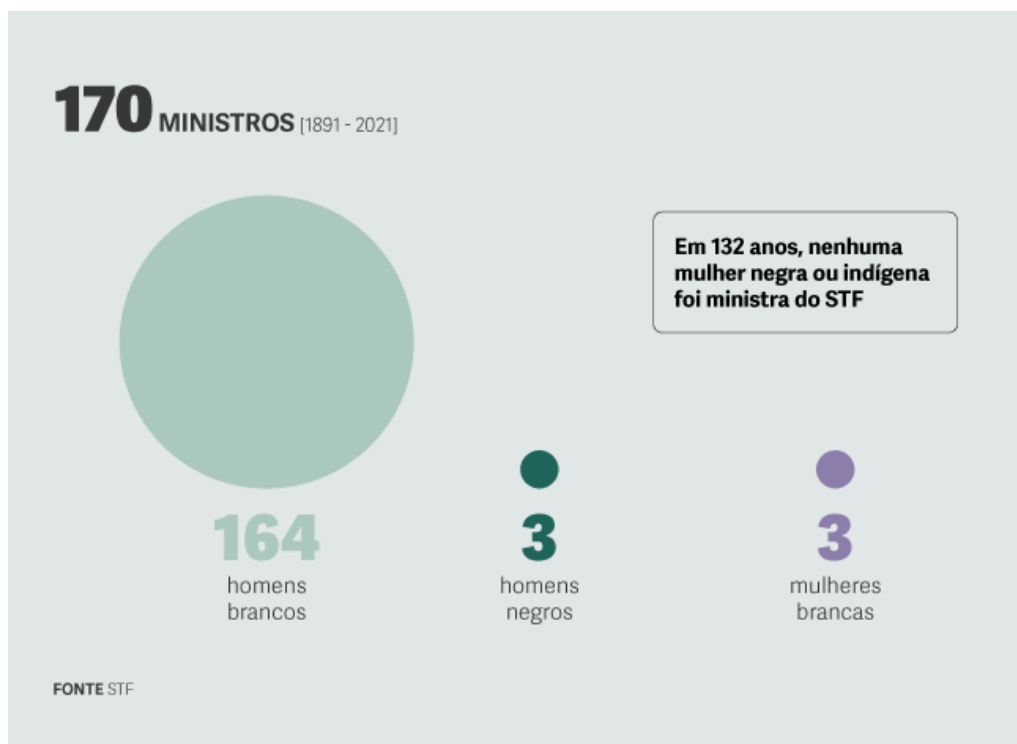
A campanha encampada pelos movimentos acima citados adentrou o território do *Twitter* com a *hashtag* #MinistraNegraJa, mobilizando a rede e demandando atenção dos perfis dentro e fora da dinâmica comunicativa do *Black Twitter*. A campanha reivindica a ocupação da cadeira do Supremo como uma ocupação histórica, dados os 132 anos de instituição sem a representação de mulheres negras. A figura 33 ilustra a numericamente a ausência em recorte de gênero e raça.

Com o objetivo de localizar temporalmente o início das mobilizações via *Twitter*, realizamos uma busca avançada da *hashtag* #MinistraNegraJa e pudemos identificar que a mobilização se iniciou no mês de agosto de 2023. Desde então, uma grande pressão vinda dos movimentos sociais e também do *Black Twitter* através da *hashtag*, exigiu de Lula um posicionamento, de preferência, favorável às reivindicações. Entretanto, após intensas mobilizações, o presidente disse que sua indicação não levará raça e gênero como critério

⁷⁴ Disponível em: <https://ministranegranostf.com.br/>. Acesso em: 1 de nov. 2023.

para a sua escolha à cadeira antes ocupada por Rosa Weber.⁷⁵ Nomes como o do atual ministro da Justiça, Flávio Dino, homem negro, foram citados em outros momentos pelo presidente como de sua preferência. Antes disso, no dia 1º de junho de 2023, Lula já havia indicado Cristiano Zanin, homem branco, ao cargo de ministro do STF, na vaga deixada por Ricardo Lewandowski.

Figura 33: representatividade do Supremo Tribunal Federal em recorte histórico



Fonte: Associação Gênero e Número, 2023.

Dada a efervescência recente do movimento, coletamos dois *tweets* com maior relevância através das curtidas no recorte temporal entre agosto e novembro de 2023. A seleção levará em consideração aspectos como a *ginga* (CARRERA e CARVALHO, 2023) como um crivo para identificação se os membros pertencem ou não ao *Black Twitter* brasileiro.

A *ginga*, então, é acionada aqui para além do sentido de “jogo do corpo” na capoeira, mas como um jogo discursivo, um esquivar-se do todo em direção à retomada de si mesmo, “uma metalinguagem com capacidade de articular, de maneira ad-artística, ad-linguística, aspectos recursivos de uma luta que se faz em meio à muitas outras” (ARAÚJO, 2017, p. 6). *Gingar* no *Black Twitter* é

⁷⁵ Disponível em:

<https://exame.com/brasil/lula-afirma-que-genero-e-cor-nao-serao-criterios-para-escolha-de-novo-ministro-do-stf/>. Acesso em: 15 de nov. 2023.

brincar com as palavras ou praticar “signifying”, como ocorre no contexto do Black Twitter estadunidense (FLORINI, 2014), e se apropriar positivamente das affordances que servem, muitas vezes, para construções violentas contra suas existências (CARRERA e CARVALHO, 2023, p. 15).

A partir da lógica de identificação de *tweets* proposta acima, é possível nos aproximar dos discursos presentes no *Black Twitter* estadunidenses que se utilizam da estratégia de *signifyin'*. Esta estratégia também nos auxiliará a identificar os discursos da *hashtag* estadunidense que compõe a categoria analítica de reterritorialização: *#OscarsSoWhite*.

A *hashtag* *#OscarsSoWhite* surge em 15 de janeiro 2015, durante a famosa premiação do cinema que acontece anualmente em Los Angeles, nos Estados Unidos, para destacar, segundo a academia do Oscar, as melhores produções e pessoas produtoras da indústria cinematográfica. Entretanto, a partir de um excessivo número de pessoas brancas sendo indicadas para a premiação, a jornalista negra April Reign, tweetou em sua conta a postagem ilustrada pela figura 34.

Figura 34: *tweet* de April Reign (2020)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Se traduzida, a postagem assumiria o seguinte sentido “#OscarÉTãoBranco que ele pediu para tocar o meu cabelo”. De acordo com a possibilidade interpretativa possibilitada pelo *signifyin'* dentro do círculo do *Black Twitter* estadunidense, uma das reivindicações das pessoas negras dentro da plataforma é para que pessoas brancas parem de pedir para tocar nos cabelos de pessoas negras. Essa prática desrespeitosa, assume um olhar de exotificação acerca dos cabelos com texturas crespas e cacheadas, se tornando um grande incômodo para pessoas negras. “Não toque no meu cabelo” ou “Don't touch my hair” se torna uma pauta de reivindicação dos limites ignorados por pessoas brancas ao acessarem corpos de pessoas negras sem consentimento, compreendendo o corpo negro como um corpo-território público e violável.

De modo irônico, April sugere a falta de representatividade negra na premiação e que, por esta razão, a academia do Oscar age de maneira racista. A partir de sua postagem, o *Black Twitter* se apropriou da manifestação de April, trazendo para o foco a falta de

representatividade de pessoas não-brancas na indústria cinematográfica. De acordo com documentário realizado pela CBS, que recebe o título de "*Black Twitter: The Twittersverse That Changed a Generation*"⁷⁶, lançado em 23 de fevereiro de 2023, em que entrevistam a jornalista ativista April Reign, a academia se compromete a aumentar a representatividade negra na premiação dentro de um prazo de 5 anos após as revoltas proporcionadas pela *hashtag*⁷⁷.

Tendo em vista a grande mobilização que a *hashtag* #OscarsSoWhite realizou, é possível identificar a capacidade reivindicativa de ocupação negra de territórios reservados/privilegiados à/para a branquitude. A partir disso, coletamos duas postagens com maior relevância e curtidas no *Twitter*, no recorte do ano de 2015 até 2023, que tenha utilizado a *hashtag*. A partir desses materiais a análise dos discursos das postagens será realizada.

6.2.1 #MinistraNegraJa

Realizando a busca de *tweets* com recorte predeterminado sobre a *hashtag* #MinistraNegraJa, foi possível coletar duas postagens com o maior número de curtidas no período entre 01 de agosto e 09 de novembro de 2023. A postagem que mais recebeu curtidas no recorte temporal delimitado é representada aqui pela Figura 35, postada pelo Usuário 4 em 22 de setembro de 2023. Esta postagem recebeu 2 mil curtidas, foi retweetada 526 vezes e comentada 22 vezes.

O *tweet* do Usuário 4 apresenta a seguinte construção textual escrita "Arte de @AiraOcrespo se junta a mobilização por uma #MinistraNegraJa. Afinal. NUNCA ANTES NA HISTÓRIA DESSE PAÍS O Supremo Tribunal Federal teve uma mulher negra como Ministra. Até quando?! (emoji de localização) Rua do Lavradio, altura do Cordão do Bola Preta. Tira uma foto e marca a gente! @institutodpn @coalizaonegra @MNdecidem @_nossas". Na sequência, o usuário posta imagens da obra de arte feita pelo artista Airá Ocrespo em um dos muros da cidade do Rio de Janeiro.

Inicialmente, em níveis interdiscursivos, é possível identificar no discurso do Usuário 4 a capacidade de mobilização coletiva do movimento #MinistraNegraJá, antes materializada pelas mãos do artista urbano Airá Ocrespo. O usuário recorre à uma frase inscrita na obra de arte "nunca antes na história desse país", para elaborar a escrita de seu *tweet*. Esta frase é um

⁷⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p8zHKy8jIHI>. Acesso em: 01 de nov. 2023.

⁷⁷ Disponível em: <https://nypost.com/2016/01/22/oscar-adopts-diversity-reforms-after-race-controversy/>. Acesso em: 01 de nov. 2023.

antigo jargão utilizado pelo presidente Lula desde o seu primeiro mandato no Brasil no ano de 2002. Esta frase era constantemente utilizada para destacar os avanços e realizações do presidente. Em 2023, a frase se atualiza e converte-se em uma demanda da população brasileira, em especial a população negra, ao reivindicar a nomeação da primeira Ministra negra em 132 anos de existência do STF.

Figura 35: Tweet do Usuário 4 (2023)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Segundo o manifesto⁷⁸ que reivindica a ocupação do cargo por uma mulher negra, os dados apontam para a urgência de um olhar interseccional no Supremo. Apenas 7% dos magistrados em primeira instância no Brasil são mulheres negras, segundo pesquisa "Perfil

⁷⁸ Disponível em: <https://ministranegrano STF.com.br/>. Acesso em: 09 de nov. 2023.

Sociodemográfico dos Magistrados no Brasil", realizada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2018 ⁷⁹, o que aponta para uma sub-representatividade. Outro dado alarmante é que aproximadamente 68% da população carcerária brasileira é negra, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública apresentado no ano de 2022, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)⁸⁰. Isso implica um alto índice de seletividade penal decorrente de tendências internas ao judiciário, fortemente composto por homens brancos, em desfavor de corpos subalternizados, como o caso anteriormente citado de Rafael Braga.

Ao observar a elaboração visual de Airá Ocrespo, é possível observar ao fundo da imagem a obra "Okê Oxossi" de Abdias Nascimento, afirmando que a imagem de uma mulher negra sentada em uma cadeira do STF é um ato de reterritorialização quilombista. Ao observar o intradiscurso, é possível reconhecer a capacidade de ocupação do território virtual como um espaço de mobilização coletiva de movimentos negros, sugerindo que a comunidade do *Black Twitter* se incomode com a afirmação questionadora trazida: "Até quando?!". A construção da visualidade proposta por Airá Ocrespo também serve de material para sugerir uma corrente de postagens de apoio, uma vez que o Usuário 4 convoca os usuários à extrapolar o ciberespaço, tirarem uma foto junto da obra de Ocrespo e marcar os movimentos negros.

Estimulados pela necessidade de observar a mobilização de interação a partir do *tweet* escolhemos os dois comentários mais curtidos da postagem, para compreender o nível do impacto discursivo do Usuário 4. Os dois comentários são representados pela figura 36, em que conseguimos observar os Usuários 4.1 e 4.2.

Os comentários do Usuário 4.1 e 4.2 se assemelham ao analisarmos o propósito de disseminação da campanha, sobretudo pelo fato de que os usuários marcam pessoas ou páginas com grande notoriedade nacional. O Usuário 4.1 elabora textualmente a seguinte frase "Ficou linda a arte. @medoedeliriobr ajuda na luta" enaltecendo a obra artística de Airá Ocrespo e convocando uma página de um *podcast* que se chama "Medo e Delírio em Brasília" para engajar a campanha.

Por outro lado, o Usuário 4.2 comenta "olha aí @Janjalula. Dá as ideia no homi (sic) aí" convocando a primeira-dama Janja Lula da Silva, esposa do presidente Lula, para

⁷⁹ Disponível em:

https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2019/09/a18da313c6fdbc6f364789672b64fcef_c948e694435a52768c6c00bda11979a3.pdf. Acesso em: 09 de nov. 2023.

⁸⁰ Disponível em:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/08/anuario-2023-texto-14-delito-de-ser-negro-atravesa-mentos-do-racismo-estrutural-no-sistema-prisional-brasileiro.pdf>. Acesso em: 09 de nov. 2023.

interferir na decisão do presidente, o usuário faz isso em tom de humor. As intervenções neste caso demonstram uma necessidade de mobilizar forças para que a campanha se torne notória.

Figura 36: Comentários sobre a postagem do usuário 4 (2023)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Ainda a varredura sobre as postagens que carregam a *hashtag* #MinistraNegraJa encontramos a segunda postagem com maior número de curtidas dentro do recorte temporal predeterminado. A figura 37 representa o *tweet* realizado pela usuária aqui identificada como Usuária 5, no dia 31 de agosto de 2023. A postagem recebeu o total de mil curtidas, sendo retweetada 426 vezes e recebeu 25 comentários.

Figura 37: Tweet da Usuária 5 (2023)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

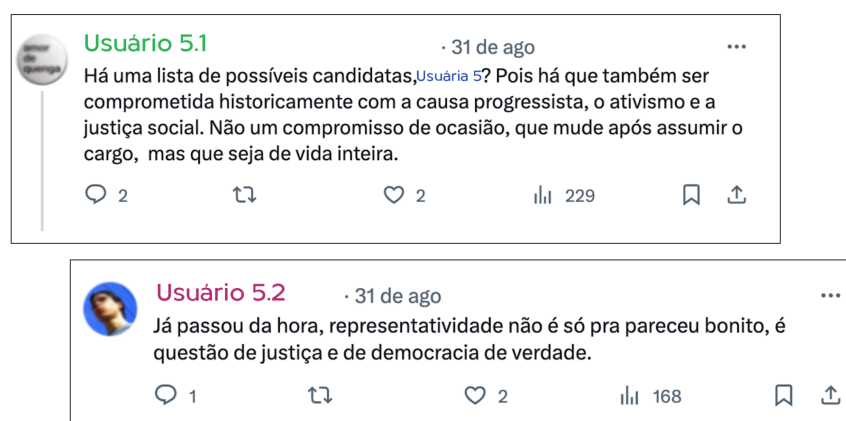
A Usuária 5 traz em sua postagem a seguinte proposição textual escrita "Passado mais de um século, é chegada a hora de haver uma ministra negra no STF. A campanha, que reúne inúmeras organizações quer enviar 500 mil e-mails para o @LulaOficial nos próximos dias. Pressione! #MinistraNegraJa ministranegranostf.com.br". Em seguida, uma elaboração gráfica ilustra a campanha com a imagem de todos(as) ministros(as) do STF juntos, em sua maioria homens e em sua totalidade branca.

O texto escrito na imagem traz a seguinte mensagem: "Presidente, queremos uma Ministra negra e progressista no STF! Não podemos aceitar mais um ministro conservador. Queremos uma mulher negra e progressista para ocupar a corte pela primeira vez em mais de 130 anos de história. ministranegranostf.com.br".

Em aspectos interdiscursivos é possível observar que provavelmente a Usuária 5 faz parte da frente de protestos que reivindicam a ocupação do cargo por uma mulher negra. A estrutura do discurso que assume uma voz verbal no imperativo "pressione" nos leva inferir uma participação ativa, de convocação do coletivo para engajar na causa. Em âmbitos intradiscursivos é possível visualizar que há uma estratégia reivindicativa para mobilizar o olhar do presidente a partir do envio de 500 mil e-mails.

Ao observar os comentários feitos sobre o *tweet* da Usuária 5 como uma possibilidade de interação valiosa para a construção discursiva da tecnocultura, coletamos os dois comentários mais curtidos da postagem. A figura 38 traz os comentários dos usuários aqui identificados como Usuário 5.1 e Usuário 5.2.

Figura 38: comentários sobre o *tweet* do Usuário 5 (2023)



Fonte: Site *Twitter*, 2023.

O comentário do usuário 5.1 expressa textualmente a seguinte mensagem: "Há uma lista de possíveis candidatas, Usuária 5? Pois há que também ser comprometida

historicamente com a causa progressista, o ativismo e a justiça social. Não um compromisso de ocasião, que mude após assumir o cargo, mas que seja de vida inteira". Observando essa interação, é possível inferir, novamente, que a Usuária 5 é uma ciberativista comprometida com a campanha, pois o Usuário 5.1 demanda algumas pautas que julga relevantes para a nomeação de uma Ministra Negra.

O comentário do Usuário 5.2 corrobora o *tweet* da Usuária 5, versando "Já passou da hora, representatividade não é só pra pareceu (sic) bonito, é questão de justiça e de democracia e de verdade". As afirmações do Usuário 5.1 reforçam a urgência da campanha *#MinistraNegraJa*, apontando a possível nomeação como uma atitude em prol da democracia do Estado brasileiro.

6.2.2 *#OscarsSoWhite*

Ao realizar o mapeamento da *hashtag* *#OscarsSoWhite* em busca dos *tweets* que mais obtiveram curtidas no recorte preestabelecido, alcançamos duas postagens que expressaram uma grande dinâmica de interação na rede. A postagem que obteve mais curtidas foi o *tweet* postado pela Usuária 6, representado pela figura 39, o qual recebeu 16 mil curtidas, sendo retweetado por 6 mil vezes e comentado 122 vezes.

Figura 39: *tweet* da Usuária 6 (2020)



Fonte: Site *Twitter*, 2023.

A postagem da Usuária 6 se refere à Hattie McDaniel, a primeira mulher negra a receber a premiação do Oscar, pelo seu papel como atriz coadjuvante no filme estadunidense "E o Vento Levou", lançado no ano de 1940. O *tweet* traz a seguinte mensagem, que transcrevemos e traduzimos para o português "O discurso de Hattie McDaniel ainda me faz chorar. Não permitiram a ela entrar no espaço da cerimônia do #oscars porque era negra. Eles tiveram que fazer uma petição para que ela pudesse entrar no salão! E então a fizeram sentar-se em uma mesa separada do elenco. #OscarsSoWhite"

Ao analisar o interdiscurso da postagem da Usuária 6, adentramos em uma densa e longa trajetória de invisibilidade negra no cinema, sobretudo no cinema hollywoodiano da primeira metade do século XX, em que a hegemonia discursiva orientava para um extremado nacionalismo, fundamentalista, tradicional e racista. O filme em que Hattie McDaniel estrelou e se tornou vencedora do Oscar, era um grande exemplo de como a indústria cinematográfica estadunidense agia, enaltecendo a ideologia supremacista branca. A imagem 30 é um trecho do filme em que enxergamos, em um plano geral, várias pessoas durante a Guerra Civil estadunidense, sob uma grande bandeira flamulando dos Estados Confederados do Sul.

Imagem 30: trecho do filme E O Vento Levou (1940)



Fonte: site *Youtube*, 2023.

Hattie McDaniel interpretou uma personagem que assumia o nome de "Mommy" na narrativa. No roteiro, seu personagem foi menosprezado em termos de protagonismo, mas, sobretudo, representou a forma caricatural como a população estadunidense deveria receber

as personagens negras. "Mommy" se torna um estereótipo racista inaugurado pelo cinema estadunidense, que reafirma um resquício escravocrata relativo às mulheres negras escravizadas que eram "amas de leite" de famílias brancas.

A Usuária 5 recorre ao discurso de Hattie McDaniel, elaborado e dito 80 anos antes da sua postagem, como um recurso de memória e repertório histórico, tendo a premiação do Oscar 2020 que acontecia no dia 09 de fevereiro - mesma data da postagem da usuária - como ponto reflexivo.

Ao observar a postagem níveis intradiscursivos, compreendemos a necessidade de trazer o caso de McDaniel para, então, refletirmos sobre a contextual falta de representatividade negra na premiação do Oscar no ano de 2020. A imagem 31 registra visualmente a baixa representatividade de rostos negros - e femininos, se observarmos o grande número de ternos pretos vestidos por homens na fotografia.

Imagem 31: Premiados do Oscar em 2020



Fonte: site Omelete/The Academy, 2023.

Apesar de haver grandes mudanças no cenário do ano de 1940 para o ano de 2020, é possível enxergar que a academia - cinematográfica - ainda é composta majoritariamente por pessoas brancas, o que corrobora para que as narrativas representadas e produzidas por pessoas brancas sejam lidas como ideais.

Na tentativa de alcançar uma compreensão da dinâmica interacional da tecnocultura do *Black Twitter*, analisamos os comentários que mais receberam curtidas da postagem. Na figura 40 conseguimos observar os dois comentários, em que as autoras são identificadas como Usuária 6.1 e 6.2. O comentário da Usuária 6.1 gerou 380 curtidas, 39 *retweets* e estimulou mais 5 comentários, enquanto o comentário da Usuária 6.2 recebeu 80 curtidas e foi retweetado por 7 vezes.

O comentário da Usuária 6.1, após traduzido, faz a seguinte afirmação: "É tão desolador ouvi-la falar sobre ser uma 'referência para sua raça', ao mesmo tempo em que é

tratada de maneira tão chocante pela instituição branca à qual ela estava tentando ganhar reconhecimento. E por que nenhum de seus colegas de elenco brancos protestou contra ela ser segregada na noite importante deles juntos?"

Figura 40: Comentários sobre a postagem da Usuária 6 (2020)



Fonte: Site *Twitter*, 2023.

A autora demonstra indignação e comoção pelo modo como McDaniel foi destrutada pela academia e, mesmo assim, elaborou um discurso de agradecimento aos membros que lhe concederam a premiação. Entretanto, o fato de seus colegas de elenco ou mesmo produtores e diretores do longa-metragem não se revoltarem por ela demonstra a maneira pela qual pessoas brancas desfrutam afirmativamente dos seus privilégios.

Ainda sobre os comentários das usuárias, observando agora a postagem da Usuária 6.2, ela afirma: "As indignidades que as pessoas negras têm que suportar. Tão feliz que Hattie McDaniel perseverou. #Oscars". Ao falar em dignidade, a autora do comentário ressalta um termo demasiado valioso para os movimentos negros pan-africanistas, a busca pela igual dignidade que deve ser instituída para pessoas brancas e pessoas não-brancas. Hattie McDaniel, ainda que em condições difíceis, reterritorializou de forma pioneira o espaço reservado à branquitude que é a premiação do Oscar.

Ainda realizando o levantamento de *tweets* a partir da *hashtag* pudemos encontrar uma segunda postagem que se destacou pela grande quantidade de curtidas e engajamento. Nomeamos o autor da postagem como Usuário 7. Sua postagem foi feita no dia 27 de março de 2022. Seu *tweet* está representado a partir da figura 41, em que recebeu 9 mil curtidas, foi retweetado por 2 mil vezes e comentado por 45 vezes.

Figura 41: Tweet do Usuário 7 (2020)



Fonte: Site Twitter, 2023.

A postagem do Usuário 7, em tradução livre para o português diz "Depois de tantos anos de #OscarsSoWhite" e em sequência, o usuário utiliza de um vídeo curto como meme para completar o sentido da sua sentença escrita. Em perspectivas interdiscursivas, o vídeo utiliza do recurso de repertório memético para demonstrar que, após tanto tempo, a premiação reconheceu um número significativo de realizadores negros. O vídeo é um trecho de uma campanha publicitária de fim de ano da marca *Old Navy* estrelada pela rapper estadunidense Lil Kim no ano de 2003.

Lil Kim se tornou uma personalidade estadunidense memetizada, sendo possível observar uma série de memes da cantora disseminados no *Twitter*, sobretudo por usuários do *Black Twitter*. No trecho do vídeo, ela diz a frase "*you're in the hood now, baby*", que apresenta duplo sentido a partir da palavra "*hood*" - que pode significar "casaco" e "quebrada" enquanto bairro periférico. Tendo a dupla interpretação, a frase pode significar, através da publicidade da marca de roupas *Old Navy*, "você está usando um casaco agora, meu bem!" ou "você está na quebrada agora, meu bem!".

Após 7 anos da *hashtag* #*OscarsSoWhite* ter sido disseminada, e de décadas de premiação, o autor do *tweet* utiliza o trecho do vídeo para inferir que em 2022 o Oscar chegou na "quebrada", por ter premiado um grande número de pessoas não-brancas.

Em nível de intradiscursos é importante reconhecer que, assim como a postagem da Usuária 6, o *tweet* do Usuário 7 foi emitido no dia 27 de março de 2022, exato dia da premiação do Oscar no ano de 2022. O usuário estava assistindo à premiação enquanto tweetava, assim como milhares de outros usuários da rede, encontrando ressonância sobre seu posicionamento. Nesta premiação o ator Will Smith ganhou a estatueta de melhor ator principal, pelo filme King Richard, e Anna DeBose foi premiada como melhor atriz coadjuvante pelo filme Amor Sublime Amor.

Ao observar a interação estimulada pela postagem do Usuário 7, selecionamos dois dos comentários mais curtidos e relevantes para demonstrar a capacidade discursiva de interferência na tecnocultura a partir do *tweet*. Chamaremos os usuários que comentaram a postagem de Usuário 7.1 e Usuário 7.2. e a figura 42 ilustra as reações dos usuários.

Figura 42: Comentários sobre o *tweet* do Usuário 7 (2022)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O comentário do Usuário 7.1, recebeu 9 curtidas e um *retweet*, o conteúdo da postagem apenas apresenta uma imagem, que também têm caráter memético em que observamos a imagem do ator Will Smith, ganhador do Oscar de melhor ator no ano, em conjunto com a frase "Are the Oscars black enough for ya now?!", que em tradução livre significa "O Oscar está negro suficientemente para você agora?!". A expressão de Smith na imagem demonstra uma inquietação característica da principal polêmica da noite, quando Will Smith iniciou uma briga com o ator Chris Rock que apresentava a premiação.

Will Smith recebeu holofotes na noite da premiação, menos por ser premiado como o melhor ator principal, mas principalmente por agredir Chris Rock após o comediante anfitrião da noite fazer uma piada sobre a falta de cabelo de sua então esposa, a atriz e apresentadora Jada P. Smith.

O que nos leva para o comentário do Usuário 7.2, que escreve textualmente a seguinte frase "Let's not forget who taught Will the scientific method of 'fuck around and find out", que em tradução livre para o português significa "Não nos esqueçamos de quem ensinou a Will o método científico de 'brinque por aí e acabe encontrando". Aqui o Usuário 7.2 se refere ao fato de Will Smith ter desferido um tapa em Chris Rock na premiação, sugerindo que, a partir do seu papel na famosa série "Um Maluco no Pedaco", Will Smith teria aprendido a estapear com o personagem que interpretava o seu tio.

A repetição dos comentários sobre a agressão de Will Smith a Cris Rock nos leva a questionar qual fato se torna mais relevante para a disseminação midiática: o raro fato de um homem negro receber o Oscar de melhor ator protagonista ou o fato de um homem negro agredir outro homem negro em uma premiação globalmente televisionada? Ainda que a agressão mereça condenação pública, nos chama a atenção a invisibilização do contexto em que ela ocorreu e dos outros fatos da premiação relacionados ao ator. A ação de agredir serviu como reafirmação do estereótipo de homem negro raivoso e se estruturou como mais relevante para os veículos de comunicação, neste caso.

As mobilizações do *Black Twitter* estadunidense sobre a ocupação negra dos territórios racistas e elitistas da indústria cinematográfica através da *hashtag* #OscarsSoWhite acaba por impactar a mudança de conjuntura da premiação.

6.3 Autopreservação e as ferramentas de Ogum

Para a realização de uma análise discursiva, a análise contextual e histórica dos fatos os quais os discursos estão imersos se faz necessária. Trazendo para o foco o aprofundamento

contextual sobre os casos de Breonna Taylor, George Floyd, João Alberto de Freitas e Kathlen Romeu é possível observar semelhanças na ocorrência dos quatro fatos em âmbito de autopreservação. Temos quatro casos de violentas mortes: o assassinato de um homem negro e uma mulher negra estadunidenses, e o assassinato de um homem negro e uma mulher negra brasileiros, por agentes de segurança (pública e privada). Os casos de Breonna Taylor, George Floyd e João Alberto de Freitas aconteceram no ano de 2020, e o caso de Kathlen Romeu ocorreu no ano de 2021.

A necropolítica incide sobre os corpos negros com a prerrogativa de coerção, tanto em territórios estadunidense, quanto em brasileiros - e ceifa vidas negras em larga escala. As mobilizações tomam o *Twitter* como espaço reivindicativo em diferentes locais geográficos da diáspora negra para as Américas. Sobre os diferentes casos de violência racial, que culminou nos quatro casos supracitados, iniciamos apresentando cada caso de maneira cronológica, desde o primeiro caso observado nesta tese, que foi o caso de Breonna Taylor.

Taylor era uma mulher negra de 26 anos, trabalhava como técnica de emergências médicas e tinha anseios de se tornar uma enfermeira em breve.⁸¹ Na madrugada do dia 13 de março de 2020, na cidade de Louisville no estado do Kentucky, Estados Unidos, três agentes policiais invadiram a casa de Breonna Taylor e atiraram mais de 8 vezes contra a enfermeira. A motivação desse bárbaro assassinato se deu, segundo fontes policiais, por uma investigação que procurava se aproximar do ex-namorado de Breonna Taylor, Jamarcus Glover.

No dia 12 de março, um dia antes do brutal assassinato, um juiz do Tribunal do condado de Jefferson, expediu cinco mandatos de busca em endereços ligados à Jamarcus Glover, que era suspeito por tráfico de drogas.⁸² Segundo o relato do, até então, namorado de Breonna, Kenneth Walker III, que estava dormindo junto à vítima, os policiais bateram na porta sem se identificar. Walker III expõe que ainda perguntou quem era que batia na porta, e, em seguida, Kenneth buscou seu revólver - com porte legal - no momento que ouviu tentativas de arrombamento. Os oficiais entraram na casa de Taylor, Walker, assustado, atirou no sentido dos policiais, os quais ele pensava serem invasores. Walker imediatamente foi desarmado, e Breonna foi alvejada inúmeras vezes até a sua morte.

A morte de Breonna gerou imediata comoção nacional, mobilizando manifestantes do movimento *Black Lives Matter* nas redes sociais e ampla parcela da população em diferentes

⁸¹ Breonna Taylor, a vítima da polícia na própria casa que inspirou uma campanha por justiça. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54024044>. Acesso em: 10 de out. 2023.

⁸² Caso Breonna Taylor: o que se sabe até agora sobre a mulher negra morta nos EUA. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/caso-breonna-taylor-o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-a-mulher-negra-morta-nos-eua/>. Acesso em: 10 de out. 2023.

idades dos Estados Unidos. Entretanto, a justiça de Louisville arrastou o caso por anos até uma decisão judicial que apontasse os responsáveis pela morte de Taylor, e os condenasse. Esta morosidade do judiciário em definir a sentença, estimulou que, de certa forma, o caso deixasse de ter a visibilidade de relevância para a opinião pública do que obteve nos dias seguintes ao do assassinato. A imagem 32 é uma fotografia registrada em 20 de setembro de 2020, em um protesto na Filadélfia, logo após a justiça indiciar o primeiro policial responsável pelo assassinato.

Imagem 32: protesto na Filadélfia (2020)



Fonte: The Philadelphia Inquirer, 2023.

O caso de Breonna Taylor esteve e ainda segue sob o olhar da população. Nas redes as *hashtags* *#JusticeForBreonnaTaylor* e *#SayHerName* servem como um constante lembrete de que é preciso dar nome às mulheres negras que são mortas injustamente e pouco, quase nada, é feito pelo Estado para reparar essas perdas. A mobilização em torno do caso Breonna Taylor ainda é algo que demanda atenção da sociedade, sobretudo pelo fato de que a justiça não condenou todos os policiais envolvidos no violento caso.

A imagem 33 é uma fotografia feita por mim no ano de 2021, em San Diego, e é um registro de uma das janelas do alojamento estudantil da UC San Diego. E é possível observar a frase "*Say Her Name*" colada contra o vidro.

Imagem 33: janela do *grad housing* da UC San Diego com a frase "*say her name*"



Fonte: acervo do autor, 2021.

O movimento *Say Her/His Name* se torna notório em uma conferência da professora Dra. Kimberlé Crenshaw⁸³, a qual ela pede para a plateia se manter de pé à medida que ouvir nomes que reconheçam. Os nomes que Crenshaw cita são de pessoas negras vítimas de brutalidade policial nos Estados Unidos. Na medida em que os nomes são narrados quem do público não o reconhecer, deve se sentar. Quanto mais avança na quantidade de nomes, mais pessoas se sentam e menos pessoas permanecem em pé. Quando estes nomes se referem a

⁸³ #SayHerName: why Kimberlé Crenshaw is fighting for forgotten women. Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2016/may/30/sayhername-why-kimberle-crenshaw-is-fighting-for-for-gotten-women>. Acesso em: 05 de ago. 2022

pessoas negras com múltiplos marcadores da diferença, menos pessoas ainda ficam em pé. O exercício proposto por Crenshaw é uma tentativa de demonstrar que os casos de violência policial por motivos raciais que se tornam notórios pela mídia são poucos, e os números de vítimas de brutalidade policial por motivos raciais são muitos. Por isso, é necessário ter em mente os nomes das vítimas para personalizarmos as estatísticas, humanizando-as.

Diferentemente do caso de Breonna em que poucas evidências sobre a noite do brutal assassinato vieram à público, três meses após o caso, no estado de Minnesota, outro caso de violência policial, que culminou em morte, foi registrado por um *smartphone* e postado nas redes sociais.

No dia 25 de maio do ano de 2020, em Minneapolis no estado de Minnesota, Estados Unidos, George Floyd, um homem negro de 46 anos foi sufocado até a morte pelo policial branco Derek Chauvin. Floyd foi violentamente morto sob a acusação inicial de tentativa de uso de uma nota falsa de vinte dólares em um supermercado da capital⁸⁴. Em uma manobra violenta, Derek Chauvin manteve George Floyd deitado de bruços e algemado no chão do estacionamento do supermercado.

Com o pescoço da vítima sob a pressão de seus joelhos, Derek Chauvin ouviu mais de 30 vezes George Floyd clamar pela sua vida, afirmando que não conseguia respirar e que iria morrer. Mesmo sob a indignação popular e com a iminência dos registros da agressiva e assassina abordagem, Chauvin não interrompeu o violento ato que levou George Floyd à óbito. Dentre as pessoas que testemunharam o assassinato, o registro do celular de Darnella Frazier⁸⁵, uma garota negra de 13 anos, foi divulgado nas redes sociais digitais e em pouco tempo comoveu globalmente acerca do fato. A imagem 34 é um frame do registro feito por Darnella Frazier e mostra George Floyd pressionado contra o asfalto pelo joelho de Derek Chauvin.

Alissa Richardson (2020, p. 40), em seu livro *"Bearing Witness While Black: African Americans, Smartphones, and the New Protest #Journalism"*⁸⁶ aponta que pessoas negras sempre lançaram mão de tecnologias de seu tempo para testemunhar e relatar violências ou resistências ocorridos, como a produção de biografias negras no período das leis Jim Crow nos EUA. Entretanto, a autora enxerga nos *smartphones* um grande potencial de

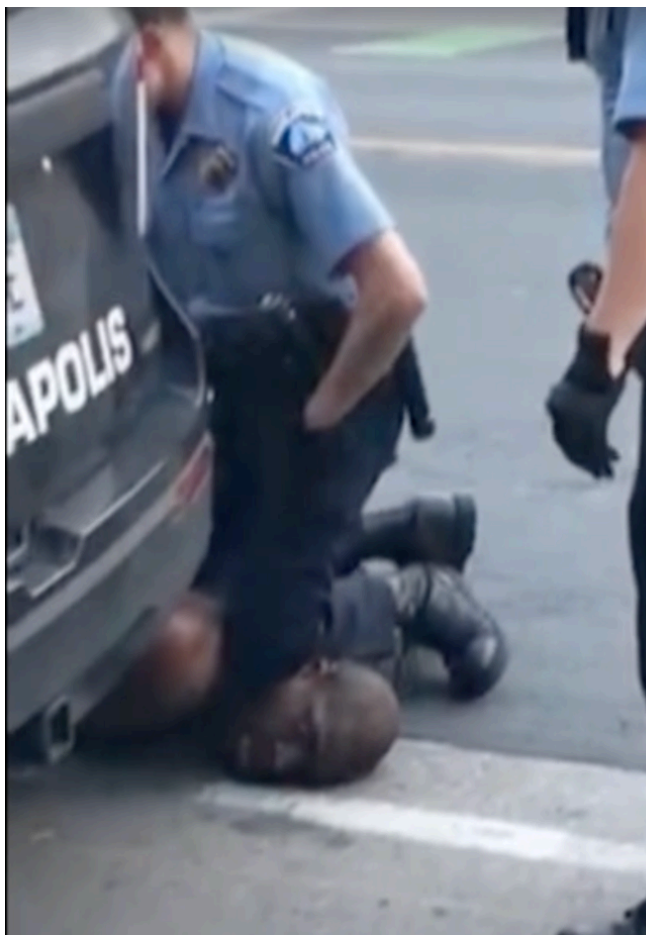
⁸⁴ George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

⁸⁵ Adolescente que filmou últimos momentos de George Floyd será premiada por coragem. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55121642>. Acesso em 01 de ago. 2022.

⁸⁶ Em tradução livre para língua portuguesa: "Se tornando testemunha enquanto negro: Afro-americanos, smartphones e o Novo Protesto #Jornalismo".

disseminação de notícias, mesmo reconhecendo a lógica de favorecimento algorítmico de pautas comuns à branquitude. Este reconhecimento aponta para a lógica de reterritorialização do *Twitter* como alternativa, por exemplo.

Imagem 34: Frame do vídeo gravado por Darnella Frazier (2020)



Fonte: Portal G1 (2021) ⁸⁷

Trazendo um contexto de realidade semelhante, com aproximados seis meses após a comoção por George Floyd, acontece no Brasil um caso de violência racial que se destaca na mídia e nas redes sociais e culminou na morte de João Alberto Silveira Freitas. No dia 19 de novembro do ano de 2020, um dia antes da data referente ao Dia da Consciência Negra no Brasil, João Alberto, de 40 anos de idade, foi assassinado vítima de agressão por seguranças do supermercado Carrefour, em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. O fato ocorreu no estacionamento do referido estabelecimento.

⁸⁷ Manobra de ajoelhar no pescoço matou George Floyd, diz médico legista no julgamento de Derek Chauvin. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/09/manobra-de-ajoelhar-no-pescoco-matou-george-floyd-diz-medi-co-legista-no-julgamento-de-derek-chauvin.ghtml>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

Assim como Floyd, Freitas era um homem negro que circulava em um espaço de privilégio para a branquitude. Desta forma, sua presença neste ambiente era alvo de constante vigilância. A agressão foi motivada, segundo relatos, por desentendimentos entre a vítima e uma funcionária do supermercado⁸⁸. Sob socos e pontapés, João Alberto foi assassinado e testemunhas que estavam no local também fizeram o registro da abordagem agressiva dos seguranças. Giovane Gaspar da Silva e Magno Braz Borges, foram os autores do crime.

Imagem 35: frame do vídeo gravado durante o assassinato de João Alberto no supermercado Carrefour, em Porto Alegre - RS. (2020)



Fonte: site Carta Capital (2020)⁸⁹

Assim como ocorrido durante o assassinato de George Floyd, o caso de João Alberto Silveira foi registrado pelos *smartphones* de quem estava no local do crime. Logo as gravações tomaram conta das redes de sociabilidade virtualizada, causando indignação e mobilizando a sociedade civil e também repercutiram na grande mídia. A *hashtag* #JustiçaPorBeto rapidamente começou a ser replicada nas redes, sobretudo no *Twitter*.

A justiça, como nos casos acima citados, desempenha de maneira lenta as decisões sobre os casos e no ano de 2022 os réus, sob denúncia do Ministério Público por crime

⁸⁸ Homem negro é espancado e morto por seguranças do Carrefour em Porto Alegre. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/homem-negro-e-espancado-e-morto-por-segurancas-do-carrefour-em-porto-alegre/>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

⁸⁹ Homem negro é espancado e morto por seguranças do Carrefour em Porto Alegre. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/homem-negro-e-espancado-e-morto-por-segurancas-do-carrefour-em-porto-alegre/>. Acesso em: 01 de ago. 2022.

praticado em razão da vulnerabilidade econômica e de preconceito racial, vieram a júri para responder sobre o assassinato.

No ano de 2021, aproximadamente um ano após o assassinato de João Alberto de Freitas em Porto Alegre, outro caso de morte causada por violência racial ganha destaque na mídia. A vítima é uma jovem designer de 24 anos de idade, no Rio de Janeiro. Kathlen Romeu estava grávida de três meses e foi morta com um tiro de fuzil disparado por um policial militar, que a atingiu na região do peito, no dia 08 de junho de 2021.

Kathlen estava andando na Região do Lins, zona norte do Rio de Janeiro, com sua avó Sayonara de Fátima, quando uma rajada de tiros surpreendeu as duas. Sayonara⁹⁰ foi convocada pelo Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) para ser uma das testemunhas do caso e, em audiência realizada pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), relatou que ambas caminhavam pelas ruas quando uma rajada de disparos de fuzil atingiu Kathlen. No momento em que a bala atingiu a jovem, sua avó imaginou que ela estava apenas se abaixando para evitar ser atingida por algum disparo, entretanto a jovem havia sido atingida. Sayonara relatou que policiais militares ignoraram o corpo de Kathlen, apenas se preocupando em interrogar Sayonara.

A imagem 36 é uma representação de Kathlen Romeu, pelo artista e criador de cultura urbana Airá Ocrespo. A pintura do mural foi feita em frente ao local onde o assassinato de Kathlen ocorreu.

A imagem retrata Kathlen, com os dizeres "Mantendo Viva" e "Que sua luz guie os caminhos da nossa luta!". Dizeres estes que nos orientam para a perpetuação da memória de Kathlen como uma demanda coletiva de autopreservação negra. O caso de Kathlen apresenta grandes semelhanças com o caso de Breonna Taylor, também pelo fato de serem baleadas por agentes policiais, mas sobretudo pelo fato de serem mulheres negras. Esta dupla marcação que as diferencia as coloca, automaticamente, em um lugar de maior vulnerabilidade. A intersecção de raça e gênero, historicamente, coloca mulheres negras em um duplo lugar de opressão, refletindo em um afastamento do exercício de direitos básicos que deveriam garantir o exercício da cidadania.

⁹⁰ Caso Kathlen Romeu: Justiça do RJ faz audiência sobre morte de jovem. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-05/caso-kathlen-romeu-justica-do-rj-faz-audiencia-sobre-morte-de-jovem> Acesso em: 16 de out. 2023.

Imagem 36: Kathlen Romeu em mural feito por Airá Ocrespo



Fonte: site *Instagram*, 2023.

Patricia Hill Collins (2021, p. 22) nos orienta a reconhecer a interseccionalidade como uma ferramenta analítica que deve ser pensada a partir da sobreposição de marcadores sociais da diferença, unificando distintas dimensões que marcam diferentes pessoas. A interseccionalidade nos orienta a reconhecer a unificação das assimetrias de poder pautadas por raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades, entre outras, ao invés de reconhecê-las como entidades mutuamente excludentes.

Tendo isso em vista, observando as manifestações entre os quatro casos acima, é possível identificar que múltiplos marcadores diferenciam as pessoas negras que foram vítimas de violência racial. Recortes de gênero e de localidade diferenciam os corpos que sofreram ataques racistas institucionalizados, que os levaram à morte. Trago a perspectiva da interseccionalidade para a análise para revelar que as camadas das manifestações raciais do Ciberquilombo são marcadas pela raça, mas também são marcadas por outros aspectos que as diferenciam.

Andrea Richie⁹¹, autora de "Invisible no More: police violence against black women and women of color" (em tradução livre "Invisíveis não mais: violência policial contra mulheres negras e mulheres racializadas"), em entrevista para o *The New York Times*, nos chama atenção para a rápida dispersão da opinião pública quando o assunto era o assassinato de Breonna Taylor. A autora, em um protesto que demandava justiça para George Floyd em outubro de 2020, levanta a necessidade de viabilizarmos também casos de pessoas negras que carregam múltiplos marcadores da diferença, como o caso de Breonna Taylor. "Não estamos tentando competir com a história de Floyd, estamos tentando completar a história." (RICHE, 2020).

A partir das análises das *hashtags* que envolvem os quatro casos, poderemos analisar em quais níveis o Ciberquilombo mobiliza a população promovendo fissuras se tornando narrativas mais abrangentes. A *hashtag* *#BlackLivesMatter*, observada no *Twitter* em outras mobilizações em favor das vidas negras, emerge e abre espaço para *hashtags* mais específicas, relacionadas ao ocorrido com George Floyd. Dentre elas a *hashtag* *#JusticeForBreonnaTaylor* e *#JusticeForGeorgeFloyd* se destaca. Com João Alberto de Freitas e Kathlen Romeu a *hashtag* *#VidasNegrasImportam* emergem juntamente com a *hashtag* *#JustiçaPorBeto* e *#JustiçaPorKathlenRomeu*.

Colheremos duas postagens para cada uma das quatro *hashtags* (*#JusticeForBreonnaTaylor*, *#JusticeForGeorgeFloyd*, *#JustiçaPorBeto* e *#JustiçaPorKathlenRomeu*) para realizar a análise. O critério de escolha das postagens levará em conta as postagens com maior número de curtidas no período de um ano após a ocorrência do crime. Lembrando também que o critério leva em consideração se o usuário faz parte do círculo do *Black Twitter*.

6.3.1 *#JusticeForBreonnaTaylor*

Na realização do levantamento dos *tweets* pela *hashtag* *#JusticeForBreonnaTaylor* no recorte pré-estabelecido anteriormente, conseguimos observar que inúmeras postagens mobilizaram milhares de curtidas, incluindo postagens de pessoas com notoriedade midiática que possuem contas verificadas pela rede social *Twitter*. No caso desta *hashtag*, as duas

⁹¹ Why aren't we all talking about Breonna Taylor? Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/04/us/breonna-taylor-black-lives-matter-women.html> Acesso: 10 de out. 2023.

postagens mais curtidas são de contas verificadas pela rede social *Twitter* e que fazem parte da dinâmica do *Black Twitter* encontradas na busca avançada do *Twitter* entre o período de 13 de março de 2020 e 13 de março de 2021.

A figura 43 se refere ao *tweet* com maior número de curtidas no recorte temporal predeterminado, sendo emitido pela conta da cantora Rihanna no dia 01 de fevereiro de 2021. O *tweet* da cantora recebeu 149 mil curtidas, foi retweetado 36 mil vezes e comentado 2 mil vezes.

Figura 43: *tweet* da cantora Rihanna (2021)

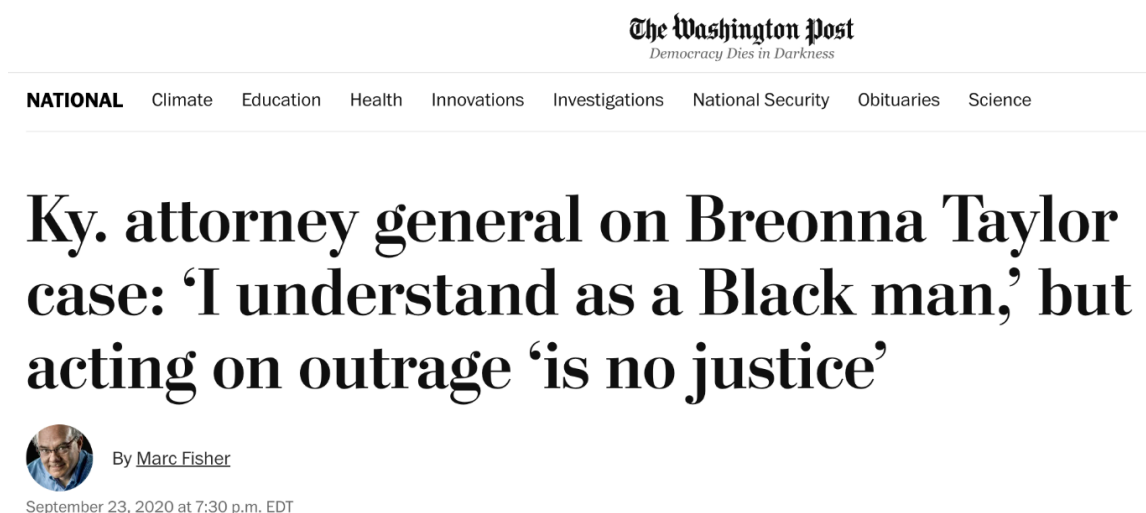


Fonte: site *Twitter*, 2023.

A postagem da cantora é um *retweet* comentado, ou seja, é um compartilhamento de uma postagem pré-existente com um comentário pessoal da cantora, e em tradução livre é equivalente a seguinte frase "Como é que é, negão?". O *retweet* que a cantora faz é sobre a postagem do Procurador-Geral do estado do Kentucky, o republicano Daniel Cameron, sobre o mês da história negra dos Estados Unidos, celebrado durante o mês de fevereiro.

Em níveis de interdiscurso é possível observar que o comentário de Rihanna apresenta uma indignação movimentada pelo histórico conservador que o Procurador-Geral demonstra, sobretudo pelo fato dele ser um dos responsáveis por declarar o caso de Breonna Taylor "justificado" pela lei do Estado do Kentucky no outono do ano de 2020, não levantando acusações sobre os policiais responsáveis pelo assassinato. A figura 44 é uma manchete sobre a relação do Procurador-Geral com a decisão, que também aponta para um caso de seletividade penal em que pessoas brancas, sobretudo policiais, recebem penas brandas ou não são penalizadas pela institucionalidade.

Figura 44: "Procurador-Geral de Kentucky sobre o caso Breonna Taylor: 'Eu entendo como um homem negro', mas agir com indignação 'não é justiça' " (2020)



Fonte: site *The Washington Post*, 2023.

Em níveis de intradiscurso, ao observar o discurso do Procurador-Geral, em que ele celebra a existência das pessoas negras, sobretudo os seus antepassados, é possível inferir em certo nível que o autor do *tweet* age de maneira contraditória. Quando Rihanna, uma personalidade de grande visibilidade traz para a superfície a contradição do discurso de Cameron, uma grande gama de pessoas que fazem parte da rede se comove e tende a questionar o discurso também.

Ao observar em nível de interação os *tweets* da cantora, com o objetivo de compreender o impacto do seu discurso sob a tecnocultura do *Black Twitter*, coletamos os dois comentários mais curtidos da postagem. A figura 45 demonstra os comentários mais curtidos, que foram tweetados por duas contas também verificadas, a conta da também cantora negra Tinashe e da jornalista desportiva negra Jemele Hill. O comentário de Tinashe

recebeu 6 mil curtidas, 219 *retweets* e 13 comentários, enquanto o comentário de Hill recebeu 3 mil curtidas, 281 *retweets* e 61 comentários.

Figura 45: comentários sobre o Tweet de Rihanna (2021)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O comentário de Tinashe, em tradução livre diz "PEGA ELE" estimulando a postagem da cantora Rihanna em expor o Procurador-Geral. Por Tinashe também ser uma figura midiática, seu comentário impacta uma série de usuários que fazem parte do universo do *Black Twitter* e também de fora, furando a bolha da discussão. Enquanto isso, o comentário de Jamele Hill traz uma imagem, que se trata de uma cena do filme "*Boyz n the hood*" ou, em sua versão brasileira, "Os Donos da Rua".

Este filme é um longa-metragem de 1991, que conta com um elenco negro em sua maioria, dirigido e roteirizado por Jon Singleton que também é um homem negro, e conta a história de jovens crianças negras em uma comunidade periférica do subúrbio de Los Angeles. O uso da imagem se refere ao momento que um dos quatro garotos da comunidade fala para os outros amigos "vocês querem ver um defunto?", o meme foi utilizado por Hill, e geralmente é utilizado na rede, quando alguém faz alguma revelação inesperada.

O *tweet* de Rihanna utilizando a *hashtag* mobiliza a tecnocultura, pelo fato de ser uma cantora amplamente reconhecida, mas também pelo fato de ser uma mulher negra que se posiciona sobre um caso não-resolvido sobre o assassinato de uma outra mulher negra.

O segundo *tweet* mais curtido da rede, no período do recorte, também foi um *tweet* de uma conta verificada. Isso demonstra que a grande mobilização da *hashtag* e do caso na mídia foi fortemente impactado pela emissão de opinião de *social digital influencers*. A postagem em questão é do piloto de Fórmula 1, Lewis Hamilton, e foi postada em 13 de setembro do ano de 2020. O *tweet*, ilustrado pela figura 46, recebeu 95 mil curtidas, 12 mil *retweets* e mil comentários.

Figura 46: *tweet* de Lewis Hamilton (2020)



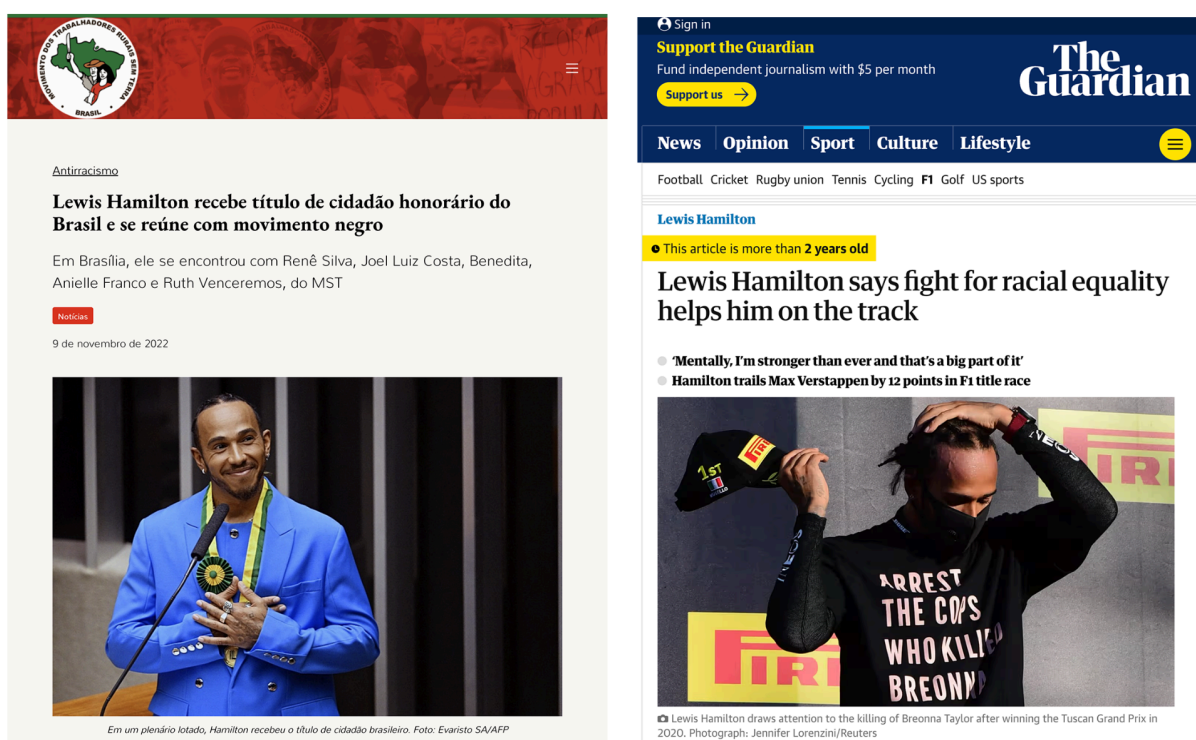
Fonte: site *Twitter*, 2023.

A postagem do piloto não apresenta uma mensagem textualmente escrita, entretanto o autor do *tweet* posta uma foto de si mesmo, reconhecendo o alto impacto que sua imagem desencadeia na rede, com uma camiseta com os seguintes dizeres "Prendam os policiais que mataram Breonna Taylor". Lewis Hamilton se consagra como o primeiro homem negro piloto

de Fórmula 1, um esporte extremamente elitista, e se posiciona como um homem negro de posicionamento político progressista.

Em níveis interdiscursivos é relevante ressaltar o impacto que Lewis Hamilton opera em suas redes sociais ao levantar pautas relacionadas às vidas negras ceifadas pela violência racial, tamanha visibilidade acaba por estimular uma grande mobilização em relação à opinião pública sobre a temática. A figura 47 traz algumas matérias jornalísticas do Brasil e Estados Unidos sobre a atuação do piloto ativista.

Figura 47: matérias jornalísticas sobre o ativismo de Lewis Hamilton



Fonte: site MST/Site The Guardian, 2023.

Compreendendo o impacto do posicionamento de Lewis Hamilton para a tecnocultura, observamos que sua reivindicação pela solução e responsabilização pelo assassinato de Breonna Taylor é altamente corroborada pela rede. Em níveis intradiscursivos ao observarmos a data da postagem do piloto, a partir de uma análise contextual, é possível observar que sua postagem é mobilizada pela decisão judicial de não responsabilizar a polícia pelo assassinato de Breonna Taylor.

Lewis Hamilton realizou a postagem no mesmo mês em que a decisão do Procurador-Geral, Daniel Cameron, determinou que o caso do assassinato Breonna Taylor

tiveram fins justificados pela atuação policial. Hamilton fez a postagem em 13 de setembro e a decisão judicial se deu no dia 23, portanto compreendemos que a falta de respostas e de posicionamento legal sobre a impunidade do assassinato era uma pauta relevante quanto a decisão judicial foi publicada.

Ao observar os usuários que propuseram interação com a postagem de Lewis Hamilton, nos aproximamos de uma complexificação tecnocultural a partir do impacto da postagem do piloto. Ao observar os comentários de Hamilton, identificamos dois comentários que se destacaram pelo grande número de curtidas. Aos seus autores iremos nos referir como Usuário 9.1 e Usuário 9.2. A figura 48 abaixo representa os comentários dos usuários.

Figura 48: comentários sobre o *tweet* de Lewis Hamilton (2020)



Fonte: site *Twitter*, 2023

O comentário do Usuário 9.1 recebeu 699 curtidas, foi retweetado 81 vezes, recebendo 81 comentários, e o autor do post fez a seguinte postagem: "Nunca esqueceremos. (emoji de punho cerrado) #JusticeForBreonnaTaylor #BlackLivesMatter (emoji de punhos cerrados em três variações de cores)". A postagem segue com duas imagens do piloto com a

camiseta em que faz a postagem inicial, em que pede a prisão dos policiais que mataram Breonna.

A postagem do Usuário 9.2 recebeu 250 curtidas, foi retweetada por 3 vezes e comentada 17 vezes. A tradução do comentário é a seguinte: "Estado de todos os racistas nos comentários aqui. (emoji com cara confusa) Imagine ficar indignado com uma camiseta que está pedindo a prisão de assassinos. (emoji de rapaz branco em concordância)". Compreendendo a capacidade da postagem de Lewis Hamilton em romper a "bolha" do *Black Twitter*; o Usuário 9.2 expressa de maneira irônica o posicionamento de algumas pessoas racistas que provavelmente atacaram o piloto pelo *tweet* se posicionando.

6.3.2 #JusticeForGeorgeFloyd

O caso de George Floyd ultrapassa as fronteiras do Ciberterritório favorecido pelas pautas da branquitude no *Twitter* e também chega a outras nações. Trazendo para o foco a capacidade discursiva dos usuários do *Twitter* que se mobilizaram em relação a George Floyd e reconhecendo o histórico de atuação do fenômeno *Black Twitter*, apresentamos aqui *tweets* com maior número de curtidas coletados no recorte entre 25 de maio de 2020 e 25 de maio de 2021, na intenção de compreender a capacidade de mobilização negra em rede.

O primeiro *tweet* a ser analisado é ilustrado pela figura 49, sendo a postagem com maior número de curtidas no período predeterminado. O *tweet* é feito pela Usuária 10, no dia 02 de junho de 2020, recebeu 216 mil curtidas, 52 mil *retweets* e foi comentada por 213 pessoas.

O *tweet* da Usuária 10, em tradução livre para o português, traz a seguinte frase " 'Papai mudou o mundo.' Gianna Floyd (emoji de punho cerrado) #JusticeForGeorgeFloyd". Na sequência, temos o suporte imagético de uma fotografia do jogador de basquete Stephen Jackson carregando nos ombros a filha de George Floyd, Gianna Floyd, com um boné escrito "Fé".

Em níveis interdiscursivos o *tweet* propõe uma reflexão sobre a necessidade de apresentarmos a complexidade da trajetória de um homem negro, assassinado brutalmente por agentes policiais. A postagem da Usuária 10 traz a fala da filha de George Floyd, como uma reconfiguração da percepção racista e estereotipada de que pessoas negras são violentas, que não possuem história de afeto familiar e, portanto, se aproximam de narrativas paralelas à criminalidade.

Figura 49: *tweet* da Usuária 10 (2020)

Fonte: site *Twitter*, 2023.

A percepção da filha de Floyd ao compreender a morte do pai e a comoção global em respeito à violência policial, surge como uma possibilidade de reconfiguração do *modus operandi* dos agentes policiais acerca de corpos negros e sobre a banalização das vidas negras. A figura 50 ilustra o grande impacto da morte de George Floyd sobre a estrutura do Estado estadunidense, pela matéria do periódico digital da rede de jornalismo NBC, em que traz em sua manchete o fato de que o presidente Joe Biden assinou a reforma executiva sobre as abordagens brutais da polícia no dia do aniversário de morte de George Floyd.

Os impactos gerados pelo registro da morte de George Floyd possibilitaram uma reflexão sobre a forma violenta, brutal e racista com que a polícia age ao realizar suas abordagens com pessoas negras. Em níveis intradiscursivos é possível observar que o *tweet* foi postado um dia após uma postagem feita na plataforma *instagram*, pela conta do amigo de Floyd e jogador de basquete da NBA Stephen Jackson, em que ele carrega a filha de Floyd nos ombros. Stephen Jackson criou um fundo em homenagem a George Floyd para custear os estudos de Gianna Floyd no futuro, por compreender a falta que Floyd acarretará em diferentes níveis na vida futura de Gianna.

Figura 50: Biden assina ordem executiva de reforma da polícia (2023)



Fonte: site NBC News, 2023.

Em aspectos interacionais, compreendendo o impacto da interação para a elaboração da complexidade discursiva da tecnocultura do *Black Twitter*, observamos dois comentários com grande número de curtidas. Os comentários são aqui representados pela figura 51, em que as usuárias 10.1 e 10.2 estabelecem interações com a postagem da Usuária 10.

O comentário da Usuária 10.1 recebeu 362 curtidas e 8 retweets e, em tradução livre, diz "Vamos esperar que sim querida, vamos esperar que sim". O comentário faz referência aos dizeres de Gianna Floyd, sobre o George ter mudado o mundo. A usuária constrói o seu

discurso demonstrando que ainda há um caminho a ser trilhado em relação a casos de brutalidade policial e que o impacto do caso de George Floyd pode contribuir para uma mudança estrutural sobre essa realidade.

Figura 51: comentários sobre o tweet da Usuária 10 (2020)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O comentário da Usuária 10.2 recebeu 127 curtidas e 6 retweets e, em tradução livre, diz "Chorando de verdade. Essa linda menininha nunca deveria ter conhecido essa dor. Essa perda. É nossa responsabilidade garantir que mudemos nosso país, para que nenhuma criança passe pela dor e saudade de seu pai, como ela está enfrentando. #JusticeForGeorgeFloyd (emoji chorando, emoji de coração e emoji de mãos juntas)". O comentário da usuária demonstra o caráter humanitário por trás da morte de George Floyd, reconhecendo a perda que ele deixou, algo que provavelmente os policiais que o assassinaram ignoraram.

Seguindo a análise, trazemos o segundo *tweet* que mais recebeu curtidas no recorte estipulado, que é a postagem representada pela Figura 52. O *tweet* do Usuário 11 recebeu 200 mil curtidas, foi retweetado por 100 mil vezes e recebeu 633 comentários.

O *tweet* feito pelo usuário 11, ao ser traduzido, diz "O grande camarada #GeorgeFloyd era a definição de 'Seja a mudança que você quer ver.' ESSE é o homem que vocês assassinaram. #JustiçaParaGeorgeFloyd". Em seguida, o usuário utiliza de um recurso audiovisual na postagem. No vídeo George Floyd demonstra preocupação com uma nova geração que, em tenra idade, já acessa armamento de fogo, e ele se posiciona contrário a esta política com a juventude de seu tempo.

Em aspectos interdiscursivos, o Usuário 11 utiliza de uma frase conhecida pelo ativista indiano mundialmente conhecido Mahatma Gandhi, em que o ativista ressalta que nós precisamos ser a mudança que desejamos ver no mundo. A referência à Gandhi é extremamente pertinente, entendendo que o advogado-ativista ficou conhecido pela sua forma de resistência ao sistema colonial indiano sem usar de violência. Este recurso serve para afirmar que Floyd não seria um homem violento, apesar de ter sido violentamente assassinado por Derek Chauvin.

Figura 52: tweet do Usuário 11 (2020)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Em níveis intradiscursivos, o autor do *tweet* ressalta que a morte de George Floyd é uma responsabilidade coletiva, resposta de um sistema que privilegia práticas racistas e violentas contra corpos negros. Ao afirmar que todos nós temos, de certa forma, responsabilidade pela morte de George, o autor do *tweet* estimula um questionamento da conjuntura sistematicamente racista em que estamos inseridos.

Compreendendo os níveis da interação, observamos dois dos *tweets* que mais receberam curtidas na postagem. A figura 53 representa os comentários do Usuário 11.1 e do Usuário 11.2.

Figura 53: Comentários sobre a postagem do Usuário 11 (2020)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

Os comentários apresentam uma elaboração discursiva semelhante, afirmando que George Floyd era um homem gentil, ao contrário da reação violenta operada pelos policiais que culminou na sua morte. O Usuário 11.1, em tradução livre, diz "Ele foi um gigante gentil. Eu sinto muito #JustiçaPorGeorgeFloyd". Ao dizer que ele era um homem gigante, o Usuário 11 não faz referência ao fato de George ser um homem de 1,90 m de estatura. É possível inferir que o gigante aqui é simbólico, no sentido de Floyd ser empático e ético.

O Usuário 11.2, em tradução livre, diz "Eles realmente mataram um cara bacana", essa afirmação nos orienta para os autores do crime, os policiais que realizaram a violenta abordagem que levou à morte de George Floyd. A reação brutal e violenta dos policiais foi extremamente desproporcional e orientada pelo racismo, ao enxergar em um homem negro, de 1,90 m de altura, uma ameaça possível e utilizar do poder coercitivo para assassiná-lo.

6.3.3 #JustiçaPorBeto

Ao realizar o levantamento dos *tweets* através da *hashtag* #JustiçaPorBeto, no recorte pré-estabelecido de um ano, entre as datas do dia 19 de novembro de 2020 e 19 de novembro de 2021, coletamos os dois *tweets* mais curtidos do período. Os dois *tweets* coletados são de pessoas com ressonância midiática e também possuem a conta do *Twitter* verificada, portanto, elas terão suas identidades reveladas.

A postagem com maior número de curtidas foi feita pelo ator brasileiro Babu Santana, no dia 20 de novembro do ano de 2020. O *tweet*, representado pela figura 54, recebeu 14 mil curtidas, foi retweetado por mil vezes e recebeu 61 comentários.

Figura 54: Tweet de Babu Santana (2020)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O *tweet* feito por Babu Santana é descrito pela seguinte frase: "A cultura do ódio tem que acabar! #justicaporbeto", em seguida o ator postou um vídeo de si mesmo. No vídeo, Babu comenta sobre o fato de fazer a postagem no dia 20 de novembro, dia em que comemoramos no Brasil o Dia da Consciência Negra, e o dia em que mais uma atrocidade acontece com pessoas negras no país. O ator ainda ressalta a sua indignação sobre alguns comentários de pessoas nas redes sociais que disseram que os seguranças que mataram João Alberto apenas estavam tentando lhe imobilizar. O ator, por fim, disse que o ódio contra pessoas negras precisa acabar.

Em níveis interdiscursivos, é possível observar que o comentário de Babu Santana é baseado no fim do que ele nomeia como "cultura do ódio". A expressão de crimes violentos, como o crime que matou João Alberto no estacionamento do supermercado Carrefour em

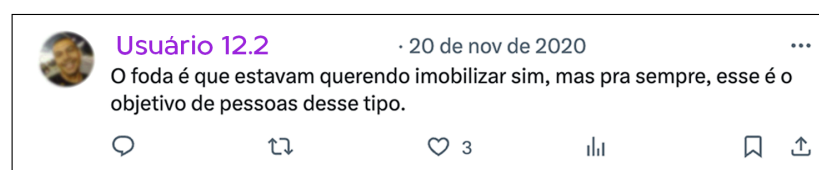
Porto Alegre se configura como um crime violento, em que os autores do assassinato assassinaram João Alberto sob pontapés e socos.

A cultura do ódio se espalha pelas redes e se materializam em postagens de usuários que procuram justificar a prática racista, enxergando um homem negro como uma possibilidade de ameaça à ordem, havendo a necessidade de imobilização e coerção. Importante lembrar que, no caso de João Alberto de Freitas, essa "coerção" violenta foi feita por três seguranças que trabalhavam no supermercado Carrefour.

Em níveis intradiscursivos é possível reconhecer que a postagem de Babu Santana acontece no dia 20 de novembro, dia em que a população brasileira destina a sua atenção ao Dia da Consciência Negra. Estrategicamente, compreendendo a sua ressonância midiática enquanto homem, sobretudo no dia 20 de novembro, a postagem de Babu Santana assume uma capacidade de viralização maior na rede social *Twitter*.

A partir das interações da postagem do ator Babu Santana, compreendemos o impacto dos comentários da postagem para a elaboração discursiva do *post*. A partir disso, observamos os comentários que mais receberam curtidas na postagem de Babu. A Figura 55 ilustra os comentários feitos pela Usuária 12.1 e pelo Usuário 12.2.

Figura 55: comentários sobre o tweet de Babu Santana (2020)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O comentário da Usuária 12.1 se trata de uma foto, tirada em frente a um supermercado da Rede Carrefour, com uma faixa com os dizeres "Justiça Beto vive". Um movimento se cria diante deste e dos outros casos de morte, sobretudo mortes de pessoas negras, nas imediações das unidades do supermercado no Brasil. Temos como exemplo o caso da morte de Moisés Santos, de 53 anos, um representante comercial da rede Carrefour que faleceu de um mal súbito durante o trabalho em um supermercado da rede na cidade de Recife, Pernambuco.

Moisés faleceu no supermercado, e seu corpo permaneceu no chão do supermercado durante 4 horas. A Direção do supermercado decidiu manter o funcionamento do supermercado normalmente, apenas cobrindo o corpo do funcionário com guarda-sóis (Imagem 37). O caso da morte de Moisés aconteceu em 14 de agosto de 2020, mesmo ano da morte de João Alberto.

Imagem 37: fotografia do corpo de Moisés Santos no chão do supermercado Carrefour em Recife, PE (2020)



Fonte: site Carta Capital, 2022.⁹²

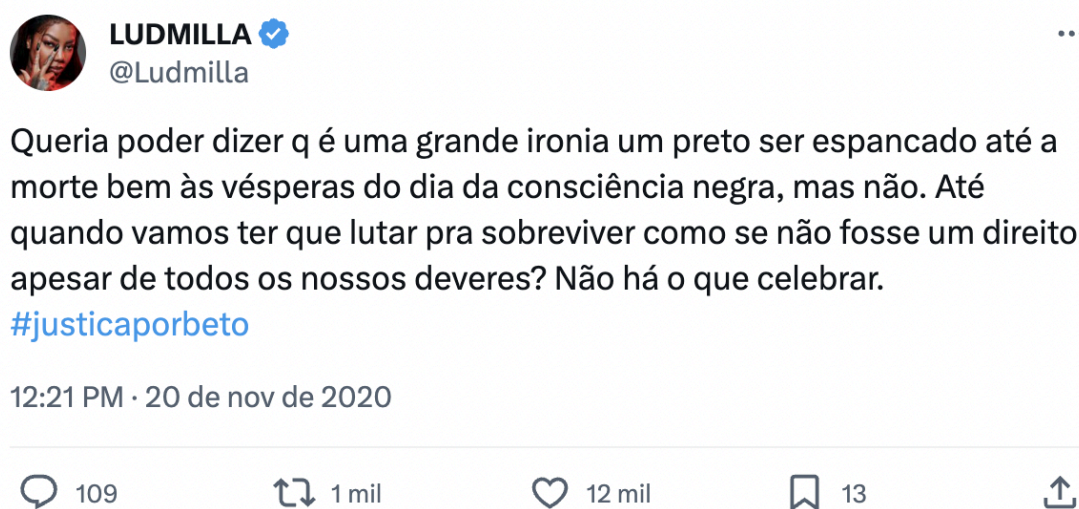
O comentário do Usuário 12.2 se apresenta com a frase "O foda é que estavam querendo imobilizar sim, mas pra sempre, esse é o objetivo de pessoas desse tipo". O Usuário constrói o seu discurso baseando-se no vídeo de Babu Santana em que o ator fala sobre os comentários que surgem em rede, dando a entender que os assassinos apenas tentaram mobilizar João Alberto. O usuário afirma ainda que o objetivo de pessoas assassinas é

⁹² Carrefour causa revolta ao cobrir corpo de trabalhador com guarda-sóis. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/carrefour-causa-revolta-ao-cobrir-corpo-de-trabalhador-com-guarda-sois/>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

imobilizar eternamente outras pessoas, fazendo da morte/assassinato o objetivo final de suas ações.

Dando sequência a análise, apresentamos o segundo *tweet* mais curtido da rede, dentro do recorte temporal pré-estabelecido. A postagem foi feita pela cantora carioca Ludmilla também no dia 20 de novembro de 2020. A figura 56 representa o *tweet* de Ludmilla recebeu 12 mil curtidas, foi reweetado por mil vezes e sendo comentado por 109 vezes.

Figura 56: *tweet* de Ludmilla (2020)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

A postagem de Ludmilla traz a seguinte reflexão: "Quería poder dizer q (sic) é uma grande ironia um preto ser espancado até a morte bem às vésperas do Dia da Consciência Negra, mas não é. Até quando vamos ter que lutar pra sobreviver como se não fosse um direito, apesar de todos os nossos deveres? Não há o que celebrar. #justicaporbeto".

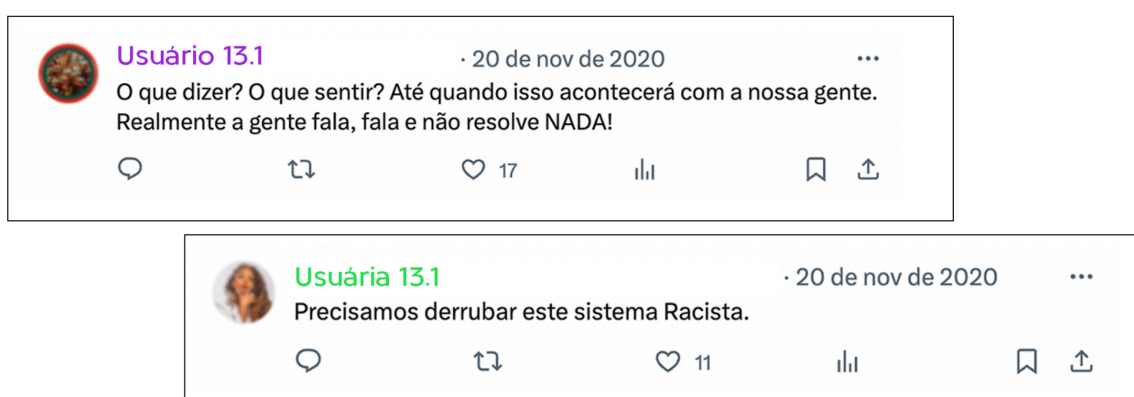
Em níveis interdiscursivos é preciso reconhecer o contexto em que o assassinato de João Alberto aconteceu no Brasil. O Dia da Consciência Negra foi instituído no dia 20 de novembro pela Lei 12.519, em 10 de novembro do ano de 2011, em referência ao dia do assassinato de Zumbi dos Palmares, no ano de 1695, no estado de Alagoas. Esta data se institui no Brasil com o propósito de relembrar os movimentos de luta e também de autopreservação negra, travados desde o período do Brasil colonial e escravista.

Em níveis intradiscursivos é preciso observar o impacto do discurso de Ludmilla neste dia em específico. Ao revelar em seu comentário que o fato não se trata de uma ironia, Ludmilla estimula que façamos uma reflexão sobre a constância de fato, como o assassinato

de João Alberto, acontecerem com certa frequência, inclusive no dia anterior ao Dia da Consciência Negra no Brasil. Ao questionar o direito de sobreviver, a cantora coloca em questão a impossibilidade de práticas básicas para a cidadania, como o direito à vida que é negado a João Alberto.

Com objetivo de compreender os níveis de interação da postagem de Ludmilla, apresentamos os dois comentários que mais receberam curtidas na postagem. A figura 57 apresenta os comentários do Usuário 13.1 e da Usuária 13.2, que também foram realizados no dia 20 de novembro de 2020.

Figura 57: comentários sobre a postagem de Ludmilla (2020)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O usuário 13.1 traz em sua postagem a seguinte estrutura textual "O que dizer? O que sentir? Até quando isso acontecerá com a nossa gente. Realmente a gente fala, fala e não resolve NADA!". A partir do comentário do usuário, é possível compreender a urgência da necessidade de autopreservação negra, uma vez que a institucionalidade pautada pela estrutura do Estado não "resolve nada" segundo o autor do *tweet*. Ao trazer na postagem a noção de "nossa gente" depreendemos um movimento de identificação entre Ludmilla e Usuário 13.1, uma conexão que se estabelece através da raça.

A Usuária 13.1 revela sua insatisfação para com a estrutura das instituições que ainda perpetuam o racismo no Brasil, ao dizer que "Precisamos derrubar esse sistema Racista." O tom de urgência, e o uso da terceira pessoa do plural, convida Ludmilla e os outros usuários da rede para um possível levante contra os crimes de racismo praticados no Brasil.

6.3.4 #JustiçaPorKathlenRomeu

Ao realizar o levantamento dos *tweets* que se utilizaram da *hashtag* #JustiçaPorKathlenRomeu no *Twitter* e recebeu um considerável número de curtidas. Para coleta, utilizamos o recorte que se inicia no dia do assassinato de Kathlen, dia 8 de junho de 2012, até o dia 8 de junho de 2022. As postagens que mais se destacaram foram de contas verificadas, de pessoas públicas, sobretudo jornalistas e políticos negros e negras que constituem o a rede do *Black Twitter* brasileiro. Desta forma, para dar início a análise discursiva, apresentamos com o *tweet* da deputada federal do estado do Rio de Janeiro Talíria Petrone, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

A figura 58 ilustra o *tweet* realizado por Talíria Petrone no dia 9 de junho de 2021, a postagem se destaca por ser o *tweet* com maior número de curtidas no período predeterminado para coleta. A postagem de Talíria recebeu 2 mil curtidas, foi retweetada 769 vezes e comentada por 46 vezes.

Figura 58: *tweet* feito por Talíria Petrone (2021)



Fonte: Site *Twitter*, 2023.

Talíria Petrone é uma mulher negra, ativista e política brasileira, atuou politicamente ao lado da vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018. Talíria reconhece como pauta política a valorização da vida das mulheres negras brasileiras desde o período de atuação como vereadora do município de Niterói no estado do Rio de Janeiro.

Em sua postagem, Petrone afirma na postagem: "Quanta dor! Não dá para achar isso normal! Quantos mais vão ter que morrer pra essa guerra acabar? Que essa avó encontre conforto no coração e justiça para sua neta. #JustiçaPorKathlenRomeu". Em seguida, como artifício audiovisual da postagem, a deputada federal utilizou como recurso uma entrevista concedida pela avó de Kathlen Romeu. No vídeo a avó de Kathlen que estava com a neta no momento do crime, relata com sua voz embargada pela dor, o momento em que Kathleen foi assassinada.

Em âmbitos interdiscursivos, o contexto da postagem feita pela deputada federal é transversalizado pela sua existência enquanto ser político. Talíria Petrone é professora de história graduada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e atua como deputada federal do estado do Rio de Janeiro. A deputada é autora do Projeto de Lei 3060/2022 que versa sobre a erradicação de abordagens policiais racistas, como vemos na figura 59, retirada do site oficial da deputada.

Figura 59: Projeto de Lei "Abordagem Sem Racismo"



Fonte: site oficial de Talíria Petrone, 2023.

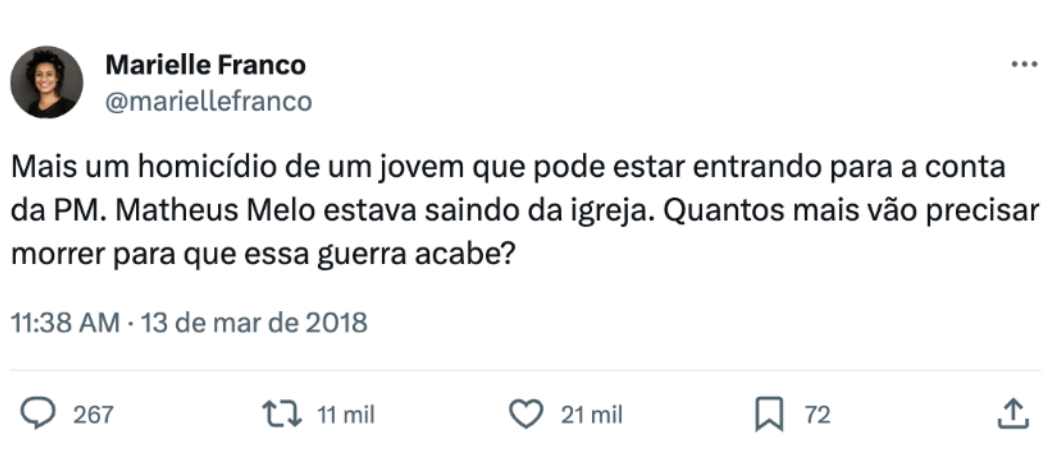
Talíria ainda afirma através da frase "Quantos mais vão ter que morrer para essa guerra acabar?" que há um grande número de pessoas negras morrendo, pelo que se entende como morte em decorrência de bala perdida, no Rio de Janeiro. Diante do intenso número de

operações policiais que existem nas comunidades periféricas da cidade do Rio de Janeiro⁹³ e compreendendo que, em grande parte, a população que habita essas comunidades são pessoas negras, há uma necropolítica que atua para um representativo número de pessoas negras que morreram alvejadas por "balas perdidas".

Segundo Anúario Brasileiro de Segurança Pública, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FSBP), aponta que quase 80% das pessoas que morrem em conflitos policiais no Brasil, são pessoas negras⁹⁴. Esse dado revela que a ocorrência das mortes, como a do caso de Kathlen Romeu, ocorre 4 vezes mais com pessoas negras do que com pessoas brancas no Brasil.

Compreendendo a complexidade interdiscursiva a partir do que já foi dito e expressado, a frase de Talíria remete à última postagem de Marielle Franco em vida, feita um dia antes de seu assassinato aqui ilustrada pela figura 60.

Figura 60: *tweet* de Marielle Franco (2018)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O *tweet* de Marielle Franco no dia 13 de março de 2018 se trata do caso do jovem negro Matheus Melo que foi assassinado por um policial militar quando estava saindo de sua Igreja, a última frase do *tweet* de Marielle diz "Quantos mais vão precisar morrer para que

⁹³ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortes-em-operacoes-policiais-na-mare-aumentam-145-em-2022-e-numero-e-o-maior-em-tres-anos-diz-ong/#:~:text=ONG%20%7C%20CNN%20Brasil-.Mortes%20em%20opera%C3%A7%C3%B5es%20policiais%20na.145%25%20em%202022%2C%20aponta%20ONG&text=O%20n%C3%BAmero%20de%20mortes%20em.da%20ONG%20Redes%20da%20Mar%C3%A9..> Acesso em: 12 de nov. 2023.

⁹⁴ Disponível em:

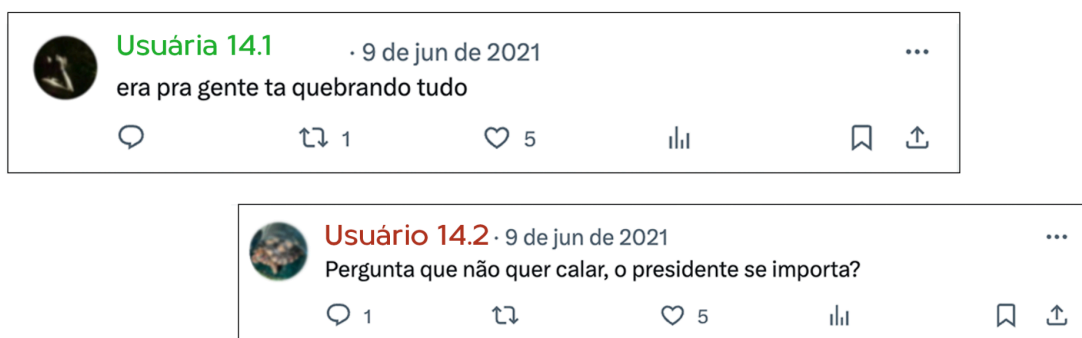
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/10/kathlen-romeu-negros-sao-3-vezes-mais-vitimados-por-homicidios-do-que-brancos.ghtml>. Acesso em: 12 de nov. 2023.

essa guerra acabe?". A guerra que Marielle e Talíria se referem é a guerra empreendida pelo Estado brasileiro em desfavor das vidas de pessoas negras

Em nível intradiscursivo é possível compreender que Talíria utilizou da sua postagem e do seu impacto político, para disseminar o caso bárbaro do assassinato de Kathlen, sobretudo por ter realizado a postagem no dia seguinte à morte da jovem designer. Neste sentido, a postagem de Talíria demanda uma comoção pública reivindicando justiça pela morte da inocente jovem negra de 24 anos.

Ao observar a capacidade de interação da postagem da deputada, para compreender a intensa teia discursiva da plataforma *Twitter*, coletamos duas postagens que mais receberam curtidas para análise. Nomearemos os usuários que interagiram com a postagem de Usuária 14.1 e Usuário 14.2. A figura 61 demonstra visualmente os comentários feitos no *tweet* de Talíria Petrone.

Figura 61: comentários sobre o tweet de Talíria Petrone (2021)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O comentário da Usuária 14.1 apresenta a seguinte inscrição textual "era pra gente ta quebrando tudo". O discurso expresso pela Usuária 14.1 revela uma possível revolta que deveria estar sendo empreendida contra o Estado que atua de maneira genocida, para com a população negra. O *tweet* da Usuária 14.1 revela uma sensação de anomia em relação ao Estado, um sentimento de, apesar de estar inscrita em uma nação que deveria lhe conferir uma prática cidadã, requerer direitos básicos como o direito à vida se torna uma tarefa de luta.

O comentário do Usuário 14.2, se descreve da seguinte maneira: "Pergunta que não quer calar, o presidente se importa?". O usuário se refere ao ex-presidente da república, Jair Bolsonaro, que tinha como uma de suas principais frentes de trabalho o armamento da

população brasileira. Ao questionar a falta de posicionamento do ex-presidente, o Usuário 14.2 infere que ele não se importa com o fato de Kathlen Romeu, e nem com a mortalidade de pessoas negras assassinadas no Brasil.

O segundo *tweet* com maior número de curtidas, utilizando a *hashtag* #JustiçaPorKathlenRomeu, foi o *tweet* do jornalista negro Thiago Amparo, postado no dia 9 de junho de 2021. A figura 62 demonstra a postagem do jornalista, o *tweet* recebeu duas mil curtidas, 226 retweets e foi comentado 38 vezes.

Figura 62: *tweet* de Thiago Amparo (2021)



Fonte: site *Twitter*, 2023.

O *tweet* do jornalista apresenta é expresso da seguinte forma: "Coluna desta quinta na @folha: Kathlen não foi morta em confronto, porque morticínio não é confronto, é barbárie. Kathlen não foi alvo de bala perdida, porque a bala é sempre certa contra os mesmos endereços e a mesma cor #JustiçaPorKathlenRomeu". O *tweet* é vinculado ao link da matéria escrita pelo jornalista no portal jornalístico Folha de São Paulo.

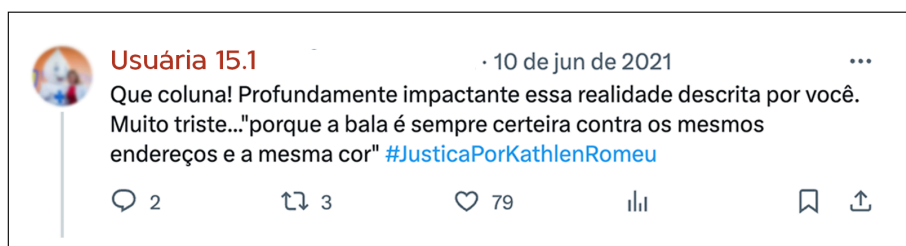
Em níveis interdiscursivos, o *tweet* do jornalista desconstrói a ideia de que Kathlen foi morta em confronto policial, como estava sendo veiculado por outros portais e afirmado pela

Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro. Ele traz para o debate a noção de que as balas perdidas se encontram nos corpos negros, ao dizer que elas tem endereço e destino, compreendendo a constante atuação ostensiva da PM nas comunidades cariocas.

Em níveis intradiscursivos, Thiago Amparo estimula que os usuários do *Twitter* acessem a sua reflexão crítica sobre a morte de Kathleen, a partir da sua matéria no portal da Folha de São Paulo. De maneira semelhante ao tweet anterior, feito pela deputada federal Talíria Petrone, o *tweet* de Thiago Amparo foi realizado no dia seguinte a morte de Kathlen, então é possível compreender a urgência de estabelecer no debate público, uma compreensão mais profunda sobre o fato, dada a sua função de jornalista.

Compreendendo a capacidade de interação como potente ferramenta para compreensão da discursividade na configuração tecnocultura, observamos os dois comentários mais curtidos na postagem de Thiago Amparo. A figura 63 ilustra os comentários feitos na postagem de Amparo, a autoria dos comentários é aqui determinada como Usuária 15.1 e Usuário 15.2. Ao observar a ressonância de Thiago Amparo, sobretudo por ser um jornalista do periódico Folha de São Paulo, é possível observar através dos comentários, que a bolha do *Black Twitter* é rompida.

Figura 63: comentários sobre o *tweet* de Thiago Amparo (2021)



Fonte: site *Twitter*, 2023

O comentário da Usuária 15.1 se apresenta da seguinte forma: "Que coluna! Profundamente impactante essa realidade descrita por você. Muito triste... "porque a bala é sempre certa contra os mesmos endereços e a mesma cor" #JusticaPorKathlenRomeu". A

Usuária 15.1 demonstra um distanciamento da realidade exposta por Thiago Amparo, o que nos proporciona a inferência de que ela não compartilha as discussões realizadas pelos usuários do *Black Twitter* sobre necropolítica no Brasil.

Entretanto, é observável que há um interesse da usuária 15.1 em colaborar com a *hashtag* #JustiçaPorKathlenRomeu. O comentário do Usuário 15.2 diz "Que o luto vire luta, Thiago. Não podemos aceitar isso, de forma alguma #JusticaPorKathlenRomeu". A afirmação do usuário faz uma comparação entre duas palavras que apresentam similaridade na sua morfologia em língua portuguesa, a palavra "luto" e a palavra "luta". O autor do *tweet* sugere que haja um levante ou mobilização da sociedade civil, demonstrando inconformidade com o caso de Kathlen.

6.4 Aplicando o diagrama Ciberquilombista

O diagrama Ciberquilombista se materializa por meio dos tweets observados a partir das *hashtags* que se localizam dentro das categorias delimitadas nesta pesquisa: sociabilidade, reterritorialização e autopreservação. A necessidade de observar as múltiplas postagens em conjunto se dá, para a compreensão dos alargamentos e estreitamentos possibilitados pelo Ciberquilombo, no ciberterritório do *Twitter*.

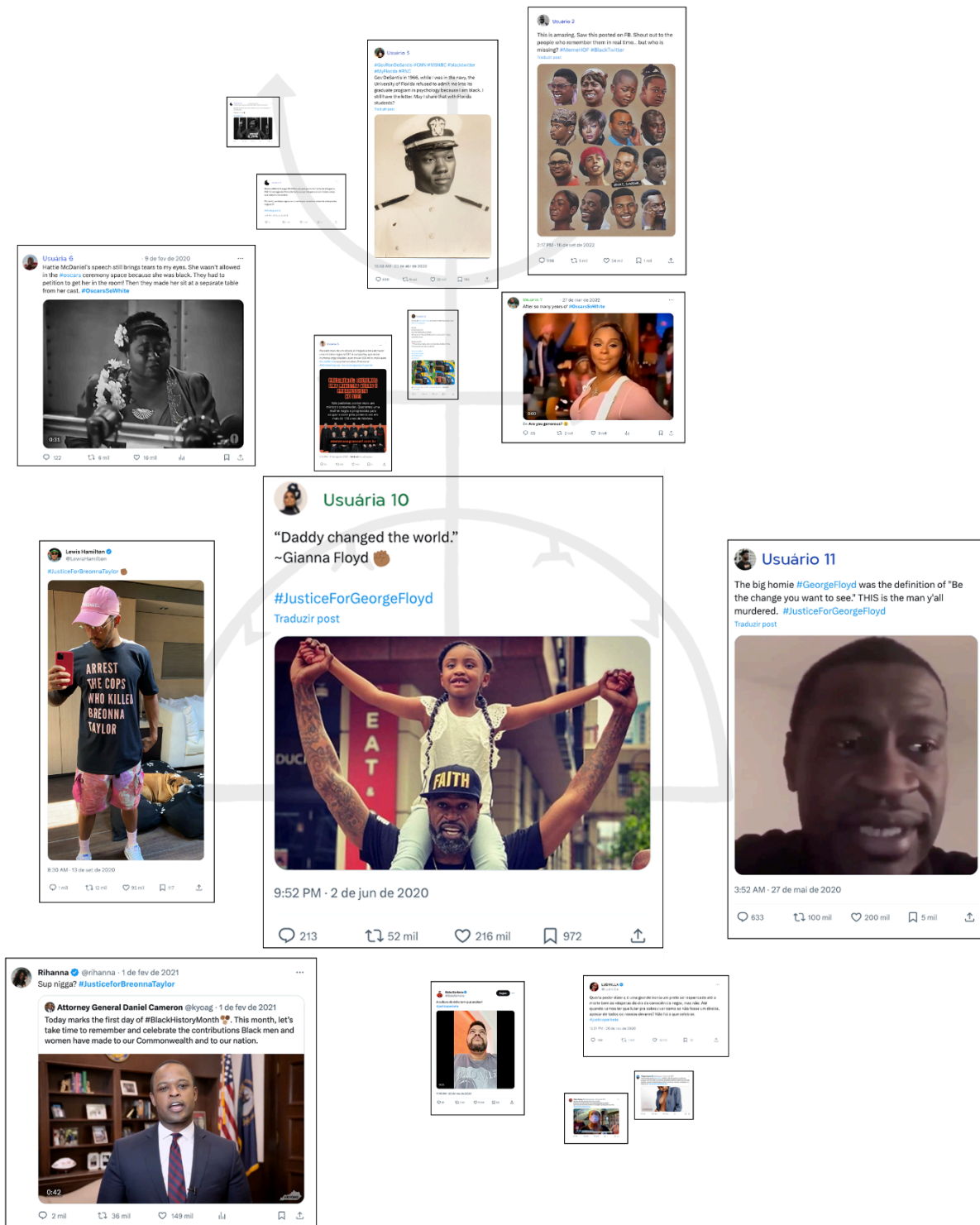
Esses alargamentos e estreitamentos se estruturam a partir de uma simulação visual de aumento e diminuição dos *tweets*, dispostos sobre o diagrama. As imagens carregam em si uma complexa e densa teia de sentidos. Para além das formas e tamanho que as imagens assumem no diagrama Ciberquilombista, um dos objetivos da elaboração desta visualidade é compreender em que níveis se materializam o alargamento de debates específicos relevantes para a comunidade do *Black Twitter*.

Ressaltamos que o alargamento e estreitamento dos debates que aumentam ou diminuem os *tweets* do diagrama se dão pelo impacto da interação, aspecto relevante para a CTDA. Através da visualidade, após a análise discursiva de cada um dos *tweets*, é possível compreender uma outra camada discursiva, esta impulsionada pela interatividade e engajamento das postagens.

A figura 64 representa a materialização do diagrama Ciberquilombista, que toma como referência a obra de arte de Abdias Nascimento "Exu e Ogum", do ano de 1980. No topo da imagem, localizados no tridente de Exu, estão os *tweets* da categoria "sociabilidade". Ao meio do diagrama, localizados na encruzilhada de Exu se localizam os *tweets* da categoria

de "reterritorialização" e na parte inferior, na região que se materializa as ferramentas de Ogum, estão os tweets da categoria "autopreservação".

Figura 64: diagrama Ciberquilombista com *tweets* analisados
Diagrama Ciberquilombista



Fonte: elaboração própria, 2023.

Ao realizar a análise da visualidade expressa pelas múltiplas imagens em interação, proposta pelo diagrama Ciberquilombista, é possível reconhecer alguns níveis de alargamentos e estreitamentos entre os discursos apresentados. Em um primeiro momento, é notável que as imagens dos *tweets* que têm sua origem em território estadunidense se destacam no diagrama por estarem aumentadas.

Em níveis, isso se justifica pelo grande fluxo de atividades no *Black Twitter* estadunidense, que se mobiliza há mais tempo do que o *Black Twitter* brasileiro. Entretanto, é preciso evidenciar que, numericamente, o Brasil possui uma população autodeclarada negra maior do que a população negra presente nos Estados Unidos. O IBGE aponta que, no Brasil, aproximadamente 97 milhões de pessoas⁹³ se autodeclararam negras, enquanto nos Estados Unidos, de acordo com o *United States Census Bureau*, aproximadamente 47 milhões de pessoas são negras no país⁹⁴.

Portanto, é possível inferir que o alargamento do Ciberquilombo será impactado pelas estruturas que visibilizam e valorizam as vidas, negras ou não, presentes nos Estados Unidos e no Brasil. Para que possamos visualizar de maneira mais evidente essas diferenças de engajamento entre as imagens que são emitidas por Brasil e Estados Unidos, colorimos os *tweets* dispostos no diagrama da figura 65 com duas cores. A cor vermelha será destinada aos *tweets* emitidos por usuários dos Estados Unidos, a cor verde será destinada para usuários do Brasil.

Figura 65: diagrama Ciberquilombista com tweets analisados em recorte de território

Diagrama Ciberquilombista (recorte de território)



Fonte: elaboração própria, 2023.

Outra lente possível para a análise de alargamentos e estreitamentos visualizados pelo aumento e diminuição dos *tweets* no diagrama é o recorte de gênero. É possível observar uma tendência a diminuição dos *tweets* que apresentam algum recorte de gênero feminino, como o *tweet* do Usuário 1.2 da categoria sociabilidade, que trás Benedita da Silva como protagonista. Por outro lado, o *tweet* do Usuário 3, em que seu *tweet* é transversalizado pela sua trajetória marcada pelo racismo da Universidade da Flórida enquanto homem negro é visualmente aumentado.

Os *tweets* dos Usuários 4, 5 e 6 da categoria reterritorialidade, também trazem recorte de gênero, ao abordar temas sobre a Ministra Negra no STF e ao trazer Hattie McDaniel para o centro da narrativa.

Os *tweets* das *hashtags* *#JusticeForBreonnaTaylor* e *#JustiçaPorKathlenRomeu*, da categoria autopreservação, apresentam uma diminuição por se tratarem do assassinato de duas mulheres negras. Enquanto os maiores *tweets*, em perspectiva de gênero, são as postagens que trazem as *hashtags* *#JusticeForGeorgeFloyd* e *#JustiçaPorBeto*.

É necessário compreender que estamos nos atendo a categoria de gênero para esta análise visual, compreendendo que todos os *tweets* fazem parte das produções em rede propostas pelo *Black Twitter*, e portanto, transversalizadas pela existência racial negra. As visualidades recortadas por gênero demonstram visualmente, uma supressão das narrativas femininas negras neste caso.

Para que possamos nos estimular visualmente para as diferenças entre as representações nos *tweets*, a figura 66 trará o diagrama com marcações diferenciadas por gênero em duas cores primárias. Os *tweets* que apresentarem algum recorte de gênero feminino serão representados pela cor amarela e os *tweets* que apresentarem algum recorte de gênero masculino serão representados pela cor azul. Os *tweets* que não apresentarem um recorte de gênero, se manterão sem cor evidente.

Figura 66: diagrama Ciberquilombista com tweets analisados em recorte de gênero

Diagrama Ciberquilombista (recorte de gênero)



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Por fim, propomos então demonstrar a sobreposição dos diagramas Ciberquilombistas recortados por território e gênero, como demonstrado na imagem 67, para avaliar a intersecção desses dois outros marcadores, para além da raça.

Figura 67: diagrama Ciberquilombista com tweets analisados em recorte de gênero e território
Diagrama Ciberquilombista (recorte gênero + território)



Fonte: elaboração própria, 2023.

Pelo diagrama apresentado na figura quatro novas cores surgem: a cor laranja (amarelo + vermelho), pela intersecção da lente de gênero feminino com a lente de território estadunidense; a cor amarelo-limão (verde + amarelo), pela intersecção da lente de gênero feminino com a lente de território brasileira; a cor roxa (azul + vermelha), pela intersecção da lente de gênero masculino e a lente de território estadunidense; e a cor turquesa (azul + verde), pela intersecção da lente de gênero masculino e a lente de território brasileira.

A partir da observação do diagrama acima, é notável que os alargamentos das discussões coletadas no *Black Twitter* são estimulados por marcadores que diferenciam os protagonistas do debate, para além do recorte racial. No diagrama acima, por exemplo, fica evidente que o marcador que mais encontra engajamento através de curtidas, são os *tweets* com a cor roxa. As discussões que mais estimularam as práticas do Ciberquilombo a partir da observação de *hashtags* do *Black Twitter*, são aquelas que se localizam na categoria de autopreservação e sociabilidade, mais especificamente os *tweets* com recorte estadunidense de território e recorte masculino de gênero.

Seguindo uma sequência decrescente de análise, reconhecendo os alargamentos da rede, os *tweets* que receberam a cor laranja aparecem em segundo lugar entre os mais curtidos do diagrama. Esses *tweets* se destacam por possuírem recorte estadunidense de território e também por receberem recorte feminino de gênero. São postagens que se apresentam nas categorias de autopreservação e reterritorialização.

Por conseguinte, observamos que os *tweets* que receberam a legenda vermelha ocupam o terceiro lugar, reconhecendo o nível de alargamento via curtidas nas postagens. Esses *tweets* são recortados territorialmente desde os Estados Unidos, não recebendo recorte de gênero. Eles estão imersos na categoria de sociabilidade e reterritorialização.

As postagens com a cor turquesa vêm na sequência e se subseccionam a partir de um recorte brasileiro de território e também um recorte masculino de gênero. Estão localizados na categoria de autopreservação. Por fim, sendo os *tweets* que menos alcançaram visibilidade e engajamento, temos o *tweet* verde, recortado por ser uma postagem brasileira sem olhar de gênero definido. Na sequência, sendo a legenda com o maior estreitamento observado, temos os *tweets* com recorte brasileiro de território e feminino de gênero.

CONSIDERAÇÕES

Ao reconhecer a comunicação quilombista como um ponto de partida para a descolonização dos territórios privilegiados pela estrutura colonial eurocêntrica, enxergamos, através das lentes de Abdias Nascimento, possibilidades de resistência negra nos territórios da diáspora africana. O quilombo é a materialidade da resistência negra através da espacialidade, nele se reconfigura uma grande gama de valores civilizatórios oriundos dos mais diversos territórios do continente Africano. Nas trilhas que nos orientam para a quilombagem, valiosas práticas se estruturam como via epistêmica para a liberdade e também para a dignidade, nos mantendo de pé.

Observar as imensas palmeiras que tanto contam sobre a história do quilombo de Barra do Aroeira é refletir sobre a estrutura comunicativa quilombista que se faz sólida, e que se emaranha no solo como profundas raízes de buriti. A força do quilombo encontra na comunicação o potencial de sobrevivência através do tempo. Diante das dinâmicas interacionais contemporâneas, novas estruturas e interfaces se tornam plataformas para a prática do quilombamento, encontrando caminhos de resistência também em espaços virtualizados.

Ao observar o Ciberterritório como um espaço também estruturado pela e para a branquitude, sobretudo a branquitude anglófona do norte global, as pautas e narrativas amplamente disseminadas neste espaço ainda serão as hegemônicas. Entretanto, a Ciberreterritorialização se afirma na virtualidade, bem como nos territórios ocupados por quilombos onde a reterritorialização se configurou como uma prática de reivindicação social, cultural e das narrativas negras.

A comunidade do *Black Twitter* na rede de sociabilidade virtualizada *Twitter*, se converte a partir da capacidade de pessoas negras integrarem e reivindicarem o Ciberterritório. Essa tomada do ciberespaço é o que chamamos aqui nesta tese de "Ciberquilombo". O Ciberquilombo é praticado a partir de uma contextualização contemporânea das perspectivas de Abdias Nascimento, postuladas ainda na década de 80, em que o quilombismo e o pan-africanismo perfizeram o olhar da população africana em diáspora.

A busca por uma unidade de fortalecimento negra é o que mobiliza a capacidade de união quilombista a partir da percepção de Nascimento. Essa força foi e será uma prática de

sobrevivência da população negra em diáspora, sendo em territórios brasileiros ou em outros territórios das chamadas Américas, como o território estadunidense.

Partindo desse olhar, que se estrutura a partir da lente do pan-africanismo, observamos o movimento de Ciberaquilombamento em diferentes territórios, objetivando reconhecer as possíveis interferências das noções modernas acerca do território. Ao analisar as relações entre Brasil e Estados Unidos acerca das práticas do Ciberquilombo, pudemos identificar pontos que se assemelham e pontos que distanciam as práticas nestes dois lugares geográficos.

Os territórios brasileiros e estadunidenses encontram nas práticas de sociabilidade, reterritorialização e autopreservação os seus caminhos para a construção de um ciberterritório aquilombado, que é expresso pelas dinâmicas proporcionadas pelo *Black Twitter*. No Brasil, encontramos nas *hashtags* #AfroSegueAfro, #MinistraNegraJá, #JusticaPorBeto e #JusticaPorKathlenRomeu, aspectos discursivos que se assemelham às *hashtags* escolhidas para análise do *Black Twitter* estadunidense #BlackTwitter, #OscarsSoWhite, #JusticeForBreonnaTaylor e #JusticeForGeorgeFloyd.

No campo da sociabilidade, as semelhanças se deram a partir da tentativa em construir uma elo virtualizado entre pessoas negras, que fosse estruturado o suficiente para a disseminação de narrativas negras neste espaço, que se caracteriza por ser estruturalmente embranquecido. A exemplo, recorreremos ao primeiro *tweet* que mobilizou o surgimento da *hashtag* #AfroSegueAfro apresentado nesta tese, em que a autora do *tweet* revela que essa *hashtag* deveria servir como um "fórum permanente de debates sobre racismo e superação, voltado à promoção e valorização da população afrodescendente brasileira".

Quando analisamos os dados dos dois países em relação ao campo da reterritorialização, encontramos também semelhanças discursivas, ao reivindicar um posicionamento institucional - sendo do Estado brasileiro no caso da #MinistraNegraJá, sendo da academia do Oscar no caso da #OscarsSoWhite - sobre a ocupação das posições de poder e visibilidade. Essas reivindicações extrapolam a rede de "seguidos" e "seguidores" do *Black Twitter*, e acabam impactando a percepção coletiva acerca das pautas que, então, assumem poder e relevância nas redes.

As categorias sociabilidade e reterritorialização entre Estados Unidos e Brasil apresentam um forte aspecto de diferenciação em relação ao impacto da tecnocultura em escala global, e isso reflete no número de curtidas dos *tweets*. As fronteiras estabelecidas pela noção moderna de Estado-nação impactam de maneira substancial no nível de relevância dos debates para a opinião pública. As postagens feitas por pessoas negras oriundas de um Estado

imperialista, com grande impacto político, social e econômico, recebem mais engajamento e impactam a tecnocultura em âmbito global, enquanto as postagens feitas por pessoas negras em um Estado do Sul Global, ressoam menos no ciberespaço.

A categoria de autopreservação aponta aspectos de semelhança discursiva entre as *hashtags* surgidas no Brasil e nos Estados Unidos. Acreditamos que, em certa parte, há influência direta das *hashtags* estadunidenses para o surgimento das *hashtags* brasileiras, sobretudo pelo fato do movimento Vidas Negras Importam nascer impactado pelo movimento *Black Lives Matter* estadunidense. As semelhanças discursivas acontecem também pela capacidade de disseminação das postagens, tendo em vista que grande parte dos *tweets* com maior número de curtidas são provenientes de contas verificadas de artistas com grande ressonância na rede.

Ressaltamos que há a diferenciação de engajamento na categoria autopreservação relacionada ao recorte de território, bem como observada nas categorias sociabilidade e reterritorialização. Mas para além do aspecto de diferenciação geográfico, a categoria autopreservação ressalta que há uma assimetria de engajamento quando vinculamos aos *tweets* a lente de gênero. Os *tweets* que tratam das vidas perdidas por mulheres negras recebem menos engajamento na rede do que os *tweets* relacionados às vidas perdidas de homens negros. Isto é um indicador forte de assimetria.

Questionar os fatores que impactam em uma maior disseminação de *tweets* estadunidenses, que abordam temáticas sobre o gênero masculino, não é uma tentativa de invalidar ou competir em importância com fato ocorrido, a exemplo do *tweet* coletado pela *hashtag* *#JusticeForGeorgeFloyd*. A tentativa aqui empreendida é de compreender como relevante outras narrativas negras com grau de importância equivalente.

Através das análises desenvolvidas por esta tese, reconhecemos que o Ciberquilombo - assim como o quilombo - é um território interseccionado por outros marcadores para além da raça/negritude. Para a efetivação de um Ciberterritório descolonizado, tal qual proposto pelo olhar quilombista de Nascimento, precisamos nos desvincular das noções estruturantes propostas pelo eurocentrismo.

A necessidade em analisar o Ciberquilombo através de uma lente interseccional é uma oportunidade de compreender a complexidade das narrativas negras, em relação aos alargamentos e estreitamentos existentes em rede. A partir disso, serão viabilizadas proposições de Ciberterritórios mais plurais e menos influenciados pelas noções coloniais eurocentradas de espaço, gênero, sexualidade e religião.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- AMOS, Alcione Meira; AYESU, Ebenezer. Sou Brasileiro: história dos Tabom, afro-brasileiros em Acra, Gana. **Afro-Ásia**, n. 33, p. 35-65, 2005.
- APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, v. 49, p. 39-46, 1997.
- ASANTE, Molefi Kete. The classical African concept of Maat and human communication. **Black/Africana communication theory**, p. 11-23, 2018.
- BATISTA, Paula Carolina. O quilombismo em espaços urbanos: 130 após a abolição. **Revista Extraprensa**, v. 12, p. 377-396, 2019.
- BENTO, Berenice. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. **Contemporânea- Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 165-182, 2014.
- BELTING, Hans. Por uma antropologia da imagem. **Revista Concinnitas**, v. 2, n. 8, p. 64-78, 2006.
- BOATENG, Boatema. **The copyright thing doesn't work here: Adinkra and Kente cloth and intellectual property in Ghana**. University of Minnessota Press, 2011.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **cadernos pagu**, p. 329-376, 2006.
- BRASIL, **Decreto N° 4.887** de 20 de novembro de 2003.
- BRITO, Lucas Lustosa de. **Resistência, mídia e cidadania: narrativas negras no programa espelho do canal Brasil**. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- BROCK JR, André. Distributed blackness. In: **Distributed Blackness**. New York University Press, 2020.
- _____. Análise Crítica Tecnocultural do Discurso. **Comunidades Algoritmos e Ativismos Digitais**. p. 64, 2020.
- CAMPOS, Maria Consuelo. **Movimento Negro no Brasil**. *Diálogos Latinoamericanos*, (7),56-80, 2003.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais, desconectados**. Rio de Janeiro, Ed.UFRJ, 2015.
- CARNEIRO, Edison. **Ladinos e crioulos: estudos sobre o negro no Brasil**. WMF Martins Fontes, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARRERA, Fernanda; DOS SANTOS RODRIGUES, Denise Carvalho. Black Twitter: renegociando sentidos de comunidade em materialidades digitais. **Intexto**, n. 55, p. 129496-129496, 2023.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTELLS, Manuel et al. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**., 2002.

CLARK-PARSONS, Rosemary. “I see you, I believe you, I stand with you”: #metoo and the performance of networked feminist visibility. **Feminist Media Studies**, p. 1-19. 2019.

HUDSON-WEEMS, Clenora. Womanist afrikana. Filadélfia: **Afrocentricity International**, 2016.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Editora UFMG, 2006.

DA SILVA, Denise Ferreira. **Toward a global idea of race**. U of Minnesota Press, 2007.

DANIELS, Jessie. **Cyber racism: White supremacy online and the new attack on civil rights**. Rowman & Littlefield Publishers, 2009.

DEY, Sreyoshi. **Let There Be Clamor**: exploring the emergence of a new public sphere in india and use of social media as an instrument of activism. *Journal of Communication Inquiry*, v. 44, n. 1, p. 48-68. 2019.

DIAS, Luciene de Oliveira. Direitos “quase humanos”: vivência para ensinar e aprender a comunicação dialógica. **Revista de Comunicação Dialógica**, n. 3, p. 86-106, 2020.

_____. **Aquilombamento**. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. 2013.

_____. Remontar, remontagem (do tempo). **Caderno de Leituras**, v. 1, p. 01-07, 2016.

DOS SANTOS, Cristiano Henrique; DA SILVA, Renata Nascimento. Quilombos virtuais: as novas expressões de (re) territorialização, resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais. **Logos**, v. 26, n. 1, 2019.

DOS SANTOS GOMES, Flávio; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra: biografias afro-brasileiras**. Companhia das Letras, 2021,

DOUGLASS, Frederick. **The heroic slave: a cultural and critical edition**. Yale University Press, 2015.

DU BOIS, Willian Eduard Burghardt. **As almas do povo negro**. Veneta, 2021.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: Por uma crítica hacker-fanoniana**. Boitempo Editorial, 2023.

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. **As trajetórias políticas de Correia Leite e Veiga dos Santos: consensos e dissensos no movimento negro paulistano (1928-1937)**. Dissertação de mestrado em história, Uerj, 2005.

FLORINI, Sarah. Tweets, Tweeps, and Signifyin' Communication and Cultural Performance on "Black Twitter". **Television & New Media**, v. 15, n. 3, p. 223-237, 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 [1970].

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Editora 34, 1993.

GOMES, Flávio. **Palmares**. Editora Contexto, 2012.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. (1988) In: **Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Coletânea Organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA). Diáspora Africana, 2018.

_____. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Brasília, DF, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130749/mod_resource/content/1/Gonzalez.Lelia%281983-original%29.Racismo%20e%20sexismo%20na%20cultura%20brasileira_1983.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

HALL, Stuart. **Modernity: an introduction to modern societies**. Malden, MA: Blackwell, 1996

_____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Quem precisa da Identidade? p. 103-133 Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Identidade cultural e diáspora**. Comunicação & Cultura, n. 1, p. 21-35, 2003.

HOFBAUER, Andreas. Cultura, diferença e (des)igualdade. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar** / Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. n. 1, 2011.

HORNE, Gerald. **The apocalypse of settler colonialism: The roots of slavery, white supremacy, and capitalism in 17th century North America and the Caribbean**. NYU Press, 2018.

JOSIOWICZ, Alejandra Judith. Eva Peron e Jorge Luis Borges, peronismo e antiperonismo em tempos de pandemia: polifonia e interdiscursividade em tecnoculturas digitais. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 28, n. 53, p. 298-313, 2021.

KODJO, Edem; CHANAIWA, David. Pan-africanismo e libertação. In: MAZRUI, A. A.; WONDJI, C. **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.

KOLKO, Beth E.; NAKAMURA, Lisa; RODMAN, Gilbert B. **Race in Cyberspace**. New York, NY: Routledge, 2000.

LACERDA, João Batista. **Sobre os mestiços no Brasil**. Artigo para o Primeiro Congresso Universal das Raças, Londres: 1911. Disponível em: http://moodle.stoa.usp.br/file.php/967/Sobre_os_mesticos_do_Brasil.pdf. Acesso em: 17 abr. 2018.

LANGMIA, Kehbuma (Ed.). **Black/Africana communication theory**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2018.

LEMONS, J. Stanley. Black stereotypes as reflected in popular culture, 1880-1920. **American Quarterly**, v. 29, n. 1, p. 102-116, 1977.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34, 2007.

LORDE, Audre. **The collected poems of Audre Lorde**. WW Norton & Company, 1997.

LUHMANN, Niklas. **O Conceito de sociedade**. In: NEVES, C. B.; SAMIOS, E. M. B.(Org.). Niklas Luhmann: a nova teoria dos sistemas. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1997.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MACHADO, Maria Helena PT; HUBER, Sacha. Rastros e raças de Louis Agassiz: fotografia, corpo e ciência, ontem e hoje. **São Paulo: Expressão e Arte**, 2010.

MARCELO, Adriana Rabelo Rodrigues; CARDIAS, Renata Castro. Comunicação, identidade e território: caminhos para as comunidades quilombolas da Caçandoca em Ubatuba e do Mandira em Cananéia. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, v. 20, n. 20, p. 309-323. 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Paulus, 2004.

MARTINS, J.S. **Expropriação e Violência: a questão política no campo**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. N-1 edições, 3ª edição, 2019.

_____. **Necropolítica**. n-1 edições, 2021.

MCLUHAN, Marshall. **The Gutenberg Galaxy**. Toronto: University of Toronto, 1963.

MCVEIGH, Rory. **The rise of the Ku Klux Klan: Right-wing movements and national politics**. U of Minnesota Press, 2009.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

_____. The brave new world of slacktivism. **Foreign policy**, v. 19, n. 05, 2009.

MOURA, Clóvis. História do negro brasileiro. 2ª. Edição. São Paulo: Ática, 1992.

_____. Rebeliões da Senzala: Quilombos. **Insurreições, Guerrilhas**, v. 3, 1981.

MULLINGS, Leith. Neoliberal Racism and the Movement for Black Lives in the United States. **Black and Indigenous Resistance in the Americas: From Multiculturalism to Racist Backlash**, p. 249-94, 2020.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, N. L. **Para entender o negro no Brasil de hoje**. In: Ação Educativa (Org.). **Viver, Aprender Unificado**. São Paulo: Global Editora, 2010.

NASCIMENTO, Abdias do, 1997. "**Dia Internacional contra a discriminação racial.**" In Thoth, no 1.

_____. **O quilombismo**. Editora Perspectiva SA, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. Filhos da África, 2018.

_____. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: Afrodiáspora 6-7 - **Revista do mundo negro**, Rio de Janeiro, Ipeafro, ano 3, n.º 6 e 7, 1985, pp. 41-49.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. Edusp, 2006.

OMI, Michael; WINANT, Howard. **Racial formation in the United States**. Routledge, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2009.

PEREIRA, Amílcar Araújo et al. **O mundo negro: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. 2010.

PEREIRA, A. M. **Construção etnocêntrica do conceito de cidadania**. Rio de Janeiro, 1999.

PIERRE LÉVY. **Cibercultura**. Editora 34, 2014.

PODCAST MANO A MANO: **Mano Brown recebe Sueli Carneiro**. Entrevistada: Sueli Carneiro. Entrevistador: Mano Brown. São Paulo: MugShot e Boogie Naípe, 26 mai. 2022.

Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr>. Acesso em: 28 mai. 2022.

RAJI, Inioluwa Deborah et al. Saving face: Investigating the ethical concerns of facial recognition auditing. In: **Proceedings of the AAAI/ACM Conference on AI, Ethics, and Society**. 2020. p. 145-151.

RATTS, Alex. Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica. **Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, v. 1, p. 81-108, 2009.

_____. **Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

RATTS, A.; FURTADO, G. Observações sobre a situação dos quilombos em Goiás. In: Almeida AWB (orgs. et al) **Cadernos de debates nova cartografia social: territórios quilombolas e conflitos**. Manaus: UEA Edições, 2010. pp. 236-242.

RECUERO, Raquel. 2012. **A Conversação em Rede**. Porto Alegre, Sulina, 238 p.

REIS, João José. A Revolta dos Malês em 1835. **Universidade Federal da Bahia**, 2008.

_____. Quilombos. revoltas escravas no Brasil—“nos achamos em campo a tratar da liberdade.”. **Revista USP. São Paulo**, n. 28, p. 14-39, 1995.

REMOND, René. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

RICHARDSON, Allissa V. **Bearing witness while Black: African Americans, smartphones, and the new protest# journalism**. Oxford University Press, USA, 2020.

RITCHIE, Andrea J. **Invisible no more: Police violence against Black women and women of color**. Beacon press, 2017.

ROSHANI, Niousha. Discurso de ódio e ativismo digital antirracismo de jovens afrodescendentes no Brasil e Colômbia. **COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS**, 2020.

_____. Youth Digital Anti-Racism Activism in Brazil and Colombia. In: **The Oxford Handbook of Global South Youth Studies**. 2020.

ROTH, Lorna. Questão de pele: os cartões Shirley e os padrões raciais que regem a indústria visual. **Zum: Revista de fotografia**, v. 10, 2016.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAMAIN, Etienne (Ed.). **Como pensam as imagens**. Editora da UNICAMP, 2012.

SANTAELLA, Lucia. A tecnocultura atual e suas tendências futuras. **Signo y pensamiento**, v. 31, n. 60, p. 30-43, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2006.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. (1ª edição 1988). 4ª ed. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. (1ª ed., 1982). 3ª ed. São Paulo, Hucitec, 1991.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas**. *Ambiente & Sociedade*, p. 129-136, 2002.

SIGNATES, Luiz. **Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação**. In: LÍBERO, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 143-152, jul./dez. 2015.

SILVA, Sandro Dutra; BARBOSA, Altair Sales. Paisagens e fronteiras do Cerrado: ciência, biodiversidade e expansão agrícola nos chapadões centrais do Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, p. 5, 2020.

SILVA, Tarcízio; BIRHANE, Abeba (Ed.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos**. LiteraRUA, 2020.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**, 2019.

SILVA, Tomás T. da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Sergio A. In FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: Por uma crítica hacker-fanoniana**. Boitempo Editorial, 2023.

SIMÕES, Hanna Karolyne Souza. Resistência e Autoria em Sojourner Truth: O Micropoder Como Prática. **Revista Três Pontos**, v. 17, n. 1, p. 82-89, 2022.

SOARES, Maria Raimunda Penha. Quilombos e luta pelo território: organização, resistência e insurgências coletivas. **Revista Praia Vermelha**, v. 30, n. 2, 2020.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. **Matrizes**, v. 1, n. 1, p. 15-26, 2007.

_____. Comunicação: Um Caos Criativo. *Logos 37 - A cientificidade da comunicação: epistemologias, teorias e políticas*. v. 19, n. 2, 2º semestre, 2012.

SOUZA, Mônica Lima et al. **Entre margens: o retorno à África de libertos no Brasil: 1830-1870**. 2009.

TAVARES, Luiz Carlos Vieira. **O corpo que ginga, jogo e luta: a corporeidade na capoeira**. 2018.

TRINDADE, Luiz Valério P. **Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil**. Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais, p. 26, 2020.

TRUTH, Sojourner. “**E não sou uma mulher?**” Tradução de Osmundo Pinho. *Geledés*, São Paulo, 2014.

UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: Possibilidade nos dias da destruição**. Coletânea organizada e editada pela UCPA. Editora Filhos da África, 2018.

WHITEHEAD, Karsonya Wise. Beyond Myths and Legends: Teaching Harriet Tubman and Her Legacy of Activism. *Meridians*, vol.12, 2014a.

ANEXOS

Anexo A - Afterimages - Audre Lorde (1997)

I

However the image enters

its force remains within

my eyes

rockstrewn caves where dragonfish evolve

wild for life, relentless and acquisitive

learning to survive

where there is no food

my eyes are always hungry

and remembering

however the image enters

its force remains.

A white woman stands bereft and empty

a black boy hacked into a murderous lesson

recalled in me forever

like a lurch of earth on the edge of sleep

etched into my visions

food for dragonfish that learn

to live upon whatever they must eat

fused images beneath my pain.

II

The Pearl River floods through the streets of Jackson
 A Mississippi summer televised.

Trapped houses kneel like sinners in the rain
 a white woman climbs from her roof to a passing boat
 her fingers tarry for a moment on the chimney
 now awash

tearless and no longer young, she holds
 a tattered baby's blanket in her arms.

In a flickering afterimage of the nightmare rain
 a microphone

thrust up against her flat bewildered words

“we jest come from the bank yestiddy
 borrowing money to pay the income tax
 now everything's gone. I never knew
 it could be so hard.”

Despair weighs down her voice like Pearl River mud
 caked around the edges

her pale eyes scanning the camera for help or explanation
 unanswered

she shifts her search across the watered street, dry-eyed

“hard, but not this hard.”

Two tow-headed children hurl themselves against her
 hanging upon her coat like mirrors

until a man with ham-like hands pulls her aside

snarling “She ain't got nothing more to say!”

and that lie hangs in his mouth

like a shred of rotting meat.

III

I inherited Jackson, Mississippi.

For my majority it gave me Emmett Till

his 15 years puffed out like bruises

on plump boy-cheeks
his only Mississippi summer
whistling a 21 gun salute to Dixie
as a white girl passed him in the street
and he was baptized my son forever
in the midnight waters of the Pearl.

His broken body is the afterimage of my 21st year
when I walked through a northern summer
my eyes averted
from each corner's photographs
newspapers protest posters magazines
Police Story, Confidential, True
the avid insistence of detail
pretending insight or information
the length of gash across the dead boy's loins
his grieving mother's lamentation
the severed lips, how many burns
his gouged out eyes
sewed shut upon the screaming covers
louder than life
all over
the veiled warning, the secret relish
of a black child's mutilated body
fingered by street-corner eyes
bruise upon livid bruise
and wherever I looked that summer
I learned to be at home with children's blood
with savored violence
with pictures of black broken flesh
used, crumpled, and discarded
lying amid the sidewalk refuse
like a raped woman's face.

A black boy from Chicago
 whistled on the streets of Jackson, Mississippi
 testing what he'd been taught was a manly thing to do
 his teachers
 ripped his eyes out his sex his tongue
 and flung him to the Pearl weighted with stone
 in the name of white womanhood
 they took their aroused honor
 back to Jackson
 and celebrated in a whorehouse
 the double ritual of white manhood
 confirmed.

IV

“If earth and air and water do not judge them who are
 we to refuse a crust of bread?”

Emmett Till rides the crest of the Pearl, whistling
 24 years his ghost lay like the shade of a raped woman
 and a white girl has grown older in costly honor
 (what did she pay to never know its price?)
 now the Pearl River speaks its muddy judgment
 and I can withhold my pity and my bread.

“Hard, but not this hard.”

Her face is flat with resignation and despair
 with ancient and familiar sorrows
 a woman surveying her crumpled future
 as the white girl besmirched by Emmett's whistle
 never allowed her own tongue
 without power or conclusion
 unvoiced
 she stands adrift in the ruins of her honor
 and a man with an executioner's face

pulls her away.

Within my eyes
the flickering afterimages of a nightmare rain
a woman wrings her hands
beneath the weight of agonies remembered
I wade through summer ghosts
betrayed by vision
hers and my own
becoming dragonfish to survive
the horrors we are living
with tortured lungs
adapting to breathe blood.

A woman measures her life's damage
my eyes are caves, chunks of etched rock
tied to the ghost of a black boy
whistling
crying and frightened
her tow-headed children cluster
like little mirrors of despair
their father's hands upon them
and soundlessly
a woman begins to weep.

Anexo B - TIC Domicílios 2019. Usuários de internet - indicador ampliado.

C2A - USUÁRIOS DE INTERNET - INDICADOR AMPLIADO¹

Total da população

Percentual (%)		Sim	Não
TOTAL		79	21
ÁREA	Urbana	82	18
	Rural	60	40
REGIÃO	Sudeste	80	20
	Nordeste	77	23
	Sul	78	22
	Norte	80	20
	Centro-Oeste	83	17
SEXO	Masculino	79	21
	Feminino	79	21
COR OU RAÇA	Branca	80	20
	Parda	81	19
	Preta	76	24
	Amarela	76	24
	Indígena	71	29
	Não respondeu	52	48
GRAU DE INSTRUÇÃO	Analfabeto / Educação infantil	23	77
	Fundamental	68	32
	Médio	93	7
	Superior	98	2
FAIXA ETÁRIA	De 10 a 15 anos	89	11
	De 16 a 24 anos	96	4
	De 25 a 34 anos	95	5
	De 35 a 44 anos	88	12
	De 45 a 59 anos	74	26
	De 60 anos ou mais	40	60
RENDA FAMILIAR	Até 1 SM	70	30
	Mais de 1 SM até 2 SM	78	22
	Mais de 2 SM até 3 SM	84	16
	Mais de 3 SM até 5 SM	89	11
	Mais de 5 SM até 10 SM	93	7
	Mais de 10 SM	96	4
	Não tem renda	55	45
	Não sabe	66	34
	Não respondeu	75	25
CLASSE SOCIAL	A	95	5
	B	95	5
	C	83	17
	DE	63	37
CONDIÇÃO DE ATIVIDADE	Na força de trabalho	86	14
	Fora da força de trabalho	70	30

- ¹ Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2019. ¹Inclui os usuários de Internet, os usuários de Internet no telefone celular e os usuários de aplicações que necessitam de conexão à Internet.

Anexo C - TIC Domicílios 2020. Usuários de internet - indicador ampliado.

C2A - USUÁRIOS DE INTERNET - INDICADOR AMPLIADO¹

Total da população

Percentual (%)		Sim	Não
TOTAL		87	13
ÁREA	Urbana	88	12
	Rural	81	19
REGIÃO	Sudeste	87	13
	Nordeste	85	15
	Sul	86	14
	Norte	94	6
	Centro-Oeste	93	7
SEXO	Masculino	84	16
	Feminino	90	10
COR OU RAÇA	Branca	86	14
	Parda	89	11
	Preta	86	14
	Amarela	86	14
	Indígena	93	7
	Não respondeu	63	37
GRAU DE INSTRUÇÃO	Analfabeto/Educação Infantil	35	65
	Fundamental	80	20
	Médio	97	3
	Superior	99	1
FAIXA ETÁRIA	De 10 a 15 anos	99	1
	De 16 a 24 anos	98	2
	De 25 a 34 anos	96	4
	De 35 a 44 anos	94	6
	De 45 a 59 anos	91	9
	De 60 anos ou mais	59	41
RENDA FAMILIAR	Até 1 SM	80	20
	Mais de 1 SM até 2 SM	86	14
	Mais de 2 SM até 3 SM	91	9
	Mais de 3 SM até 5 SM	97	3
	Mais de 5 SM até 10 SM	99	1
	Mais de 10 SM	100	0
	Não tem renda	87	13
	Não sabe	75	25
	Não respondeu	97	3
CLASSE SOCIAL	A	96	4
	B	99	1
	C	90	10
	DE	76	24
CONDIÇÃO DE ATIVIDADE	Na força de trabalho	93	7
	Fora da força de trabalho	81	19

• Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2020 (Edição COVID-19 - Metodologia adaptada).

• ¹ Inclui os usuários de Internet, os usuários de Internet no telefone celular e os usuários de aplicações que necessitam de conexão à Internet.

Anexo D - TIC Domicílios 2021. Usuários de internet - indicador ampliado.

C2A - USUÁRIOS DE INTERNET - INDICADOR AMPLIADO¹
Total da população

Percentual (%)		Sim	Não
TOTAL		85	15
ÁREA	Urbana	86	14
	Rural	79	21
REGIÃO	Sudeste	84	16
	Nordeste	84	16
	Sul	86	14
	Norte	89	11
	Centro-Oeste	89	11
SEXO	Masculino	85	15
	Feminino	85	15
COR OU RAÇA	Branca	85	15
	Preta	86	14
	Parda	87	13
	Amarela	83	17
	Indígena	63	37
	Não respondeu	71	29
GRAU DE INSTRUÇÃO	Analfabeto / Educação infantil	34	66
	Fundamental	77	23
	Médio	95	5
	Superior	96	4
FAIXA ETÁRIA	De 10 a 15 anos	94	6
	De 16 a 24 anos	97	3
	De 25 a 34 anos	94	6
	De 35 a 44 anos	94	6
	De 45 a 59 anos	83	17
	De 60 anos ou mais	54	46
RENDA FAMILIAR	Até 1 SM	81	19
	Mais de 1 SM até 2 SM	83	17
	Mais de 2 SM até 3 SM	92	8
	Mais de 3 SM até 5 SM	93	7
	Mais de 5 SM até 10 SM	96	4
	Mais de 10 SM	97	3
	Não tem renda	71	29
	Não sabe	73	27
	Não respondeu	83	17
CLASSE SOCIAL	A	98	2
	B	96	4
	C	89	11
	DE	72	28
CONDIÇÃO DE ATIVIDADE	Na força de trabalho	90	10
	Fora da força de trabalho	78	22

• Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2021.

• ¹ Inclui os usuários de Internet, os usuários de Internet no telefone celular e os usuários de aplicações que necessitam de conexão à Internet.

Anexo E - TIC Domicílios 2022. Usuários de internet - indicador ampliado.

C2A - USUÁRIOS DE INTERNET - INDICADOR AMPLIADO¹

Total da população

Percentual (%)		Sim	Não	
TOTAL		84	15	
ÁREA	Urbana	86	14	
	Rural	77	23	
REGIÃO	Sudeste	84	16	
	Nordeste	86	14	
	Sul	81	19	
	Norte	86	14	
	Centro-Oeste	88	12	
SEXO	Masculino	84	16	
	Feminino	85	15	
COR OU RAÇA	Branca	85	15	
	Preta	81	19	
	Parda	86	14	
	Amarela	87	13	
	Indígena	80	20	
	Não respondeu	59	38	
GRAU DE INSTRUÇÃO	Analfabeto/Educação Infantil	36	64	
	Fundamental	75	25	
	Médio	94	6	
	Superior	96	4	
FAIXA ETÁRIA	De 10 a 15 anos	96	4	
	De 16 a 24 anos	97	3	
	De 25 a 34 anos	96	4	
	De 35 a 44 anos	91	9	
	De 45 a 59 anos	85	15	
	De 60 anos ou mais	48	51	
RENDA FAMILIAR	Até 1 SM	81	18	
	Mais de 1 SM até 2 SM	82	18	
	Mais de 2 SM até 3 SM	88	12	
	Mais de 3 SM até 5 SM	93	7	
	Mais de 5 SM até 10 SM	96	4	
	Mais de 10 SM	97	3	
	Não tem renda	89	11	
	Não sabe	71	28	
	Não respondeu	78	22	
CLASSE SOCIAL	A	96	4	
	B	94	6	
	C	87	13	
	DE	73	27	
CONDIÇÃO DE ATIVIDADE	Na força de trabalho	90	10	
	Fora da força de trabalho	77	23	

• Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2022.

• ¹ Inclui os usuários de Internet, os usuários de Internet no telefone celular e os usuários de aplicações que necessitam de conexão à Internet.